



A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos

Coleção de artigos

Organizadores:

Francisco Carlos Teixeira da Silva

João Claudio Platenik Pitillo

Ricardo Quiroga Vinhas

Kazan

Editora "Poznanie"

2025

UDC 94(47).084.8:37.035.6

LBC 63.3(2)622+74.005.22

A10

Este livro é publicado em russo, português e inglês no âmbito do projeto literário-histórico “Voz da Verdade” da etapa brasileira do Programa Internacional Social, Cultural e de Negócio “Os Povos do BRICS Escolhem A Vida” em 2025, que está realizando-se nos países do BRICS pela Organização Social Regional “BRICS. Mundo das Tradições” desde 2022, sob a liderança do presidente da organização **Ludmila Leonidovna Sekacheva** e com o apoio de Rossotrudnichestvo e pessoalmente do vice-chefe **Dmitriy Valeryevich Polikanov**, da Universidade Inovadora de Kazan V. G. Timiryasov e pessoalmente da reitora **Asiya Vityal'yevna Timiryasova**

A10 A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos : coleção de artigos / organização de Francisco Carlos Teixeira da Silva, João Claudio Platenik Pitillo e Ricardo Quiroga Vinhas. – Kazan : Editora “Poznanie” da Universidade Inovadora de Kazan, 2025. – 260 p.

ISBN 978-5-8399-0865-9

O livro tornar-se-á o manual educativo para a formação espiritual e patriótica de crianças e jovens, para a preservação da verdade histórica da Grande Guerra Patriótica de 1941–1945, suas verdadeiros Heróis e a solidariedade dos povos do BRICS nesta guerra.

Destina-se ao amplo leque dos leitores e no primeiro lugar à geração mais jovem dos países-membros do BRICS.

O livro utiliza as fotografias do livro “A Grande Guerra Patriótica de 1941–1945: em 12 volumes. Moscou: Voenizdat, 2011”.

UDC 94(47).084.8:37.035.6

LBC 63.3(2)622+74.005.22



ISBN 978-5-8399-0865-9

© Francisco Carlos Teixeira da Silva,
João Claudio Platenik Pitillo
e Ricardo Quiroga Vinhas, 2025
© Rossotrudnichestvo, 2025
© ROO “BRICS. Mundo das Tradições”, 2025
© Universidade Inovadora de Kazan, 2025



A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos

O livro foi publicado em português pela primeira vez pelo Grupo Multifoco:

GRUPO MULTIFOCO

Av. Mem de Sá, 126 - Centro
20230-152 / Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2222-3034
contato@editoramultifoco.com.br
www.editoramultifoco.com.br

Citação do livro original:

S586g Silva, Francisco Carlos Teixeira da.

A grande guerra patriótica dos soviéticos / organização de Francisco Carlos Teixeira da Silva, João Claudio Platenik Pitillo e Ricardo Quiroga Vinhas. – Rio de Janeiro : Editora Multifoco, 2019.

340 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-8273-801-6

Inclui bibliografia.

1.União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1922-1991) 2. Segunda Guerra Mundial (1939-1945) I.

Pitillo, João Claudio Platenik.

II. Vinhas, Ricardo Quiroga. III. Título

CDD: 990

Organizadores:

Francisco Carlos Teixeira da Silva
João Claudio Platenik Pitillo
Ricardo Quiroga Vinhas

Copyright © 2019 Francisco Carlos Teixeira da Silva

DIREITOS RESERVADOS A GRUPO MULTIFOCO

A Editora Multifoco, localizada em Avenida Mem de Sá, 126 – Lapa, Rio de Janeiro, declara que autoriza a tradução da obra "A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos", organizada por Francisco Carlos Teixeira da Silva, João Claudio Platenik Pitillo e Ricardo Quiroga Vinhas, para os idiomas russo e inglês.

Essa autorização é concedida exclusivamente para fins didáticos e não comerciais, garantindo a disseminação do conhecimento sem objetivos lucrativos.

Por ser expressão da verdade, firmamos a presente declaração.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores e autores.

Sumário

Saudação do vice-chefe de Rossotrudnichestvo D. Polikanov	6
Saudação do presidente de ROO “BRICS. Mundo das Tradições” L. Sekacheva.....	7
Sem Direito ao Esquecimento. A. V. Timiryasova	8
Agradecimentos.....	11
Introdução.....	13
Prefácio	15
A Doutrina Soviética de Guerra Urbana em Stalingrado	22
Não Há Terra Depois do Volga (A Batalha de Stalingrado)	39
O Tratado de Não Agressão entre URSS e Alemanha: A Chave da Vitória Soviética	49
Às Portas de Moscou: A Sangrenta Batalha por Rzhev (Janeiro de 1942 – Março de 1943)	75
De Leningrado a Kaliningrado: A Marcha Libertadora Soviética na Costa Báltica	101
As Relações Internacionais da União Soviética com Inglaterra e Estados Unidos de 1941–1945: Estratégias Militares e Diplomáticas que Levaram à Vitória.....	133
A Batalha de Smolensk	157
A Batalha do Ártico e a Destruição da Esquadra Negra	174
Tempestade Vermelha em Agosto: A Batalha Definitiva entre União Soviética e Japão na Manchúria.....	234
Posfácio.....	254

Caros amigos!



Neste ano que marca o aniversário da Vitória, muitas publicações sobre a Grande Guerra Patriótica vêm à tona. Isso é esperado, especialmente quando se trata de historiadores de nações amigas, muitos dos quais têm uma visão em sintonia com a da Rússia sobre esses eventos e ajudam a combater a falsificação da história.

Em tal contexto, adquire igual, ou talvez até maior, valor a iniciativa de pesquisadores independentes, incluindo aqueles que pareciam distantes dos principais campos de batalha, em conferir sentido a esse passado heroico. O impacto da Grande Guerra sobre os membros do BRICS manifestouse em graus variados. E o interesse de acadêmicos brasileiros nesse tema pode, para alguns, parecer quase uma curiosidade extraordinária. No entanto, esse interesse evidencia a importância universal de preservar a memória histórica, o valor inestimável das lições tiradas pela humanidade após a vitória sobre o Nazismo.

Nesta coletânea, o leitor vai encontrar não apenas revisões de temas tradicionais e centrais, como a Batalha de Stalingrado, mas também análises das questões menos conhecidas pelo público latinoamericano – as batalhas de Rzhev e Smolensk, a rivalidade entre Aliados e as Potências do Eixo no Ártico e nos Bálcãs, e a operação soviética para derrotar o militarismo japonês na Manchúria, que efetivamente encerrou a Segunda Guerra Mundial.

Para nós, enquanto agência federal, a questão de como transmitir as mensagens importantes para a Rússia a cidadãos de outros países é uma preocupação constante. Nesse sentido, tanto o livro de autores brasileiros como o projeto “Voz da Verdade” constituem ferramentas essenciais para atingirmos essa meta: adaptar questões complexas para a compreensão do público local, tornando a verdade histórica inteligível e instrutiva para as futuras gerações. Estou convencido de que projetos editoriais e de tradução como este continuarão a contribuir para que pessoas em todo o mundo compreendam uma verdade simples – a Vitória nos pertence a todos. E nós, como seus herdeiros, temos o dever de assegurar que essa chama permaneça acesa.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Dmitry Polikanov'.

Com todo o respeito,
Dmitry Polikanov, vice-chefe de Rossotrudnichestvo

Caros leitores!

Vocês têm em mãos uma coleção única de artigos de pesquisa verdadeiros, escritos por talentosos cientistas, escritores e jornalistas brasileiros, que obtiveram esses conhecimentos nos arquivos e nas fontes confiáveis.

Este livro é um olhar verdadeiro do povo brasileiro sobre os acontecimentos da Grande Guerra Patriótica de 1941–1945 e seus verdadeiros heróis – os soldados soviéticos. Ele tornou-se a parte principal do Projeto Literário e Histórico Internacional «Voz da Verdade», que se realiza em todos os países membros do BRICS pela organização social regional «BRICS. Mundo das Tradições» no âmbito do Programa Social e Cultural Internacional «Os povos do BRICS escolhem a vida».



O livro dará a oportunidade de reviver e preservar na memória os eventos militares reais daquela guerra a cada um de vocês e de aprender sobre a solidariedade de diferentes povos na Vitória sobre o inimigo comum.

Em nossos dias, o surgimento de tal publicação, quando a verdade histórica sobre essa guerra e o povo vencedor é distorcida, é oportuno e relevante.

Graças à tradução do livro do português para o russo e o inglês pelos estudantes da Universidade das Relações Internacionais de Moscou (MGIMO) e à sua impressionante tiragem em três idiomas com a ajuda da Universidade Inovadora de Kazan Timiryasov, ele tornarseá a propriedade do amplo público internacional de leitores. E a participação dos jovens e estudantes neste projeto é um presente inestimável para o 80.º aniversário da Grande Vitória sobre o fascismo e uma profunda reverência aos seus avós e bisavós, que deram as suas vidas pela liberdade da sua pátria contra todo o mal.

O livro servirá para a educação moral e patriótica da geração mais jovem, que com o seu trabalho preserva a memória de eventos marcantes na história dos seus países.

Que a Voz da Verdade ressoe constantemente em tudo e em todos os lugares! Com profundo respeito e gratidão a vocês, caros leitores,


Lyudmila Sekacheva
*Presidente da ROO «BRICS. Mundo das Tradições», diretora do Programa
«Os povos do BRICS escolhem a vida»*

Sem Direito ao Esquecimento



A Grande Guerra Patriótica do povo soviético foi e continua a ser a guerra mais cruel e sangrenta da história da humanidade. Ao amanhecer de 22 de junho de 1941, o exército da Alemanha fascista atacou traiçoeiramente a União Soviética. Era uma manhã clara de verão; o grande país despertava com planos pacíficos, as escolas acabavam de realizar seus bailes de formatura, e muitos se preparavam para passar o fim de semana com suas famílias e entes queridos – quando, de repente, projéteis e bombas caíram sobre cidades e aldeias, e tanques inimigos avançaram por campos floridos. Assim começou o grande confronto, que durou 1418 dias e noites e se tornou uma tragédia terrível para todo o povo soviético.

Ao atacar a União Soviética, a Alemanha hitlerista buscava não apenas conquistar o território do país, com seus incalculáveis recursos humanos, naturais, econômicos e culturais, mas também perseguia um objetivo monstruoso – exterminar os povos originários e abrir caminho para a dominação mundial. Na prática, coube ao povo soviético, aos nossos antepassados, não apenas a defesa da soberania de nossa Pátria, mas também a luta pelo futuro de toda a humanidade.

Quantas esperanças foram destruídas pela guerra, quantos destinos foram pisoteados!.. Na Rússia, não há uma família que não tenha sido tocada pela guerra – todos, independentemente de nacionalidade ou religião, levantaram-se com abnegação para defender a Pátria. Mais de 1700 cidades e 70 mil aldeias foram varridas do mapa. Cerca de 27 milhões de pessoas pereceram nessa guerra. São os números da estatística oficial. Segundo outras estimativas, o número de vítimas durante os anos de guerra chegou a 40–45 milhões de pessoas.

Já se passaram 80 anos desde que a Grande Guerra Patriótica terminou com a Grande Vitória, mas as consequências desse conflito ainda são sentidas pelo nosso país e pelo nosso povo. O Dia da Vitória, celebrado em 9 de maio pela parte civilizada da humanidade junto conosco, é chamado na Rússia de «festa com lágrimas nos olhos». A memória da guerra ecoa

no coração de cada russo como uma dor infinita e uma tristeza que não se apaga por todos os que caíram, mas também como orgulho pela coragem e pelos feitos heroicos de nossos antepassados. Quanto mais distantes ficam esses anos gloriosos e trágicos, quanto menos testemunhas da guerra restam entre nós, mais altas se tornam as vozes dos adeptos da ideologia fascista, que desejam reescrever a história e desencadear um novo banho de sangue pela dominação mundial. Devemos cortar pela raiz quaisquer tentativas de falsificação da verdade histórica e reagir com firmeza contra todos aqueles que buscam reviver o nazismo.

«Nossos pais, avós e bisavós salvaram a Pátria. E nos legaram a missão de defender a Pátria, de permanecermos unidos, de defendermos firmemente nossos interesses nacionais, nossa história milenar, nossa cultura e valores tradicionais. Tudo o que nos é caro, tudo o que é sagrado para nós», declarou o Presidente da Rússia e Comandante Supremo das Forças Armadas da Federação da Rússia Vladimir Vladimirovich Putin, em seu discurso no desfile militar em comemoração ao 80º aniversário da Vitória na Grande Guerra Patriótica de 1941–1945. «Nós recordamos as lições da Segunda Guerra Mundial e jamais aceitaremos a distorção de seus eventos, as tentativas de justificar os carrascos e difamar os verdadeiros vencedores. [...] A Rússia foi e continuará sendo uma barreira intransponível contra o nazismo, a russofobia, o antisemitismo, e combaterá os desmandos perpetrados pelos defensores dessas ideias agressivas e destrutivas», enfatizou ele.

A melhor tática para combater as distorções da verdade histórica é levar às pessoas informações completas, confiáveis e objetivas sobre os eventos heroicos, sobre a bravura e o espírito indomável do nosso povo. É assim que acolhemos e apoiamos as pesquisas de renomados especialistas brasileiros que abraçaram profundamente o tema do heroísmo do povo soviético durante a Grande Guerra Patriótica. Uma análise detalhada dos eventos mais dramáticos e decisivos – da defesa de Moscou e da Batalha de Stalingrado ao rompimento do cerco a Leningrado e aos combates cruciais na Frente Oriental – oferece uma visão abrangente e justa do feito do povo soviético. Ao ler as reflexões dos autores sobre as causas que gradualmente levaram o mundo ao conflito global, inevitavelmente traçamos paralelos com os eventos contemporâneos.

A história da Grande Guerra Patriótica e do século XX demonstra que estratégias diplomáticas e tratados internacionais só são eficazes quando baseados em relações de confiança, parceria sólida e amizade entre as nações. Vivemos uma época de formação de uma nova ordem mundial multipolar. A aliança intergovernamental BRICS tornou-se uma plataforma onde são elaboradas as soluções e abordagens mais relevantes para a aproximação entre países. Temos orgulho de que importantes acordos, que servirão de base para uma cooperação frutífera entre nações e para o crescente interesse em nosso rico patrimônio cultural e história gloriosa, tenham sido alcançados justamente em nossa cidade, Kazan.

A memória é o bem mais precioso de um povo. A memória deve arder nos corações das pessoas, assim como arde a Chama Eterna nos memoriais dos soldados, e deve lembrar às gerações futuras as terríveis lições da história e os feitos heroicos em nome da vida na Terra. Expresso minha gratidão a todos que apoiaram a publicação deste livro por seus passos importantes na preservação da verdade histórica – sem direito ao silêncio, à distorção ou ao esquecimento.



Asiya Vitalievna Timiryasova

*Reitora da Universidade Inovadora de Kazan intitulada V. G. Timiryasov
Vice-presidente da Câmara Pública da República do Tartaristão*

Agradecimentos

O livro “A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos” tem o objetivo de ocupar alguns espaços ainda obstruídos pela Guerra Fria na temática da Segunda Guerra Mundial no Brasil. Muito ávidos por conhecer e pesquisar a Segunda Guerra Mundial, os brasileiros têm ao longo desses 78 anos (entrada da URSS na guerra em 1941) sido privados de análises sobre a Frente Leste feita pelos vencedores. Acredito que não existem melhores pessoas para nos enriquecer sobre essa parte da guerra do que os russos/soviéticos, aqueles que foram responsáveis por dismantelar mais de 75 % das forças do Eixo e se tornaram os maiores vencedores do referido conflito. Por mais que o tempo passe e já fazem mais de sete décadas, a participação soviética na guerra tem se mostrado sempre uma grande novidade para os brasileiros, quando conseguem furar essa onipresente barreira “fria”.



A obra em voga reúne uma equipe de estudiosos e pesquisadores com grande familiaridade na atuação dos soviéticos em todo o contexto da guerra, conhecedores não só das forças armadas, mas também do Partido, da população, da sociedade e das relações internacionais pré e pós-guerra. Essa condição especial faz dessa obra um rico documento de fontes russo-soviéticas inédito em nosso país. A gama de informações aqui reveladas mostra não só teor exclusivo da obra, mas também a expertise de seus autores. A primeira coisa que se revela entre essas letras é o combate intransigente à falsificação da História e a busca frenética da Verdade Histórica. Coisa possível somente quando é dado o devido reconhecimento aos homens e mulheres soviéticas que através de um esforço fantástico enfrentaram batalhas como Smolensk, Moscou, Sebastopol, Stalingrado, Kursk, Vístula, Berlim e tantas, onde mais de 40 milhões desses homens e mulheres pereceram perante a sanha fascista.

A leitura dessa obra é um movimento necessário para se conhecer uma parte até então pouco explorada no Brasil. Entender a magnitude dos embates cobertos de dramas e tragédias na Frente Leste é penetrar no âmago de uma guerra puramente imperialista, que visava primeiro aniquilar a União Soviética, para então dominar o mundo. Mas as forças da liberdade e da justiça sopradas de todas as Repúblicas soviéticas

foram mais fortes do que a fúria das hordas fascistas e as gélidas ambiguidades dos liberais. Contra todos os arautos da derrota e os mensageiros do alarmismo, os soviéticos mostraram ao mundo todo ainda em 1941, que a besta fascista até então onipotente poderia ser derrotada. Seguindo esse espírito desafiador é que essa obra propõe o conhecimento de novas abordagens sobre os soviéticos e sua Grande Guerra Patriótica.

João Claudio Platenik Pitillo

Licenciado em História pela UERJ.

Mestre em História Comparada pela UFRJ.

Doutorando em História Social pela UNIRIO.

Pesquisador do NUCLEAS-UERJ.

Especialista em Segunda Guerra Mundial.

*Duas Vezes Condecorado pelo
Governo Russo pelas suas Pesquisas*

Introdução

A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos, obra organizada por Francisco Carlos Teixeira da Silva, João Claudio Platenik Pitillo e Ricardo Quiroga Vinhas, refere-se à atuação marcante das forças armadas da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (1922–1991) em conflito internacional de meados do século XX.

Francisco Carlos Teixeira da Silva e João Claudio Platenik Pitillo são pesquisadores, professores e escritores que dispensam qualquer apresentação mais detalhada, assim como Ricardo Quiroga Vinhas, Bacharel em Direito e igualmente pesquisador da Segunda Guerra Mundial. Francisco Carlos, possuidor de trajetória sólida, longa e vitoriosa, generosamente aliase aos demais organizadores, que igualmente se destacam nas pesquisas sobre a União Soviética e sua contribuição, nem sempre reconhecida, para a vitória dos aliados na 2ª Grande Guerra Mundial (1939–1945).

O livro foge ao lugar comum e se destaca, através de leitura agradável acerca dos episódios mais relevantes do conflito. Aliandose aos densos conhecimentos dos organizadores contribuem, também, para o sucesso editorial da obra, pesquisadores como:

Ivan Cavalcante Proença, Professor, Mestre e Doutor em Literatura, pesquisador e ensaísta, contribui com “Não há Terra depois do Volga” (A Batalha de Stalingrado). A referência a Ivan nos faz remontar, entre outros fatos, a evacuação dos estudantes indefesos, em 1964, do prédio do Centro Acadêmica Cândido de Oliveira, salvos pela atuação corajosa do então comandante Ivan Cavalcante Proença.

Luís Mergulhão Ruas, Doutor em História Política pela UERJ, presta colaboração sensível com “O Tratado de Não Agressão entre URSS e Alemanha: A Chave da vitória soviética.” Luís, além de pesquisador, é reconhecido, igualmente, pela atividade docente e, junto aos seus alunos, busca a elucidação de aspectos pouco discutidos sobre o assunto, evidenciados na sua contribuição. Eden Pereira Lopes, lúcido, com futuro, por certo, brilhante; jovem historiador formado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro discorre a respeito de “Às portas de Moscou: A sangrenta batalha por Rzhev”: (janeiro de 1942 – março de 1943) e “De Leningrado a Kaliningrado:



Francisco Carlos Teixeira, um dos organizadores do livro

a marcha libertadora soviética na costa Báltica”. Nesses respeitáveis subsídios, Eden revela particular erudição e desponta como um dos continuadores das pesquisas relevantes sobre o tema tratado no livro.

Alessandra Scangarelli Brites, jornalista especializada em Relações Internacionais e Mestra em Estudos Estratégicos Internacionais, reflete sobre “As relações internacionais da União Soviética com Inglaterra e Estados Unidos de 1941–1945: estratégias militares e diplomáticas que levaram à vitória.,” responsável por aporte indispensável aos objetivos da obra.

Complementam os estudos sobre o conflito mundial, Mariana Magalhães Barreto Leite da Silva, Pós-doutora em Relações Internacionais pela Universidade do Estado Livre, África do Sul, Doutora em Políticas Públicas Internacionais pela Universidade de Osaka, Japão; e Vinícius da Silva Ramos, Doutorando em História pela UERJ, responsáveis, respectivamente, pelos textos “Tempestade Vermelha em Agosto: A batalha definitiva entre União Soviética e Japão na Manchúria” e “A Batalha de Smolensk”.

Por fim, registramos os artigos de João Claudio Platenik Pitillo e de Ricardo Quiroga Vinhas. João Claudio é Bacharel em História pela UERJ, Mestre pela UFRJ e Doutorando em História Social – UNIRIO. Autor de “A doutrina soviética de guerra urbana em Stalingrado”, recebeu várias homenagens, entre elas as do governo russo e da Associação de Ex-Combatentes do Brasil, em virtude, respectivamente, dos seus estudos sobre a história da União Soviética, com ênfase para a atuação decisiva e heroica dos soldados e das guerreiras soviéticas na derrota das forças do Eixo; e a contribuição pelas pesquisas e divulgação da singular atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. É ainda autor de várias obras, com destaque especial para *Aço Vermelho: os segredos da vitória soviética na Segunda Guerra Mundial*, editado pela Multifoco, em 2014. Ricardo contribui, com peculiar competência, registrando, mercê do seu vasto conhecimento, “A Batalha do Ártico e a destruição da Esquadra Negra”.

Portanto, a leitura deste volume presta particular subsídio para o necessário reconhecimento à URSS. na A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos

Luiz Edmundo Tavares

Professor do Departamento de História – UERJ

PREFÁCIO

A Segunda Guerra Mundial é fruto de interesse de estudo de muitas pessoas pelo mundo e serve de cenário para inúmeros filmes, livros e outras manifestações artísticas que buscam representar o período. Porém, um país foi sempre diminuído ao papel de mero coadjuvante: a União Soviética.



A esmagadora maioria da bibliografia ocidental e dos filmes e livros produzidos sobre o assunto a que temos acesso aqui no Brasil mostram o papel triunfante dos Estados Unidos, enquanto que a União Soviética é tratada como uma frente da guerra de segunda grandeza. Sem – pre que é mencionada, a guerra na URSS e seus desdo – bramentos são tratados como meros frutos do acaso ou da sorte: quem venceu os nazistas foi o “General Inverno” da gélida Rússia juntamente com as centenas de milhares de tropas enviadas por Stalin para servirem de “bucha de canhão”, ou então foi a ajuda “vital e inestimável” dos Aliados ocidentais com seus programas de abastecimento.

Quantos generais ou oficiais de alta patente do Exército Vermelho nós conhecemos ou temos em mente seus nomes? Quando perguntado sobre isso, algum interessado no assunto por aqui provavelmente não saberia responder, mas certamente saberia citar pelo menos dois ou três oficiais norte-americanos. E sobre os grandes episódios da guerra, episódios de heroísmo e grandeza humana? Certamente lembrase do Dia D e dos de-sembarques na Normandia, que também são apontados como as verdadeiras e grandes causas da queda do Terceiro Reich, porém momentos muito mais dramáticos e realmente decisivos, ocorridas na Frente Oriental, passam despercebidos. Lembrase sim da cidade de Stalin-grado e a gigantesca batalha ocorrida em suas ruas, até mesmo pelo fato de ter sido o combate que mais matou em toda a Segunda Guerra Mundial. Porém, sobre seus detalhes, temos acesso prioritariamente a ‘especialistas’ que afirmam que a Batalha de Stalingrado deuse apenas pelo combate de ego de dois ditadores, Hitler e Stalin, que lutavam entre si pelo simples nome de uma cidade.

Sobre Hitler e Stalin, ainda hoje experimentamos algo que é fruto de uma propaganda de muitos anos atrás: a comparação e a colocação, em pé



de igualdade, de ambos no mesmo saco. Quantos filmes, livros ou artigos não existem por aí afirmando com toda clareza que Hitler e Stalin eram grandes aliados e que o Pacto de Não Agressão foi uma grande aliança de amizade e cooperação?

Quando não usam essas falácias como argumento, procuram explicar a guerra na URSS com outros fatores, como a megalomania do comando nazista, mas nunca se procura explicar e evidenciar o caráter combativo do Exército Vermelho e de toda a sociedade da União Soviética.

Todos esses pontos e questionamentos levantados aqui colocam em xeque a nossa visão comum sobre a Segunda Guerra Mundial e seus protagonistas. Se não ocorreu exatamente como a temos em nosso imaginário, como ocorreu então? Se não foram os Estados Unidos os grandes responsáveis pela vitória, quem foi então? Aliás, quem promove essa visão distorcida da Segunda Guerra Mundial? Para que propósito? Por mais que para alguns pareça uma resposta batida ou vazia, os culpados são o imperialismo e as forças da reação.

A União Soviética, país nascido como fruto direto da Revolução Comunista de 1917, sofreu, logo após sua criação, diversas tentativas de destruição total. Para as classes dominantes da Europa e Estados Unidos, era necessário destruir o país dos soviets comandado por operários e camponeses, era necessário apagar qualquer evidência de que era possível construir uma nação para os trabalhadores, afinal, permitir a existência de uma alternativa ao sistema de escravidão em que vivemos seria uma má estratégia de sobrevivência para os patrões internacionais.

Mais de uma dezena de países mandou exércitos para a Rússia revolucionária visando esmagar a Revolução, no que ficou marcado como a Guerra Civil Russa. Fracassaram. O Exército Vermelho, criado pelos revolucionários bolcheviques às pressas para conter e reagir à situação de guerra, apoiandose unicamente no povo e tendo em suas fileiras a juventude da Rússia, venceu as tropas estrangeiras que buscavam apagar sua luta.

Desde então, a URSS e seu governo socialista começaram a ser odiados pelas elites globais, até porque, na URSS ocorriam coisas



inimagináveis e inaceitáveis para o mundo capitalista da época: participação feminina na vida do país, leis antirracismo, educação e saúde em massa e um sistema político-econômico baseado na construção de uma sociedade próspera e justa para todos os trabalhadores, em detrimento de um projeto de mundo em que somente uma minúscula parcela da população teria acesso aos desfrutes de educação, cultura e afins. Enquanto o mundo capitalista enfrentava os duros anos da Queda da Bolsa de 1929, a economia socialista soviética batia recordes de desenvolvimento e por todo o país dos soviets se levantam modernas cidades, prédios, universidades, escolas, metrô, usinas, fábricas, bibliotecas, teatros, rodovias, ferrovias, aeroportos, casas de cultura, ginásios... Era uma sociedade vibrante e com claras tendências a anos futuros de grande avanço tecnológico e econômico.

Para a Europa ocidental, em uma situação total de caos econômico e social, com exércitos de desempregados, famintos e miseráveis, a solução da burguesia para conter o crescimento das lutas operárias foram as garras do fascismo. Em poucos anos, pessoas como Hitler e Mussolini chegaram ao poder e estabeleceram regimes tirânicos que perseguiram e eliminaram brutalmente os trabalhadores, comunistas, sindicalistas, estudantes e representantes do povo. A burguesia respirava aliviada por ter barrado o 'avanço vermelho'. Na Alemanha Nazista, as ideias absurdas de 'raça pura', que promoviam anexações e perseguições, pouco perturbavam o Ocidente: pelo contrário – quando essas ideias absurdas se chocaram contra a existência da União Soviética, serviram como uma luva para o antigo desejo de destruição da URSS. Os fascistas, por anos, começavam a planejar uma invasão da URSS objetivando sua total aniquilação e escravização; as nuvens de uma guerra pairavam e, de todos os lados, o Ocidente empurrava a Alemanha para a URSS.

Mas então a cobra resolve picar o criador: Hitler invade, ocupa e bombardeia os países que poucos anos antes haviam lhe concedido permissão para suas primeiras incursões. Depois de consolidar sua posição na Europa ocidental, a Alemanha nazista se vira para a URSS e desencadeia, em 22 de junho de 1941, a Operação Barbarossa, a invasão do território soviético e o extermínio de seu povo, com práticas e tratamento muito diferente daquele dispensado aos



países ocidentais. O conflito então toma dimensão mundial e divide os lados. Durante a Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos e Inglaterra estiveram sim do lado da União Soviética, muito embora não com tanto ânimo e empenho.

O teatro de operações na União Soviética concentra as maiores e mais sangrentas batalhas de toda a Segunda Guerra. Com uma campanha inicial exitosa, a Alemanha começa a encontrar, logo nos primeiros combates, a resistência soviética que anos depois traria sua ruína.

A URSS e seus diversos povos se levantam em uma só voz: milhões se alistam como voluntários no Exército Vermelho, os camponeses partem e destroem as plantações e qualquer outra coisa que pudesse ser usado pelo invasor fascista, as fábricas são desmontadas, transportadas e remontadas no oeste, longe das operações de guerra, e civis de todas as idades e profissões ingressam na clandestinidade, formando os temidos batalhões de partisans, que diversas vezes frustraram os planos nazistas ao cortarem linhas de comunicação, matarem oficiais e provocarem sabotagens que geraram grandes atrasos nos planos hitleristas.

Todo o país se mobiliza e a indústria é inteiramente convertida para a guerra, aumentando seus níveis de produção como nunca antes visto. Estava ali o povo soviético defendendo cada palmo de sua sagrada terra, estavam ali as mães soviéticas, por um lado doando seus filhos para a guerra e por outro trabalhando na retaguarda para acelerar a derrota do inimigo. Por esse caráter patriótico de amor à terra e ao povo, a Segunda Guerra Mundial ficou conhecida na União Soviética (e hoje na Rússia e países da ex-URSS) como Grande Guerra Patriótica – um título que traduz bem o que aquele conflito simbolizou para aquele povo.

O povo soviético assumiu para si não só a missão de libertar seu território como também ajudar os outros povos da Europa que sofriam sob as negras asas do fascismo, missão essa cumprida com honras, em uma demonstração de grande internacionalismo proletário dos soviéticos. Foi a URSS a grande responsável pela queda e derrota da Alemanha nazista. Foi a URSS que barrou e depenou a maior parte das divisões do “invencível” exército alemão da “raça



pura” que iria conquistar o mundo na base da violência e opressão. Foram os soviéticos os responsáveis pela libertação de diversos campos de concentração e extermínio de judeus na Europa. No fim das contas, quem chegou em Berlim e hasteou a bandeira vermelha com a foice e o martelo foi o povo soviético, em maio de 1945.

Vencida a guerra contra os nazistas na Europa, a URSS ainda travou luta tenaz contra os japoneses na Ásia – outra força fascista que levou anos de submissão e violência para diversos povos da região. Lá, a URSS apoiou os guerrilheiros na China e na Coreia que há anos lutavam contra os invasores e colonizadores japoneses, ajudando no processo de emancipação desses povos. Por pouco não chegou a lutar no próprio território do Japão.

Passada a guerra, como apagar a grandiosidade da atuação soviética no conflito e sua preponderante participação para a derrota de Hitler e seus aliados facínoras? Nos anos seguintes à Segunda Grande Guerra, veio a Guerra Fria e desde aqueles tempos temos testemunhado uma tentativa vergonhosa por parte das elites globais de reescrever a História para, mais uma vez, apagar ou subestimar o povo da União Soviética e sua grande conquista que é a vitória de 1945. Isso responde às várias perguntas de parágrafos anteriores.

Os soviéticos jamais separavam a vitória contra o nazifascismo como a vitória deles e a vitória dos outros. Pelo contrário, sempre tentaram encarar (e até hoje adotam essa posição) a situação como uma grande aliança global pela derrota da opressão e sofrimento que alcançou um resultado conjunto. Parece que isso não foi recíproco – aqui no Brasil, como no Ocidente em geral, o que mais temos são escritos que buscam diminuir a participação do Exército Vermelho ou então até mesmo demonizar sua atuação.

Esse livro é uma das mais recentes iniciativas de diversos estudiosos no assunto que, indignados com essa situação, buscam transmitir ao público os momentos da Grande Guerra Patriótica da URSS, por uma questão de justiça e honra. Às vezes, o desconhecimento do público sobre o assunto é tamanho que nem ao menos se sabe que o Brasil participou na Guerra ao lado dos Aliados e venceu os nazistas.



Nessa obra, o leitor encontrará vários artigos sobre os mais diversos momentos e teatros de operação da Segunda Guerra Mundial na União Soviética que é, como já mencionado, o lugar onde ocorreram os desdobramentos mais decisivos e impactantes do conflito. Aqui estão reunidos artigos que foram escritos por pessoas que há muito estudam o assunto com grande respeito e responsabilidade. O leitor pode ler as informações aqui contidas tendo em mente que elas foram escavadas em documentações originais da época e extraídas de obras de grandes comandantes militares do Exército Vermelho, de oficiais do exército alemão, de testemunhas do conflito e até mesmo de cartas pessoais trocadas entre os líderes das grandes potências Aliadas, como Stalin e Churchill. Grande parte das fontes são inéditas para o público brasileiro e foram exploradas e traduzidas de outros idiomas que não estão disponíveis para a grande massa, como o russo, por exemplo. Por isso, essa obra é um instrumento de democratização da informação que busca trazer à luz informações vitais sobre o desfecho vitorioso do grande conflito.

Aqui se encontram estudos sobre batalhas e operações muito conhecidas como Stalingrado, Moscou e Leningrado, mas a riqueza da obra consiste também na descrição e análise crítica de outras batalhas menos conhecidas ou até mesmo totalmente desconhecidas pelo público – como as batalhas pelas cidades e regiões de Rzhev, Kaliningrado, Smolensk, Murmansk e a Batalha do Ártico. Essa última, conta com um artigo especial e totalmente novo para o estudo da Grande Guerra, com fontes originais em tcheco que narram momentos desse pouco conhecido front da guerra.

Para além das batalhas, aqui também são analisadas, em alguns artigos, as movimentações diplomáticas e econômicas dos países envolvidos, contando inclusive com um estudo de uma autora sobre o assunto – um fato edificante, uma vez que é rara a presença feminina nos círculos de estudo militar. Aliás, essa obra contém dois artigos escritos por pesquisadoras do assunto. Falando nisso, mais um ponto a ser lembrando na Grande Guerra Patriótica do povo soviético: a grande e importante participação feminina no Exército Vermelho, também abordada nas páginas desse livro.



Essa obra não se trata de uma ‘cruzada’ contra a historiografia – esse tipo de movimento quem realiza são os detratores do povo soviético. É, antes de mais nada, uma iniciativa astuta de perpetuação da memória de um povo que deu tudo de si para a libertação do mundo. É uma demonstração de respeito à luta de mais de 30 milhões de mortos na URSS e de admiração pelos seus grandes feitos, estudados com profundidade aqui.

Teria sido o Pacto de Não Agressão, firmado entre a URSS de Stalin e a Alemanha de Hitler, uma grande aliança de amizade, como estamos acostumados a ouvir? Como se deram as batalhas pelas conhecidas (e também as não tão conhecidas) cidades soviéticas? Batalhas no gelo do polo norte, como ocorreram?

As respostas para essas e outras mais questões o leitor tem a partir de agora... Boa leitura!

Lucas Rubio

Graduando em Língua Russa pela UFRJ e pesquisador da Segunda Guerra Mundial

A DOCTRINA SOVIÉTICA DE GUERRA URBANA EM STALINGRADO



João Claudio Platenik Pitillo

Doutorando em História Social – UNIRIO

A Segunda Guerra Mundial teve início em 1939 com as operações alemãs denominadas de Blitzkrieg. Operações essas que se caracterizavam por empregarem exércitos interarmas e congregarem grandes quantidades de infantaria blindada apoiada por aviação, submetidos a avanços velozes com apoio de artilharia. Para que a Blitzkrieg fosse eficaz, os alemães contavam com espaço para as manobras de cerco, onde seus blindados pudessem fazer o famoso “vai e vem”. O espaço de manobra também era vital para os movimentos envolventes de ataque aos flancos inimigos, feitos pela infantaria alemã com apoio de sua artilharia. Sendo assim, as regiões rurais eram as mais indicadas para esse tipo de tática.

Contudo, essas operações de Blitzkrieg mostraram-se eficientes em vários cenários: foi assim em direção a Leste com a invasão da Polônia e Iugoslávia e a Oeste com a invasão da França e dos países Baixos. Nas duas direções, as áreas urbanizadas não se mostraram inibidoras para a ação exitosa da inovadora tática alemã. Entretanto, nas batalhas por Smolensk, Kiev, Odessa e Tula (1941–1942), que tiveram um caráter urbano, o exército alemão demonstrou maior dificuldade para desenvolver a tática de Blitzkrieg.

Em Smolensk, que foi o primeiro cenário de batalha urbana travada em solo soviético, o combate que estava previsto para durar duas semanas durou dois meses. Mesmo tendo alcançado a vitória ao final do conflito, o Agrupamento de Exércitos Centro teve que passar para a defensiva. O desgaste foi tamanho que os nazistas só avançaram cerca de 200 km nesses 60 dias de batalha na região de Smolensk¹.

¹ Minasián, M. (1975). *La Gran Guerra Patria de La Unión Soviética*. Moscú: Editorial Progreso. P. 67.



Soldados soviéticos em Stalingrado



Importante ressaltar que as operações de Blitzkrieg também não foram eficazes nas duas principais cidades soviéticas, Moscou e Leningrado. O exército alemão demonstrou desde o início de suas ações na URSS dificuldades nas operações em área urbana. Outro ponto sintomático na campanha nazista nas áreas urbanas soviéticas foi a Batalha de Sebastopol, onde, apesar da derrota, a resistência soviética postergou a batalha de 30 de outubro de 1941 até 4 de julho de 1942. Após dominarem a região da Crimeia, os nazistas avançaram em direção à região do Cáucaso, tendo chegado a Stalingrado em julho de 1942. Os soviéticos dividem a Batalha de Stalingrado em dois momentos: de 2 de julho de 1942 a 18 de novembro de 1942 como momento defensivo e de 19 de novembro de 1942 a 2 de fevereiro de 1943 como momento ofensivo.

Para se apoderar de Stalingrado, o exército alemão desenvolveu as suas usuais táticas de choque. Grandes vagas de aviões bombardeiros atacaram todas as defesas da cidade e colunas blindadas, apoiadas pela artilharia e protegidas por uma experiente e poderosa infantaria, avançaram com velocidade destruindo tudo à sua volta. Dessa maneira, Stalingrado foi reduzida a fumaça e escombros em pouco tempo. Em setembro de 1942, os alemães tinham o domínio dos céus em Stalingrado e superavam os soviéticos em homens e armas, estando próximos de dominar toda a cidade.

Certo da vitória, o Ministro da Educação Pública e Propaganda, Joseph Goebbels, mandou no dia 16 de setembro às redações dos jornais alemães ordens para preparar edições especiais sobre a tomada de Stalingrado. A expectativa de vitória era tamanha, que até o Primeiro Ministro japonês Hideki Tojo avisou que a guerra rumava para Leste e que as relações nipo-soviéticas iriam mudar². Só quem acreditava na vitória soviética eram seus defensores.

A Fera da Guerra

Sabendo que a situação era desesperadora e que não podia contar com homens e armas necessárias, o coronel soviético Vasili

² Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho – Os Segredos da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Mutifoco. P. 43.



I. Tchuikov mudou completamente a estrutura do Exército Vermelho quando assumiu o comando do 62º Exército em setembro de 1942. O general já estava lutando na região de Stalingrado desde julho e sabia plenamente o tamanho do desafio que tinha pela frente. O mesmo ficou responsável pela defesa da cidade e propôs novas táticas e estratégias para se enfrentar os nazistas dentro do perímetro urbano; suas observações visavam diminuir o avanço da Blitzkrieg e saturar os invasores. Tchuikov dizia que o exército de choque alemão podia ser contido e sua aviação neutralizada desde que a estratégia de defesa fosse outra.

A previsibilidade como agiam e a empáfia postural dos alemães permitiam que se elaborassem contramedidas eficazes para se vencer a batalha, dizia Tchuikov. Após consultas ao Membro do Conselho Militar K. A. Gurov e ao Chefe do Estado Maior general N.I. Krylov, Tchuikov decidiu mudar o padrão de luta. Ordenou fragmentar as formações de pelotões e regimentos, fazendo com que nas companhias e batalhões surgissem novas unidades táticas, formando assim pequenas unidades de assalto. Nesse momento, Tchuikov afirmou em tom irônico estar criando a “academia de combate urbano de Stalingrado”³.

O general Tchuikov assumiu o comando do 62º Exército Soviético no dia 12 de setembro de 1942 e suas tropas estavam em uma situação difícil. O plantel estava incompleto, não possuíam blindados suficientes, a artilharia carecia de munição, a logística de suprimentos médicos e alimentares não era suficiente e a perspectiva de reforços era a pior possível, sem falar na falta de cobertura aérea e na moral baixa dos combatentes depois de sucessivos recuos.

Postura Tática

Tchuikov percebeu que a mudança na postura tática dos combatentes precisava ser precedida de uma mudança estratégica das ações em Stalingrado: os soldados precisavam estar com elevada capacidade combativa para poder travar uma guerra urbana defensiva. Tchuikov

³ Tchuikov, V. I. (1966). A Batalha de Stalingrado. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. P. 110.



alertava que o soldado soviético em Stalingrado deveria ser proativo. Exigiu que os membros do Partido Comunista e do Komsomol, encarregados da formação política dos soldados, deveriam fazer palestras curtas e objetivas durante as batalhas, se preciso fosse, mostrando na prática como usar armas e cumprir as instruções do Comando.

O general Tchuikov acreditava que os Comissários Políticos produziriam melhor efeito sobre os soldados, estando entre eles na frente de batalha, do que os longos discursos e palestras ministrados na retaguarda. Os instrutores políticos tinham de estar inteiramente a par das táticas de combate urbano e de ser, eles mesmos, capazes de utilizar com excelência de todo o tipo de armas, em especial as submetralhadoras e granadas.

Como exemplo dos novos tempos de formação, Tchuikov descreveu em seu livro:

“A 26 de setembro, um inspetor da seção política do 62º Exército, o Comissário de Batalhão A. Kruglov, após visitar as unidades que combatiam nas ruas da cidade, escreveu um artigo sumariando a experiência de combate numa casa sitiada. O artigo continha muita coisa de valioso e instrutivo, foi endossado pelo Conselho Militar da Frente e distribuído a todas as unidades. Todo o corpo de instrutores e inspetores da seção política do Exército passou uma hora por dia, na margem do Volga, treinando tiro e arremesso de granadas. As seções políticas das divisões fizeram o mesmo”⁴.

O general soviético afirmou que o primordial trabalho desenvolvido pelos instrutores do partido foi o de, após dominarem as particularidades do combate urbano, terem eles transferido o eixo central de seu trabalho para as companhias, pelotões e grupos de assalto. Os agentes do partido, para assegurar o cumprimento das

⁴ Ibid. P. 299.



ordens militares, passaram a frequentar os setores mais difíceis da linha de frente. Conscientizavam o soldado soviético da importância da disciplina e do heroísmo. Muitas das vezes esse trabalho era feito de forma individual.

As ordens deviam ser executadas sob quaisquer condições. Condições essas, como sabemos, eram complexas e distintas em cada setor. Os Comissários Políticos tinham autonomia para escolher formas e métodos de ação com a tropa, levando em consideração as circunstâncias, não esperando eles momentos de calma. Os agentes do partido tinham que, por prioridade, agir nos grupos de assalto, metralhadores, infantes e sapadores, onde é que esses estivessem.

Táticas Constantemente em Desenvolvimento

A cidade de Stalingrado não fora preparada para a guerra, muito menos possuía defesas para o cerco que o 6º Exército Alemão empunha. Para equilibrar a falta de meios, os soviéticos passaram a construir “prédios fortificados”: eram apartamentos de pedra ou tijolos, muitas das vezes já bombardeados, que eram interligados com trincheiras e protegido pela artilharia. Esses prédios reduzidos a amontoados de ferro, pedra e tijolos, produziam a defesa necessária para os soviéticos. Esses “pontos fortificados” ou “pontos de tiro”, dependendo do tamanho, eram defendidos por uma seção, pelotão, uma companhia, ou até mesmo por um batalhão. Os prédios que ainda preservavam seus pisos (andares) eram transformados em fortificações.

Essas fortificações eram preparadas para a defesa em 360 graus e podiam travar batalhas independentemente de apoio exterior por vários dias. Quase sempre essas fortificações tinham fuzis e artilharia anticarros, e, sempre que possível, também canhões autopropulsados. Era comum o uso do “coquetel Molotov” em grande escala e granadas anticarros para as ações de assalto e defesa. As guarnições em geral eram compostas por sapadores, perito atiradores, peritos químicos e um membro do corpo médico⁵. Essas fortificações eram postadas

⁵ Ibid. P. 308.



Soldados soviéticos em Stalingrado

a fim de dividir ruas e quarteirões, evitando assim a mobilidade dos nazistas. Eram apelidadas de “quebra-mar”, já que cumpriam o propósito de “quebrar” as “ondas de choque” dos ataques nazistas.

A destruição de grande quantidade das habitações em Stalingrado proporcionou aos seus defensores vários pontos de defesa nesses escombros. A energia cinética dos projéteis de canhões e aviões alemães eram dispersos nos montes de entulhos, que também bloqueavam ruas e vias, dificultando a manobra dos carros de combates e da artilharia pesada alemã. Os soviéticos aproveitaram para transitar de forma mais segura entre os prédios destruídos e nos canais de esgoto. Evitando assim o cerco e a observação dos alemães. A utilização de prédios já incendiados era outra boa estratégia, já que os nazistas não conseguiam envolver seus ocupantes por fumaça, uma vez que a construção já havia sido queimada.

A artilharia disfarçada também foi outra tática interessante. Consistia em enterrar ou entrincheirar peças de artilharia a ponto de as mesmas ficarem envoltas de escombros, impedindo a sua



visualização por terra e ar. Esses pontos de tiros funcionavam também como “pontos fortificados”, possuindo defesa antiaérea e unidades de infantaria próximas. O emprego de morteiros foi essencial e muito bem explorado pelas unidades disfarçadas, já que eles podiam acertar o inimigo atrás de construções verticais. Os morteiros também foram usados para atacar a infantaria inimiga que seguia atrás dos blindados; com a dispersão dos infantes, o blindado se tornava alvo dos fuzis e granadas anticarros. O sistema de fogo dos soviéticos usava preferencialmente armas de pequeno alcance para fogo direto. Dessa maneira, a defesa fica mais dinâmica mesmo que à curta distância. Mas também houve momentos em que a artilharia soviética usou armas de 203 mm para fogo direto a 100/200 metros.

As defesas contra os blindados alemães nem sempre puderam utilizar artilharia, por isso os combatentes soviéticos fizeram uso constante dos “coquetéis Molotov”, granadas e fuzis anticarros. Os soviéticos desenvolveram uma doutrina de guerra antiblindados que consistia no emprego de armas leves e baratas, como os fuzis, minas anticarros e líquido inflamável. A Blitzkrieg tinha por princípio o uso extensivo dos blindados. Ao perceber que os carros de combates alemães poderiam ser neutralizados com esse tipo de armamento, Tchuikov determinou que o maior número de fortificação devesse contar com eles e que pontos de apoio de fogo deveriam ser criados e bem camuflados, para serem capazes de produzir um contra-ataque relâmpago caso a fortificação principal foi anulada.

Muitas das vezes as unidades de assalto eram apoiadas por posições de fogo temporário, equipadas com artilharia leve e fuzis anticarros. Utilizou-se muito o recurso das trilhas minadas. Vias preparadas previamente pela engenharia, utilizando escombros e entulhos, que obrigavam os blindados inimigos a seguirem por caminhos cobertos por fuzis e minas anticarros, estrategicamente plantadas de forma a não permitir que os alemães cercados pudessem recuar. O uso do “coquetel Molotov” foi outra grande arma: seu emprego na defensiva impedia que os blindados nazistas dessem apoio à infantaria e na ofensiva transformava o infante soviético em uma arma anticarros.

Inteligência e Contra Inteligência

A eficácia da defesa soviética passava pela atuação militante das unidades de reconhecimento. “Saber o que o inimigo está preparando e não permitir que ele saiba o que você está fazendo”, foi uma das principais tônicas do Exército Vermelho. Os comandantes de batalhões e companhias de infantaria realizavam pessoalmente os reconhecimentos e organizavam a defesa das fortificações. Quando o assunto era ataque, as unidades de assalto também destacavam membros para fazer a observação. Assim o Exército Vermelho pode diminuir a margem de erro, evitando a perda desnecessária de homens e equipamentos.

Outra característica importante dos soviéticos em Stalingrado foi o uso de uma defesa ativa. Ela consistia em atacar imediatamente o inimigo que havia penetrado em suas linhas. Esses contra-ataques, na maioria das vezes, eram de surpresa e direcionados aos flancos ou à retaguarda inimiga. A defesa ativa permitia aos soviéticos a recuperação rápida do terreno e também causava um abalo psicológico brutal nos nazistas, já que não era possível muitas das vezes estabilizar a frente.

Tais ações eram possíveis graças às ações diversionistas e de camuflagem que a Inteligência realizava. Por muitas vezes, as unidades de assalto foram usadas para desorganizar um ataque inimigo. Essas unidades munidas de informações privilegiadas e apoiadas por fogo defensivo, penetravam com o suporte de carros de combates nas fileiras inimigas apenas para causar confusão, frustrando assim o ataque inimigo ou o adiando, causando não só perdas, mas também grande frustração nos nazistas. O Comando Soviético percebeu que a incapacidade de progressão rápida estava debilitando os nervos dos nazistas. Soldados capturados relatavam que não aguentavam mais ficar sob constantes fustigações dos soviéticos.

Os batedores soviéticos estavam sob as ordens do coronel M. Z. Herman. Herman, em consonância com o general Tchuikov, ampliou as ações de reconhecimento e desenvolveu táticas para dinamizar a coleta de informações, já que por via aérea era



impossível devido ao domínio nazista dos céus. O afastamento da população civil das áreas controladas pelos alemães e a grande quantidade de unidades de polícia militar alemã e Gestapo na região também dificultavam o trânsito de informação na direção dos soviéticos.

Sendo assim, as unidades de batedores passaram a operar em grupos de três a cinco homens, todos munidos de submetralhadora, granadas, binóculos e rádios-transmissores. Penetravam atrás das linhas inimigas cerca de 5 km. Desenvolveram técnicas de camuflagem e espionagem a partir das características do terreno. Por muitas vezes, passavam dias imóveis dentro de buracos ou embaixo de escombros. Esses batedores não se limitavam às observações – tinham a instrução de sabotar o inimigo e, sempre que possível, fazer prisioneiros. Muitos batedores passaram a estudar o idioma alemão e, vestindo fardas nazistas capturadas, se misturaram entre os inimigos a fim de coletar informações mais seguras⁶.

Grupos de Assalto

A partir da nova doutrina de combate soviética em Stalingrado, foram formados os “grupos de assalto” que eram organizados conforme o objetivo da ação. Consistiam geralmente de um pelotão de infantaria (20 a 50 homens), dois ou três canhões leves, um ou dois esquadrões de sapadores e de especialistas em guerra química (uso de material inflamável, explosivo e fumígeno). Todo soldado tinha uma submetralhadora PPSH-41 e de cinco a dez granadas⁷. Existiam também unidades de assalto que operavam com seis a oito homens, portando grande quantidade de munição, faca e a pá. Essas unidades eram usadas com o intuito de fazer o inimigo se mostrar, revelando a sua posição. Especial característica desses homens era o combate corpo-a-corpo em trincheiras e espaços reduzidos: para isso faziam uso da pá de formato triangular e da faca NR-40.

⁶ Tchuikov, V. I. (1966). A Batalha de Stalingrado. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. P. 338.

⁷ Ibid. P. 316.



Soldados soviéticos em Stalingrado



Esses pequenos grupos também eram usados para atacar imóveis ocupados pelos nazistas, treinados para lutar em espaços reduzidos e com pouca luz e tornaram-se imprescindíveis para executar a limpeza dos imóveis em poder dos nazistas. Lutavam de casa em casa e de rua em rua, sempre de forma independente. Obedeciam a um comandante que levava foguetes e às vezes telefone para se comunicar com suas unidades. Essas diminutas unidades de assalto, quando tinham como alvo prédios de vários pavimentos, operavam com grupos de “reforço”. Ao penetrarem no prédio e deflagrarem o primeiro ataque, sinalizavam para que outras unidades atacassem simultaneamente cercando o alvo, evitando assim que o inimigo fugisse ou recebesse apoio.

Também existia o grupo de “reserva” que suplementava o ataque. Eram encarregados de suprir os primeiros assaltantes com metralhadoras pesadas, fuzis anticarros e artilharia leve, transformando imediatamente o prédio assaltado em um ponto fortificado soviético, pronto para emprego imediato contra os alemães das imediações. A precisão e a surpresa marcavam esses ataques, que eram coordenados pelo comandante da unidade. Essas unidades tinham autonomia para se subdividirem e empreender outros ataques circunstanciais.

Outro fator interessante que dinamizava esse tipo de ação era que qualquer soldado da unidade poderia se tornar comandante da missão, caso o superior ficasse impedido. Esse tipo de combate se tornou mais frequente quando o combate adentrou o centro de Stalingrado e as zonas industriais no mês de setembro de 1942. Nesse sentido, os nazistas notaram, em novembro, que o avanço em direção ao Volga não representava uma vitória, mas sim um caminhar em direção à armadilha traiçoeira que os soviéticos haviam montado.

O general Tchuikov definia o padrão das unidades de assalto da seguinte forma:

“A tática dos grupos de assalto baseia-se na ação rápida, uma carga repentina, um amplo senso de iniciativa e de ousadia de parte do soldado. Esses grupos precisam de táticas flexíveis, porque, após entrar em um prédio fortificado e no labirinto de cômodos ocupados pelo

inimigo, tem de enfrentar uma variedade de situações inesperadas. Há uma regra estrita – obtenha espaço para manobrar. Em toda parte, está o perigo. Não importa – uma granada em cada canto do cômodo, e para à frente! Uma rajada de submetralhadora no que resta; mais adiante – uma granada! Um desvão – outra granada! Uma rajada de submetralhadora! E outro passo para à frente!

Dentro do objetivo em ataque o inimigo pode passar ao contra-ataque. Não se arreceie! Você já tomou a iniciativa, ela está em suas mãos. Aja mais impiedosamente com a sua granada, a sua submetralhadora, a sua faca, a sua pá! O combate dentro de um prédio é sempre frenético. Esteja sempre preparado para o inesperado. Aguce a vista!”⁸

Dentre tantas ações de tomada de prédios, a do sargento Yakov Pavlov ficou bastante conhecida. Com a ajuda de três outros homens de seu grupo de assalto, Pavlov eliminou 15 alemães e se apossou de um prédio estratégico na Praça Lênin, de onde tinham uma visão privilegiada da frente de combate. Durante 30 dias, repeliram cerca de 40 ataques, sendo esses quatro homens responsáveis pela derrota de um batalhão alemão. A observação das novas técnicas e o uso da metralhadora pesada e das granadas fez da Casa de Pavlov um dos mais famosos pontos fortificados que marcaram a estratégia soviética⁹.

Engenharia de Guerra

Atividade vital na guerra urbana em Stalingrado foi a dos sapadores. Homens que desenvolveram técnicas de camuflagens para disfarçar pontos minados, túneis e armadilhas. Esses sapadores foram imprescindíveis na luta contra os blindados nazistas: foram

⁸ Ibid. P. 322.

⁹ 'Eliminou pessoalmente mais de 90 alemães': relatórios de Stalingrado são revelados. (2018, February 3). URL: <https://br.sputniknews.com/russia/2018020310438220-batalha-stalingrado-documentos-secretos-revelados/> Acessado em 2/4/2018.



eles que fizeram emprego valente das minas anticarros e das armadilhas minadas. O emprego do “coquetel Molotov” foi uma das características desses homens. Depois de estreitarem contatos com os encarregados das fábricas e membros do Partido Comunista em Stalingrado, os sapadores mapearam os esgotos e passaram a utilizá-los para transitar pela cidade. Os soviéticos organizaram verdadeiras avenidas no subsolo de Stalingrado, causando surpresa e pânico nas linhas inimigas.

Os sapadores foram ágeis e precisos nas ações de explosão e demolição de imóveis ocupados pelos alemães. Desenvolveram técnicas de aproximação dessas fortificações, assim como o talento de trabalhar de forma silenciosa a não despertar o inimigo, que era constantemente surpreendido com explosões que destruíam por completo o imóvel que ocupava. A Engenharia de combate também foi responsável em construir abrigos e de operacionalizar as barças que atravessavam o Volga sob forte fogo alemão, trazendo reforços e suprimentos da margem oriental.

O general soviético Andrei Talansky afirmou que a última e mais importante tentativa dos nazistas para furar o cerco de Stalingrado foi em outubro de 1942¹⁰. As novas táticas soviéticas impediram os nazistas de fazerem maciças investidas de choque frontal. Os nazistas ficaram sem espaços para manobras de flanco e seus blindados só operavam em pequenos grupos. A existência de grandes concentrações de armas antitanques estabelecidas a partir de uma rede densa de atiradores bem protegidos, inviabilizou por completos a Blitzkrieg em Stalingrado.

Encurtando a Distância

Os soviéticos sofreram enormes baixas devido ao domínio que os nazistas tinham dos céus sobre Stalingrado. Para superar esse problema, mais uma vez os soviéticos tiveram que inovar para vencer. Tchuikov ordenou que a defesa em profundidade (mesmo

¹⁰ Werth, A. (2015). Stalingrado 1942 – Início do Fim da Alemanha Nazista. São Paulo: Editora Contexto.. P. 15.



sendo em espaço geográfico pequeno, recebeu essa denominação por conter várias linhas de defesa), utilizada em Stalingrado, deveria ser mais próxima possível da linha de frente nazista (aproximadamente 50 metros). Dessa maneira, ele neutralizou os ataques aéreos e de artilharia dos nazistas, já que a proximidade comprometia os alemães também.

Para compensar a falta de volume de fogo antiaéreo, os artilheiros passaram a estudar o comportamento dos aviadores nazistas. Foi então que passaram a marcar o momento em que os caças mergulhavam para lançar suas bombas, sempre próximo de 4.000 metros. Nessa hora, eles atiravam no avião quando ele estava entrando e saindo do mergulho, marcando assim um ponto fixo de tiro. Dessa forma, passaram a causar baixas significativas nas aeronaves nazistas¹¹. Até mesmo os fuzis anticarros PTRD-41 e PTRS-41 foram improvisados em bipés e usados contra os aviões da Luftwaffe.

A engenhosidade soviética prestou atenção à guerra psicológica. Para aumentar a perturbação aos invasores, os grupos de assalto passaram a agir também durante a noite e sem preparação artilheira, para não comprometer a surpresa da ação. Esses ataques noturnos evitavam os aviões inimigos e neles os soldados soviéticos faziam uso de grande quantidade de explosivos, a fim de aumentar o efeito destrutivo, provocando assim grande terror. Esses ataques noturnos visavam as unidades nazistas da linha de frente, onde a pressão era maior. A privação ao sono e o medo da morte, causaram terríveis desequilíbrios emocionais aos alemães. Esses ataques as vezes se estendiam por dias seguidos à mesma posição inimiga.

Outra ação sistemática dos soviéticos que teve grande repercussão em Stalingrado foi a ação dos atiradores de elite. Esses homens e mulheres possuíam grande habilidade de atacar furtivamente e se retirar sem deixar rastros. Eles eliminaram centenas de nazistas, fazendo dos escombros de Stalingrado seu habitat.

¹¹ Battle Of Stalingrad (July 17, 1942 – February 2, 1943): In Pictures. Illustrated History: Relive The Times: Images Of War, History, WW2. URL: <https://incredibleimages4u.blogspot.com.br/2011/02/battle-stalingrad-daily-day-reports.html>. Acessado em 3/4/2018



Atacavam preferencialmente oficiais, operadores de rádio, médicos, enfermeiros, maqueiros e homens do rancho. Esses atiradores fizeram com que o sentimento de insegurança aumentasse nas linhas de frente alemãs quando os combates se efetivaram na parte central da cidade. Entres todos os atiradores de elite soviéticos que atuaram em Stalingrado, Vasily Ivanovich Zaitsev foi o mais famoso, com 149 baixas.

A Vitória

A partir da última semana de novembro de 1942, o sentimento de medo, frio e fome dominou os alemães – o inverno chegou junto com um contra-ataque vigoroso dos soviéticos, que acumularam durante todo esse tempo enormes reservas na margem oriental do Volga, em segredo. A ação soviética acarretou no famoso movimento de pinças, onde todo o 6º Exército Alemão foi cercado, criando um grande bolsão de tropas nazistas encurraladas e sem a menor possibilidade de apoio externo.

As ações soviéticas se avolumaram a partir de dezembro de 1942 com unidades novas, entrando em ação no centro de Stalingrado. O Exército Vermelho foi paulatinamente varrendo os alemães, que já não tinham capacidade de reação devido à falta de munições e víveres. A incapacidade da força aérea alemã em abastecer os seus soldados e a impossibilidade de rompimento do cerco contribuíram para combalir a moral combativa dos nazistas. As baixas foram se avolumando na proporção que os soviéticos avançavam. Em janeiro de 1943, o bolsão onde os nazistas estavam cercados foi dividido ao meio pelos soviéticos, piorando a capacidade de comunicação entre as unidades nazistas.

No dia 31 de janeiro, em estado apoplético, o marechal-de-campo Frederich Paulus se rendeu com o seu destroçado 6º Exército Alemão. Os combates duraram até o dia 2 de fevereiro, quando o XI Corpo do 6º Exército finalmente se rendeu também. Cerca de 90.000 nazistas foram capturados vivos nesse momento. A maioria encontrava-se em estado crítico de saúde física e mental, muitos não conseguiam mais andar. A vitória histórica dos soviéticos em Stalingrado foi um dos mais importantes capítulos da história da Segunda Guerra Mundial e um marco para a história militar.



Referências

- Minasián, M. (1975). La Gran Guerra Patria de La Unión Soviética. Moscú: Editorial Progreso.
- Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho – Os Segredos da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Tchuiikov, V. I. (1966). A Batalha de Stalingrado. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- Werth, A. (2015). Stalingrado 1942 – Início do Fim da Alemanha Nazista. São Paulo: Editora Contexto.

Internet

- Battle Of Stalingrad (July 17, 1942 – February 2, 1943). In Pictures. Illustrated History: Relive The Times: Images Of War, History, WW2. <https://incredibleimages4u.blogspot.com.br/2011/02/battle-stalingrad-daily-day-reports.html>
- 'Eliminou pessoalmente mais de 90 alemães': relatórios de Stalingrado são revelados. (2018, February 3). Sputnik. <https://br.sputniknews.com/russia/2018020310438220-batalha-stalingrado-documentos-secretos-revelados>

NÃO HÁ TERRA DEPOIS DO VOLGA (A Batalha de Stalingrado)

Ivan Cavalcante Proença

*Professor Mestre e Doutor em Literatura, pesquisador
e ensaísta*



Dedico este trabalho aos que hoje, no Brasil, resistem
à invasão do Poder Econômico, ao golpismo e ao entreguismo.

Talvez o livro mais importante e informativo sobre a Batalha de Stalingrado, que deu início à derrota do Eixo na 2ª Grande Guerra, seja o do Marechal Vasili Ivanovitch Tchouikov, comandante das tropas soviéticas, à testa do 62º Exército a partir de 2 de setembro de 1942. Seu livro, exato A Batalha de Stalingrado, o original, foi lançado em 1959, sendo ampliado e reeditado em 1962. Em 1963, é lançada a edição em inglês The Beginning of the Road (Mac Gibbon Kell), com tradução de Harold Silver. O livro constitui roteiro e fonte permanente para este nosso ensaio. Em 1966, Ênio Silveira, o saudoso e notável intelectual, à testa da sua Editora Civilização, me contrata para traduzir o livro para o português, já que resolvera editá-lo no Brasil (1). Hoje, a Editora pertence à Record (2). Em 2015, 70 anos após fim da 2ª Grande Guerra, editoras e amigos pretendiam reeditar o livro “adormecido” por quase meio século. Contatei a Editora: se iam reeditá-lo ou, caso contrário, se podiam liberar para edição. Sem resposta. E agora, em 2017, renovados os interesses, voltei a contatá-los e, quando solicitei uma resposta, obtive: “não localizamos o contrato, algum documento”. No livro consta: “direitos da tradução pertencem à Editora Civilização”. Agora, Record. Comuniquei aos interessados em editar o livro. Fim.

A cidade Stalingrado hoje, desde 1961, se chama Volgogrado (outrora Tsaritsyn). Às margens do Volga e ao sul (ou abaixo) do Rio Don, os combates se desenvolveram entre os dois rios, particularmente entre um “cotovelo” do Don e o Volga, sendo que numa faixa de 200 a 1500 metros de profundidade ocorreram os mais sangrentos confrontos entre as tropas de Von Paulus e as de Tchouikov. O livro nos oferece os mais detalhados



mapas das operações de guerra entre os dois Exércitos, bem como fotos de época, ainda nítidas, em que se flagram os combatentes em ação.

Cabe lembrar que a Luftwaffe mantinha bombardeio intenso sobre as linhas de defesa soviéticas e sobre o centro industrial de Stalingrado. Houve ocasiões em que unidades de Infantaria, confrontandose, ficaram à distância de 40 metros entre uma e outra. Os soviéticos, em movimentos contínuos, recuavam e contra-atacavam. Em função do “momento”, não raro improvisando, os soviéticos criaram os chamados “grupos de assalto”: efetivos reduzidos, mas ágeis e surpreendentes, bem municiados, que atacavam, inclusive pelos flancos, a vanguarda inimiga. À margem esquerda do Don, atuava a artilharia soviética e na margem direita, na curva do rio, as temidas e eficientíssimas ‘Katyusha’, lançadores de foguetes, que compunham a estratégia de bloquear e retardar o avanço inimigo na direção de Stalingrado. E sempre se acautelando diante dos blocos de gelo que, na forte correnteza, destruíam o que aparecia à sua frente.

O cenário de combate mais próximo da área urbana ocorria de vila em vila, de rua em rua, praça em praça, de casa em casa, de fábrica em fábrica. As vinte e oito divisões de Von Paulus não conseguiram ocupar a cidade, em sucessivos ataques, até o final de 1942 e início de 1943. Os brados “morte ao invasor alemão”, em estímulo, ouviamse constantemente ao longo dos mais violentos combates. E continuaram a ser ouvidos mesmo quando os tanques (carros de combate) soviéticos (3) marcharam em direção a Berlim e ali chegaram consolidando a vitória.

A VERDADE SOBRE A DEFLAGRAÇÃO

A grande farsa, endossada pelas potências envolvidas no conflito, e alardeada por Churchill, afirma que a guerra surgiu porque alemães e soviéticos pretendiam a “4ª partilha da Polônia” e o perigo vermelho era ameaça permanente aos países ocidentais. Acontece que, em 1935, a União Soviética assinara um pacto de assistência mútua com a França e a Tchecoslováquia. E envia tropas à Espanha para combater o General Franco na Guerra Civil Espanhola (de 1936 a 1939). Mas, eis que, em Munique, 1938, ocorreu um acordo entre França, Reino



Soldados soviéticos em Stalingrado

Unido e Itália, que recusava ajuda militar à Tchecoslováquia como propusera a União Soviética. Os governos britânico e francês, com aval dos Estados Unidos, concordaram com a entrega dos Sudetos da Tchecoslováquia à Alemanha (conquanto todos rivais entre si na disputa de mercado): era o capitalismo monopolista unindo-se contra o Estado Socialista, excluído dos novos acordos. Tudo resultava, afinal, na colaboração à militarização da Alemanha, favorecendo-lhe produção em larga escala na indústria pesada armamentista, com vistas a uma grande guerra. O curioso é que, nesse emaranhado, em 1939, enquanto a França e Grã-Bretanha pareciam negociar com a União Soviética com vistas a protegerem-se, em parte por causa de uma possível agressão nazista (após aquelas “contribuições” citadas, e crescimento “eufórico” de poder alemão), por outro lado também tramavam com Hitler uma “partilha do mundo”, não se opondo à invasão alemã na União Soviética. Foi então que a União Soviética resolveu testar aquela aliança com a França e os britânicos, alertando que só poderia enfrentar a Alemanha se, obviamente, obtivesse o consentimento para cruzar o território da Polónia. Aconteceu que França, Grã-Bretanha e Polónia sequer responderam à solicitação-teste dos soviéticos. Ficou claro que deixavam a União Soviética “à disposição” dos alemães. Assim, aos soviéticos só restou, em malabarismo diplomático e estratégico, aceitar a ardilosa proposta da missão diplomática alemã (agosto de 1939) por um pacto de não agressão. Isto fez sucumbir a planejada (e em marcha) união com os fascistas, tão desejada pelos imperialistas (americanos, britânicos e franceses). Evidências de que o governo de Chamberlain (v. Munique) fizera dupla negociação. Trapaça. O governo britânico se prontifica a entregar a Polónia aos nazistas. A 1º de setembro de 1939 a Alemanha invade a Polónia.

A União Soviética não podia ficar alheia ao cenário de guerra. Ucrânia e Bielorrússia ocidentais estavam ameaçadas, já que haviam sido ocupadas pela Polónia em 1920. Era inevitável, e necessário, o enfrentamento para criar uma “frente oriental” contra a agressão alemã (há o pacto de paz entre URSS e Japão em conflito na Manchúria). Generais nazistas, por sua vez, fiéis a Hitler, não se sensibilizaram (ou sabiam-no uma farsa) com o acordo de não agressão com a União Soviética. O general Westphal afirmava considerar a URSS uma



ameaça à Alemanha, “perigo vermelho vindo do Leste”; o coronel-general Helder, em seu diário, escreve “A Rússia deve ser destruída, prazo fatal – a primavera de 1941”. Também sucumbe, então, o mito de “guerra preventiva” como alardeado por reacionários, conservadores e ou simpatizantes do nazismo, ao defenderem ou justificarem as sucessivas agressões bélicas comandadas por Hitler.

A invasão da União Soviética, em junho de 1941, se deu em três frentes, já que o Exército Alemão se proclamava o mais poderoso do mundo: Leningrado (hoje, São Petersburgo), Moscou e Ucrânia; a vizinha Finlândia, hostil e em conflito com a União Soviética, favorecia a frente alemã em Leningrado. A partir dos ataques, logo uma cadeia de rádio, comandada por Stalin, conclamava o povo à resistência. Leningrado logo foi sitiada, ocorrendo grandes perdas de contingentes, aviões e tanques soviéticos, além de prisioneiros feitos pelos alemães. Também sitiaram a Ucrânia e logo chegavam a 50 km de Moscou. Cada vez mais a cadeia de rádio atuava (e os panfletos circulavam) apesar do contexto desfavorável: sempre proclamando “morte ao invasor alemão” e “viva a Rússia gloriosa, livre, independente”. Acontece, então, um dos primeiros êxitos das tropas soviéticas: o general Georgi Zhukov obriga os alemães a uma retirada de 150 km. Cabe lembrar que, ao longo de suas conquistas, os alemães executaram sumariamente a população urbana, considerando-os raça inferior, por serem judeus ou eslavos. Cada vitória soviética era júbilo para os combatentes e comemoração emocionante para os sobreviventes.

AOS SOVIÉTICOS O QUE É DOS SOVIÉTICOS

Inúmeras falsas versões, mentiras acadêmicas, jornalísticas, bibliográficas, etc, tentam esvaziar a heroicidade, a epicidade e a bravura das tropas e do povo soviético em Stalingrado, ao longo dos combates que envolveram a região e que, afinal, resultaram na vitória esmagadora da União Soviética, ocasionando a derrocada da invasão do Eixo aos países europeus. Ainda, sempre a ressaltar, o “aproveitamento do êxito” dos exércitos soviéticos perseguindo, e aniquilando as tropas inimigas em retirada, na jornada até Berlim. Há episódios líricos, épicos e dramáticos ao longo da participação decisiva da União Soviética na 2ª Grande Guerra, como vou destacar, e comentar, em tópicos ao final do ensaio.



“Além do Volga, não há terra para nós” – a inscrição no monumento-conjunto “Aos Heróis da Batalha de Stalingrado”



Claro que os aliados foram eficazes e vitoriosos em suas operações em tantas outras frentes, como África do Norte, Mediterrâneo, Pacífico, o enfrentamento do Japão, após Pearl-Harbour (4): bravura e heroicidade, sim. Mas não falseiem a história diante da epopeia em que consistiu, por exemplo a (decisiva) Batalha de Stalingrado. Famosos livros sobre a 2ª Grande Guerra, de autoria de Churchill (Memórias), de S. E. Morrison, do general Fullor, do general Bradley, e tantos outros, discriminam, ignoram ou transfiguram a realidade da atuação da União Soviética ao longo dos conflitos. Minimizam a importância da Batalha de Stalingrado. Os filmes de guerra produzidos por Hollywood, superproduções esplendorosas e plenas de efeitos, idem ignoram a participação, inclusive de outras nações, junto às duas grandes (EUA e Inglaterra) potências aliadas, com predominância dos Estados Unidos em todas as frentes. A FEB e o Grupo de Caça “Senta a Pua” que o digam. Missões difíceis, condições precárias, clima (para nós) inóspito, inimigo experiente e com vasto poder bélico. Nossos pracinhas e aviadores escreveram páginas eternas de heroísmo e cumprimento do dever. Nada,



rigorosamente nada, em filmes americanos ou ingleses e pouquíssimo em bibliografia (exceto documentário sobre o Senta a Pua e um filme nosso, pobre, mas revelador e autêntico, A Estrada 47, do Diretor Vicente Ferraz).

Em geral, atribuem a vitória da União Soviética em Stalingrado aos “erros de operação” dos generais nazistas, ou ao desastroso comando tático de Hitler (assumira, de fato, o comando da guerra), ao clima, à neve, às estradas intransitáveis. Isto é, só para os alemães; para os soviéticos que ali combateram e transitaram, e recuaram e contra-atacaram e os perseguiram até Berlim, não. Os invencíveis guerreiros, os mestres em estratégia e tática, generais e comandos militares alemães, o inacreditável efetivo pleno das tropas alemães, a temida força aérea, a artilharia alemã... onde estavam? Ora, 65 a 70% das Forças Armadas do Eixo ali combatiam. Só nos contra-ataques soviéticos, e na região do Don, entre novembro de 1942 e fevereiro de 1943, foram destruídas 32 divisões e 3 brigadas dos alemães e seus satélites. Até 1º de julho de 1943, os alemães perderam quase 4 milhões de homens; um ano depois haviam perdido 6 milhões e meio na frente de batalha em geral, diante da União Soviética. O plano de Hitler para a invasão do território soviético se chamava “Operação Barbarossa”: Ao fim, no total, resultou em 1024 divisões empregadas no conflito, 314 completamente destruídas ou aprisionadas, e 606 divisões perdendo entre 50 e 75% de seus efetivos em combate com os soviéticos. Tal guerra durou quase 3 anos.

Churchill, Fuller e Montgomery alegam que a Batalha de El Alamein e o desembarque dos americanos em Marrocos e na Argélia é que mudaram o rumo da guerra. Mas o general Zeitzler, chefe do Estado Maior Alemão, declarou que alertou Hitler sobre o risco de atacar Stalingrado, mas não foi atendido, portanto conclui: “Stalingrado foi a reviravolta de toda a guerra”, o que afirma também o major-general do Exército Nazista Van Doerr (autor de Campanha de Stalingrado).

Na verdade, sempre prevaleceu a ânsia de conquista do poder, acoplada à “purificação e melhoria das raças”, manifestações típicas de um misto de deformação ideológica e de caráter, da “ânsia de posse” capitalista, de algum tipo de patologia e ou “desvio de conduta”, levando as lideranças nazifascistas às barbaridades de uma guerra,

ora (no caso de Stalingrado) visando chegar ao petróleo no Cáucaso, ora visando à destruição do parque industrial soviético, livrandose do “perigo vermelho”, tudo sempre acoplado ao extermínio sumário dos judeus, ao Holocausto, hoje desgraçadamente posto em dúvida e/ou justificado por grupos que tentam reestruturar o nazifascismo, sob diferentes e disfarçadas nuances. A elite dominante, a prevalência da brutal diferença de classes sociais e aquela (e sempre) “ânsia de posse” se manifestam sob diversas formas: golpes é uma delas. O Poder Econômico exige golpes e entreguismo. O Brasil, e parte da América Latina libertária, estão sob o domínio dessa avalanche (organizada).

OS FRANCO ATIRADORES, AS MULHERES, OS JOVENS: DEVER CUMPRIDO

Os franco-atiradores, exato porque a luta se desenvolveu, como lembramos, casa a casa, fábrica a fábrica, praça a praça, tiveram papel fundamental na vitória soviética. E cabe destacar Viktor Medred, Anatoli Tchechov e, principalmente, Vasili Zaitsev (história retratada em filme). O capítulo que detalha a ação de Vasili é antológico. O limite de páginas me contém e fico na esperança de reedição deste notável livro para que os leitores venham a conhecer em detalhes a atuação dos franco-atiradores.

As Mulheres

Bela homenagem presta o marechal Tchuikov às mulheres russas, por sua bravura e constante atuação nas frentes de batalhas às margens do Volga: enfermeiras, médicas, rádio-operadoras, ou como artilheiras antiaéreas, pilotos ou comandando os barcos blindados no Volga: quase todas voluntárias, alistandose nas Forças Armadas. Capítulo importante do livro, inclusive quando narra a “exigência” das combatentes no sentido de voltar à frente, de combate, quando necessária a retração diante da superioridade inimiga.

Os Jovens

Muitas unidades do Exército se compunham de membros do Komsomol, isto é, jovens soldados e oficiais, que defendiam Stalingrado. Exemplo, a 37ª Divisão dos Guardas contava com mais



de 8000 comandos Komsomol. De um desses jovens, enfrentando o inimigo pouco antes de ser abatido, partiu o conhecido brado “Nem um passo para trás, camaradas!” Após o combate, no bolso de seu uniforme, um trecho do bilhete “Minha promessa”: “Não recuarei em batalha. Que amigos e inimigos o saibam”. Orgulho de possuir os Cartões do Komsomol, que simbolizavam os famosos “Grupos de assalto” soviéticos.

LÍRICO – ÉPICO – DRAMÁTICO

Para concluir, cabe lembrar três acontecidos fundamentais para a grande vitória. E todos revelam que, não raro, diante da realidade, fracassam teorias de planejamentos de gabinete ou obsessivo apego às normas e hierarquias. Isto é, para combates encarniçados e avassaladores, não há modelos de conduta. Fatores inusitados, envolvidos em sensibilidade, denodo, confiança e consciência crítica podem vir à tona e mudar previsões e alterar possíveis fatos consumados.

– Quando as tropas do inimigo, experientes, efetivos imensos, armamento, artilharia e aviação poderosos estavam prestes a conquistar Stalingrado, e eis que, bloqueando a rendição ou o recuo definitivo, um lema, uma espécie de sentença-guia surge e percorre todas as frentes de resistência: “Não há terra para além do Volga”. Isto é, não há hipótese de fuga diante do inimigo. E se deu a resistência. E a vitória.

– Lembrese a atuação de Vasili Zaitsev diante do mais hábil, experiente e chefe dos franco-atiradores alemães, especialista nesse tipo de confronto. O momento, a expectativa, o suspense do encontro entre os dois fatalmente ocorreria, o major Konings chegara de Berlim com a missão específica: matar Vasili. A descrição do combate é plena de epicidade. E a vitória de Vasili, arrematada com a seguinte conclusão que ele próprio confessa: “Não pode haver esquema para um franco-atirador. Esquema seria suicídio”. O instante determina a ação.

– A 7 de novembro de 1942, a situação era delicada na frente de batalha: ataques permanentes dos alemães, aqueles combates ali junto ao Volga, casa em casa, praça em praça. Surge, então, uma Ordem do Dia vinda do comando geral, autenticada por Stalin visando



ao contra-ataque intenso soviético. Logo a Ordem se espalhou, de toda a forma, entre os combatentes, por escrito e verbalmente. Expliquese: era comum entre os camponeses (maioria da população russa), a título de recobrar o ânimo e a felicidade (após algum grande contratempo) dizer, gritar, proclamar uma frase deflagradora de ânimo e ação. E a frase e a festa recuperavam esperança do povo. Foi esta a Ordem do Dia de que se valeram os comandos: “Também haverá festa na nossa rua”. Isto é, chegou a nossa vez de sermos felizes. E foram.

Notas

1 – Eu raramente estivera antes com Ênio. Sabia de sua posição política diante do golpe militar e civil, de sua coragem e seu desprendimento. Havia um grupo de intelectuais, meu pai inclusivíssimo (v. Revista da Civilização Brasileira), em permanente contato com Ênio, um círculo de amizades e identidades ideológicas. “Caiu-me do céu” o convite para traduzir o livro, já que, saído da prisão, e cassado, as perseguições se intensificavam e também a vigilância (por vezes ridícula) no sentido, inclusive, de controlar-me a busca de uma nova profissão. Tempos muito complicados.

2 – No rodapé do livro o esclarecimento: a palavra tanque era usada para significar carros de combate. Foi criada pelos ingleses para iludir o serviço secreto alemão: thanks.

3 – Conheci Pearl Harbour em visita ao Havaí e vi “amostras” do bombardeio-surpresa dos japoneses. E há pouco, em 2017, fiz o roteiro Leste-Europeu, em áreas de combate da 2ª G.G., Budapeste – Praga – Cracóvia. Da Cracóvia fui a Auschwitz, o mais horrendo dos centros de extermínio promovido pela barbárie nazista. Um ano antes fiz o trajeto Finlândia – São Petersburgo – Moscou.

O TRATADO DE NÃO AGRESSÃO ENTRE URSS E ALEMANHA: A CHAVE DA VITÓRIA SOVIÉTICA

Luis Eduardo Mergulhão Ruas
Doutor em História Política pela UERJ



A Revolução Soviética e o Avanço do Nazi-Fascismo

Toda a História da URSS (1922–1991), país composto por diversas nações surgido com a revolução de 1917, foi alvo de visões preconceituosas e maniqueístas claramente provocadas tanto pela opção socialista. A denominada Guerra Fria aprofundou ainda mais esse quadro, pois o país mostrara toda sua política econômica e militar ao liderar o bloco socialista, se tornando o inimigo principal do Ocidente capitalista liderado pelos EUA. Um dos momentos dessa história, talvez tão criticado quanto a vitória bolchevique – que buscou iniciar a construção de uma nova sociedade capaz de superar a lógica do capital – foi a assinatura do Tratado de Não Agressão entre a Alemanha Nazista e a URSS, conhecido como Pacto Germano Soviético.

Predominam, tanto nos livros didáticos quanto em obras de maior pretensão analítica, reflexões baseadas em um anticomunismo rasteiro, quando não uma visão liberal, sob o manto do muito vago e ineficaz, porém amplamente divulgado, conceito de totalitarismo, que na verdade pouco contribui para percepção dos elementos centrais daquele contexto histórico, como as contradições entre os Estados capitalistas fascistas e liberais e as suas posições diante da incômoda presença do socialismo. Conhecido também por Pacto Molotov – Ribbentrop, referência aos dirigentes russo e alemão signatários do documento, foi finalizado em 23 de agosto de 1939 sendo estereotipado por muitos setores de direita como símbolo da “traição soviética diante das democracias ocidentais” e a “comprovação da semelhança entre dois ditadores e regimes totalitários”.



Essa mesma indústria antissoviética, que não cessou de existir nem mesmo com o fim do próprio país em 1991, para se apresentar como neutra e democrática, sempre deu espaços a alguns grupos de esquerda que reforçam tal crítica, seja através de uma repetição de paradigmas liberais, sendo o pacto a demonstração do que seria capaz o “totalitarismo stalinista” ou com o reiterado argumento esquerdista da “traição da URSS e de Stalin a revolução mundial”. Essas afirmações não se sustentam a partir de uma análise básica e sintética do contexto da época, capaz de nos fazer entender a complexidade da realidade europeia e mundial, as contradições entre os seus principais protagonistas, notadamente o governo soviético, sendo esse o objetivo das linhas que se seguem.

De imediato, é fundamental salientarmos a importância da revolução socialista soviética de outubro/novembro de 1917 na Rússia – um marco fundamental para toda a humanidade. Um governo de trabalhadores apoiado nos soviets, formado a partir da destruição do Estado burguês, tendo como base a construção de novas relações econômicas e sociais a partir da superação da propriedade privada dos principais meios de produção, objetivando a formação de uma sociedade sem classes e sem Estado, o comunismo. Resultante das contradições da sociedade russa, a dimensão universalizante da revolução soviética foi inegável, tendo inaugurado uma nova fase do conflito capital e trabalho, fortalecido o movimento operário e socialista, fazendo surgir uma nova forma de organização partidária, os partidos comunistas, e auxiliado na construção de um novo polo capaz de aglutinar a luta pela revolução socialista mundial: a III Internacional (Komintern), criada em 1919. Sendo vista pelas classes dominantes capitalistas como um crime imperdoável e algo exótico frente “as leis naturais da humanidade”, nunca o socialismo soviético teve a paz necessária para desenvolver sua ousada proposta de sociedade.

Desde o início, as burguesias de todos os países buscaram sufocar a experiência anticapitalista, promovendo intervenções militares diretas, o cerco econômico e a contrarrevolução interna. Foi assim que a jovem Rússia Soviética enfrentou uma guerra civil movida pela burguesia russa e a ainda resistente nobreza czarista, somada à intervenção estrangeira de catorze países. As vitórias do Exército



Vermelho soviético sobre o Exército Branco mostraram o apoio de soldados, operários e camponeses ao novo regime, porém a dura Guerra Civil (1918–1921) e a Paz de Brest Litovsk (1918) com a Alemanha – em guerra contra a Rússia desde 1914 – tiveram o preço amargo da perda de vários territórios como Ucrânia, Bielorrússia, Lituânia, Letônia, Estônia, etc., correspondendo a um terço do seu território e cinquenta por cento de sua produção industrial.

Fundamental salientarmos as perdas territoriais russas relacionadas a Polônia, país central na geopolítica dos anos 30 e diretamente relacionada ao Tratado de Não Agressão de 1939. Deixando de existir em 1750, a Polônia voltara a ser um Estado nacional com as negociações do Tratado de Versalhes (1918), adquirindo terras até então pertencentes à Rússia e à Alemanha. Os limites foram estabelecidos de forma negociada entre os países, sendo que um representante do governo inglês, o general Curzon, estabeleceu uma divisão territorial a leste que passou a ser conhecida como linha Curzon, que não satisfiz o governo polonês. Desejando ampliar seu território para o Oriente, a Polônia acabou por envolver-se nos conflitos entre a Rússia Soviética e demais países, e seu exército entrou em guerra contra o Exército Vermelho, que buscava manter os limites do Império Russo e ampliar a adesão desses territórios ao socialismo soviético. As tropas polonesas comandadas por Pilsudsky, mais tarde se aproximando do fascismo e se tornando ditador, foram vitoriosas, com os bolcheviques assinando o Tratado de Riga em 1922, estabelecendo limites que desrespeitavam a linha Curzon, portanto ganhando territórios mais a leste pertencentes a Rússia que deveriam fazer então parte da URSS, criada neste mesmo ano.

A necessidade de sobrevivência do socialismo na URSS, em meio a um quadro de destruição e cerco econômico, assumiu importante centralidade, principalmente com a derrota das diversas tentativas de revolução em outros países. A defesa do primeiro país socialista era um princípio fundamental não só para os dirigentes soviéticos mas por todos os partidos que defendiam aquela forma de revolução e construção do socialismo, também estruturados à semelhança do partido bolchevique, visto a época como um dos elementos universais da revolução soviética. Os partidos comunistas, portanto, filiados à III Internacional ou Internacional Comunista (Komintern), tinham



clareza que manter a URSS viva assumia um caráter estratégico para a revolução mundial e também se dispunham a cerrar fileiras para a sobrevivência e desenvolvimento do socialismo no país – tarefa tão fundamental como a revolução nos seus próprios países. O governo soviético também via como estratégico o apoio às lutas do proletariado em todo o mundo rumo a outras revoluções e os movimentos de descolonização, para superar seu isolamento, sendo formado a médio prazo um bloco anti-imperialista e socialista.

Havia, portanto, uma relação mútua e complementar entre a URSS e o movimento comunista, a manutenção e construção do socialismo soviético e o desenvolvimento da revolução mundial através da III Internacional, que tinha como principal partido o bolchevique, o mesmo que dirigia o Estado soviético. Ao mesmo tempo, o governo soviético buscava construir uma política de estado ampla, capaz de estabelecer relações comerciais e diplomáticas com outros países. Por diversas vezes essa complexa situação foi tratada por setores da burguesia de forma propagandística e hipócrita, como se os grandes monopólios presentes nos governos de cada país capitalista também não lutassem pela hegemonia mundial, realizassem encontros permanentes para ampliar seus lucros, buscando também destruir o socialismo soviético para tentar minar qualquer tentativa da URSS ampliar suas relações comerciais e diplomáticas.

Mesmo diante de todas as pressões econômicas e chantagens, o avanço das relações comerciais e diplomáticas com países capitalistas foi sendo construído lentamente, ao mesmo tempo que a URSS buscava um desenvolvimento industrial acentuado com base nos planos quinquenais que compunham uma economia planificada e dirigida de forma centralizada pelo Estado Soviético. A tentativa de industrialização acelerada era apresentada como fundamental para o avanço das forças produtivas e a criação das bases materiais para o desenvolvimento do do socialismo, sendo também fundamental para o país soviético se libertar de qualquer tipo de pressão dos governos burgueses diminuindo sua dependência externa, deixando de ser um possível refém das crises cíclicas que atingiam o mercado capitalista. Por outro lado, a ênfase no estabelecimento de relações comerciais com países capitalistas era momentaneamente importante enquanto esse novo patamar de suas forças produtivas



não fosse atingido ou surgissem outros países socialistas no mundo que pudessem estabelecer com ela relações diferenciadas, ditadas por uma outra lógica. Esses esforços de maneira alguma evitavam os imensos antagonismos entre os dois sistemas bem distintos, sendo claro para o governo soviético que certamente os países capitalistas poderiam mudar de tática, passando para a ofensiva até militar, eliminando o “vírus socialista” que crescia e se espalhava, com a URSS se tornando um exemplo para trabalhadores de outros países. Vejamos o alerta do líder soviético Stalin nos anos vinte, ressaltando a possibilidade futura de uma nova intervenção contra a URSS e a necessidade da revolução mundial.

“Podemos e devemos construir a sociedade socialista no nosso país. Mas podese chamar a esta vitória total e definitiva? Não, não se pode chamar. Podemos vencer os nossos capitalistas, construir o socialismo, e estamos em condições de o construir, mas isto ainda não significa que estamos em condições de preservar o país da ditadura do proletariado da ameaça externa, da ameaça da intervenção e, relacionada com ela, da restauração, do restabelecimento da velha ordem. Não vivemos numa ilha. Vivemos no cerco capitalista <...>. Pensar que o mundo capitalista pode olhar com indiferença para os nossos êxitos na frente económica, êxitos que revolucionam a classe operária mundial - isso significa cair na ilusão <...>. Para vencer definitivamente é preciso conseguir que o atual cerco capitalista seja substituído pelo cerco socialista <...>”.

Stáline, I. V. (1926). Sobre o desvio social-democrata no nosso partido, XV Conferência de Toda a Rússia do PCU(b). Obras. T. 8. P. 262-2. (Em Russo).

O Ocidente capitalista, que desde o nascedouro combateu a revolução soviética, não permanecera indiferente ao avanço do movimento operário e o crescimento da alternativa comunista muito antes da existência da III Internacional, salientemos, havendo apenas diferenças entre suas diversas frações sobre que métodos seriam predominantes a cada momento ou como eles poderiam ser combinados. O fascismo italiano e o nazismo alemão surgiram



então como “representantes da ditadura terrorista descarada dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro” (Dimitrov, 1978), uma reação clara ao avanço democrático e socialista promovido pelo movimento operário. A manutenção do socialismo na URSS e o seu exemplo para o mundo provocava a ira dos grandes monopólios e do capital financeiro que passaram a ver com simpatia alternativas políticas críticas da democracia liberal burguesa e das liberdades democráticas, defendendo o restabelecimento de uma ordem política e social rígida, capaz de combater o movimento operário e os partidos de esquerda, unindo a nação diante da “ideia desagregadora da luta de classes”, desenvolvendo o país valorizando aquelas tradições ameaçadas pelo caos social e o avanço bolchevista. O nazi-fascismo tinha, no antisovietismo, o anticomunismo, um dos aspectos centrais da sua orientação política.

Chegando ao poder na Itália e na Alemanha, os nazifascistas foram extremamente funcionais para as burguesias de seus países e para o capital internacional, na medida que reprimiam o movimento operário e os comunistas, subindo o tom das críticas à URSS. Importante salientar que os governos nazifascistas administraram Estados capitalistas, portanto sujeitos à lógica do capital. Tinham também como objetivos novos mercados e territórios até então controlados por outros Estados capitalistas que possuíam regimes democráticos burgueses, mas naturalmente não deixavam de ser imperialistas.

As contradições estavam presentes nas relações entre estes Estados capitalistas, porém todos tinham em comum sua oposição a URSS e ao socialismo, expressadas de uma ou outra forma nos Estados democráticos, conforme fosse o setor da burguesia que estivesse nos seus governos e o momento político, tendo essa diferenciação aparecido também nos finais dos tensos anos trinta, portanto às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939–1945). O temor da URSS era que essas contradições interimperialistas fossem colocadas à margem, havendo um grande acordo com objetivo de destruí-la, visto que simbolizava uma alternativa real ao capitalismo. Essa foi uma das razões para Stalin ter apontado a necessidade de uma industrialização mais acelerada, afinal,



“Retardar o ritmo significa atrasarse. E os ficam para trás são batidos. <...> A história da Rússia antiga consiste, aliás, no facto de ter sido permanentemente batida devido ao seu atraso... Todos a batiam devido ao seu atraso: atraso militar, atraso cultural, atraso administrativo, atraso industrial, atraso agrícola. Batiamna porque era rentável e podiam fazêlo impunemente. Tal é a lei dos exploradores - bater nos atrasados e os fracos. A lei desumana do capitalismo. Estás atrasado, és fraco, quer dizer que não tens razão, que então te podemos bater e subjugar. És poderoso, quer dizer que tens razão, e que é preciso termos cuidado contigo. <...> Estamos 50 a 100 anos atrasados em relação aos países mais avançados. Temos de percorrer esta distância em dez anos. Ou conseguimos fazêlo ou seremos esmagados”.

Stáline, I. V. (1951). Relatório ao XVII Congresso do Partido sobre o trabalho do CC do PCU(b), 24 de janeiro de 1934, ed. cit. Moscovo. T. 13. P. 297. (N. do Ed.).

Havia a necessidade de uma industrialização rápida centralizada sob comando do Estado e o incremento das forças armadas, capazes de desenvolver o país e protegêlo frente ao perigo que o ameaça diante do avanço conservador. O governo soviético percebeu a passividade de França, Inglaterra e os EUA frente ao fortalecimento dos estados nazifascistas desde o desrespeito ao Tratado de Versalhes, com o fortalecimento do exército alemão, a retomada de territórios como a Renânia e o Sartre, a permissividade frente o estreitamento das alianças com o Japão, este também assumindo uma política expansionista e belicista na Ásia, já estando nos anos 30 instalado na Manchúria, tendo como com alvo a Mongólia e toda a Sibéria Oriental, chegando portanto às fronteiras da URSS.

O quadro se tornou dramático a partir da metade dos anos 30, com Abissínia africana ocupada pela Itália em 1935, a assinatura de um pacto entre Japão e Alemanha – o Pacto Anti-Komintern, baseado no mais vulgar antisovietismo, que dele depois participam Itália e outros países da Europa do Leste dominados pelas tropas hitlerianas em



fniais dos anos 30 e governos aliados ao nazi-fascismo. Na Espanha, os falangistas de Franco se levantaram contra República Espanhola, e os Estados capitalistas democráticos seguiram a política de “não intervenção”, mesmo sabendo que Itália e Alemanha contribuíam diretamente com os fascistas espanhóis, enquanto a URSS praticava uma solidariedade internacional militante à República Espanhola e seu governo antifascista no limite do possível, com ajuda material e efetivos.

A ocupação da Áustria foi um marco importante, sendo o primeiro passo para a formação do III Reich idealizado por Hitler a partir da ideia do “espaço vital”. A política externa soviética era de denúncia do avanço nazifascista. Propunha, na Liga das Nações, um sistema de segurança coletiva; com a participação da França e Inglaterra, vendo na política de apaziguamento – caracterizada por tentar equacionar as contradições entre os países através da via diplomática e negociada com o objetivo central de evitar a guerra – um excesso de pragmatismo e tolerância dos governos dos Estados capitalistas democráticos, que na prática não conseguira conter o expansionismo nazifascista e nipônico.

O perigo de isolamento da URSS era real, visto que além da ausência de revoluções socialistas e a ofensiva conservadora simbolizada pelo nazi-fascismo, o governo soviético não conseguia incidir nas contradições que separavam os Estados capitalistas fascistas dos Estados capitalistas democráticos ao propor uma frente antifascista, resultado lógico da sua linha diplomática visando uma política de segurança coletiva. Em 1938, a URSS tinha toda razão em se sentir ameaçada, pois fora colocada de lado na Conferência de Munique, quando a Inglaterra – cujo ministro Chamberlain dissera na volta ao seu país ter garantido a paz com a Alemanha, sendo severamente criticado por Churchill –, e França rifaram a soberania tchecoslovaca, legitimando o expansionismo alemão ao anexar uma área do país denominada os Sudetos, por lá viverem alemães que deveriam ser protegidos pelo III Reich. A URSS, tendo em vista os acordos firmados com este país, deslocou tropas para as fronteiras para uma possível ajuda militar conforme tratado já estabelecido entre os dois países, porém as classes dominantes tchecas, certamente guiadas pelo sentimento anticomunista, não obstante o desprezo no tratamento



oferecido pelos Estados capitalistas democráticos, acabaram por não ajudar a União Soviética. Foi mais um resultado da política de apaziguamento aliado ao antisovietismo.

Em 15 de março de 1939, os alemães quebraram os acordos de Munique e, não satisfeitos com os Sudetos, ocuparam toda a Tchecoslováquia e, posteriormente, o porto de Kalipeda, no Mar Báltico, território pertencente a Lituânia. Churchill, anticomunista declarado, naquela altura talvez já percebesse a falha da tática de Chamberlain em levar a Alemanha à guerra com a URSS, pondo risco todos os interesses geopolíticos ingleses, a ponto de reconhecer posteriormente que tal desprezo a URSS deixara marcas na mente de Stalin. (Churchill, vol. I pág. 104).

Em março de 1939, a Inglaterra de Chamberlain – já signatária de um pacto com a Polónia garantindo sua defesa, com ambos governos ignorando a importância de tal para a URSS, que se oferecera também para defender o país da ameaça nazista – e a França de Daladier finalmente atenderam a uma convocação soviética para conversações, o que poderia finalmente resultar em um já tardio, mas não menos imperioso, pacto de assistência mútua e aliança militar, garantindo a soberania estados fronteiriços à URSS frente a ameaça nazifascista. A Inglaterra rejeitou, justificado que não poderia se comprometer com a defesa dos países Bálticos e a Finlândia, além de acordo significar um “desprezo à Polónia e um sinal de guerra para a Alemanha”. Certamente, mais uma vez, o anticomunismo impedia as frações burguesas presentes no governo dos Estados capitalistas democráticos perceberem a necessidade de compromisso com a URSS, contendo tal prática, na verdade, uma esperança de vê-la sozinha na guerra com a Alemanha Nazista. Como definiu Isaac Deutscher:

“A máxima não escrita de Munique era manter a Rússia fora da Europa. Não apenas as potências grandes e aparentemente grandes do ocidente desejavam excluir a Rússia. Também os governos das pequenas nações, gritaram para o grande urso: ‘fique onde está, fique em sua toca algum tempo antes de Munique, quando os franceses e russos estavam discutindo ações

conjuntas na defesa da Tchecoslováquia, os governos polônês e romeno categoricamente se recusaram a concordar com a passagem das tropas russas para a Tchecoslováquia. Eles negaram ao exército vermelho - e mesmo à força aérea vermelha - o direito de passagem, não simplesmente porque tinham medo do comunismo; eles cortejavam Hitler... Deve ter sido logo após Munique que a ideia de uma nova tentativa de aproximação com a Alemanha tomou forma no pensamento de Stalin...” (Deutscher, 2004. P. 419).

A política soviética era defensiva, de oposição à guerra ou, se ela fosse inevitável como parecia, quanto mais fosse protelada sua participação em qualquer conflito melhor seria para sua defesa. O antisovietismo impedia a formação de uma frente antifascista, e o governo soviético temia um combate solitário com a Alemanha, sendo que não era impossível o apoio, tácito ou não, dos Estados capitalistas democráticos a Hitler e ainda ter que lutar em duas frentes, em face do expansionismo japonês na Ásia. Era uma necessidade de Estado para o governo soviético procurar algum atalho para que se afastasse da guerra imperialista e protegesse suas fronteiras de qualquer ataque.

A diplomacia alemã, orientada pelo governo nazista, também buscava mover suas peças nesse complexo tabuleiro europeu e também necessitava continuar operando a sua máquina de guerra, conquistar territórios, justamente para manter os índices de desenvolvimento que alcançara desde metade dos anos 30. O objetivo continuava sendo a exploração das terras férteis, os campos de petróleo e os minérios soviéticos, como a submissão dos eslavos e o fim da experiência “judaico-bolchevique”, aliás já presentes nos primeiros discursos nazistas dos anos 20.

Certamente os monopólios e as frações da burguesia que sustentavam os governos da França e Inglaterra também desejavam o fim da URSS, como Lord Halifax, secretário do governo inglês, tendo chegado a dizer que “...O Führer tinha alcançado um grande feito, <...> tendo destruído o comunismo em seu país, ele tinha barrado o caminho dele para a Europa Ocidental e a Alemanha estava, portanto, capacitada a ser considerada como um baluarte do Ocidente contra



o Bolchevismo” (in Brar, p. 452). Outras frações da burguesia inglesa, certamente também desejosas do fim da URSS, temiam um fortalecimento excessivo da Alemanha Nazista, principalmente se ganhasse sozinha e com facilidade uma guerra contra os soviéticos, dispondo do controle das várias riquezas daquele imenso território. O governo nazista percebia essas nuances e também a situação da URSS e todos os países realizaram interlocuções. Diante desse quadro complexo e nebuloso o governo soviético foi sondado por diplomatas alemães em abril de 1939, ao mesmo tempo que o governo nazista, desenvolvia conversações com o governo inglês entre junho e agosto desse mesmo ano, propondo a manutenção do Império Britânico, desde que fosse respeitada a vontade alemã na Europa Oriental, sendo ressaltada a necessidade de o governo inglês romper as conversações com a URSS, convencendo também o governo Francês à semelhante atitude. Estava claro que o objetivo final do nazismo era a destruição da URSS. Hitler tentava fazer do antibolchevismo elemento de unidade de todos os governos dos Estados capitalistas a todo momento chegando a expressar com impaciência:

“Tudo o que empreendo é voltado para a Rússia. Se o Ocidente é demasiado estúpido e cego para entender isso, serei obrigado a chegar a um entendimento com os russos e derrotar depois o Ocidente, de modo que após a uma derrota eu possa voltar-me contra a União Soviética com todas as forças por mim reunidas” (Hitler, in Losurdo. P. 193).

Em que pese toda a clara e nítida resistência a um acordo da parte dos governos inglês e francês com o governo soviético visando a formação de uma frente antifascista e as conversações iniciais desenvolvidas com representantes diplomáticos alemães, a URSS ainda insistiu em protagonizar uma nova rodada de negociações com os estados capitalistas democráticos. A própria organização das conversações demonstrou toda a má vontade dos governos desses países, desde a demora para a chegada em Moscou até a escalação de negociadores de segundo escalão que nada poderiam resolver. Todo o quadro apontava para o malogro do processo e tal era muito perigoso para a URSS.



Os soviéticos passam a temer como nunca uma guerra em duas frentes sem qualquer apoio das potências ocidentais ou dos EUA, visto que o Exército Vermelho soviético, sob o comando de Júkov, já estava em ação contra tropas japonesas que atacaram a Mongólia, aliada soviética e com ela signatária de um tratado comercial e militar desde maio de 1939.

O governo soviético, frente à necessidade de defesa e também tendo em vista a resistência de vários países em construir uma frente antifascista, começa a desenvolver conversas mais profundas com os representantes do governo alemão. É preciso ressaltar que, mesmo nesse contexto, a tentativa prioritária soviética era uma aliança com os Estados capitalistas democráticos contra o fascismo, porém era inegável que havia certa desesperança nesta linha político-diplomática já desenvolvida há anos. Esse sentimento se aprofundou ainda mais com a ausência de resposta diante da proposta do general Voroshilov sobre a quantidade de tropas francesas e inglesas a serem dispostas caso a Alemanha viesse a atacar a URSS e a negativa o governo polonês em um acordo militar com o governo soviético tendo em vista um ataque alemão. O país socialista estava sozinho e cada vez mais encurralado política e diplomaticamente e o desdobramento da situação do ponto de vista militar era bastante perigoso. Percebendo o nítido avanço militar alemão, que poderia se desdobrar em um ataque a Polônia, e depois seu território, com a possibilidade de sustentar um imenso conflito em duas frentes com a conivência dos Estados capitalistas democráticos, o governo soviético passa a considerar as propostas do governo alemão: a assinatura de um acordo comercial seguido por um tratado de não agressão. Ribentropp, ministro do governo nazista, chegou em Moscou em 23 de agosto e o Tratado de Não-Agressão Germano-Soviético foi assinado.

Com a assinatura do pacto, o governo soviético sustara provisoriamente o ímpeto nazifascista da expansão para o Leste visando a destruição do socialismo soviético, desejo aliás acalentado por setores das burguesias de outros países e uma das explicações mais convincentes do comportamento dúbio de seus governos na construção de uma frente antifascista no continente europeu.

O TRATADO DE NÃO AGRESSÃO ENTRE URSS E ALEMANHA...
Luis Eduardo Mergulhão Ruas



Assinatura do Pacto de Não-Agressão entre a URSS e a Alemanha



I. Ribbentrop e I. V. Stalin depois da assinatura do Pacto de Não-Agressão



A URSS minou uma frente de países imperialistas contra si, capaz de reunir Estados democráticos e fascistas, empurrando as contradições interimperialistas para serem resolvidas pelos próprios países imperialistas, como ganhava territórios na Europa leste visando ampliar sua margem de segurança com o avanço do Exército Vermelho pelos países Bálticos, na Bielorrússia e Ucrânia ocidentais, incorporados lentamente à estrutura de poder soviético, como também parte do território que a Polônia tomara ao desprezar a linha Curzon, estabelecida após a Primeira Guerra. Ganhara um tempo precioso para revigorar suas defesas de forma planejada, reorganizando suas fábricas e suas forças militares. Vejamos como foram criadas essas condições nos anos de vigência do pacto, também carregados de tensões crescentes que levaram sua violação por parte da Alemanha, obrigando a URSS a entrar no conflito mundial para o futuro enfrentamento contra a Alemanha Nazista.

A Paz preparando a Vitória na Guerra

O Tratado de Não Agressão representou um marco nos tensos anos trinta, tendo uma grande repercussão em uma Europa convulsionada pelo avanço do nazi-fascismo. De importância fundamental para a URSS, impedindo um conflito imediato, também provocara um claro desconforto nos signatários do Pacto Anti-Komintern, em virtude do Japão esperar que uma invasão alemã no ano de 1939 dividisse a atenção dos soviéticos, criando a possibilidade de manter suas posições na Mongólia e até ocupar áreas orientais da URSS. Poucos dias depois, em finais de agosto, o Exército Vermelho obtém importante vitória sob comando do general Júkov, finalizando a expulsão das últimas forças japonesas na Mongólia na batalha de Khalkhing Gol.

Os governos dos Estados capitalistas democráticos, hegemonzados por uma visão antisoviética doutrinária, hipocritamente apontaram uma “traição bolchevique”, aproveitando para já destilar toda a ideologia, que mais tarde com a Guerra Fria se tornará comum até por parte de setores de esquerda, da suposta proximidade e até semelhança do fascismo com o comunismo. É preciso ressaltar que o socialismo marxista sempre denunciou as guerras imperialistas e valorizou a paz, sendo esta visão mantida e reforçada pelo governo



soviético tanto por princípio ideológico como pelas circunstâncias concretas em que estava, onde o socialismo estava sendo construído no isolamento, com a ausência de revoluções proletárias vitoriosas em outros países europeus, e o cerco imperialista, agravado pelo avanço da vertente política mais reacionária do capital, o nazi-fascismo.

Desde início dos anos trinta, o governo soviético buscara uma aliança com os Estados capitalistas democráticos contra os estados fascistas, mas o antisovietismo parecia falar mais alto, então por uma questão de sobrevivência, após “prolongada resistência soviética para fechar as portas às negociações com o Ocidente” (Carr, 1949. P. 164) foi assinado um pacto com Alemanha. Uma análise menos carregada de antisovietismo – mesmo que fosse meramente circunstancial tendo em vista sua postura conservadora, racista e anticomunista – foi apontada por anda menos que Churchill, ao mencionar que

Não há dúvida <...> de que a Grã-Bretanha e a França deveriam ter aceitado a proposta russa <...>. A aliança da Inglaterra, França e Rússia, em 1939, teria despertado o mais profundo alarma no coração da Alemanha <...>. Hitler não ousaria atirarse numa guerra em duas frentes <...> Se, por exemplo, Mister Chamberlain, tivesse dito, ao receber a proposta russa: ‘sim, unamonos os três e torçamos o pescoço de Hitler’ <...> a história poderia ter tido um curso diferente” (Churchill, “The Gathering Storm”, ed. cit., p. 324).

O Tratado ou pacto fora feito entre inimigos reais que apenas aguardavam, cada um com sua lógica política, ideológica e militar, um melhor momento para o enfrentamento decisivo. Na prática, a relação entre ambos aos países nunca deixou de ser marcada pela desconfiança e pela tensão desde o primeiro momento, em que pese alguns discursos propagandísticos que buscavam sustentar o pacto e até vitimizar a Alemanha Nazista e o hitlerismo frente a França e a Inglaterra, portanto “...Não é só insensato, é mesmo criminoso fazer passar esta guerra como uma luta pela destruição do Hitlerismo sob a falsa bandeira de uma batalha pela democracia” (Molotov, in História do Marxismo, vol. X, p. 149). Nada como a realidade concreta

e a luta política real para ultrapassar tentativas de conciliar o que era inconciliável, haja vista a impossibilidade de aproximar duas visões de mundo tão díspares. A começar pela negativa de Stalin em aceitar uma introdução ao pacto ressaltando a amizade entre os dois países vista como absurda pelo líder soviético. Para o governo soviético, o Tratado atendeu puramente razões de Estado, de pura sobrevivência imediata, aproveitando também o tempo que buscava ser o mais extenso possível para a reconfiguração de sua produção industrial e de suas forças armadas. O governo alemão também cobrara da URSS a ocupação da parte oriental da Polônia, já que esta havia sido invadida pelo exército alemão em 1º de setembro, data de início da Segunda Guerra Mundial. Os soviéticos insistiram que só realizariam essa operação não só quando estivessem devidamente preparados – ainda havia conflitos com forças japonesas na Mongólia – e diante do completo colapso do Estado Polonês. Reiteramos que na verdade a URSS recuperava territórios perdidos, mas se mantendo nos limites da linha Curzon, necessária para a segurança da Rússia frente a ameaça nazista. Essa presença soviética na Polônia, do ponto de vista da estratégica militar, foi vista como justificável até por Churchill, pois “...os exércitos soviéticos se manterem nesta linha é claramente necessário para a segurança da Rússia, em face da ameaça nazista. Em todo o caso, a linha está aí, e uma frente do Leste fora criada para que a Alemanha Nazista não ouse atacar” (Churchill. Pp. 51–52).

Diversos setores mais conservadores apontaram críticas ao pacto germano-soviético que até hoje se fazem repetir, porque não fora apenas um tratado militar e sim econômico, mostrando “a proximidade de nazismo e comunismo, com Stalin e a URSS sustentando Hitler e a Alemanha Nazista”. Realmente, como dito acima, havia um acordo comercial, porém, a URSS não era a primeira a fazê-lo com a Alemanha Nazista, tendo em vista os acordos feitos pela Inglaterra com governo nazista, incluindo um acordo naval, em 1935. O acordo comercial e o acordo econômico apontavam que fossem fornecidos cobalto e alumínio, máquinas pesadas, e armamentos para a URSS, permitindo então que tivesse acesso à tecnologia militar alemã em troca de cereais e petróleo, sendo que este representava em janeiro de 1940 menos de dois por cento das importações alemãs.



Os vinte e um meses de vigência do Tratado de Não Agressão, embora afastasse uma invasão alemã iminente, não deixaram de ser tensos para a URSS. A Polônia fora invadida pelas tropas hitlerianas em setembro de 1939, porém França e Inglaterra não realizaram nenhum movimento efetivo de combate, embora tivessem mais divisões e tanques que o exército nazista, gerando a simbólica expressão “guerra estranha”, caracterizando o período de poucos combates que vai até ofensiva das tropas nazifascistas para o Ocidente em maio de 1940. Existem diversas linhas de explicação para esta atitude, porém importante ressaltar que nesse espaço de um ano houve 160 conversações entre representantes alemães, ingleses e franceses de diversos níveis (in *Deutschland in zweiten Weltkrieg*, Berlim 1974, p. 247 in *A Verdade e A Mentira sobre a Segunda Guerra Mundial*, p. 86). Era possível ainda haver esperança da parte de alguns grupos franceses e ingleses, cujo o antisovietismo se tornou mais duro com o pacto sendo o Partido Comunista Francês, colocado na ilegalidade mesmo tendo votado pelos créditos de guerra – de um acordo com a Alemanha visando um combate contra a URSS.

O governo soviético continuava aplicando todos seus esforços na defesa de uma guerra que seria inevitável, mas não desejava iminente. Por isso, visando garantir ao máximo suas fronteiras no conflito, reivindicou perante o governo finlandês o porto de Hanko e uma parte do istmo de Carélia, em troca de territórios soviéticos. Diante da negativa, declarou guerra à Finlândia, havendo em consequência toda uma mobilização anglo francesa a favor do país nórdico – que também recebera apoio da Itália fascista – em um momento que Hitler já estudava ampliar seu domínio na Europa, buscando ocupar agora a Escandinávia. Os governos da França e Inglaterra apoiaram a Finlândia com o fornecimento de armamentos e suprimentos e, apoiados por setores da extrema-direita de seus países cujo antisovietismo aumentou com o Tratado de Não Agressão, mobilizaram milhares de soldados para entrarem em combate. O governo francês tencionou também utilizar suas instalações militares na Síria para bombardeio do porto de Baku, importante produtor de petróleo.

Não era exagero pensar em um alinhamento de todos os estados capitalistas contra a URSS e partilha dos territórios soviéticos entre



quem tivesse mais controle militar de cada região. Em 14 de março a URSS derrotou a Finlândia, que foi obrigada a ceder vinte por cento de sua capacidade industrial e dez por cento de território a URSS. Esse conflito demonstrou, por um lado a reiterada dubiedade dos governos inglês e francês em relação à URSS. Por outro, não obstante a vitória que lhe dava uma maior extensão territorial para fazer frente a um ataque alemão a Leningrado além de maiores recursos, eram evidentes as debilidades organizativas e operacionais do Exército Vermelho, mesmo tendo em vista estar ainda dedicado a expulsão definitiva das tropas japonesas na Mongólia. A partir daí se intensifica a produção de armas, mas principalmente se discute novas formas de organização e treinamento para um futuro combate com o exército nazista.

No decorrer do processo político militar, vão lentamente se construindo as condições para o rompimento prático do pacto de não agressão. Em abril de 1940, tropas hitlerianas penetraram na Dinamarca e na Noruega, com reação anglo-francesa pouco eficaz em termos e tropas, o que não levou, ao contrário da expectativa comum, a uma renúncia da ocupação do Ocidente pelas tropas nazistas. A URSS, aplicando os dispositivos do Tratado de Não Agressão, já havia ocupado a parte oriental da Polônia, a Ucrânia e a Bielorrússia ocidentais e incorporado esses territórios à estrutura de Estado soviético, fez o mesmo com os países bálticos, que já tinham acordos de auxílio mútuo com Moscou e bases militares do Exército Vermelho. Porém, seus governos eram vistos com desconfiança porque alguns de seus ministros simpatizavam com a Alemanha Nazista, se opondo à URSS. Houve diversos conflitos internos nesses países em torno da polarização entre fascistas pró-alemães e antifascistas, motivando a formação de novos governos apoiados pelos soviéticos. Em agosto de 1940, Lituânia, Letônia e Estônia constituíram um estrutura econômica e política socialista soviética, passando a fazer parte da União. Lembrando também que a Bessarábia e a Bukovina do Norte, que passaram a pertencer à Romênia em 1918, foram também neste mesmo período devolvidas à URSS. Fica evidente que todo esse processo tal processo também obedeceu à lógica de uma “guerra de posições” no sentido da melhor alocação de tropas entre Alemanha e URSS, que praticamente ficaram bem próximas umas das outras,



faltando apenas um pequeno acidente para entrarem em combate. Fosse resultante de uma guerra, como no caso da Finlândia ou através das cláusulas do tratado, vários territórios foram incorporados à URSS, um reforço do ponto de vista econômico, político e principalmente militar, que já se revelava muito importante durante a vigência do pacto, se tornando ainda mais fundamental quando da invasão alemã que impôs a participação soviética na guerra.

Em 10 de maio de 1940, a ocupação de vários países da Europa Ocidental se inicia, sendo a Bélgica e a França tomadas com extraordinária rapidez. Já em 31 de julho de 1940, o chefe do Estado maior das tropas alemãs, general Halder, escreveu em seu diário que:

“Se a Rússia for derrotada, a Inglaterra perderá a última esperança. Então a Alemanha dominará na Europa e nos Bálcãs. A Rússia deve ser liquidada. Prazo – primavera de 1941... Disfarce – Espanha, África do Norte e Inglaterra”.

Dominado boa parte do continente, o alto comando alemão orienta a aviação nazista, a Luftwaffe, a castigar a Grã-Bretanha com seguidos bombardeios, ao mesmo tempo que preparava a guerra contra a URSS, movimentando-se ainda mais para o leste, visando o controle total da Europa Oriental e dos Bálcãs, chegando Hitler a assinar a Operação Barbarossa em 18 de dezembro de 1940. Todo esse cenário foi acompanhado pelo governo soviético com muita preocupação, porque não avaliava estar o país preparado para a guerra, decorrendo então uma postura tanto de todas as suas lideranças políticas, como representantes diplomáticos e militares, em evitar qualquer tipo de declaração capaz de criar a mínima justificativa de rompimento do Tratado e início de um ataque da Alemanha contra a URSS. Afinal, segundo o líder do governo soviético, em conversação estabelecida com o líder comunista búlgaro Georgui Dimitrov, representante do secretariado da III Internacional, em novembro de 1940:

“Não estamos preparados para o tipo de guerra aérea em que se defrontam a Alemanha e a Inglaterra. Constatouse que os nossos aviões só podem ficar no ar 35 minutos, enquanto os dos alemães e ingleses podem fazê-lo durante várias horas! Se as nossas forças



armadas, o sistema de transportes, etc., não forem tão fortes como os dos nossos inimigos (e estes são todos os Estados capitalistas, incluindo aqueles que se dizem nossos amigos), eles devorarnosão” (Stalin in Diário de Dimitrov, Reflexões sobre o Diário de Gueórgui Dimítrov. P. 316).

Não podemos deixar de lembrar, aproveitando a referida citação, que os partidos comunistas da Europa foram fundamentais no combate ao fascismo. Como dissemos na parte inicial do texto, pertenciam, como o partido soviético, à III Internacional, tendo claro tanto a importância da revolução socialista mundial como a defesa da URSS contra qualquer Estado capitalista que buscasse o seu fim como estado, o que significaria um grave prejuízo ao movimento operário e ao socialismo. Os partidos comunistas já haviam construído toda uma cultura política na denúncia e resistência ao nazi-fascismo, sendo ao alemão e o italiano barbaramente perseguidos há anos.

As organizações políticas de direita criticavam os partidos comunistas em função do evidente distanciamento ideológico. A socialdemocracia, com presença importante no movimento operário, criticava os partidos comunistas pela defesa do modelo político, enquanto os trotskistas viam o governo soviético, desde a liderança de Stalin, como símbolo da traição da revolução internacional. Todos esses setores subiram o tom de suas críticas aos partidos comunistas com a assinatura do Tratado de Não Agressão. A pressão da extrema direita na França e as desconfianças da socialdemocracia fez como que o Partido Comunista Francês fosse colocado na ilegalidade, mesmo votando a favor dos créditos de guerra. Não obstante toda a relação com a Internacional Comunista, o peso que realmente tinha o partido soviético na organização e toda a convicção ideológica da importância da URSS, os partidos comunistas não cessaram suas atividades contrárias ao nazi-fascismo. Viram o pacto como uma necessidade de Estado da URSS diante de uma guerra interimperialista e continuavam afirmando que, como uma organização marxista-leninista, deveriam aplicar todo o seu esforço político militante na luta de massa contra a política belicista e expansionista do fascismo, em defesa das liberdades democráticas e do socialismo. O Tratado, portanto, não



esmoreceu a luta antifascista e no momento de avanço de Hitler visando a conquista da Romênia, Bulgária, Iugoslávia e Grécia a política dos partidos comunistas era de resistência, e tal era também a posição do partido e governo soviéticos. Vejamos o seguinte diálogo de Dimitrov com Molotov e Stalin, onde fica bem claro também a posição que ressaltamos acima: a imensa preocupação dos comunistas sobre a necessidade de defesa da URSS sem que fosse dado qualquer pretexto para agredila, visão defendida de forma até mais rígida que o próprio governo soviético:

“Dimitrov: Seguimos uma linha orientada para a desmoralização das tropas de ocupação alemães. Nos diversos países, queremos reforçar ainda este trabalho sem o espalhar aos quatro ventos. Isto não dificultará a política [da União Soviética]?”

Molotov: Evidentemente que isso tem de ser feito. Não seríamos comunistas se não seguissemos essa linha. Mas isso deve ser feito sem barulho. O partido comunista deve prosseguir o seu movimento de massas contra a instauração de um regime de ocupação no país e contra a confiscação da sua economia e dos seus recursos alimentares, evitando intervenções imponderadas, provocações e confrontações s armadas...

Dimitrov: Stalin telefonou-me às duas da manhã: “Li a sua carta. Concordo com a sua posição e é indispensável desmascarar, evitando as provocações. Tais ações apenas facilitarão a tarefa dos alemães, ocupar o país... O partido deve agir não o como adjunto da União Soviética, mas sim por sua própria iniciativa. O governo búlgaro silencia a nossa declaração. Transmitilamos em búlgaro pela rádio”.

O Tratado estava em vias de ser totalmente superado. Nesta virada de 1940–1941, era claro que haveria o conflito. O governo soviético acelerava a produção de armas e a modernização do exército desde o início do pacto; essas medidas foram aprofundadas após a guerra contra a Finlândia: a indústria armamentista crescera trinta e nove por cento, o triplo, se comparada ao avanço da produção industrial do



país; o exército aumentado para cerca de 5 milhões de membros com a artilharia tendo recebido 92.578 peças, entre as quais 29.637 canhões de campanha e 52.407 morteiros. A Força Aérea recebeu 17.745 aviões de combate, dos quais 3.719 novos modelos. O Exército Vermelho recebeu cerca de 7.000 tanques, foi iniciada a produção do T-34 em 1940 e do tanque pesado KV, superiores aos tanques alemães, e já haviam sido produzidos 1.851 quando a guerra estourou. (Júkov. P. 296).

Em outubro, o Comissário do Povo, marechal Timoshenko e novo chefe do Estado Maior, Meretskov, apresentaram um plano de defesa contra a agressão, havendo um debate no Estado Maior sobre um possível ataque alemão pelo ocidente ou à sudoeste. Entre dezembro e janeiro de 1941, houve uma conferência de oficiais superiores e o ponto central era uma guerra contra a Alemanha, havendo posteriormente um grande exercício de guerra.

Em março de 1941, o governo soviético via como indesejável, porém inevitável, a guerra, porém continuava tentando protelá-la pelo menos para 1942, para que todo o complexo processo de modernização e treinamento de novos soldados recém integrados fosse realizado. Os alertas da invasão eram diários, fosse da parte da contraespionagem ou boatos vindos do ocidente. Em março de 1941 Stalin, após negativa inicial temendo dar pretexto para a guerra, atende seus marechais e convoca 80.000 reservistas transferindo para a fronteira 28 divisões.

Em abril de 1941, a URSS assina o tratado de neutralidade com o Japão. Era mais um sinal que a guerra contra a Alemanha já era admitida e o governo soviético buscava eliminar uma preocupação que já se manifestara em 1939. Ser obrigado a lutar em duas frentes simultaneamente, diminuindo seus recursos e áreas para organização de tropas de reserva para atuar em uma última linha defensiva. O tratado tinha um ponto especial muito satisfatório ao governo soviético do ponto de vista estratégico militar: o Japão deveria observar neutralidade mesmo se houvesse um conflito entre Alemanha e URSS por um período de cinco anos.

Por que o Japão assinara tal tratado? Seria pela derrota que sofrera dois anos antes, temendo a força do exército vermelho nesse momento, agora muito maior e em processo de modernização? Pelo sentimento



de traição em relação a Alemanha nazista quando o governo alemão estabelecera um Tratado de Agressão no momento que o Japão ainda guerreava contra os soviéticos na Mongólia? Confiaram no poder de fogo do aliado alemão e sua Blitzkrieg, acreditando na sua rápida vitória e assim voltou toda sua atuação para a r o sudeste da Ásia e o Pacífico?

Há determinadas linhas de interpretação (Topisch, 1987) que classificam esse tratado de tanta importância para a segurança do Estado soviético e sua estratégia militar como o Tratado de Não Agressão de 1939. Não só a URSS estava livre da guerra em duas frentes como levou obrigatoriamente o Japão a rumar para sudeste da Ásia, mexendo necessariamente com os Estados capitalistas democráticos, obrigandoos a uma participação efetiva no conflito. Participação que contribuiria com a luta soviética e criaria toda uma tensão nas colônias de França e Inglaterra, criando condições para toda uma luta de resistência e independência comanda por partidos comunistas ou movimentos anti-imperialistas que colocariam a URSS em vantagem na geopolítica mundial. O ataque de Pearl Harbor, portanto, teria sido mais uma vitória da estratégia traçada pelo governo o soviético.

Depois de variadas informações díspares sobre a invasão alemã, o alto comando reuniuse, chefiado por Stalin, e foi emitida uma ordem e comando assinados por Jukov e Timoshenko, determinando a assunção de posições de fogo a partir do dia 21 ao longo da fronteira, dispersando a aviação nos aeródromos camuflandoas, e colocando todas as unidades em alerta, mantendo as tropas em dispersão com camuflagem.

No dia 22 de junho, se deu o ataque alemão. Inicialmente, a supremacia sobre as forças soviéticas foi clara, embora as tropas hitlerianas pensassem obter uma vitória com maior facilidade, tendo o Exército Vermelho, embora bem prejudicado e superado nas suas primeiras linhas, criando uma resistência maior que pensada pelos próprios alemães. Porém quais as causas das derrotas iniciais? São de diversas origens, obedecendo a várias situações combinadas. Cada linha de análise enfatiza fundamentalmente um determinado aspecto, da conduta política e militar do governo soviético sem esquecer



a própria eficiência do exército alemão, que utilizara a capacidade econômica de vários países dominados e forças militares de países aliados, atacando com todo seu efetivo disponível.

Longe de ser um especialista na arte da guerra, é possível apontar como evidentes, a falta de tempo para que fosse completada a modernização, a jovialidade do exército onde muitos amadureceram em combate, o fator surpresa e o erro de avaliação sobre quando, onde e como seria feito o ataque. A questão da modernização urgente pode ser explicada pelo natural esgotamento de toda a máquina de guerra de qualquer país, que deve sempre acompanhar as mudanças tecnológicas e, se isso não é fácil ser feito em tempos normais, menos ainda com toda a situação vivida na época pela URSS. Outro aspecto central está nos processos políticos internos que acabaram prejudicando o exército, com a perda de milhares de oficiais experientes e três marechais. Esses processos ocorreram na segunda metade dos anos trinta, praticamente em paralelo com toda essa complexa situação política e militar vivida pela URSS na arena internacional apresentada as linhas acima. É preciso, finalizando, salientar alguns pontos: a política do governo soviético tanto de evitar a guerra como adiar a sua entrada estava correta. Seja pelo aspecto de princípio ou no sentido de só buscar intrometerse nas contradições interimperialistas e sua busca incessante de mercados através da guerra caso isso colocasse em perigo o Estado socialista.

O estado de prontidão e o alerta máximo talvez pudessem ser aplicados anteriormente e sem todos cuidados como aponto Stalin em diálogo com seus comandantes. Certamente a orientação política de evitar qualquer pretexto que pudesse ser aproveitado pelos alemães para o ataque possa ter afetado inclusive o Alto Comando, E pode ter refletido na organização das forças e no psicológico dos militares, propiciando a dispersão e desprezando uma preparação mais efetiva e cuidadosa de todos os setores de defesa. Não deixando de levar em conta todos esses fatores, a avaliação histórica e política da assinatura do Tratado permanece extremamente positiva. Sem ele a URSS enfrentaria uma guerra muito mais despreparada, talvez em duas frentes, solitária, sem ajuda material de aliados desprovida de territórios incorporados que se mostraram tão importantes do ponto



de vista econômico e militar, protegendo sua capital e outras áreas de grande importância. O Tratado dificultou empreitada nazista, salvou a URSS, o socialismo, e pavimentou a vitória que viria com muita luta nos depois.

Mesmo levando em conta os inevitáveis erros políticos e militares, bem como o efeito surpresa do ataque alemão, desde início a resistência soviética se deu de forma muito firme atrasando o planejamento das tropas hitlerianas. O Exército Vermelho resistiu, foi reforçado e reorganizado no campo de batalha e derrotou o exército nazista, construindo páginas extraordinárias na história da humanidade. Só um país com uma economia planejada comandada pelo Estado Socialista, tirando o país do arado de madeira para tecnologia avançada, tinha capacidade de modernizar o exército, produzir tantas armas, realocando suas fábricas, e dirigindo ordenadamente sua produção para os fins de guerra. Ficou nítida uma profunda interação entre o partido, o governo e as forças armadas com uma população movida pelo sentimento patriótico, ao contrário da propaganda anticomunista, sendo travada uma guerra de todo o povo – do exército às guerrilhas, do combate direto à sabotagem da população civil contra os ocupantes – com enorme disciplina. Foi uma vitória do povo soviético, das suas forças armadas, dos seus dirigentes, certamente, porém foi uma triunfo de todas as forças antifascistas do mundo, onde os partidos comunistas tiveram extraordinária atuação na salvação da humanidade.

Referências

- Bras, H. (1993). *Trotskyismo X Leninismo – Lições de História*. Rio de Janeiro: Caravan Sarai.
- Carr, E. H. (1949). *From Munich to Moscow*. Ser. Estudos Soviéticos (Vol. I). London: Macmillan.
- Chtemenko, S. (2018, 13 March). Estava a URSS Preparada para a Guerra? http://www.hist-socialismo.com/docs/Chtemenko_URSS_II_Guerra.pdf
- Deuscher, I. (2004). *Stalin. Uma biografia Política*. Civilização Brasileira.
- Dimitrov, G. (1978). *A Unidade Operária contra o Fascismo*. Coleção Fundamentos. Aldeia Global.
- Gossweiler, K. (2003). *As Origens do Revisionismo Moderno*. <https://www.marxists.org/portugues/gossweiler/2003/mes/90.pdf>
- História do PCUS - (Vários Org.). Vitória.
- Hobsbawn, E. (Org.). (1987). *História do Marxismo (Vol. X)*. Paz e Terra.



A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos

- Jukov, G. Memórias e Reflexões. <https://www.skoob.com.br/livro/pdf/memorias-e-reflexoes/livro:585326/edicao:587078>
- Kulkov, E., Rjehevski, O., & Tchelichev, I. (1983). A Verdade e a Mentira sobre a Segunda Guerra Mundial. Edições Avante, 1983.
- Losurdo, D. (2010). Stalin, História Crítica de Lenda Negra. Revan.
- Martens, L. (2003). Stalin um Novo Olhar. Revan.
- Missão Libertadora (Vários organizadores). (1985). Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz.
- Pitillo, P. J., Vinhas, Q. R. (2016). Josef Stalin. Sobre a Grande Guerra Patriótica. Rio de Janeiro: Raízes da América.
- Stalin, J. (1953). Obras Completas. Moscú, Ediciones en Lenguas Extranjeras.
- Stalin, J. (1985). Problemas do Leninismo. Global.
- Topitsh, E. (1987). Stalin's War: a Radical New Theory of the Origins of the Second World War. London: Fourth Estate.
- William, L. Sh. (1963). Ascensão e Queda do III Reich (Vol. 2, 3ª ed.). Civilização Brasileira.

ÀS PORTAS DE MOSCOU: A SANGRENTA BATALHA POR RZHEV (Janeiro de 1942 – Março de 1943)

Éden Pereira Lopes da Silva
Historiador formado pela UERJ



A Operação Tufão e a contraofensiva de inverno

A Operação Barbarossa não havia logrado seus objetivos na captura das três principais capitais soviéticas, Leningrado, Kiev e Moscou, e a aniquilação do Exército Vermelho. Os planos de guerra cronometrados da alta cúpula do Estado Maior nazista haviam falhado por diversos motivos, mas todos ligados à sua alta confiança que subestimou a capacidade de resistência soviética assim como a possibilidade de uma guerra mais longa que exigiria mais recursos que o planejado para dar fim à guerra no front soviético. O programa soviético de evacuação de pessoas e indústrias para o leste havia sido um programa extremamente bem-sucedido devido à resistência imposta aos nazistas na Ucrânia, na Bielorrússia e Báltico, que retardaram o máximo o avanço nazista e que posteriormente nos anos de 1942 e 1943 contribuíram para fortalecer a posição defensiva e ofensiva soviéticas. Esse retardo no avanço tanto no sul como no norte não estava no cronograma dos nazistas.

A Diretiva Nº 33¹ tinha fundamento – não faria sentido ao Alto Comando Alemão capturar a capital soviética sem a conquista das outras sedes econômicas e políticas importantes do país que poderiam fazer a resistência no sul e norte do front germano-soviético. A Ucrânia era vital para a máquina de guerra alemã devido aos minérios, trigo e diversas

¹ A Diretiva Nº 33 do Alto Comando Alemão instruiu o Grupo de Exércitos Centro a desdobrar para o apoio aos grupos de exércitos sul e norte, para a captura de Kiev e o bloqueio de Leningrado.

indústrias que potencialmente poderiam ser estabelecidas. Era uma questão econômica, exatamente como Hitler colocou em sua crítica às opiniões do general Guderian, que também, até por ter traços de egocentrismo como muitos generais alemães, desejava fincar a bandeira nazista primeiro em Moscou a fim de receber os louvores. A Operação Tufão era concebida como uma rápida operação com o objetivo de conquistar com golpes rápidos Moscou antes do inverno. Embora tarde demais no cronograma – lançada em 30 de setembro – a queda da capital ainda era possível, pois a reconstrução de parte da indústria bélica estava em processo após a evacuação para leste, a produção ainda estava em transição para o período de guerra, e mesmo que existissem indústrias anteriores à evacuação na Sibéria ocidental e Ural-Kuznetsky, a mobilização para a guerra requeria maiores recursos que não se mobilizariam em apenas alguns meses. Além disso, com o bloqueio de Leningrado, que enviava materiais bélicos diariamente, Stalingrado tornou-se o único fornecedor em dia dos tanques KV-1 e T-34 para reter o avanço nazista, em vista da produção nos Urais estar em expansão. A pressa no treinamento e teste destes tanques era tão grande a ponto de ser feito dentro das próprias fábricas. A mobilização de pessoas comuns também aumenta neste período com a formação de grupos cada vez maiores de partisanos que, por meio de operações de sabotagem, impediam tanto o Estado hitlerista de explorar os recursos soviéticos, como o envio de equipamentos e suprimentos da Wehrmacht.

A cidade de Rzhev, localizada a poucos quilômetros de Moscou, em outubro, sediava um bom contingente de combatentes do Exército Vermelho que recuam, unindo-se às tropas do Front Kalinin. Após a tomada da cidade, os nazistas instalaram muitas unidades do Grupo de Exércitos Centro que incluía o 9º Exército Alemão comandado pelo general Strauss. Entretanto, a contraofensiva de inverno forçou o 9º Exército a retomar posições defensivas na cidade de Rzhev. Fedor Von Bock, Comandante do Grupo de Exércitos Centro, observando virtualmente a não possibilidade da captura da capital, ordena o cancelamento da operação pelo perigo de uma tentativa de cerco e Hitler, irritado com o fato, ordena sua substituição, assim como de Strauss. Günther Von Kluger foi posto na direção do Grupo de Exércitos Centro e Walter Model no 9º Exército. Bock, em sua



saída, advertiu sobre a possibilidade da formação de um saliente e uma tentativa de cerco, o que se provou correto posteriormente.

Não foi um milagre às portas de Moscou dirigido por Zhukov que se deu nesse período, como colocaram diversos historiadores, como se fosse ele um “salvador” ou “deus da guerra”: a defesa da capital foi fruto da organização disciplinada e ordenada, que evitou todo e qualquer tipo de pânico, tudo isso, nas palavras de João Pitillo, deve ser creditado à organização do Partido Comunista da URSS². Além do mais, nos céus, a Wehrmacht não teve superioridade como nas demais operações desde a invasão em junho. A entrada em operação dos novos Yak-1 e Il-2 anularam junto com a artilharia terrestre qualquer bombardeio a capital; o Stuka era inferior aos novos aviões de guerra soviéticos e tinham dificuldades de operar nas distâncias que o front oriental exigia a vários quilômetros adentro.

Quando a Operação Tufão é oficialmente cancelada pelo Alto Comando Alemão, os soviéticos passam da defesa ao avanço em fins de dezembro e começo de janeiro, por meio de contra-ataques que já ocorriam desde novembro. Isso se deu porque divisões mecanizadas de tanques e artilharias chegaram da Sibéria para reforçar a defesa da capital junto com os reforços sempre vindos de Stalingrado, além da indústria soviética nos Urais também aumentar sua produção em novembro e dezembro, devido às novas usinas abertas no fim de 1941 e início de 1942, que possibilitaram aumentar a energia para funcionamento das indústrias militares. Estrategicamente, manter o exército de Hitler longe de Moscou era importante não somente para reorganizar a defesa, como dar tempo para a indústria soviética nas cidades ao leste e em Stalingrado constituírem uma forte indústria de guerra que ainda demandaria mais tempo. Os novos equipamentos como os T-34s, KV-1s e o lança foguetes “Katyusha” se tornaram o terror dos nazistas e foram largamente usados na defesa. Rzhev se notabilizaria desde este período como um ponto chave.

A tamanha perda de combatentes nas operações levadas a cabo nas batalhas por Rzhev consequentemente fez essa batalha receber

² Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho: O Segredo da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Multifoco. P. 26.



Soldados soviéticos lutam perto de Moscou



o codinome de grande “tritador de carne”, pois diariamente muitos tinham menos de 24 horas de vida no campo de batalha. O historiador russo Aleksey Isaev não por acaso chamou o conjunto de batalhas por essa cidade entre janeiro de 1942 e março de 1943 de “Verdun”³ da Frente Soviético-Alemã⁴. Essas perdas se davam por diversos motivos, mas não por incapacidade do Alto Comando Soviético – a superioridade aérea alemã deixava expostos os combatentes soviéticos em campo de batalha e a artilharia ainda não era suficiente para a cobertura do avanço dos tanques e soldados por terra.

Esse saliente formouse durante o inverno nos contra-ataques do Exército Vermelho após o cancelamento da Operação Tufão, e, apercebendo-se disso, o Alto Comando Soviético elaborou operações para a captura de Rzhev e Vyazma por causa de seus entroncamentos ferroviários e a viabilidade de comunicação importantes para os exércitos invasores, que formavam o que Alexander Werth chama de trampolim de Moscou. Essa era a única possibilidade também de afastar ao máximo a Wehrmacht da capital e manter seguro o contato com Stalingrado e Leningrado sem a chance de um novo cerco. Essa operação ofensiva de inverno soviética foi, a princípio, arquitetada e posta em prática pelos generais Georgi Zhukov e Ivan Konev, e era constituída de um conjunto de operações que envolviam os Fronts Kalinin, Ocidental, Bryansk e Noroeste, e visava a captura de pequenas cidades como Rzhev, Kalinin, Kaluga e Tula, objetivando cortar os suprimentos vindos na estrada de Vyazma ao Grupo de Exércitos Centro.

O Exército Vermelho dispunha, no Front Ocidental, do 33º Exército do tenente general Mikhail Efremov, o 20º do tenente general Andrey Vlasov e 16º Exércitos do tenente general Mikhail Lukin, o 1º Corpo de Cavalaria de Guarda do tenente general Pavel Belov e do 1º Exército

³ Verdun é uma cidade francesa que em 1916 que foi palco de uma das mais sangrentas batalhas entre França e a Alemanha na Primeira Guerra Mundial.

⁴ Isaev, A. V. (2006). Operatzya Mars. (Operação Marte). In *Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali* (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Editora Yauza. Disponível no link: http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/08.html. Acesso em 24 de junho de 2017.

de Assalto do tenente general Vasily Kuznetsov. No Front Kalinin, estavam à disposição o 29º Exército do major general Vasily Shevtsov, o 39º Exército do tenente general Ivan Maslenikov e o 11º Corpo de Cavalaria do coronel Sergei Sokolov. O Estado Maior Soviético ainda disponibilizou o 4º Aerotransportado do major general Levashev, e ainda do Front Noroeste, a 3ª Divisão de Assalto do tenente general Maxim Purkayev e a 4ª Divisão de Assalto do coronel general Andrey Yeryomenko, na reserva para contribuir com a operação.

O comandante do Front Noroeste, general Pavel Kuroshkin, em 9 de janeiro, deu início a uma ofensiva sobre Toropets-Kholm, onde o objetivo era de tentar quebrar o cerco de Leningrado e atacar o Grupo de Exércitos Centro com duas divisões de assalto, a 3ª comandada por Maxim Purkayev e a 4ª comandada por Andrey Yeryomenko. Concomitante a isso, a 4ª Divisão Aerotransportada desembarcava em Vyazma dando suporte à operação de cerco no corte das comunicações e suprimentos a 4ª Divisão Panzer do general Erich Hoepner em Rzhev.

Georgi Zhukov, utilizando o 39º e 29º exércitos soviéticos do Front Ocidental, avançou até oeste de Rzhev, tentando um cerco sobre o saliente, onde conseguiu cercar o 23º Corpo do Exército Alemão em Olenino, isso juntamente com o 1º Corpo de Cavalaria de Belov avançando até Vyazma para dar suporte a 4ª Divisão Aerotransportada. O ataque fulminante do Exército Vermelho chegou virtualmente perto de cercar e destruir importantes contingentes da Wehrmacht nas portas da capital soviética. Ao mesmo tempo, o Front Kalinin conseguiu, em fevereiro, cercar com sucesso os alemães em Rzhev e cortar os suprimentos com o cerco de Velikye Luki, embora durante meses não tivesse sido possível a captura da cidade devido à resistência.

Walter Model reagiu rapidamente e enviou unidades militares que cercaram o 29º Exército do general Shevtsov, que teve que se espalhar para não ser esmagado no cerco. As perdas até aí haviam sido demasiado extraordinárias, só o Front Kalinin perderia 341 mil combatentes, enquanto que o Front Ocidental perdeu 105 mil. Os nazistas, por sua vez, tiveram também pesadas perdas em comparação com os triunfos obtidos anteriormente – cerca de 150 mil. As principais baixas foram no 20º Corpo de Exército Alemão que



teve destruída a 162ª Divisão de Infantaria; as baixas do 23º Corpo de Exércitos foram arrasadoras devido ao cerco sofrido durante os contra-ataques; a 1ª Divisão Panzer perdeu muitos tanques, assim como a 253ª Divisão de Infantaria, responsável por defender o norte de Rzhev que quase foi esmagada.

O Exército Vermelho, entretanto, continuou em desvantagem, pois se por um lado a ofensiva de inverno havia garantido a possibilidade de um respiro a Moscou, por outro se formou novamente, após abril, um enorme saliente em volta da cidade de Zhirkovsky que cercava o 39º Exército do general Ivan Maslenikov e do 11º Corpo de Cavalaria do coronel Sergey Sokolov. O perigo era ainda maior considerando-se que, segundo Zhukov, mais de 70 divisões alemãs estavam simplesmente estacionadas proximamente na região⁵.

A Reação Alemã com a Operação Seydlitz e a Ofensiva Soviética de Agosto sobre Rzhev

O Alto Comando Alemão reagiu às operações de inverno soviéticas na primavera e verão de 1942. Franz Halder elaborou uma série de operações de contra-ataque visando fazer recuar o Exército Vermelho na região e aniquilar a resistência em Sebastopol, na Península da Crimeia. No front central, Günther Von Kluge dá início, em 2 de julho, à Operação Seydlitz, que objetivava fechar um cerco na região de Pushkari e aniquilar as partes do Exército Vermelho na região, isto é o 39º Exército, o 11º Corpo de Cavalaria, além de duas divisões de fuzileiros de guarda e uma brigada de tanques do 41º Exército, além de uma divisão de fuzileiros de guarda junto de duas incompletas do 22º Exército. A Operação Seydlitz, arquitetada por Walter Model, tido por Hitler como um dos principais generais alemães formados na Blitzkrieg, somou a esta operação ainda uma limpeza política e racial, que tinha por missão a aniquilação da resistência soviética em Vyazma junto com as guerrilhas partisans que fortificavam a posição soviética junto a vilas próximas como Zhirkovsky que foram totalmente exterminadas.

⁵ Zhukov, G. (1969). Memórias y meditaciones Mariscal de la Union Sovietica G. K. Zhukov. Biblioteca El Oficial, Habana. T. II. Disponível em: https://archive.org/stream/MemoriasYMeditaciones/memoriasYMeditaciones_tomo_2#page/n99/mode/2up. Acesso em: 24 de junho de 2017.

Operações Levadas a Cabo pelo 6º Corpo de Exército e a 8ª Divisão de Cavalaria SS Florian Geyer⁶

A Operação começou às 3 h 00 min de 2 de julho com bombardeios de artilharia e aviação sobre as posições soviéticas para a liberação do 23º Corpo de Exército Alemão. A resistência soviética foi forte, entretanto, em 5 de junho, o cerco completouse, e se iniciaram as operações de destruição do bolsão, que resultou na perda de mais de 150 mil combatentes por parte do Exército Vermelho, com a total aniquilação do 33º Exército do tenente general Mikhail Efremov que foi cercado e destruído junto com diversas guerrilhas partisans e o virtual desmantelamento do 39º Exército do tenente general Maslenikov, evacuado de avião. Outros exércitos também tiveram pesadas baixas, como o 11º Corpo de Cavalaria do coronel Sokolov, partes do 41º e 22º Exércitos Soviéticos, que se encontravam no bolsão. A 4ª Divisão Aerotransportada, que havia desembarcado em Vyazma, recuou de acordo com ordens do Alto Comando Soviético que temia sua destruição, e, mesmo sofrendo baixas, conseguiu fugir do cerco e foi reformulada enquanto 38ª Divisão de Fuzileiros de Guarda em agosto.

A Alemanha também sofreu perdas: o 23º Corpo de Exército foi resgatado a um alto preço, pois, depois da Operação Seydlitz, o 9º Exército Alemão sentiu problemas logísticos de reposição de homens e recursos; as lutas em Rzhev já duravam meses e no Front Central não havia descanso. No entanto, outro problema era a indefinição no front sul, pois desde o início da guerra, Stalingrado continuava a fornecer recursos mensalmente a Moscou que somente reforçavam o front em Rzhev. Isso levou o Alto Comando Alemão a, logo após a conquista da Crimeia em julho de 1942, iniciar, no mesmo mês, com toda a pressa e tentando pegar desprevenida as defesas soviéticas no Cáucaso, a Operação Azul, com objetivo de capturar o petróleo da região e destruir o centro industrial de Stalingrado. Entretanto,

⁶ A 8ª Divisão de Cavalaria SS Florian Geyer seria ainda responsável por operações anti-partisans na Bielorrússia e diversos crimes de guerra na região. Formada a partir da Brigada de Cavalaria da SS em 1942 para eliminação de partisans e operações de extermínio em solo soviético. Foi totalmente destruída durante a Batalha de Budapeste.



os recursos alemães materiais e humanos eram um “cobertor curto”, a concentração de tropas e recursos em várias regiões era altamente custosa para logística que já era crítica pela extensão do front para as indústrias nos países aliados e regiões ocupadas. A ação infernizante dos partisanos forçava igualmente o Alto Comando Alemão a desviar tropas do campo de batalha para combatê-los, no entanto, embora ainda não fosse tão nítido, a Alemanha estava perto do limite.

Essa situação favorecia o Exército Vermelho, os buracos deixados no front pelos alemães deveriam ser aproveitados ao máximo. Um deles foi na região de Rzhev. O desvio de tropas do Grupo de Exércitos Centro para reforçar o avanço sobre o Cáucaso e manter firme o bloqueio sobre Stalingrado, ao mesmo tempo que dava certa “segurança” a Moscou, favorecia a preparação de pequenas operações ofensivas visando tentar um novo cerco no saliente alemão na região. Por mais crítica que fosse a situação em Stalingrado nos meses de setembro e outubro, a Wehrmacht estava ficando sem de onde tirar reforços. A não captura do Cáucaso até outubro e a falta de condições logísticas de reforços materiais e humanos ao Grupo de Exércitos Sul, que era exigido por Von Manstein e Friedrich Paulus do 6º Exército, levou a um ponto de inflexão.

A Operação Azul havia dado total prioridade da Wehrmacht à conquista do Cáucaso, com isso os demais fronts ficaram estabilizados. Entretanto, mesmo mediante a prioridade de conquista de Stalingrado, havia estacionados no Grupo de Exércitos Centro perto de Rzhev um considerável número de divisões da Wehrmacht que ameaçavam a segurança da capital. A principal missão do Exército Vermelho ali era tentar cercar essas forças militares e liquidar o trampolim de Moscou, visando amenizar ainda os efeitos da incursão alemã sobre Stalingrado que se encontrava em uma situação cada vez mais crítica, ao segurar recursos no front central.

A Diretiva Nº 170514 do Estado Maior do Exército Vermelho ordenava uma operação rápida na região de Rzhev entre o final de julho e início de agosto que visava controlar os acessos a Rzhev e Zubtsov. Isso se daria mediante a um rápido avanço do Exército soviético sobre as linhas fortificadas dos rios Vazuza e Volga, onde,

por meio da travessia destes e superação das linhas de defesa, se chegaria a Sychovka e se cortaria a linha ferroviária de recursos para Rzhev. Entretanto, os alemães, ao mesmo tempo seguindo o sucesso da Operação Seydlitz, planejavam um novo cerco sobre Sukhinisk, a Operação Turbilhão.

O Alto Comando Soviético usa unidades do Front Ocidental e Kalinin que possuíam um considerável contingente de divisões para uma nova operação ofensiva no mês de agosto, visando garantir uma boa posição estratégica no front central e aliviar a situação em Stalingrado. O Front Kalinin usaria o 30º Exército do tenente general Dimitri Lelyoshenko e o 29º Exército do general major Shevtsov que teriam a missão de romper as defesas no norte de Rzhev, enquanto que o Front Ocidental romperia as defesas a leste para capturar Zubtsov e Sychovka, usando o 31º Exército do major general Vitaliy Polenov e 20º Exército do tenente general Max Reyter. Entretanto, para além disso, o Exército Vermelho passou a ser melhor suprido logisticamente de uma artilharia extremamente eficiente, pois, além da chegada de mais lança foguetes “Katyusha”, o canhão pesado B-4 203 mm, apelidado de “Martelo de Stálin”, faria sua estreia no campo de batalha. Não seria por acaso que Khlebnikov, comandante da artilharia do front seria notabilizado por essa operação. Ele destaca em suas memórias:

“No que respeita a artilharia, o uso de combate dos nossos tipos de tropas nas operações em Rzhev, nós em primeira grande escala preparamos uma diretiva da Stavka sobre as ofensivas artilheiras. O termo ”Ofensiva Artilheira” reflete a essência das exigências deste importante documento. Ficavam reduzidas a maximizar o uso do poder de fogo para aumentar a mobilidade, reforçando sua interação com a infantaria em todas as fases do combate ofensivo”⁷.

⁷ Khlebnikov, N. M. (1976). Daleko ot Stalingrada. (Longe de Stalingrado). In: Pod prokhot soten baterey. (Sob o rugir de centenas de baterias). Moscou: Editado pela Voenizdat. Disponível no link: http://militera.lib.ru/memo/russian/hlebnikov_nm/09.html. Acessado em 19 de julho de 2017. Tradução do autor.



Batalha por Rzhev

O ataque começa às 6 h 30 min de 30 de julho com pesados bombardeios da artilharia sobre as defesas alemãs que se desestabilizaram; o 30º Exército ataca e uma hora depois a 16º Divisão de Fuzileiros de Guarda atacou posições alemãs nas vilas próximas, alcançando Polunino, norte de Rzhev; a 87º Divisão de Infantaria foi capturada em parte, muitos soldados fugiram em pânico devido aos bombardeios que causaram danos aos nazistas, muitos tanques foram danificados e canhões destruídos. Os alemães contra-atacaram entre os dias 31 de julho e 3 de agosto, trazendo baixas ao Exército Vermelho estacionado em Polunino, mas a chegada de novos reforços na região fortaleceu a posição soviética, equilíbrio de forças que novamente se deu após o envio de mais reforços por Model, como a 6º Divisão de Infantaria.

O Front Ocidental partiu para o ataque, em 4 de agosto, Zhukov ordenou ataques seguindo-se a uma fase preliminar de bombardeios da artilharia pesados sobre as posições alemãs com os lança foguetes “Katyusha” e os canhões B-4 203 mm. No mesmo dia, tropas atravessaram o rio Derzha e aproximaram-se das posições alemãs com poucas perdas e o 20º e 31º Exércitos avançaram consideravelmente nas linhas de defesa inimigas. Em dois dias, o 20º Exército do general Reyter alcançou os rios Vazuza e Gzhat, bem próximo de Sychovka.

Essa situação preocupou Walter Model, que teria de enviar mais três divisões que haviam sido separadas para a Operação Turbilhão para reforçar a defesa dos flancos. Esse desvio de mais divisões para conter a ofensiva soviética abarcaria a 1º, 2º e 5º divisões Panzer, além da 102º e 105º divisões de infantaria, muitas motorizadas. O estrago, entretanto, já fora feito, pois com o furo no bloqueio da defesa do saliente de Rzhev a leste, era inevitável a não entrada numa situação crítica do Grupo de Exércitos Centro. Nos dias 21 a 23 de agosto, o Front Kalinin chegaria as redondezas de Rzhev, enquanto que o Front Ocidental flanqueava e libertava Karmanovo, a possibilidade de um cerco soviético se tornava mais real a cada minuto; Von Kluge urgentemente envia mais divisões para evitar a tragédia. Dentre os reforços estava a Divisão Panzer Granadier



Grossdeutschland⁸, altamente experimentada e com equipamentos de ponta da Wehrmacht. A situação melhorava consideravelmente para os soviéticos, assim como o otimismo. Zhukov escreveu sobre este conjunto operacional:

“Tendo disposto nós um ou dois exércitos mais, havíamos podido, em cooperação com o Front Kalinin, Comandado pelo general I. S. Konev, não somente derrotar o agrupamento de Rzhev, mas todas as tropas alemãs de Rzhev-Vyazma e melhorar notavelmente a situação operativa em toda a direção estratégica do ocidente”⁹.

O chefe do Estado Maior Alemão, Franz Halder escrevendo sobre a situação que envolvia o Grupo de Exércitos Centro, especialmente o 9º Exército, descreveu em 24 de agosto:

“O duro golpe sobre a posição da 2º Exército de Tanques (flanco oriental), 3º Exército de Tanques (rompido) e 9º Exército, onde em não poucos locais novamente marcou uma não considerável saída de nossas tropas. Apesar da chegada da 72º Divisão, a situação permanece tensa”¹⁰.

Georgi Zhukov foi, a partir disso, convocado pelo Estado Maior Soviético para ir a Stalingrado, onde a situação ficou mais crítica em setembro. Ivan Konev é deixado por Zhukov na indicação para

⁸ A Panzer Granadier Division Grossdeutschland é uma divisão altamente experimentada e bem equipada da Wehrmacht. Divisão de elite, a Grossdeutschland foi criada a partir de uma divisão motorizada em maio de 1942 para operações no teatro militar da Frente soviético-alemã, sendo destruída em abril de 1945 na Alemanha.

⁹ Zhukov, G. (1969). Memórias y meditaciones Mariscal de la Union Sovietica G. K. Zhukov (Tomo II). Biblioteca El Oficial, Habana. https://archive.org/stream/MemoriasYMeditaciones/memoriasYMeditaciones_tomo_2#page/n0/mode/2up

¹⁰ Halder, F. (1968–1971). 1942 god. avgust. (Agosto do ano de 1942). In Voennyj dnevnik. (Diário de guerra). Tomo III: Ot nachala vostochnoy campanii do nastupleniya na Stalingrad (22.06.1941–24.09.1942). (Da início da ofensiva na campanha oriental a ofensiva em Stalingrado (22.06.1941–24.09.1942)). Moscovo: Voenizdat. http://militera.lib.ru/db/halder/1942_08.html

assumir o comando do Front Ocidental e começa a articulação de um novo anel sobre as forças alemãs remanescentes em Rzhev, onde planejava utilizar o 29º Exército de Shevtsov e o 31º Exército de Vitaliy Polenov. Konev estabelece um novo plano cujo o objetivo era manter as posições a leste de Rzhev, isto é, não capturar Sychovka, concentrando esforços a oeste para dirigir os alemães para fora da cidade. A chegada de reforços a oeste e da Divisão Grossdeutschland em 9 de setembro em Zubtsov a leste estabilizou a região. Mesmo assim, a posição em Rzhev continuava delicada pelo virtual saliente e só esses reforços não seriam suficientes para segurar uma nova ofensiva soviética. O “cobertor encurtou” a um nível insuportável para a logística de guerra alemã em outubro de 1942; só o 9º Exército de Walter Model perdeu nesse período mais de 60 mil soldados. As severas baixas levaram ao recuo para a reserva ao oeste de Sychovka da 5ª Divisão Panzer e mais três divisões de infantaria (102º, 337º e 78º) ainda no fim de agosto¹¹.

As operações do Exército Vermelho de agosto ainda contribuíram para a liberação de diversas vilas e pequenas cidades ocupadas pelos nazistas desde a Operação Tufão. Em uma delas, o povoado de Pogoreloye Gorodichshe, em dez meses de ocupação dos alemães, a população de 3.076 habitantes foi reduzida a 905 pessoas: 1.980 pessoas morreram de fome, outras 60 foram deportadas, 37 fuziladas e 94 queimadas vivas por resistirem a evacuação da cidade; essa era uma das mostras mais concretas da prática sistemática de extermínio dos invasores fascistas no front soviético¹².

O insucesso no Cáucaso contribuía para que as operações em Rzhev colocassem o Exército Alemão em posição cada vez mais crítica. Isso ficou evidente em outubro de 1941 com as paralisações em Rzhev e Stalingrado, “faltavam pernas”. A logística chegou ao seu ponto máximo, não era possível avançar mais, isso fulminaria mesmo

¹¹ Glantz, D. M. (1999). Zhukov's greatest defeat – The Red Army epic disaster in Operation Mars, 1942. (A Grande derrota – O épico desastre do Exército Vermelho na Operação Marte, 1942). Kansas: Editado pela Universidade do Kansas. P. 34.

¹² Werth, A. (2015). Stalingrado: 1942. São Paulo: Editora Contexto. P. 77.



a posição do comandante do Estado Maior Alemão Franz Halder, substituído por Kurt Zeitzler. Entretanto, ele cedo veria o desastre que se aproximava para o Exército alemão que cairia em uma gigantesca armadilha sobre Stalingrado e Rzhev.

A Operação Marte

Horst Grossman, general alemão no período, descreve a situação na cidade no período:

“Dia a dia ataques em combates por Rzhev! O peso e maior força da chuva de bombardeios poderia ser vista claramente em fotografias aéreas. Após quatro semanas não era possível ser encontrado seja em casa ou na rua. Como na Primeira Guerra Mundial em Somme, crateras apareciam na paisagem local da cidade. Assim termina agosto e assim entra setembro. Todos os dias, nas primeiras horas da manhã, depois de uma forte formação de fogo e ataques bombardeiros iam fuzileiros russos e tanques nas pontes de Rzhev”¹³.

A equiparação de forças entre o Exército Vermelho e a Wehrmacht ainda não havia ocorrido, mas os soviéticos se fortaleciam mais a cada mês que os nazistas não conseguiam dar fim à guerra. O cronograma alemão chegou ao máximo, mas não havia estourado ainda, ou seja, a possibilidade de equiparação entre as duas forças não somente estava chegando, como o relógio estava batendo a chegada da meia noite para o Exército alemão. Sabendo disso e planejando maiores operações é que o Alto Comando Soviético planeja cuidadosamente durante semanas uma gigantesca operação que consistia de um conjunto de pequenas operações localizadas em todo o front sul e central que visavam desestabilizar a Wehrmacht e fechar dois importantes anéis no Front Sul, um em Stalingrado e outro no Front Central, em Rzhev. Caso bem-sucedida, a Operação Saturno deveria fechar dois anéis gigantescos, ou em apenas um

¹³ Grossman, H. (1996). Rzhev – Kraeugolnyy kamen Vostochnogo fronta. (Rzhev – Pedra angular da Frente Oriental). Rzhev: Rzhhevskaya Pravda. <http://militera.lib.ru/h/grossman/01.html>. Acesso em 09 de julho de 2017. Tradução do autor.

poria em risco a posição do exército alemão e consequentemente colocaria Hitler numa posição ainda mais delicada onde as chances de vitória se afastariam ainda mais.

A ideia era que de forma coordenada tais ataques e forças pudessem forçar ainda mais a logística alemã com a possibilidade de quebra de alguma das frentes de batalha alemã em virtude da situação. Ao mesmo tempo que seria lançado em Stalingrado a Operação Urano, em Rzhev seria lançada a Operação Marte no fim de novembro, que faria com que o Alto Comando Alemão entrasse em estado de nervosismo sem poder remanejar tropas para salvar suas duas frentes de guerra. Em Rzhev, desde o começo de outubro, as condições de se efetuar o cerco sobre a cidade existiam, e a Operação Marte tinha o objetivo de fechar este cerco e possibilitar o esmagamento do 9º Exército Alemão, liquidando o trampolim de Moscou. Novamente, o Front Kalinin, comandado agora pelo coronel general Maxim Purkaev, e o Front Ocidental, por Konev, participariam das operações vistas com entusiasmo pelo do Alto Comando Soviético.

Ambos os fronts, Kalinin e Ocidental, somados registravam nove exércitos que possuíam aproximadamente 702.924 combatentes e 1.718 tanques¹⁴. Seriam usados os recém reconstituídos 41º, 22º, 33º e 39º exércitos, além dos já existentes 5º, 30º, 31º, 20º e 29º exércitos. Na primeira etapa da Operação Marte, os Fronts Ocidental e Kalinin avançariam sobre Velikye Luki a oeste de Rzhev para cortar as comunicações, enquanto que a leste romperseia as barreiras defensivas de Zubtsov e Osuga avançando até Sychovka e depois Vyazma, que seria o ponto de encontro. Quatro corpos de tanques seriam usados para esta operação, o 1º e 3º Corpo de Tanques, o 6º Exército de Tanques e 2º Corpo de Cavalaria e o 5º Corpo de Tanques subordinado ao 33º Exército. O 5º Exército Soviético do general Cherevchenko e o 33º do coronel Vasili Godov ainda participariam desta primeira etapa.

Uma forte nevasca impediu o início das operações devido a importância da participação de divisões aéreas e artilheiras; assim, a operação teve

¹⁴ Isaev, A. V. (2006). Operatzya Mars. (Operação Marte). In *Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali* (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/08.html



de ser adiada por alguns dias. Em 25 de novembro, Maxim Purkaev, comandante do Front Kalinin, deu ordens a 3ª Divisão de Assalto para lançar uma ofensiva rumo a Velikye Luki pelo vale de Luchsy, missão do 3º Corpo de Tanques do general Katukov e do 22º Exército do general Dimitri Seleznyov, contra a 3º Exército Panzer do general Herman Hoth. Enquanto isso, simultaneamente, na outra parte do mesmo front, o 22º Exército do tenente general Vasili Yushkevich e o 41º do general German Tarasov atacou na segunda fase da operação junto com o 1º Corpo de Tanques do coronel general Solomatin a cidade de Belyi, onde estava encostado o 41º Corpo de Tanques Alemão. Ivan Konev também partiu para o ataque no mesmo dia, o Front Ocidental dispôs para atacar a face oriental de Rzhev, ultrapassando pelo sul de Zubtsov o rio Vazuza, o 20º Exército do major general Nikolay Kiryokhin e o 31º Exército do major general Vitaliy Polenov.

Von Kluge, aterrorizado, envia a 8ª Divisão Panzer, a 20ª Divisão Motorizada, que estava na reserva, e a 6ª Divisão da Luftwaffe para Velikye Luki, para tentar impedir o cerco, onde não teria sucesso – até dia 28 de novembro os alemães tiveram 10 mil baixas e 400 prisioneiros nas batalhas pela cidade¹⁵. Entre dezembro e janeiro, as diversas tentativas de rompimento do novo anel soviético foram inúteis, as forças de Purkaev seguraram o cerco até o fim, com a rendição em 16 de janeiro. A perda da cidade isola pelo oeste Rzhev, restando apenas a frágil linha Smolensk-Vyazma, que tinha em Sychovka o ponto fraco, caso capturado esse entreposto o saliente estaria formado e o bolsão seria iminente. A esperança nazista estava em fortificar a região de Belyi de onde partiam poderosos ataques para fechar o cerco.

A situação do 41º Corpo de Exército Panzer do coronel general Josef Harpe era crítica, as defesas de Belyi e Demekhi estavam prestes a desmoronar, dois regimentos da Luftwaffe foram esmagados e a 246ª Divisão de Infantaria, junto ao 352º Regimento Granadier, estavam em difícil situação ao sul; foram feitos desesperados pedidos por

¹⁵ Isaev, A. V. (2006). Operatzya Mars. (Operação Marte). In *Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali* (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/08.html. P. 100.

reforços. As reservas de Smolensk foram enviadas, que continham a 1ª Divisão Panzer, elementos da 8ª Divisão de Cavalaria da SS, além da 12ª, 19ª e 20ª Divisões Panzer¹⁶.

Zhukov, em 8 de dezembro, iniciaria uma nova ofensiva ao norte de Rzhev visando pressionar o já debilitado 23º Corpo de Exércitos Alemão, onde usou o 20º Exército de Mikhail Khozin, o 5º Corpo de Tanques do general Semenchenko e o 6º Corpo de Tanques do coronel Yoshkhchuk, para ajudar o 39º e 30º Exércitos que não conseguiram romper a defesa. O bolsão sobre o 9º Exército Alemão quase foi completado apesar do bloqueio em Belyi e no norte, o avanço do general Katukov chegou muito perto de fechar o anel, entretanto, em 20 de dezembro, a operação foi cancelada devido à falta de condições climáticas para continuidade.

As perdas da Operação Marte, de ambos os lados, foram altas, o 9º Exército Alemão perdeu mais 53 mil soldados, várias divisões e corpos militares sofreram baixas pesadas. O 39º Corpo de Exército quase perdeu a 78ª Divisão de Infantaria, o 27º Corpo mais uma vez viu a 6ª Divisão de Infantaria em apuros que quase não sobreviveria, sendo totalmente reformulada nos meses posteriores devido à perda de homens e regimentos inteiros. A situação do 41º Corpo Panzer não era fácil também, pois havia perdido muitos regimentos. A 205ª Divisão de Infantaria sofreria as mais pesadas derrotas ao ser cercada em Velikye Luki, de onde escaparia com poucos soldados. O 23º Corpo de Exército Alemão também teve pesadas perdas na 1ª Divisão Panzer assim como 102ª Divisão de Infantaria enviada em agosto e a 253ª Divisão que quase foi rompida ao norte de Rzhev. A Divisão Grossdeutschland também sofreu pesadas baixas ao ser separada em vários setores da defesa de Rzhev, o que indicava a situação difícil das reservas alemãs no front central¹⁷.

A artilharia mais uma vez foi decisiva para anular as defesas inimigas, embora não tenham sido superadas e o cerco bem-sucedido, o 9º Exército ficou sobre pressão assim como Grupo de Exércitos Centro. Zhukov deu destaque, em suas memórias, ao período das

¹⁶ Ibid. Pp. 116 e 117.

¹⁷ Ibid. P. 225.



batalhas neste front, onde, ao falar da falha do cerco sobre Rzhev, buscou enaltecer Maxim Purkaev e destacou a falha do avanço do Front Ocidental que não possibilitou o encontro das duas frentes e fechar o bolsão a semelhança do ocorrido em Stalingrado. Ainda assim, observa que embora não haja conseguido fechar o anel em Rzhev, a Operação Marte impediu a transferência de consideráveis unidades militares a Stalingrado¹⁸.

Zhukov estava certo, Von Manstein no Sul solicita a Kurt Zeitzler reservas do Front Central para ajuda para repelir a tentativa de cerco por parte do Exército Vermelho sobre o 6º Exército em Stalingrado. Zeitzler constrói urgentemente um exército vindo da Europa para o Cáucaso, não dava para remanejar qualquer unidade de Rzhev onde a situação era crítica. Essa visão contrasta com a da historiografia ocidental que por muito tempo viu na falha da Operação Marte um fracasso total. David M. Glantz faz um estudo somente sobre isso em seu livro *Zhukov's Greatest Defeat*¹⁹, onde apontava a derrota para Zhukov. Isaev, entretanto, viu um ponto de virada em Stalingrado e Velikye Luki, que marcavam mudanças qualitativas, mostrando a incapacidade do Alto comando Alemão de assegurar a sustentabilidade dos fronts dentro das novas condições em que operava o Exército Vermelho²⁰. Alexander Werth corrobora com essa visão, inclusive coloca Stalingrado como a operação crucial e Rzhev com a tarefa ingrata de segurar as unidades alemãs no Front Central, descrevendo como vã a ofensiva sobre o que ele chama de trampolim de Moscou²¹.

Em Stalingrado, simultaneamente a Operação Urano completou com sucesso o cerco a cidade e o isolamento das forças do 6º Exército

¹⁸ Zhukov, G. (1969). Memórias y meditaciones Mariscal de la Union Sovietica G. K. Zhukov (Tomo II). Biblioteca El Oficial, Habana. https://archive.org/stream/MemoriasYMeditaciones/memoriasYMeditaciones_tomo_2#page/n0/mode/2up Acessado em 24 de junho de 2017

¹⁹ Ibid. op. cit.

²⁰ Isaev, A. V. (2006). Operatzya Mars. (Operação Marte). In *Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali* (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/08.html. Tradução do autor.

²¹ Ibid. Pp. 99 e 100.

Alemão do resto da Wehrmacht. Isso irritou extremamente a Hitler e um bolsão fora formado, ainda maior do que o previsto em Rzhev, acendendo o sinal de atenção do Alto Comando Alemão que, ainda atordoado pela derrota, viu o esmagamento da 8ª Divisão Italiana junto com diversas divisões húngaras e romenas em Stalingrado. Hitler ainda tentou acelerar desesperadamente a vinda de seu exército da Europa para romper o cerco em Stalingrado, a Operação Tempestade de Inverno, entretanto não conseguiria romper o cerco. João Pitillo coloca que:

“Essa tentativa de romper o cerco soviético não se mostrou eficiente, mas no dia 16 de dezembro os soviéticos mostraram o que era eficiência, desencadearam a “Operação Saturno”, que visava dividir e esmagar o 6º Exército alemão que estava imóvel dentro do bolsão, os mesmos foram empurrados em direção ao Don e perderam a mobilidade, os ataques aéreos e de artilharia dos soviéticos imobilizaram boa parte do material rodante dos alemães que já estavam ficando sem combustível”²².

A Retirada Germânica de Rzhev: Uma Vitória mais que Estratégica

Günter Von Kluge demonstrou constantemente, a partir de dezembro, preocupação com uma nova tentativa de cerco sobre as tropas do 9º Exército de Walter Model em Rzhev e pediu permissão para retirada de Rzhev. A inflexibilidade do Alto Comando Alemão falava mais alto, seu ego advinha da fé infinita na superioridade do “homem ariano que havia sido destinado por Deus” para essa vitoriosa cruzada contra o bolchevismo. A ignorância quanto a possibilidade de derrota tanto em Stalingrado quanto em Rzhev levou a Wehrmacht a esse ponto de inflexão junto ao imperialismo militar aventureiro germânico sobre a URSS.

²² Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho: O Segredo da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Multifoco. Pp. 45 e 46.



A situação da Wehrmacht no início de 1943 era ainda mais crítica que no ano anterior, o cerco vitorioso e a libertação total de Velikye Luki em 16 de janeiro deram ao Exército Vermelho vantagem estratégica no Front Central. A isso se seguiu, em menos de duas semanas, a rendição em Stalingrado do 6º Exército de Paulus, e de certo o Alto Comando Alemão tinha a certeza de que os exércitos dos Fronts Ocidental e Kalinin iriam tentar um novo cerco a partir da primavera em virtude das derrotas alemãs no sul. Em suas memórias, um artilheiro participante das batalhas por Rzhev, Petr Mikhin, escreveu que:

“E todo este mesmo resultado na operação Rzhev-Sychovka de nossas tropas avançaram até 35 quilômetros libertando muitas pessoas e pontos. Isso nos sangrou três divisões de tanque e várias da infantaria inimiga, já preparadas para serem enviadas a Stalingrado. Adicione-se a isso a prisão de 12 divisões inimigas. Mais que isso, os alemães foram forçados a retirar algumas de suas forças de Stalingrado para o nosso Front Kalinin. Mas nossa principal realização foi o fato de que o Alto Comando Alemão, alarmado com nossa atividade em Rzhev, desviouse de Stalingrado, e assistia uma concentração de tropas soviéticas para uma ofensiva em Stalingrado”²³.

A decisão de Hitler pelo recuo dos exércitos da região de Rzhev e pelo abandono de Vyazma visando salvá-los de uma tragédia ainda maior do que em Stalingrado era uma derrota vergonhosa, mas a única saída. Após um ano e meio da presença da Wehrmacht às portas Moscou, sangrando recursos, a retirada foi desastrosa para o Alto Comando Alemão, mesmo se comparável a Stalingrado, pois todo o esforço feito neste período poderia ser julgado como inútil, o objetivo final da campanha no leste seria adiado mais uma vez, sendo desta vez para sempre.

²³ Mikhin, P. A. (2006). Ya ubit podu Rzhevom... (Eu matei por Rzhev...). In Artilleristy, Stalin dal prikaz! My umirali, chtoby pobedit. (Artilheiros, Stalin deu a ordem! Estávamos cheios de vontade de vencer). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/memo/russian/mihin_pa/04.html. Acesso em 30 de junho de 2017.

Simultaneamente, o Exército Vermelho avançaria frente a retirada para liberar a estrada que liga Vyazma a Moscou e diversas cidades, conseguindo afastar de vez da capital soviética o inimigo, liquidando o trampolim de Moscou e fortalecendo a posição soviética que avançaria até ser bloqueada próximo a linha Smolensk e Yelnia. Uma vitória conquistada a duras condições, mas que já estava se delineando como provável desde os meses finais de 1942 quando, apesar de ter repellido a tentativa de cerco da Operação Marte, o Alto Comando Alemão não conseguiu responder com contra-ataque algum como fora anteriormente em meados de 1942 quando lançou a Operação Seydlitz; isso significava que o Exército alemão estava ficando sem recursos devido ao combate em vários fronts simultâneos. A retirada desesperada em março de Von Kluge era, entretanto, planejada pelo Alto Comando Alemão enquanto operação de retirada, cujo nome era Buffalo.

A Operação Buffalo tinha por objetivo a retirada de tropas para formar novas reservas afim de preparar para o verão uma nova gigantesca operação ofensiva, que seria a Operação Cidadela. Na análise de diversos historiadores militares, não havia outra saída, o perigo de uma segunda perda semelhante a Stalingrado seria esmagador tanto para a moral alemã, como para o cronograma de guerra que havia estourado. A Operação Buffalo recuaria 365.000 homens de Rzhev e 100 quilômetros até a linha Smolensk-Yelnia, sendo feita em vários estágios e acompanhada de uma operação antipartisan que destruiria diversas vilas. Por estas ações, tanto Walter Model como diversos coronéis e tenentes foram considerados criminosos de guerra na URSS. A 8ª Divisão de Cavalaria da SS Florian Geyer, o 6º Corpo de Exército Alemão e a 18ª Divisão Panzer seriam responsáveis pela completa destruição e chacina em Vyazma, Rzhev e outras pequenas cidades na região²⁴.

Apesar de todas as tentativas de suavizar as derrotas em Rzhev por parte dos generais alemães, essa retirada foi tão negativa para

²⁴ Não existem números oficiais das perdas civis em Rzhev. De acordo com as contas do historiador O. Kondratiev o número varia entre 800.000 e 900.000 assassinados ou enviados para trabalho escravo na Alemanha. Mais informações disponíveis no link: <http://rzhv.ru/modules/myfiles/myfile03.php>. Acessado em 07 de julho de 2017.



a Alemanha quanto a derrota no sul. Era uma retirada após um ano e alguns meses de combate praticamente inúteis e as posições passavam a ser quase as mesmas de outubro de 1941 com perdas do lado nazista extremamente significativas de homens e danificação de muitas divisões recuadas, mesmo que o Exército Vermelho tenha tido pesadas baixas, algo em torno de 1.200.000, segundo cálculos de Isaev²⁵, que ainda aponta:

“O preço da Batalha por Rzhev enfraqueceu consideravelmente o 9º Exército Alemão. Um dos personagens heroicos da batalha, a 1ª Divisão Panzer foi removida do exército e enviada incompleta para o ocidente. No Front Oriental ela somente apareceu uma vez no outono de 1943 na crucial batalha no saliente de Kursk para simplesmente não participar. Todos os outros envolvidos em repelir a ofensiva soviética sobre Rzhev e Sychovka sofreram perdas significativas. Assim, em meados de dezembro, a 78ª Divisão de Infantaria seria avaliada como «pequena digna da batalha», embora essa fosse uma das melhores divisões da Wehrmacht”²⁶.

Os partisanos tiveram também uma importante participação em todas as operações no Front Central que envolveram Rzhev, Velikye Luki e Bely. Foi por causa da sabotagem de diversos carregamentos que Hitler teve que desviar, em 1943, segundo João Pitillo, 50 divisões, que foram enviadas para operações anti-partisans, – bem considerável em comparação às 21 divisões do Eixo que a coalizão anti-hitleriana combatia no ocidente²⁷, – enfraquecendo o Grupo de Exércitos Centro, que era o lugar concentrado de onde se retirava os

²⁵ Isaev, A. K voprosy o poteryakh sovetskikh vojsk v boyakh za rzhveskiy vystup (Questões sobre as perdas de tropas na batalha do saliente de Rzhev). In.Wiki. <http://actualhistory.ru/isaev-rzhev>. Acesso: 01 de julho de 2017.

²⁶ Isaev, A. V. (2006). Operatzya Mars. (Operação Marte). In *Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali* (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscovo: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/08.html. Tradução do autor.

²⁷ Ibid. P. 51.



exércitos necessários para cobrir brechas em outros fronts, tanto em Leningrado como foi em Stalingrado.

A Wehrmacht também assimilaria as experiências de 1941 e 1942 ao longo das operações que haviam demonstrado que não era mais possível vencer o Exército Vermelho com grupos de exército atuando com pouca coordenação logística em vários fronts. A Operação Saturno havia sido bem-sucedida porque havia conseguido com êxito coordenar o Exército Vermelho em todo o front soviético a realizar ataques coordenados que deixaram atordoados os nazistas sem saber o que fazer com o seu “curto cobertor” que já não tinha capacidade de fechar buracos em todo o front. O general Horst Grossman comenta em suas memórias:

“O ano de 1942 trouxe, por meio das numerosas operações ofensivas na frente oriental, a introdução de um grande número de divisões russas que “devoraram” as reservas alemãs. A mesma catástrofe de Stalingrado. A fim de obter novas reservas, foi necessário tomar medidas decisivas. Em conexão a isto, surgiu a questão para a frente então de assumir linhas mais curtas, liberando assim divisões a necessidade de qualitativa reserva. Tem sido repetido que o Comandante em Chefe do Estado Maior, o general Zeitzler, esmagado para Hitler, que era não somente preciso limpar o bolsão em Demyansk, mas também retirar de Rzhev o avançado 9º Exército do bloco saliente. Como a situação se tornou toda mais ameaçadora e perigosa, Hitler não podia «ponderar» mais sobre esta proposta e permitiu pôr fim, em 6 de fevereiro, a retirada do 9º Exército e metade do 4º Exército da posição Spas-Demyansk-Dorogubosh no nordeste e norte de Demidov”²⁸.

²⁸ Grossman, H. (1996). Rzhev – Kraeugolnii kamen Vostochnogo fronta. (Rzhev – Pedra angular da Frente Oriental). Rzhev: Rzhevskaya Pravda. <http://militera.lib.ru/h/grossman/01.html>. Acesso em 30 de junho de 2017. Tradução do autor.



Dos meses finais de 1942 até próximo da Batalha de Kursk, a produção bélica soviética estava atingindo a equivalência produtiva com a Wehrmacht. Dos céus já não eram donos só a Luftwaffe, a Força Aérea Soviética desafiava com suas inovações tecnológicas e táticas, enquanto que em terra o Exército Vermelho pouco a pouco se tornava superior em número de combatentes e materiais bélicos. Superioridade não somente quantitativa, mas qualitativa, a Alemanha, até o surgimento dos Tigers e Panthers, não tinha nenhum tanque superior ao T-34/76 e KV-1. A artilharia em Rzhev provou sua importância nas operações militares, os lança foguetes “Katyusha”, os B-4 203 mm – “Martelos de Stalin” – danificaram muitas unidades nazistas de forma até ali não vista ainda, e que posteriormente consolidaria essa posição de coordenação da artilharia e aviação, ideias do Estado Maior Soviético durante a Batalha de Kursk, onde o Exército Vermelho não somente derrubaria a Operação Cidadela como esmagaria, por meio de contra ataques, partes inteiras dos grupos de exércitos alemães, além de ganhar a iniciativa estratégica no front germano-soviético.

Rzhev foi muito mais que uma vitória estratégica a um alto preço, foi essencial para que Moscou fosse livre da ameaça de invasão, aliviou a pressão germânica sobre o Cáucaso e deu cobertura para o avanço fulminante do Front Sudoeste comandado por Nikolay Vatutin que avançaria até Kharkov e Belgorod. A consequência dessas diversas vitórias seria extremamente positiva junto com o avanço que ao estabelecer um saliente em Kursk terminaria o ponto de virada da guerra que se iniciou em Stalingrado e Rzhev.

Referências

- Glantz, D. M. (1999). Zhukov's greatest defeat: The Red Army epic disaster in Operation Mars, 1942. Kansas: University Press of Kansas.
- Grossman, H. (1996). Rzhev – Kraeugolnyy kamen Vostochnogo fronta. (Rzhev – Pedra angular da Frente Oriental). Rzhev: Rzhetskaya Pravda. <http://militera.lib.ru/h/grossman/01.html>
- Halder, F. (1968–1971). 1942 god. avgust. (Agosto do ano de 1942). In Voennyj dnevnik. (Diário de guerra). Tomo III: Ot nachala vostochnoy campanii do nastupleniya na Stalingrad (22.06.1941–24.09.1942). (Da início da ofensiva na campanha oriental a ofensiva em Stalingrado (22.06.1941–24.09.1942)). Moscow: Voenizdat. http://militera.lib.ru/db/halder/1942_08.html



- Isaev, A. V. (2006). Operatzya Mars. (Operação Marte). In Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/08.html
- Isayev, A. K voprosy o poteryakh sovetskikh vojsk v boyakh za rzhveskiy vystup (Questões sobre as perdas de tropas na batalha do saliente de Rzhev). In.Wiki. <http://actualhistory.ru/isaev-rzhev2>
- Khlebnikov, N. M. (1976). Daleko ot Stalingrada (Longe de Stalingrado). In Pod prokhot soten baterey. (Sob o rugir de centenas de baterias). Moscou: Voenizdat. http://militera.lib.ru/memo/russian/hlebnikov_nm/09.html
- Mikhin, P. A. (2006). Ya ubit podo Rzhevom... (Eu matei por Rzhev...). In Artilleristy, Stalin dal prikaz! My umirali, chtoby pobedit. (Artilheiros, Stalin deu a ordem! Estavamos cheios de vontade de vencer). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/memo/russian/mihin_pa/04.html
- Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho: O Segredo da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Multifoco.
- Werth, A. (2015). Stalingrado: 1942. São Paulo: Contexto.
- Zhukov, G. (1969). Memorias y meditaciones Mariscal de la Union Sovietica G. K. Zhukov (Tomo II). Biblioteca El Oficial, Habana. https://archive.org/stream/MemoriasYMeditaciones/memoriasYMeditaciones_tomo_2#page/n0/mode/2up

DE LENINGRADO A KALININGRADO: A MARCHA LIBERTADORA SOVIÉTICA NA COSTA BÁLTICA

Eden Pereira Lopes da Silva
Historiador formado pela UERJ



A Situação do Front Noroeste entre 1941 e 1944

A Alemanha, no front noroeste, não conseguiu ter o mesmo avanço devastador que na Bielorrússia. Desde o início, a Wehrmacht teve dificuldades. Wilhelm Von Leeb, comandante do Grupo de Exércitos Norte, foi obrigado a utilizar as reservas várias vezes para romper as linhas de defesa na região báltica porque os soviéticos armaram boas defesas. Enquanto Guderian e Hoth chegaram a Minsk em pouco menos de quinze dias, Hoepner somente chegaria próximo a Tallin na última quinzena de agosto de 1941, cercando as forças soviéticas no golfo da Finlândia. A Stavka¹ não teve outra alternativa que não evacuar as tropas e a frota do báltico, o que alguns autores no ocidente chamam de Dunquerque soviético. A evacuação soviética deixou exposta Leningrado a uma invasão alemã pelo sul e finlandesa pelo norte.

A cidade de Leningrado era importante para alemães e finlandeses. Os alemães desejavam desocupá-la dos soviéticos, fechando o acesso ao Báltico, já Gustaf Mannerheim, ministro da defesa finlandês e chefe do Estado Maior, conhecido aliado do regime nazista, tinha interesses próprios e nunca escondeu o interesse por Leningrado, Carélia, e outras terras soviéticas. Entretanto, com a Operação Tufão, Leningrado deixa de ser prioridade para o Eixo, que então se concentra em capturar Moscou, mas isso não quis dizer que a cidade recebeu sossego, pelo contrário, os

¹ Quartel General do Comando Supremo do Estado Maior das Forças Armadas do Exército Soviético.



finlandeses mantiveram firme a preparação para assaltar a cidade com apoio alemão, que somente seria possível com a vitória em Moscou, o que nunca ocorreu e pôs em cheque a possibilidade de uma rápida vitória alemã. João Pitillo destaca:

“A não finalização da tomada de Leningrado levou a Finlândia a um desgaste e uma paralisação nos seus planos de anexação de terras soviéticas. Isso tudo se agravou com o despreparo da logística alemã para uma guerra de mais de um ano, já que o Alto Mando nazista dizia aos quatro cantos que a tomada da URSS se daria de 7 a 11 semanas”².

A resistência soviética na cidade foi extremamente crítica, especialmente nos primeiros seis meses em que havia uma parca comunicação entre ela e o resto do país – estava isolada pelo corte da linha ferroviária Moscou-Leningrado. Na capital, a situação também era crítica, pois Rzhev estava ocupada e os nazistas possuíam o famoso trampolim de ataque sobre a capital. Zhukov, comandante da Frente Leningrado, entre setembro e outubro conseguiu construir uma sólida defesa ao longo das regiões sul e norte da cidade. Neste tempo, o governo também deu prioridade à manutenção da produção militar na cidade e em todos os dias de cerco a fábrica Kirov continuava produzindo tanques para à frente de batalha.

O tenente general Mikhail Khozin foi posto no comando da Frente Leningrado em fins de outubro de 1941 onde teria o objetivo de quebrar o cerco da cidade. A Stavka criaria ainda a Frente Volkhov em dezembro, sob o comando do general Kirill Meretzkov. Nesse tempo, a Operação Tufão já estava em desgaste, e, aproveitando-se disto, os soviéticos contra-atacam em todas as regiões de Moscou e Leningrado, em dezembro. A Operação Lyuban quase quebra o cerco e os alemães, para conter a ofensiva do 2º Exército de Assalto do general Andrey Vlasov, realizam a Operação Besta Selvagem que captura este exército. Muitos homens, incluindo o general Vlasov,

² Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho – Os Segredos da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco. P. 78.



Soldados soviéticos em Kursk

passariam ao lado alemão e formariam o Exército de Libertação da Rússia, que agrega também diversos russos do antigo Exército Branco no exílio. Entretanto, os soviéticos formaram dois bolsões, um sobre Demyansk, com a ajuda da Frente Kalinin que envolveu o 16º Exército Alemão, a 12º Divisão de Infantaria e partes da 3º Divisão de Tanques SS Totenkopf, e outro em Kholm, que envolvia 218º Divisão de Infantaria, partes da 329º e 123º Divisões de Infantaria. A Operação Sinyavino, entre agosto e setembro de 1942, tenta quebrar o cerco mais uma vez, o que, apesar de não ocorrer, frustra as intenções nazistas de capturar a cidade com a Operação Luz do Norte. Somente em fins de 1942 a Operação Saturno articulou todo o front germano-soviético em uma ofensiva visando distender as forças nazistas demasiadamente extenuadas em todo o front. Segundo o historiador Aleksey Isaev, no inverno de 1943, o Exército Vermelho sentiu que havia condições de penetrar as defesas alemãs, embora não fosse uma tarefa fácil como se mostrou³. Tarefa que seria dada a Operação Iskra.

O objetivo dessa operação era quebrar o cerco a Leningrado e manter a comunicação por meio de uma linha ferroviária em um corredor que a ligaria a Moscou para suprir com materiais e bens de primeira necessidade. Lançada em janeiro de 1943, a operação envolvia 302.800 combatentes soviéticos do 67º Exército do general major Mikhail Dukhanov, o restaurado 2º Exército de Assalto do general Vladimir Romanovskiy e 8º Exército do general Filipp Starikov, com apoio ainda do 13º e 14º Exércitos Aéreos. O Grupo de Exércitos Norte, comandado por Kuchler, era forte, mas as derrotas no centro e sul haviam enfraquecido o bloqueio. A Operação Iskra melhorou muito a situação no front, como Roberto Santana destaca:

“Para os civis em Leningrado foi um grande alívio em meio à barbárie, com a chegada de suprimentos e novas

³ Isaev, A. V. (2006). Operatzii «Iskra» i «Polyarnaya Zvezda». (Operações Iskra e Estrela Polar). In *Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali* (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/14.html. Acesso em 20 de outubro de 2017.



armas combater o invasor. Boa parte da população civil que ainda estava na cidade passou a ser evacuada pela conexão estabelecida pela Operação Iskra”⁴.

Entretanto, o bloqueio não significava que a cidade ficasse livre das incursões militares, pois o Grupo de Exércitos Norte ainda possuía tropas consideráveis na região, e os Grupos de Exércitos Karelia e Sudeste da Finlândia ainda estavam às portas da cidade. Reconhecendo esta situação, em abril, os soviéticos lançam a Operação Estrela Polar para cercar estes grupos militares e eliminar o bolsão em Demyansk. A operação consegue separar as tropas alemãs das finlandesas e dá ao front maior liberdade de operação, colocando as forças alemãs em posição mais delicada após a vitória em Kursk, onde o Exército Vermelho, em outra ofensiva na região de Mga, em julho, reconquista uma importante linha ferroviária e diminui a pressão sobre o corredor aberto em janeiro, ligando a cidade ao resto do país.

A situação da Alemanha após Kursk obrigou ao Estado Maior nazista a mudar a estratégia durante o outono e inverno de 1943, que então faria de tudo para estabelecer uma linha defensiva em todo o front, chamada de Linha Pantera ou Muro Oriental do rio Narva ao sul no Mar Negro, por meio do rio Dnieper. O objetivo era resistir durante o inverno qualquer investida soviética, o que não foi bem-sucedido, pois com a iniciativa estratégica nas mãos, o Exército Vermelho prosseguiria na libertação de diversas regiões.

A Ofensiva Leningrado-Novgorod e a Batalha de Narva

Em dezembro de 1943, a situação no front noroeste era estável, porém diversas regiões soviéticas ainda eram ocupadas pelos alemães; o Báltico era uma delas. Posto isto, a Stavka planeja uma operação envolvendo todo o front noroeste para afastar e destruir o Grupo de Exércitos Norte, acabando com o perigo que ainda pairava sobre Leningrado com tropas a menos de 100 quilômetros. Este grupo era comandado por Georg Von Kuchler, possuindo a sua

⁴ Santos, R. S. dos. (2017). Operação Iskra – Janeiro de 1943. In: A Segunda Guerra Mundial e seus Momentos Decisivos (pp. 92–98). São Paulo: Nova Cultura. p. 96.



disposição o 18º Exército sob o comando do general Georg Lindeman, que possuía internamente o experiente 3º Corpo de Tanques da SS, e o 16º Exército, que possuía o experiente 6º Corpo de Exército da SS, ainda possuía o 1º Exército da Luftwaffe⁵. Tudo isso dava aproximadamente 500 mil homens distribuídos ao longo da região, e que, se somando aos 280 mil soldados finlandeses na Carélia, que possuíam 11 divisões e 4 brigadas e o suporte do Grupo de Exércitos Noruega da Wehrmacht, totalizava 780 mil homens.

A derrota do Grupo de Exércitos Norte era necessária do ponto de vista estratégico militar e um requisito para a segurança na ofensiva sobre o Leste Europeu e a libertação da Bielorrússia no verão de 1944. Diversas colônias germânicas já haviam sido estabelecidas no Reichskommissariat Ostland que abrangia Estônia, Letônia e Lituânia, e a região norte da Bielorrússia. Os Einsatzgruppen cometeram diversos crimes de guerra contra a população local e escravizavam diversos eslavos vindos da Ucrânia e Bielorrússia⁶. Urgia, portanto, uma operação sobre as tropas alemães na região ocupada desde 1941, que inicia, em fins de 1943, preparações para uma operação na região para a expulsão das forças germânicas. Cada vez mais tropas soviéticas chegaram garantindo maioria numérica, havia ainda um agravante para os alemães, que foi a perda da Divisão Azul⁷. O ditador espanhol Franco cedeu no estabelecimento do Estado de neutralidade ao retirar seus exércitos da URSS, o que enfraquecia consideravelmente a posição alemã não somente na região como no curso da guerra.

O Estado Maior soviético concebe dois planos, o Neva I e o Neva II, onde o primeiro se baseava na possibilidade dos alemães voltarem a atacar Leningrado a partir de suas forças residentes no sul de

⁵ Força Aérea Alemã.

⁶ Segundo as estimativas citadas por João Pitillo retiradas do livro *La Gran Guerra Patria de La Union Soviética* de M. Minasián, um em cada quatro cidadãos foram mortos e 80% das fábricas destruídas somente na Lituânia.

⁷ Divisão expedicionária espanhola enviada em 1941 para combater com a Wehrmacht o Exército Vermelho.



A Frente de Leningrado. Janeiro de 1943

Leningrado em Novgorod e Pskov, enquanto que o segundo concebia a possibilidade dos alemães não atacarem durante o inverno. No caso do Neva II havia sido planejado o preparo de uma operação no fim do inverno para a libertação de toda a região ao longo de Novgorod e Pskov, dando início a libertação no ano de 1944 das regiões bálticas e posteriormente uma ofensiva sobre a Carélia contra as remanescentes forças alemãs e finlandesas ao longo da Linha Mannerheim⁸. Plano que se materializa em virtude do não ataque à cidade e a formação de uma linha defensiva ao longo da região e que orienta uma ofensiva sobre as forças alemãs na região de Leningrado e depois o avanço sobre báltico.

A Operação Trovão de Janeiro consistia de um ataque coordenado entre as frentes Leningrado e Volkhov aos flancos do 18º Exército Alemão em Peterghoff e Strelna com um avanço sobre Novgorod ao sul, onde a ideia era parar na linha do rio Narva, ao longo de Pskov e Idrizta, liberando condições de avanço sobre as posições alemãs na Estônia. O 2º Exército de Assalto partiria da cabeça de ponte de Oranienbaum junto com o 42º Exército Soviético, que atacaria a sudoeste da cidade sobre Krasnoe Selo e Ropsha e que daria suporte flanqueando o 18º Exército Alemão. Após o início do ataque ainda seria acionado o 67º Exército, que atacaria Pushkin e Krasnogvardeysky. Não era um trabalho simples, pois o 18º Exército Alemão, apesar de enfraquecido pelas diversas batalhas, ainda era poderoso e tinha a vantagem de uma linha de defesa bem fortificada e possuía o 3º Corpo de Tanques da SS, um dos melhores de toda a Wehrmacht. O Exército Vermelho ainda garantiu apoio aéreo e marítimo para a ofensiva, a Frota do Báltico daria apoio por mar, enquanto que 13º Exército Aéreo garantiria a possibilidade ofensiva por terra e sucesso nos bombardeios da artilharia.

A Operação Trovão de Janeiro se inicia em 13 de janeiro de 1944 onde, na noite anterior à operação, pesados bombardeios foram feitos sobre as posições alemãs enquanto parte das divisões de fuzileiros do

⁸ Linha de defesa finlandesa estabelecida no istmo da Carélia que consistia três linhas defensivas em uma profundidade de 100 quilômetros. Seu nome era em homenagem ao ministro da defesa Gustaf Mannerheim.



Soldados soviéticos em Leningrado

2º Exército de Assalto se posicionavam próximas as posições alemãs, cerca de 150 a 350 metros. Entretanto, as 10h40min da manhã, após 65 minutos de fogo intenso, eles vão ao ataque com o 43º e 122º corpos de fuzileiros, que, no primeiro dia de operação, avançam apenas quatro quilômetros devido à resistência alemã. A partir das Colinas de Pulkovo e Mga, o 42º e 67º exércitos soviéticos continuavam a bombardear as posições alemãs, por isso, já em 15 de janeiro, o 18º Exército Alemão de Georg Lindemann sofria pesadas baixas a ponto de pedir autorização ao então comandante do Grupo de Exércitos Norte, Walter Model, para recuar. A teimosia nazista, no entanto, era maior e Hitler intima reação por parte dos militares enviando parte do 26º Corpo de Exércitos.

A ofensiva do 42º Exército Soviético do coronel general Ivan Maslenikov sobre o flanco esquerdo dos alemães foi bem-sucedida, o 3º Corpo de Tanques da SS do general Felix Steiner sofreu muitas baixas e expôs a posição no segundo dia de operação, brecha explorada pelo 2º Exército de Assalto do general Ivan Fedyuninsky, que já no terceiro dia da ofensiva alargou a brecha para 23 quilômetros. No dia 20 de janeiro, o avanço era imparável, a entrada da Frente Volkhov na operação com 8º e o 67º exércitos estremeceu todas as bases defensivas e expôs ambos os flancos do 18º Exército Alemão. Em Novgorod, as posições nazistas são atacadas a partir das cabeças de ponte formadas ao longo do rio Volkhov, norte de Novgorod, com o 6º e 14º corpos de fuzileiros. No primeiro dia de operações, a 290ª Divisão de Infantaria fora debilitada com a perda de vários homens, enquanto que a 24ª Divisão de Infantaria recuou. Essas sucessivas derrotas forçaram o recuo das forças da cidade, com ordem emitida em 18 de janeiro pelo Alto Comando Alemão, para permitir o recuo das divisões da Luftwaffe, e depois do 18º Exército e o 3º Corpo de Tanques da SS para o rio Narva, na Estônia.

A ofensiva trouxe em torno de 21 mil baixas aos nazistas e possibilitou a total liberação de Leningrado de qualquer nova chance de cerco. Mas os efeitos políticos desta derrota eram ainda maiores, pois João Pitillo coloca que a Finlândia já se encontrava em uma situação militar delicada, e com a vitória soviética em



Leningrado e Novgorod⁹. Em suas memórias, Mannerheim lembra do episódio da reunião com o representante estadunidense em Helsinque, no fim de fevereiro, onde se falou claramente que a guerra estava perdida¹⁰.

A libertação total de Leningrado também forçou o recuo de todas as forças alemãs para o rio Narva, na Estônia, onde os soviéticos, devido a seu avanço impetuoso, conseguiram chegar até Kingisepp, em 1º de fevereiro, próximo ao rio onde começaria uma encarniçada batalha pela passagem e a libertação da região báltica. Esta batalha pela travessia do rio Narva e a libertação da Estônia eram importantes do ponto de vista estratégico para o Estado Maior soviético por dois motivos. Em primeiro lugar, enfraqueceria a posição do Eixo em todo o front noroeste, assim como qualquer tentativa finlandesa de permanecer na guerra. Em segundo, a Frota do Báltico enfim teria liberdade operacional após o fechamento do Golfo da Finlândia, possibilitando uma melhor articulação entre a marinha e o exército no front.

Localizada na região de Ida-Virumaa na Estônia, Narva foi construída ao longo do rio, sendo já conhecida historicamente pela Batalha do Narva em 1700 entre o Reino da Suécia e o Império Russo, no período inicial da Grande Guerra do Norte¹¹. Pela geografia, a cidade sempre ofereceu condições de fortaleza e os próprios alemães tiveram dificuldades durante a Operação Barbarossa. Após recuar pelas sucessivas derrotas, o Grupo de Exércitos Norte estabelece a linha defensiva ao longo do rio Narva e o lago Chudko, a que nomearam de Tannenberg. Nessa linha, o Estado Maior alemão estabeleceu poderosos grupos militares, formando o Destacamento de Exércitos do Narva, sob a direção de Johannes Friessner, que reunia o 3º Corpo de Tanques da SS, o 26º e o 43º corpos de exércitos, existindo ainda adição de grupos colaboracionistas estonianos, o que totalizava mais

⁹ Ibid. op. cit, pp. 195 e 196.

¹⁰ MANNERHEIM, Karl Gustav Emill. Memuary (Memórias). Editora Vagrius, Moscou, 1999. Disponível no link: <http://militera.lib.ru/memo/other/mannerheim/12.html>. Acessado em 18 de novembro de 2017

¹¹ Guerra entre a Suécia e a Rússia pelo controle dos portos bálticos e a rota comercial báltica entre 1700 e 1721.



de 123 mil homens. A estratégia principal nazista passa a ser uma defesa sólida ao longo da região, assim como no Leste Europeu durante o verão e inverno de 1944, a chamada Linha Pantera ou Muro Oriental.

Nas batalhas iniciais pela entrada na região báltica pelo rio Narva, o Alto Comando Soviético estabeleceu um plano para a construção de cabeças de ponte. A ofensiva soviética levou o 109º Corpo de Exércitos Soviético a capturar Kingisepp em 1º de fevereiro, próximo a Narva, e a isso se seguiu a rápida retirada alemã para o lado ocidental do rio, perseguida pelo 4º Regimento de Fuzileiros, que estabeleceu uma pequena cabeça de ponte próximo à cidade. Ao mesmo tempo, o 122º Corpo de Fuzileiros atravessa o rio ao sul no vilarejo atual de Vääska, e estabelece outra cabeça de ponte em Krivasoo, com uma brecha de 10 quilômetros.

Percebendo a gravidade da situação na região, Walter Model envia em auxílio aos exaustos exércitos alemães diversas legiões colaboradoras da SS, entre as quais se situava a letã e a estoniana e a 11ª Divisão Panzergranadier Nordland de escandinavos. Essas divisões evitam que os soviéticos consolidem cabeças de ponte em Ivangorod, Krivasoo, Omuti, Permisküla e Gorodenka, construindo fortificações ao longo da região. A estratégia alemã deu certo momentaneamente, pois a ofensiva soviética como desdobramento das batalhas no inverno havia parado na fronteira báltica. Entretanto, para manter essa posição, vultuosos recursos estavam sendo utilizados, e nos anos anteriores os recursos estavam perto do limite.

Ivan Fedyuninsky, comandante do 2º Exército de Assalto, continuou a pressionar ainda assim na segunda quinzena de fevereiro uma passagem sobre o rio Narva. Entretanto, os alemães tiveram sucesso e limpam todas as cabeças de ponte ao norte no fim de fevereiro, mantendo uma defesa sólida ao longo do rio. O comandante da Frente Leningrado, Leonid Govorov, se assustou com o recuo no fim de fevereiro e atendeu o pedido de Fedyuninsky enviando o 59º Exército do major general Ivan Korovnikov a fim de reforçar as posições soviéticas ao longo do rio e para fortalecer a cabeça de ponte em Krivasoo. Sem sucesso algum, a Frente Leningrado enviou então este relatório a Stavka comentando a situação:



*Relatório do comandante das tropas do Front Leningrado. Nº 126.
Ao Comando Supremo o plano das operações ofensivas na direção
do Narva.*

19 de fevereiro de 1944. 20 horas e 10 minutos

Relato sobre a situação ao longo da direção do Narva e a decisão para a condução posterior de uma operação:

Situação na direção do Narva

Com a saída das principais forças da frente no rio, as tropas de Narva, sem uma longa preparação, em 11.02 começaram a atravessar o rio com o objetivo imediato de apoderarse da junção da estrada de Narva e, em 15.02, tomaram uma cabeça de ponte na costa oeste ao sudoeste da cidade de Narva ao longo de uma frente de 20 km e a uma profundidade de 12 km.

No decorrer de novas ações para desenvolver a cabeça de ponte, ocorreu um atraso, causado pelas seguintes circunstâncias:

Condições inteiramente intransitáveis, com pântanos não congelados na margem leste e oeste do rio de Narva que não permitiram desenvolver o ritmo necessário a ofensiva depois de atravessar o rio.

O inimigo defendia o rio de Narva e no momento da travessia tinha a força de quatro divisões (então SS Nederland, Nordland, Feldherrnhalle e a 207ª Divisão de Infantaria) no curso das ações para o desenvolvimento da cabeça de ponte, introduziu mais três divisões de infantaria (227ª, 170ª e a 61ª) e a caminho mais duas divisões de infantaria (225ª e ainda a SS Grossdeutschland), concentrando-se numa frente de 50 quilômetros do istmo norte do lago Chudko, no total oito divisões e uma centena de tanques.

As tropas da frente que operavam na direção do Narva, com os combates que passaram em Leningrado por um mês mais de 150 quilômetros, embora restaurados no movimento em outras batalhas ferozes pela cabeça de ponte, enfraquecem significativamente sua força de assalto que eles precisam ser tripulados e postos em ordem.

Houve falhas significativas na direção da operação pelo comandante do 2º Exército de Assalto Tenente General Fedyuninsky.

Decisão sobre o funcionamento da condução operativa na direção do Narva

O funcionamento do desenvolvimento da cabeça de ponte na velha direção para o norte com objetivo de saída para a beira da costa do golfo do Narva é pouco promissor, uma vez que o inimigo já aqui criou uma defesa contínua de 12 quilômetros em um setor estreito de duas divisões (SS Feldherrnhalle e a 170ª Divisão de Infantaria) e 50 a 60 tanques. Para derrotar o forte grupo de forças que o inimigo criou próximo ao Narva, é necessário realizar operações a partir da cabeça de ponte capturada em uma frente ampla, o que exige a introdução de forças e tempos adicionais para tripulação das tropas e reagrupamento.

Portanto decido:

1. Que a operação na direção do Narva está suspensa temporariamente e procedemos com a preparação de novas ações.

2. Usando a cabeça de ponte capturada, desenvolver o funcionamento de ações:

a) da face oriental da cabeça de ponte sobre a cidade de Auvere na direção de Narva no oeste expandindo a cabeça de ponte no noroeste com saída na estrada Narva-Vodava;

b) da face ocidental da cabeça de ponte a partir da linha Sirgala e Krivasoo com saída do ocidente na pedra de Jõhvi-Kuremäe-Küla e na limpeza do rio Narva de Krivasoo até a parte superior;

c) da face norte da cabeça de ponte na seção ferroviária na estação de Auvere até Kiriku-Küla ganhar tempo, garantindo a expansão da cabeça de ponte para o leste e o oeste, e com o desenvolvimento de ações nessas direções para a saída na beira da costa do golfo de Narva.

3. Ataque na face oeste de Narva, realizado pelo 59º Exército com dois corpos de fuzileiros com a entrada de um terceiro com o desenvolvimento do avanço.

O ataque na face oriental será realizado pelo 2º Exército de Assalto e dois corpos de fuzileiros que, com o desenvolvimento do ataque 59º Exército no ocidente, o 2º Exército de Assalto no flanco direito do 59º Exército levará a um assalto a Jõhvi, desdobrando-se nessa direção e o restante das forças sobre o mar, liquidando o avanço.



De 24-25.02 o 8º Exército, composto com mais dois corpos de fuzileiros com o comando do exército sendo reorganizado na direção de Pskov e Narva em prontificação para o lançamento, desenvolverá um ataque depois de atravessar o istmo ao norte do lago Chudko pelo flanco esquerdo do 59º Exército na direção sudoeste.

3 tanques estão concentrados sobre a chegada do mar na região de Kingisepp com o mesmo objetivo.

4. A ofensiva do 2º Exército de Assalto com a face oriental sobre condições de preparação precisa desenvolver uma cabeça de ponte na direção noroeste para garantir a implantação do 59º Exército e camuflar o plano geral para começar 2 ou três dias antes da ofensiva do 59º Exército.

O período de prontidão para o início das ações é principalmente limitado pela necessidade de restauração das tropas.

A ofensiva do 2º Exército de Assalto na direção oriental pode ser iniciada em 25.02, e a ofensiva do 59º Exército – 28.02.

Comandante das tropas do Front Leningrado

General de Exército Govorov

Membro do conselho de guerra do Front Leningrado

Tenente general Zhdanov

Chefe de Estado Maior do Front Leningrado

Tenente general Gusev

Retirado de: Russkiykh Arkhiv. (1999). Velikaya Otechectvennaya. Stavka VGK: Documenty i materialy. 1944–1945. (Arquivos Russos: Grande Patriótica. Stavka VGK: Documentos e materiais. 1944–1945). Tomo 16 (5–4). Moscou: Terra.

Em março, os ataques continuam. O 59º Exército Soviético tenta nova travessia e enfrenta a 214ª Divisão de Infantaria, que, junto a alguns batalhões estonianos, defende a região, mas não evita o aumento da brecha existente em Krivasoo para 20 quilômetros. A rápida reação de Friessner evitou o pior com o envio da 11ª Divisão SS Nordland. Os meses de abril e maio marcam novas tentativas de estabelecer cabeças de ponte sem sucesso da parte soviética. Entretanto, sem que eles descobrissem, os alemães acumulam um bom número de soldados, tanques e aviões na região,

onde se preparam para um ataque que visava retomar a iniciativa estratégica na região. Friessner destacou três divisões de infantaria, a 170ª, a 11ª e a 227ª e mais alguns tanques, cujo principal objetivo era flanquear o 109º Corpo de Fuzileiros do Exército Soviético. Hitler e o Estado Maior alemão, embebedados de sua soberba, acreditavam ser possível ganhar de novo a iniciativa estratégica a partir dos aperfeiçoamentos técnicos e novos equipamentos, como os tanques Pantera e Tigre. Era uma clássica operação da Blitzkrieg considerando-se a ênfase no uso de aviões e blindados, com objetivo de aniquilar a cabeça de ponte em Krivasoo e estabelecer bases na margem oriental do Narva, visando infligir danos sobre o 59º e o 8º exércitos soviéticos. Os soviéticos se defendem com sucesso do ataque graças à maioria aérea sobre a Luftwaffe e a defesa artilheira soviética mais os cálculos ignorados pelo Estado Maior que fizeram da ofensiva alemã de 26 de março um fracasso. As consequências foram ainda piores, pois os alemães perderam considerável poder de fogo na região e não eram capazes de segurar uma futura ofensiva soviética.

A Alemanha, em meados de 1944, faz uma de suas últimas mobilizações. Apesar de grande, não era capaz de se equiparar a superioridade numérica soviética. Como destaca João Claudio Pitillo, a principal prioridade alemã era a defesa da Ucrânia porque ela representava a porta para os países satélites do Eixo no sudeste europeu e por isso lá foi posto um considerável contingente, dividindo-se até o Grupo de Exércitos Ucrânia em Sul, sob o comando de Ferdinand Shöerner, e o Grupo de Exércitos Ucrânia do Norte, sob o comando de Walter Model, em 31 de março. A cúpula do Estado Maior Alemão acreditava que seria dali que sairia a ofensiva soviética de verão, e o Grupo de Exércitos Centro manteve apenas uma linha de defesa estática com unidades dispersas, erro crasso que somente foi descoberto com o início da ofensiva de libertação da Bielorrússia, a Operação Bagration¹².

¹² Ibid. op. cit, p. 73.



O Isolamento do Grupo de Exércitos Norte no Báltico

A Operação Bagration segundo João Pitillo:

“A ação principal da Operação Bagration tinha o objetivo de dizimar o Grupo de Exércitos Centro e separar o Grupo de Exércitos Norte de suas linhas de abastecimentos, além de libertar a Bielorrússia, colocando assim o Exército Vermelho dentro da Polônia”¹³.

A Operação Bagration, em doze dias, destrói 25 divisões, retira de ação 300 mil homens da Wehrmacht, e abre uma brecha de 400 quilômetros nas defesas¹⁴. Em julho, já era possível aos soviéticos conduzir uma operação ofensiva sobre a linha Linha Tannenberg, atravessando o Narva e bloqueando as tropas alemãs no Báltico. A situação beira o desastre e Friessner enviou um memorando a Hitler, em 12 de julho, expondo com suas palavras que a situação no Grupo de Exércitos Norte estava próxima de uma catástrofe e que a única maneira de evitá-lo era retirando as tropas da região báltica, o que, apesar de influir politicamente para a continuação da Finlândia na guerra, deveria ser feito¹⁵. A resposta de Hitler foi sua destituição.

Após semanas de intenso bombardeio, abriram-se diversas brechas entre 16 e 24 de julho, sendo a primeira na posição defendida pelo 24º Regimento SS Panzergrenadier Danmark no centro, depois em Krivasoo no sul, onde o 8º Exército Soviético liberou a linha ferroviária Auvère, defendida pela 20ª Divisão Grenadier SS (1ª Estoniana). Enquanto que, ao norte do rio, a defesa foi quebrada pelo 2º Exército de Assalto, deixando o 3º Corpo de Tanques da SS beirando o colapso. As defesas alemãs eram muito inferiores em números, 35 mil contra mais de 136 mil soviéticos.

¹³ Ibid. op. cit, pp. 73 e 74.

¹⁴ Ibid. op. cit, p. 82.

¹⁵ Friessner, J. (1966). Proigrannye srazheniya (Batalhas perdidas). Moscou: Voenizdat. <http://militera.lib.ru/memo/german/friessner/01.htm>. Acessado em 30 de novembro de 2017.



Soldados soviéticos em Kaliningrado (Kenigsberg)



O 3º Corpo de Exércitos de Tanques da SS recuou e tentou refazer uma defesa pelas colinas a 5 quilômetros a oeste de Narva. Este esmagador avanço garantiu a cidade de Narva sua libertação em 26 de julho e abriu caminho para uma ofensiva rumo a Tartu, que teria o reforço de Ivan Maslennikov, agora general da 3ª Frente Báltica constituída pelo 42º Exército do tenente general Vladimir Sviridov, o 67º do tenente general Vladimir Romanovskiy, o 54º do tenente general Sergey Roginskiy, o 1º Exército de Assalto do tenente general Nikánor Zakhvatáev e o 15º Exército Aéreo do tenente general Nikolay Naumenko. O recuo alemão não foi a destruição do Destacamento de Exércitos Narva, entretanto, a ofensiva soviética enfraqueceu a tal ponto as forças alemãs na região que já não era possível repelir o Exército Vermelho para o lado oriental do rio. A derrota fez Hitler trocar o comandante do Grupo de Exércitos Norte, o general Johannes Friessner, por Ferdinand Schöerner. Esta não foi a única mudança que ele fizera, pois, os estragos que a Operação Bragation causou fizeram com que Hitler também substituísse Ernst Bush no Grupo de Exércitos Centro por Walter Model, assim como o Estado Maior passou a ser liderado pelo egocêntrico Heinz Guderian.

Zhukov observou que a situação do Grupo de Exércitos Norte havia entrado em um estado crítico, ainda mais porque o Grupo de Exércitos Centro carecia de uma defesa de linha contínua e forças necessárias para atuarem¹⁶. Nesse período, os soviéticos lançaram-se sobre Tartu entre agosto e setembro, colocando os alemães numa posição crítica. Georg Lindemann, não por acaso, observa que seria necessário e imediato um recuo mais acentuado caso o Estado Maior quisesse salvar o 18º Exército. Alexander Vasilevsky e o Estado Maior soviético planejavam para julho e agosto operações decisivas no Báltico, conta:

¹⁶ Zhukov, G. (1969). Memórias y meditaciones Mariscal de la Union Sovietica G. K. Zhukov. Tomo II. Biblioteca El Oficial, Habana. https://archive.org/stream/MemoriasYMeditaciones/memoriasYMeditaciones_tomo_2#page/n0/mode/2up. Consultado em 3 de outubro de 2017.

“O plano deles era a ideia de criar aqui os pré-requisitos para a libertação final do báltico e o ataque a Prússia Oriental, consolidar a situação na Polônia e o preparo para a libertação da Ucrânia Transcarpática. Com este objetivo, em 27 de julho de 1944, isto é, no auge do nosso progresso, foram dadas seguidas instruções. Os fronts bálticos foram comprometidos a infligirem golpes decisivos sobre os alemães do Grupo de Exércitos Norte. Os exércitos da Frente Leningrado deveriam avançar através do norte da Estônia, atraindo o subgrupo fascista «Narva», para Tallin, Tartu e Pärnu, os exércitos do 3º Front Báltico – através do sul da Estônia e norte da Letônia por Valga e Valmiera; os exércitos do 2º Front Báltico – através da colina Vidzemska em Riga a partir do leste; os exércitos do 1º Front Báltico – de Siauliai a Riga no sul a esquerda no Memel (Klaipėda)”¹⁷.

Este plano é aplicado nas semanas seguintes, mas para que fosse bem-sucedido, dependeria da velocidade do avanço do Exército Vermelho na segunda quinzena de julho mediante a Operação Lublin – Brest, que era desdobramento da Operação Bagration que havia levado as tropas soviéticas até a Polônia e possibilitou libertar algumas cidades lituanas. Duas ofensivas são realizadas entre julho e agosto para garantir o cerco do Grupo de Exércitos Norte no báltico, sendo a primeira sobre Siauliai, na Lituânia, visando impedir a retirada por terra alemã, e outra sobre Vilnius, no sul, que garantiria a cobertura para o avanço sobre o báltico e cortaria as comunicações entre os grupos de exércitos alemães. O objetivo principal era o isolamento do Grupo de Exércitos Norte.

A Operação Bagration e a libertação de Minsk desestruturaram as defesas germânicas em todo o front soviético alemão, e não por acaso é transferido para Vilnius partes remanescentes do cerco de Minsk do 4º Exército Alemão e da 5ª Divisão Panzer. Chernyakhovsky,

¹⁷ Vasilevsky, A. M. (1978). Delo vsey zhizni (Casos de toda a vida) (3ª Edição). Moscou: Politizdat. <http://militera.lib.ru/memo/russian/vasilevsky/25.html>. Traduzido pelo autor.



comandante da 3ª Frente Bielorrussa, dá ordens para o 3º Corpo de Guardas da Cavalaria se juntar a ofensiva sobre a cidade. Após o 5º Exército Soviético flanquear a cidade pelo sul e a 1ª Frente Báltica pelo norte, o que destrói o 6º Corpo de Exércitos Alemão do general Helmuth Weidling, o 11º Exército de Guardas assalta pelo centro, os alemães recuam para a cidade e tentam quebrar o cerco em 12 de julho – sem sucesso – e no dia 13 a resistência alemã foi eliminada. Essa vitória corta o principal centro de comunicação estável com a Prússia Oriental e abre caminho para as ofensivas sobre Siauliai e Kaunas, ambas conduzidas pela 1ª Frente Báltica do general Bagramyan. Inicialmente, a operação era conduzida para Kaunas, porém, por questões estratégicas, a Stavka desvia a ofensiva para Siauliai, onde é reforçado pelo 3º Corpo de Guardas Mecanizado. A resistência nazista na região forçou a ação das reservas, o 2º Exército de Guardas e o 51º Exército adentram o campo de batalha em 14 de julho na ofensiva no norte de Kaunas e Siauliai, liberando Panevezys no dia 22.

Siauliai só é libertada após duas semanas, em 27 de julho, quando os soviéticos esmagam parte das forças alemãs da 7ª Divisão Panzer sediada na cidade, com o objetivo de evitar o avanço das tropas soviéticas sobre o sul da Letônia, o que foi em vão. Com a cooperação da 2ª Frente Báltica do general Andrey Yeremenko, a ofensiva sobre o resto da Lituânia foi bem-sucedida e libertam-se diversas cidades ao norte e no golfo de Riga. No fim de julho, ainda se iniciou a ofensiva sobre Kaunas, visto o desgaste das tropas alemãs e a grave situação geográfica e militar. Mesmo bem entrincheirados ao longo do rio Niemen, as forças alemãs tinham parca cobertura artilheira e menos ainda aérea, o que inviabilizava qualquer que fosse a defesa no caso de um ataque coordenado das forças soviéticas. Isso se devia a divisão das forças alemãs no front, onde grande parte foi evacuada para a Letônia e outra parte evacuada para o sul para defender a Prússia Oriental. Kaunas, no meio, era um importante ponto para ser defendido, pois sua perda significaria o isolamento do Grupo de Exércitos Norte na prática, por isso Model destina tropas e equipamentos a cidade para a defesa.

Em 28 de julho, uma ofensiva rápida soviética de apenas dois dias de combate destruiu as defesas nazistas ao longo do Niemen, e no dia 31 de julho o 33º Exército Soviético adentrou em Vilkaviskis, vilarejo

próximo a Kaunas. Desesperados e em desordem, os alemães se dispersaram em direção a cidade que no dia seguinte veria a chegada do 5º Exército Soviético. O Estado Maior Alemão estava numa situação extremamente crítica que chegou ao ápice em todo o front, o caos reinava. Guderian relembra dos acontecimentos:

“Em acordo com o comandante do Grupo de Exércitos Ucrânia do Sul, cujo chefe do Estado Maior, general Wenck, agora veio a ser meu principal assistente operacional e quem sabia que a situação na Romênia ia bem, propus a Hitler que todas as divisões desta que pudessem estar disponíveis na Romênia fossem movidas dela para serem usadas no preenchimento de espaço existente entre os Grupos de Exércitos Centro e Norte. Isso foi acordado. <...> Minha intenção não era somente reestabelecer o contato entre os dois grupos de exércitos, mas também, por esse meio, evacuar os Estados Bálticos, para radicalmente encurtar toda a frente. Tal evacuação era essencial na ordem de evitar o risco da total destruição do Grupo de Exércitos Norte nessa presente posição de precaução”¹⁸.

Heinz Guderian arquiteta, em conjunto com Schöerner, a Operação Cabeça Dupla, que tinha o objetivo de restaurar as linhas de defesa anteriores a Operação Bagration entre a Wehrmacht e o Exército Vermelho no báltico e solidificar a comunicação entre os grupos de exércitos centro e norte. Para isso, o Estado Maior Alemão enviou consideráveis contingentes para a região da Curlândia, como 40º Corpo de Exércitos Panzer, com as 7º e 14º Divisões Panzer, e a Divisão Panzergranadier Grossdeutschland. Entretanto, em apenas uma semana após o início da operação de 15 de agosto, nenhum avanço significativo fora obtido, e os soviéticos novamente passaram a ofensiva rumo à Kaunas, que é libertada em 29 de agosto, consolidando as posições soviéticas no sul do báltico e próximo a Prússia Oriental.

¹⁸ Guderian, H. (2002). Panzer Leader (2ª Edição). Boston, Da Cabo Press. Traduzido pelo autor.



A Ofensiva Final de Libertação da Região Báltica

Em agosto, a posição soviética era favorável a libertação do báltico, entretanto, devido à enrustida resistência nazista na região, falta de apoio marítimo pelo bloqueio do golfo da Finlândia, além de fracassadas ofensivas nazistas, as operações foram seguradas até o mês seguinte. Alexander Vasilevsky, escolhido para coordenar as operações militares no báltico até abril de 1945, escreve sobre a situação em todo front germano soviético no período:

“A coalizão fascista sofreu novos e sérios contratempos. Como resultado da derrota das tropas finlandesas no Istmo careliano e na Carélia do Sul, a Finlândia retirouse da guerra em 5 de setembro. A derrota das tropas da Romênia e o levante que começou na Romênia forçaram os governantes romenos a declararem que 23 de agosto se retirariam da guerra e dois dias depois declararíamos guerra à Alemanha. Em 8 de setembro saiu da guerra a Bulgária e no mesmo dia declarou guerra à Alemanha. No centro da frente soviético-alemã, nossas tropas estavam em frente à Prússia Oriental, no Vístula e nos Cárpatos. As Forças Armadas Alemãs sofreram perdas insubstituíveis”¹⁹.

A Alemanha havia sofrido perdas substanciais durante as operações militares em julho e agosto. A região báltica estava exposta e os nazistas com pouca solidez defensiva. O próprio general Erhard Raus, então comandante do 3º Exército Panzer, escreve sobre o período:

“A 1ª Frente Báltica ficou em face ao estendido flanco alemão, este que prospectivamente ofereceu um muito mais vantajoso impulso para o oeste pelo Lago da Curlândia, que poderia ser alçado a partir de Siauliai somente se fosse tão rápido como o Báltico poderia ser alcançado pelo norte de Tukumus. A distância para a costa era de 120 quilômetros, mas a ofensiva

¹⁹ Vasilevsky, A. M. (1978). Delo vsej zhizni (Casos de toda a vida) (3ª Edição). Moscou: Politizdat. <http://militera.lib.ru/memo/russian/vasilevsky/25.html>. Traduzido pelo autor.

a oeste poderia destruir somente o front estendido de divisões volksgrenadier não treinadas, com também tanques e nem outras reservas na parte traseira. Para conquistar essa quebra não seria difícil para os russos, e uma leve intervenção na direção estendida do Memel prometia colossal sucesso, com isso a possibilidade de isolar todo o grupo de exércitos, incluindo o meu corpo do 3º Exército Panzer, da Prússia Oriental”²⁰.

A situação de agosto em Tartu foi dramática, o 18º Exército Alemão mantinha firme a posição na cidade junto com colaboracionistas da SS. O avanço soviético foi lento, somente às 5 horas da manhã de 16 de agosto, o 48º Corpo de Fuzileiros liderado pelo tenente general Alexey Grechkin atravessou o lago estreito Lämmijärv, seguido de bombardeio sobre as posições alemãs, que força, dois dias depois, nova retirada alemã para a formação de uma linha de defesa ao longo dos rios Emajõgi e Gauja, já defendidos pelo 28º Corpo de Exércitos. A penetração do Exército Vermelho no flanco esquerdo da defesa entre os lagos expõe a cidade a um cerco. A conquista da ponte Kärevere sobre o rio Emajõgi, ligando Tartu pelo oeste foi importante. Os alemães tentam ainda um contra-ataque fracassado perto do rio Elva, em 24 de agosto e, a partir disso, quatro divisões de fuzileiros iniciam o assalto à cidade com suporte artilheiro e aéreo e não demoram para a libertar e estabelecer uma cabeça de ponte no ocidente do Emajõgi. Apesar do imediato contra-ataque alemão do 2º Corpo de Exércitos, que elimina a cabeça de ponte, a tentativa de recapturar a cidade de 4 a 6 de setembro fracassa.

A situação piora ainda mais quando Mannerheim anuncia a abertura de negociações com Moscou em 1º de setembro, abrindo o golfo da Finlândia, possibilitando aos soviéticos manobrar no Mar Báltico. Heinz Guderian assinala que com a saída finlandesa da guerra, as posições no báltico eram ameaçadoras e clamou a Hitler, em 3 de setembro, pela evacuação, o que foi negado. Segundo o general, a retirada possibilitaria fortalecer as reservas em virtude de que

²⁰ Raus, E. (2005). Panzer Operations: The Eastern Front Memoir of General Raus, 1941–1945. (Operações Panzer: As Memórias do Front Oriental do general Raus, 1941–1945). Boston: Da Cabo Press. P. 345. Traduzido pelo autor.



o Grupo de Exércitos Norte, nada mais podia fazer para evitar o desastre no báltico, pior seria não fortalecer as defesas polonesas. Ele explicita todo tempo o medo da retirada por parte de Hitler pela posição estratégica naval no báltico de Tallin e Dantzig²¹. Guderian entendia que qualquer vacilação levaria à perda dessas unidades e por isso, em 15 de setembro, comunica a Schöerner que deveria começar a retirada de tropas em alguns dias pelo mar.

O Estado Maior Soviético percebe que este era o momento de iniciar a libertação do Báltico. Iniciada a partir de 14 de setembro, era uma série de operações militares simultâneas envolvendo cinco frentes mais a frota báltica visando esmagar as forças nazistas restantes. A operação envolvia mais de 1.500.000 soviéticos contra 700 mil alemães, que na ocasião dispunham do 16º e 18º Exércitos e o 3º Exército Panzer. Seria realizada em duas etapas, onde a primeira, entre 14 e 27 de setembro, visava aniquilar a resistência nazista na Estônia e abarcava ataques à Tallin e Riga. Bastante complicada foi esta etapa, as defesas em linha a partir dos rios na Estônia e Letônia impediam qualquer ataque como no Cáucaso ou na Bielorrússia. A Stavka coordena dois ataques de forma simultânea com objetivo de desarticular a reação alemã.

Em Riga, haviam forças consideráveis, onde ainda era possível uma evacuação mais organizada. Em Tallin, o Estado fantoche comandado por Jüri Uluots²² estava desarticulado e com poucas tropas encarregadas de preparar a cobertura da fuga do governo títere estoniano, que visava fazer a transição da proteção nazista para a Suécia. A ofensiva sobre Tallin foi rápida, a Frente Leningrado iniciou, em 17 de setembro, o ataque sobre a região norte da Estônia ao estabelecer cabeças de ponte seguras sobre o Emajõgi, e Ferdinand Schöerner ordenou nova retirada. O rápido avanço soviético forçou a fuga dos nazistas de Tallin, iniciada no mesmo dia. O 2º Exército de Assalto encabeçava a ofensiva, e, na noite de 20 de setembro, o 8º Exército Soviético já havia alcançado o quartel general dos

²¹ Ibid. op. cit, p. 372.

²² Diplomata que foi líder do Estado fantoche estoniano sobre a ocupação nazista e no exílio na Suécia.

colaboracionistas em Pärnu, costa sudoeste da capital estoniana. Diversas forças conseguiram se retirar ou por mar ou para a Letônia onde se juntariam aos nazistas em Riga contra outra ofensiva soviética. Em 22 de setembro, a Frente Leningrado adentrou a cidade e a liberou após quatro dias de operações de limpeza. O governo fantoche havia fugido para Suécia e as tropas alemãs para as ilhas do arquipélago ocidental estoniano onde resistem até novembro de 1944.

No fim de setembro, a situação estratégica no báltico era favorável aos soviéticos, não havia como os nazistas fugirem pelo mar. Com a liberação do golfo da Finlândia, a frota báltica bloqueia a saída da região, e bombardeia no mar os fujões. O chefe da artilharia da 1ª Frente Báltica, o general Nicolai Khlebnikov, afirma que no fim de setembro a situação estratégica mudara devido ao sucesso operacional, os alemães recuavam para o centro e sul do Báltico tentando contatar as forças na Prússia Oriental²³. Esta situação leva a Stavka a concentrar esforços na expulsão dos alemães de Riga e na captura a região de Memel²⁴, na costa báltica.

Em Riga, a ofensiva é difícil por forte presença de tropas alemãs, o 18º e 16º Exércitos defendiam obstinadamente suas posições. No entanto, era difícil resistir por longo tempo, no ataque das três frentes, em quatro dias, 10 das 18 divisões alemãs se reduzem a unidades e o 43º Exército do general Afanasy Belobodorov força a entrada na cidade. Shöerner, sem ter como defender Riga, inicia as operações de retirada para a Península da Curlândia, onde, para manobrar com segurança, envia o 39º Corpo Panzer para cobrir a saída das tropas; entretanto, a 1ª Frente Báltica no sul da Lituânia iniciou diversos movimentos rumo a região de Memel para cortar a última comunicação por terra existente entre a Prússia Oriental e Riga. Nas memórias de um jovem integrante do 11º Exército de Guardas, a situação é assim descrita:

²³ Khlebnikov, N. M. (1974). Na Rigu i na Klaypedu (Em Riga e em Kláipeda). In Pod grokhot soten batarey (Sob o rugir de centenas de baterias). Moscou: Voenizdat. http://militera.lib.ru/memo/russian/hlebnikov_nm/14.html

²⁴ Memel atualmente é conhecida como Kláipeda, situase na Lituânia.



“Percebendo que a ofensiva bem-sucedida das tropas soviéticas na junção do Grupo Exército Norte e Centro poderia mudar drasticamente a situação estratégica para o pior em todo o setor noroeste da frente soviético-alemão, o comando fascista alemão procurou evitar seu avanço para Tilsit e Königsberg. Na primeira metade de outubro, a administração do corpo de tanques de paraquedistas alemã com a 2ª Divisão Motorizada de paraquedistas foi movendo-se apressadamente da Alemanha para a região de Tilsit, a 1ª Divisão Panzer SS «Herman Göring» do 9º Exército é renomeada 1º Divisão Panzer de paraquedistas. Na área de Silenai, a 349ª Divisão de Infantaria e um regimento da 367ª Divisão de Infantaria chegaram do 4º Exército, cuja principal força permaneceu na região de Lomza antes da 2ª Frente Bielorrussa. Na mesma direção, as unidades da 20ª Divisão Panzer, que completaram ao norte de Johannsburg, são nomeadas da reserva do Comando das Forças Terrestres. Na área de Gumbinnen, até o dia 14 de outubro, a 61ª Divisão de Infantaria chegou da Curlândia, empenhada em fortalecer posições defensivas a leste da cidade”²⁵.

Com prioridades voltadas para defender a Prússia Oriental, Shöerner volta à Alemanha deixando as tropas em Riga à própria sorte. Após bombardeios sobre a cidade, elas fogem no dia 10 de outubro para a Curlândia e a 3ª Frente Báltica do general Ivan Maslennikov liberta a cidade no dia 24, isolando as tropas na península. Enquanto isso, em Memel, no cerco que abrangia as divisões Panzergranadier Grossdeutschland, a 58ª de Infantaria e a 7ª Panzer foram liquidadas pela 1ª Frente Báltica com a ajuda da frota báltica a disposição, a partir de dezembro, após operações na Estônia. A estratégia dos nazistas era defender as posições e tentar recuar por mar para a Prússia Oriental entre dezembro e janeiro, o que não foi possível.

²⁵ Galitzky, K. N. (1970). V boyakh za Vostochnuyo Prussiyu – Zapiski Komanduyotchkhego 11-y gvardeyskoy armey (Nas Batalhas pela Prússia Oriental – Escritos do comandante do 11º Exército de Guarda). Moscou: Ciência. http://militera.lib.ru/memo/russian/galitsky_kn/pre.html. Traduzido pelo autor.

Os soviéticos preparam para o início de 1945 uma ofensiva que abrangeria ataques sobre a Prússia Oriental. Vasilevsky lembra que os grupos na região tinham que ser isolados para impedir qualquer ameaça à ofensiva contra o centro do front vindo da Pomerânia e Prússia, devendo ser espremidos contra o mar²⁶. João Pitillo também destaca que o problema da ofensiva soviética estava nos flancos, onde as tropas alemãs eram fortes²⁷. Esta região era cultuada pelos nazistas como parte do Reich; ali assentaramse famílias alemãs após 1939 e, com a chegada soviética, os nazistas mobilizam milícias para defesa fanática, as Volkssturm²⁸.

Entretanto, devido ao desespero dos Aliados no nordeste da França, que temiam um cerco nas Ardenas, Churchill e Roosevelt pedem a Stálin para adiantar a operação para aliviar os exércitos ocidentais. Segundo Leonid Ieremeev, havia ficado latente que a situação dos Aliados no ocidente era desesperadora e que, mediante a compreensão das dimensões deste perigo, a Stavka aceita o pedido e antecipa a ofensiva para 13 de janeiro²⁹. A ofensiva teria duas etapas na Prússia Oriental, onde a primeira terminaria com o fim do bolsão no Memel em 28 de janeiro e a formação de um cerco sobre 130 mil soldados nazistas Königsberg, e a segunda com a eliminação dos bolsões sobre esta cidade e a Curlândia.

Alarmados com o avanço soviético e a destruição das defesas entre o Vístula e o Oder e o bolsão no Memel, Heinrich Himmler, comandante do Grupo de Exércitos Vístula, coordena um ataque contra a 2º Frente Bielorrussa a partir da Pomerânia Oriental, que tinha o objetivo de romper a frente soviética pela retaguarda. A ofensiva era parte de várias operações militares no leste da Europa para barrar o avanço soviético – a Operação Solstício, que previa

²⁶ Vasilevsky, A. M. (1978). *Delo vsey zhizni* (Casos de toda a vida) (3ª Edição). Moscou: Politizdat. <http://militera.lib.ru/memo/russian/vasilevsky/25.html>

²⁷ Ibid. op. cit, pp. 215 e 216.

²⁸ Eram milícias organizadas pelo Partido Nazista para o recrutamento de civis para a luta contra os soviéticos.

²⁹ Ieremeev, L. (1995). *O Exército Soviético na II Guerra Mundial*. (2ª Edição). Rio de Janeiro: Revan. P. 98.



ainda um ataque contra a 1º Frente Bielorrussa do marechal Zhukov. O ataque consistia do 2º Exército de Walter Weiss e o 11º de Anton Grasser, que tinham somados 16 divisões de infantaria, 4 de tanques, 3 motorizadas, 4 brigadas, 8 grupos de combate e 5 guarnições de fortalezas³⁰. Iniciada em 15 de fevereiro, a operação resiste três dias, pois já no dia 18 era evidente o fracasso, o que possibilita ainda um contra-ataque soviético que reduz as forças alemãs a cinzas.

As tropas alemãs em Königsberg não conseguiram ser evacuadas antes do rápido avanço dos soviéticos. A Kriegsmarine ainda tentaria evacuar políticos e generais da cidade, porém o bloqueio naval da Frota do Báltico impediu isso. Frente a isso, os alemães se defendem fanaticamente, a ponto de o coronel general Chernyakhovsky, da 3º Frente Bielorrussa, ser morto em combate, sendo substituído pelo marechal Vasilevsky. Haviam 130 mil soldados entrincheirados em fortes construídos no fim do século XIX na cidade e para atacá-los era necessário usar artilharia pesada e bombardeios que ameaçariam civis, em torno de 200 mil. Por isso, Vasilevsky tenta negociar uma rendição incondicional, mas os alemães se negam. O assalto final a cidade é feito em abril, por duas frentes, ao norte pelo 39º Exército do general Ivan Lyudnikov e o 43º do tenente general Beloborodov e ao sul pelo 11º Exército de Guardas do coronel general Kuzma Galitzky. No dia 6, os soviéticos abrem fogo e bombardeiam a cidade-fortaleza com toneladas de bombas durante 3 horas. A primeira linha de defesa alemã se desintegrou e permitiu o avanço soviético tanto no sul quanto no norte; viase rendições de batalhões da Volkssturm. O general alemão Otto Lasch descreve:

“Então, no dia 9 de abril, havia ficado claro a mim com meus soldados e toda a população de Königsberg que estávamos jogados pelo comando superior à mercê do destino. Aguardar a ajuda do lado de fora não era mais necessário. Dentro de três dias, a morte e a destruição reinavam na cidade, não havia a menor chance de que pudéssemos ficar sozinhos ou mudar a situação desesperada por mais resistência. Armazéns com

³⁰ Grechko, A. A. (1985). Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz. P. 79.

munção e comida eram principalmente queimados, quase não havia conchas de artilharia e a munção de infantaria também era muito pequena”³¹.

Ele pede permissão para rendição ao ver seu quartel general sob bombardeio, o que foi negado – Hitler exigiu que resistissem até o último soldado. Em 8 de abril, Vasilevsky novamente intimou as forças alemãs à rendição incondicional ou à aniquilação. 40 mil soldados alemães estavam cercados e não havia saída e às 18 horas de 9 de abril o general alemão assina a rendição da cidade em seu bunker e dá fim à Batalha de Königsberg. Após a guerra, a cidade seria renomeada para Kaliningrado, passando a integrar a Rússia Soviética.

A derrota alemã na Prússia Oriental não era o fim da guerra no báltico, ainda restava o bolsão na Curlândia que resistiu a quatro assaltos até março. Karl Hipert, líder do Grupo de Exércitos Curlândia, tinha ordens de resistir até o último homem. O bolsão na Curlândia foi construído porque Hitler quis manter tropas numa cabeça de ponte na região báltica para futuras ofensivas, erro que levou Guderian a lamentar posteriormente que tais exércitos poderiam ter sido usados na reserva estratégica³². As forças da Wehrmacht no bolsão eram numerosas, o 18º e o 16º exércitos, em novembro, possuíam o 1º, 2º e 10º corpos de exércitos, o 3º Exército Panzer e mais 3 divisões de infantaria, totalizando 200 mil soldados.

A adoção pelos nazistas da estratégia de não combate aos anglo-estadunidenses no ocidente, permitindo a entrada destes em Berlim e uma saída honrada da guerra, visava manter os territórios da Prússia Oriental, Tchecoslováquia e a Curlândia, onde, para dar certo, era vital manter os soviéticos longe da Alemanha e resistir ao máximo, desviando todas as forças do ocidente para a frente oriental. Em 1º de abril, o Alto Comando Soviético começa a preparar uma operação para a eliminar o Grupo de Exércitos Curlândia, mas a ascensão do Almirante Döenitz ao poder fez com que o governo

³¹ Lasch, O. (1991). Tak pal Kënigsberg. (Então caiu Königsberg). Moscou. <http://militera.lib.ru/memo/german/lasch/01.html>. Traduzido pelo autor.

³² Ibid. op. cit, p. 372.



nazista e o exército se desarticulassem, forçando o novo líder a renderse incondicionalmente. A rendição do governo alemão não significa a rendição de todas as tropas: Praga ainda operava sob o comando de Schöerner, que ignora a rendição por quase meia semana por intencionar renderse aos anglo-estadunidenses a oeste. Na Curlândia, Döenitz orienta a Karl Hipert, em 8 de maio, a renderse aos soviéticos incondicionalmente, processo iniciado no dia 9 e que teve fim no total desarmamento no dia 12. Os números do Grupo de Exércitos Curlândia eram consideráveis: 28 generais alemães, 140 mil homens e por volta de 5 mil oficiais, sobras e partes de diversas divisões destruídas do Grupo de Exércitos Norte.

A libertação da região báltica soviética foi uma longa operação de aproximadamente mais de 6 meses que envolveu seis frentes soviéticas e quase 2 milhões de combatentes. Levou à destruição total do Grupo de Exércitos Norte e à rendição incondicional do Grupo de Exércitos Curlândia. A libertação total de Leningrado e das três repúblicas bálticas não somente contribuiu para que os povos estoniano, lituano e letão voltassem a ser parte da União Soviética como contribuiu para que os poloneses tivessem acesso ao Mar Báltico.

Referências

- Friessner, J. (1966). Proigrannye srazheniya (Batalhas perdidas). Moscou: Voenizdat. <http://militera.lib.ru/memo/german/friessner/01.html>
- Galitzky, K. N. (1970). V boyakh za Vostochnuyo Prussiyu – Zapiski Komanduyotchkhego 11-y gvardeyskoy armey (Nas Batalhas pela Prússia Oriental – Escritos do comandante do 11º Exército de Guarda). Moscou: Ciência. http://militera.lib.ru/memo/russian/galitsky_kn/pre.html
- Grechko, A. A. (1985). Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz.
- Guderian, H. (2002). Panzer Leader (2º Edição). Boston, Da Cabo Press.
- Jeremeev, L. (1995). O Exército Soviético na II Guerra Mundial. (2º Edição). Rio de Janeiro: Revan.
- Isaev, A. V. (2006). Operatzii «Iskra» i «Polyarnaya Zvezda». (Operações Iskra e Estrela Polar). In Kogda vnezapnost uzhe ne bylo. Istoriya VOV, kotoruyu ne znali (Quando a surpresa foi embora. A história da Grande Guerra Patriótica que não se conhece). Moscou: Yauza. http://militera.lib.ru/h/isaev_av6/14.html
- Khlebnikov, N. M. (1974). Na Rigu i na Klaypedu (Em Riga e em Kláipeda). In Pod grokhot soten batarey (Sob o rugir de centenas de baterias). Moscou: Voenizdat. http://militera.lib.ru/memo/russian/hlebnikov_nm/14.html

- Lasch, O. (1991). Tak pal Kënigsberg. (Então caiu Königsberg). Moscou. <http://militera.lib.ru/memo/german/lasch/01.html>
- Mannerheim, K. G. E. (1999). Memuary (Memórias). Moscou: Vagrius. <http://militera.lib.ru/memo/other/mannerheim/12.html>
- Pitillo, J. C. P. (2014). Aço Vermelho – Os Segredos da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Silva, F. C. T. (2017). Operação Bagration, a Tempestade de Aço. In A Segunda Guerra Mundial e seus Momentos Decisivos (pp. 72–91). São Paulo: Nova Cultura.
- Raus, E. (2005). Panzer Operations: The Eastern Front Memoir of General Raus, 1941–1945. (Operações Panzer: As Memórias do Front Oriental do general Raus, 1941–1945). Boston: Da Cabo Press.
- Santos, R. S. dos. (2017). Operação Iskra – Janeiro de 1943. In: A Segunda Guerra Mundial e seus Momentos Decisivos (pp. 92–98). São Paulo: Nova Cultura.
- Vasilevsky, A. M. (1978). Delo vsej zhizni (Casos de toda a vida) (3ª Edição). Moscou: Politizdat. <http://militera.lib.ru/memo/russian/vasilevsky/25.html>
- Zhukov, G. (1969). Memorias y meditaciones Mariscal de la Union Sovietica G. K. Zhukov. Tomo II. Biblioteca El Oficial, Habana. https://archive.org/stream/MemoriasYMeditaciones/memoriasYMeditaciones_tomo_2#page/n0/mode/2up

Fonte Primária

- Russkiykh Arkhiv. (1999). Velikaya Otechectvennaya. Stavka VGK: Documenty i materialy. 1944-1945. (Arquivos Russos: Grande Patriótica. Stavka VGK: Documentos e materiais. 1944–1945). Tomo 16 (5–4). Moscou: Terra.

AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIÃO SOVIÉTICA COM INGLATERRA E ESTADOS UNIDOS DE 1941–1945: ESTRATÉGIAS MILITARES E DIPLOMÁTICAS QUE LEVARAM À VITÓRIA¹

Alessandra Scangarelli Brites

*Jornalista especializada em Relações Internacionais
e mestra em Estudos Estratégicos Internacionais*



A União Soviética encontrou desde seu governo provisório e fundação diversos obstáculos e desafios, os quais foram enfrentados tendo em conta, praticamente, apenas os próprios recursos materiais e humanos. Este bloco político e econômico desafiou todas as convenções do sistema internacional capitalista, obviamente, criando diversos inimigos. De 1917 a 1945, os soviéticos iriam experimentar diversas medidas conjuntas das potências ocidentais, em especial França, Inglaterra, Estados Unidos e Japão, em seus assuntos internos, com claros objetivos de literalmente eliminá-los. As repúblicas soviéticas propunham uma forma revolucionária do viver em sociedade, baseada no ideal comunista. Ao chegar neste estágio de evolução, não seria mais necessária a existência do aparato Estatal, pois os indivíduos seriam capazes de conviver levando em conta o bemestar comum de todos. Para atingir este propósito é preciso passar por uma fase de transição que se dá entre o Capitalismo e o Comunismo: o Socialismo.

Nesta fase, o Estado atua como agente central na promoção da igualdade social, material, e na transformação do código moral da população, passando do seu individualismo primitivo e da lei do mais forte para o viver em comunidade. Portanto, é importante enfatizar que, para além

¹ Nesta quarta edição, este capítulo foi revisado pela autora, com acréscimos e correção de informações.



de modelos econômicos, a URSS travou uma verdadeira batalha civilizacional, que caracterizou, em grande parte, o século XX. Por mais que hoje ela não exista fisicamente, os soviéticos e suas conquistas permanecem no imaginário coletivo da sociedade global e mesmo com as constantes tentativas de demonizá-la, a experiência do Socialismo Soviético provoca grandes discussões e reflexões, especialmente no sistema econômico atual que enfrenta uma nova grande crise do Capitalismo. A última que o mundo testemunhou eclodiu em uma guerra que eliminou em torno de 50 milhões de vidas, sendo que 26 milhões delas foram soviéticas.

As batalhas no front ocidental e oriental, responsáveis por promoverem derrotas definitivas aos exércitos nazista e japonês (o primeiro perdeu 80% de suas forças bélicas no confronto com os soviéticos), são um dos motivos pelos quais retomamos este período histórico, no intuito de poder melhor pensar o futuro. Especificamente, neste capítulo, vamos abordar, de forma resumida, como se deram as relações internacionais entre os soviéticos, estadunidenses, ingleses, japoneses e os países vizinhos da URSS, no período de 1941 a 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, ocasião em que a União Soviética lançou-se à guerra contra os nazistas, mudando o curso do conflito no continente europeu. Em um contexto de constante suspeita com os chamados Aliados, os soviéticos souberam usar da estratégia tanto no campo militar, quanto na diplomacia e na atuação de seus agentes secretos.

Inglaterra e França: Uma Aliança com Inúmeras Suspeitas

França e Inglaterra foram, na realidade, parceiros com atuação dúbia na guerra. Com um passado recente de invasões e apoio ao Exército Branco russo que visava derrotar os bolcheviques, ainda no período do governo provisório, os soviéticos apenas reafirmaram suas suspeitas nas medidas tomadas pelos dois países durante os primeiros anos da guerra. Até o início da década de 1930, a URSS, criada em 1922, conseguiu o reconhecimento de muitos países ao redor do mundo, além das grandes potências ocidentais, e assinou diversos pactos de não agressão. Muitas destas conquistas ocorreram, entre outras razões, pela concessão de independência autorizada por Lenin



e o governo provisório de muitas províncias que antes permaneciam sob o jugo colonial do império czarista. Mas, aos poucos, nestes países vizinhos, emergiram ao poder regimes que se posicionariam contrários à proposta soviética de segurança coletiva, tornando praticamente inválidos os pactos de assistência mútua e não agressão assinados com a Estônia, a Letônia, a Lituânia, a Polônia, a Romênia, a Turquia, a França, o Afeganistão e a Iugoslávia.

Outra prova do “humor” belicista da época foi o fracasso da Conferência do Desarmamento de Genebra de 1932, em que os soviéticos buscavam promover as políticas citadas anteriormente. A Guerra Civil Espanhola também foi um cenário que possibilitou aos soviéticos observarem melhor o comportamento de franceses e ingleses, que se deu de forma passiva aos desdobramentos do conflito, culminando na vitória de Franco, aliado de Hitler.

Em 1938, é assinado o Pacto de Munique entre Alemanha, Itália, França e Inglaterra. Neste acordo, Grã-Bretanha e França cederam ao pedido feito por Hitler para que a região germanófila dos Sudetas e da Tchecoslováquia voltassem a pertencer à Alemanha. Com isso, pensouse que os alemães, após retomarem estes territórios, reestabeleceriam a paz no continente. Chamberlain acreditou que as concessões feitas à Alemanha fossem suficientes para estimular o retorno ao status de potência pacífica na Europa. Assim, a Grã-Bretanha e a França acordaram, numa cláusula adicional, a garantia das novas fronteiras da Tchecoslováquia, mas Hitler, em 1939, passa a controlar todo o país, sem grandes reações do governo tchecoslovaco. No acordo, ou declaração Ribbentrop–Bonnet, efetuado em 1938 entre França e Alemanha, os dois países declararam não existir mais demanda territorial entre eles, estando suas fronteiras definidas. Por esta razão, estabeleceram, a partir daquelas cláusulas, uma política pacífica e amistosa.

Somado a isso, a negação de França e Inglaterra em assinar o Tratado Militar de prevenção da guerra na Europa, proposto pela URSS, apenas sustentou a política pouco pragmática e antissoviética de ambos os governos. Neste acordo esteve estipulado que:

“I – Caso a Alemanha atacasse a Inglaterra e a França, a URSS forneceria efetivos correspondentes a 70 % das forças armadas mobilizadas pela Inglaterra e pela França contra o agressor. Julgavase obrigatória a participação da Polônia na guerra, por força de seu tratado com a Inglaterra e a França; II – Caso Polônia e Romênia fossem atacadas e Inglaterra e França declarassem guerra ao agressor, os soviéticos forneceriam o mesmo de divisões que a Inglaterra e a França; III – Caso fosse a URSS (através do território da Finlândia, Estônia e Letônia), a Inglaterra e a França mobilizariam contra a Alemanha 70 % das forças e dos meios desdobrados pela União Soviética. Previase que também a Polônia mobilizasse contra o agressor 45 divisões e a Romênia, caso fosse envolvida na guerra, todas as suas forças. Durante as conversações foi anunciado, com autoridade, que, caso a Alemanha hitleriana atacasse países vizinhos a União Soviética prontificarseia, em 8–20 dias, a mobilizar, em grande número, suas forças armadas: 136 divisões de tiro e cavalaria, e, como mínimo, 5 mil canhões pesados, cinco mil tanques e o mesmo número de aviões”².

Ainda havia certo consenso entre políticos, intelectuais e até as imprensas inglesa, francesa e estadunidense que os soviéticos não teriam capacidade material, nem inteligência militar e serviço secreto para revidar um ataque alemão. Sumner Wells, exvice-secretário e conselheiro de Roosevelt, chegou a afirmar em seu livro “A Hora de Decisões”:

“...naqueles anos de pré-guerra, os representantes dos grandes círculos financeiros e comerciais dos países ocidentais democráticos, inclusive dos Estados Unidos, estavam certos de que uma guerra entre a União Soviética e a Alemanha hitleriana só poderia favorecer os seus próprios interesses. Afirmavam que a Rússia, sem dúvida, seria derrotada e, com isso, se poria fim

² Jeremeev, L. (1995). O Exército Soviético na II Guerra Mundial (2ªEdição). Rio de Janeiro: Renavan. Pp. 20-21.



ao comunismo; quanto à Alemanha debilitada pelos muitos anos de conflito, já não poderia constituir um perigo real para o resto do mundo”³.

Com o discurso constante de Hitler ameaçando eliminar a “judiaria bolchevista” (comunistas e judeus), assim como o apoio observado por alguns políticos influentes no parlamento inglês e no governo de Vichy, ao sul da França, claramente fascistas e com retóricas de morte aos socialistas, Stalin previu uma articulação política inglesa e francesa que almejava definitivamente empurrar os nazistas em direção à URSS. “Estamos assistindo a uma partilha declarada do mundo e das zonas de influência à custa dos interesses dos Estados não agressores, sem nenhuma tentativa de resistência da parte deles, e mesmo com certa complacência”⁴. Sua resposta foi o pacto Ribbentrop – Molotov uma iniciativa que, muito além de assegurar por um tempo uma não agressão nazista, impulsionou Hitler a voltar-se para o Ocidente e assegurou o controle de boa parte do leste europeu por um breve período.

Esta iniciativa de Stalin encontrou muitos opositores, inclusive dentro da Internacional Comunista, mas ela mostrou-se bastante estratégica e correta com o desenrolar dos acontecimentos, ao levar em conta o que se passou durante a Guerra Civil russa, a Primeira Guerra Mundial e a passividade inglesa e francesa aos discursos de ódio aos soviéticos e de vizinhos, a exemplo de Bulgária e Romênia, com governos fascistas contrários à URSS. Neste ínterim, já tinha iniciado um planejamento de transferência geral das indústrias e populações dentro do território da União Soviética para áreas mais isoladas, que permanecessem mais distantes de um provável conflito futuro. No decorrer dos acontecimentos, em 1940, a Alemanha invadiu a França e promoveu ataques à Inglaterra, levando ao declínio de Chamberlain e à volta de Churchill ao poder. Este, ainda que fosse um lorde conservador e imperialista, iria, após a Operação Barbarossa alemã ao território soviético, ceder à demanda de Stalin para a abertura de um front ocidental, durante os últimos anos da guerra.

³ Ibid. P. 20.

⁴ Bruhat, J. (1961). História da URSS. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. P. 107.

Contudo, até conseguirem chegar a um parco estágio de cooperação, a URSS enfrentou sozinha as forças hitleristas, que além de romperem o pacto de não agressão, provaram ser impiedosas, promovendo ataques aos povos eslavos, os quais consideravam humanos de segunda categoria. A estratégia era ocupar a Eurásia, ponto central de passagem da Europa para a Ásia. O objetivo alemão, caso vencedor, era encontrar com seus aliados japoneses que invadiriam a URSS pelo extremo oriente. No entanto, o contra-ataque soviético colocou fim ao avanço nazista, revertendo a situação na Europa e, consequentemente, na Ásia.

1941: Os Desafios de Combater Sozinha

Em 1941, os planos da Operação Barbarossa alemã, de invasão ao território soviético, incluíam a conquista de Kiev, a Zona de Donetsk, o cerco à Leningrado, antiga São Petersburgo, e depois de Moscou. Tinham como prioridades atingir os pontos estratégicos industriais e agrícolas da URSS. O efetivo alemão totalizava cerca de 7,3 milhões de homens, sem contar os mais de 1,2 milhões de servidores, conforme Ieremeev. Estas forças estavam desdobradas ao longo da Europa nas diferentes operações que iam de leste a oeste, até Hitler compreender que deveria focar todos os seus esforços no front leste. Segundo o autor soviético, o plano nazista estabelecia que, após derrotar rapidamente as forças da URSS, em questão de dias, supunham eles, os alemães dariam início a sua expansão em direção ao Oriente Médio, marchando através do Irã e Afeganistão, invadindo a Índia. Como salienta Ieremeev, os nazistas chegariam, por esta estratégia, ao encontro dos japoneses que, a esta altura, já teriam conquistado a Birmânia, a Malásia, e, acima de tudo, ocupado a Manchúria, a Mongólia, a parte norte da China e a totalidade da Península Coreana, entrando em território soviético pelo extremo oriente, encontrando as tropas nazistas por esta via. Em conjunto com as tropas italianas e japonesas, seriam tomadas as colônias britânicas e francesas na África e na Ásia. A Inglaterra estaria em situação extremamente complicada, isolada e, logo, seria conquistada. Assim, dariam início aos esforços de guerra com as Américas.

Visando possível investida japonesa, os soviéticos deixaram 40 divisões militares instaladas no extremo oriente e buscaram



estabelecer um acordo de neutralidade e não agressão em 1941, aliviando o front oriental do país. Os japoneses que enfrentavam dificuldades com a resistência da aliança comunista–nacionalista chinesa, não tinham interesse, momentaneamente, de abrir outra frente de batalha com os russos. Grande parte do trabalho de inteligência deveuse à atuação de uma rede extensa de espionagem. Entre eles, destaque o espião soviético Richard Sorge, que foi enviado anos antes ao Japão com a missão de informar as reais intenções dos japoneses com relação à invasão ao território soviético, conforme os acordos estabelecidos com os alemães no Pacto Anti-Cominterm. Devese a ele o anúncio do início da Operação Barbarossa e os meandros gerais das relações entre o Japão e a Alemanha.

O trabalho de Sorge, juntamente com o apoio e acordo de cooperação da URSS com os comunistas e nacionalistas chineses e com o Exército Popular Revolucionário da Mongólia, foi fundamental para o direcionamento dos esforços de contra-ataque ao invasor nazista. Contudo, com o avanço dos alemães, a caída de vários países do Leste Europeu que, em grande parte, suas elites e exércitos nacionais não impuseram grande resistência aos alemães, e as baixas do efetivo russo-soviético, logo incitaram os japoneses a contestar os termos de neutralidade do acordo.

Os desafios que os soviéticos encontravam pela frente eram de proporções gigantescas. Desta forma, as iniciativas conjuntas dos mais diversos setores preparavamse para o confronto, principalmente a área das finanças. De acordo com a professora e analista da Universidade Estatal de Telecomunicações de São Petersburgo Anastasia Zotova, em 1940, os dispêndios militares duplicaram com relação à produção industrial. Enquanto 16,4 % foram gastos na produção industrial, 32,6 % destinaramse às forças armadas de defesa, do orçamento total governamental. Segundo ela, estes investimentos visavam o treinamento do exército e da marinha para defender o Estado na maior extensão possível. Em 1941, 32,8 % do orçamento destinavase a fornecer às forças armadas tudo o que lhes era necessário. Além disso, o Estado investiu 70,9 bilhões de rublos na melhoria do seu potencial militar, durante o primeiro ano da guerra contra a Alemanha nazista.

Contudo, conforme Anastasia Zotova, não foi possível cumprir integralmente as metas orçamentárias frente às hostilidades em grande escala. “Enquanto em 1940 as receitas chegaram a 98 % e as despesas a 96,9 %, em seguida, em 1941, a situação era qualitativamente diferente. As receitas atingiram o valor de 79,6 %, enquanto as despesas chegaram em torno de 88,6 %”. Entretanto, ela explica que devido ao manejo das instituições financeiras soviéticas, no segundo semestre do ano, foi possível aumentar significativamente os gastos do país com o exército e a marinha em 20,6 bilhões de rublos. “Esta manobra permitiu à União Soviética resistir à pressão do maquinário estatal alemão”, salienta a também analista. O avanço nazista, ao contrário do que se pensava, encontrou imensa resistência ao chegar próximo à fronteira da Rússia Soviética.

Ao que parece os generais alemães, até então acostumados às fáceis batalhas e invasões a países europeus com dimensões pequenas, acabaram por estabelecer uma estratégia de guerra não adequada para o imenso território russo, o que acabou criando grandes desgastes às tropas, como comenta em seu diário Franz Halder:

“Os violentos combates que travam as nossas unidades móveis agindo em grupos isolados, a demora com que chegam à frente de combate as divisões de infantaria procedentes do oeste, a lentidão, em geral, de todas as deslocações por estradas ruins e, além disso, o cansaço geral das tropas que, desde o começo da guerra, têm, todo o tempo, feito longas marchas e travado batalhas sangrentas, tudo isso suscitou um certo desânimo no meio dos nossos corpos dirigentes. Com especial realce para a profunda depressão do comandante supremo das tropas terrestres”⁵.

A reação da população e do soldado soviético encontrou ecos e suporte inclusive nas imprensas das potências ocidentais e nos telegramas de líderes políticos como Winston Churchill. Stalin, após insistir repetidas vezes, sem qualquer resultado positivo, na abertura de um

⁵ Ieremeev, L. (1995). O Exército Soviético na II Guerra Mundial (2ªEdição). Rio de Janeiro: Renavan. Op cit, p. 35.



segundo front ocidental, começou a ter respostas, especialmente de britânicos e estadunidenses inclinados à cooperação. As perdas até aquele momento da guerra levaram ao estabelecimento de metas e reordenação da estratégia militar:

“A curto prazo, fazer com que a economia do país passasse a satisfazer às necessidades da guerra, desenvolver a produção em massa de material bélico, armas, munições e outros meios de luta, isto é, criar no país uma indústria de guerra; 2) impedir que os recursos econômicos das regiões ocidentais do país caíssem em poder do inimigo, transferindo rapidamente para o leste as empresas, as indústrias e os valores materiais; evacuar a população e organizar, em novos locais, a fabricação do indispensável ao exército em operações e à economia; e 3) finalmente, o mais importante: custe o que custar deter o avanço das tropas agressoras, barrandolhes o caminho em toda a vasta frente estratégica”⁶.

O início do contra-ataque soviético chama atenção do mundo, em especial de ingleses e estadunidenses

A Batalha de Moscou, entre outubro de 1941 e janeiro de 1942, frustrou as tentativas de ataques estratégicos e políticos do Eixo na Operação Barbarossa. Conforme Andrew Roberts, a Oberkommando der Wehrmacht (OKW), alta instância de planejamento e gerência das forças alemãs, após várias conquistas e a derrota em Kiev, tinha objetivo em focar na captura de Moscou e “empurrar” o governo soviético e o exército vermelho para além dos montes Urais, tirando da URSS qualquer possibilidade de ser um poder efetivo na guerra. De acordo com Roberts, a Luftwaffe, posteriormente, confinaria os russos na Sibéria desindustrializada. Tal cenário possível, seria um pesadelo para os britânicos e até os norte-americanos. Assim, a vitória soviética passou a ser questão vital para ambos os países ocidentais. A Operação Tufão tinha ainda dois planos de ataque: ao norte da

⁶ Jeremeev, L. (1995). O Exército Soviético na II Guerra Mundial (2ª Edição). Rio de Janeiro: Renavan. Op cit, p. 36.

capital empregar o 3º e 4º grupos da Panzerwaffe (divisões internas da Wehrmacht responsável pelas forças blindadas e motorizadas) contra as formações do Exército Vermelho na Frente de Kalinin e, simultaneamente, destruir a Ferrovia Moscou – Leningrado; ao mesmo tempo, ao sul de Moscou, deveriam combater a Frente Ocidental Soviética, com os exércitos da Panzerwaffe avançando ao sul e a oeste em direção à capital da Rússia Soviética⁷.

As forças de Stalin adotaram uma estratégia de três linhas defensivas, mobilizando militares da reserva e algumas tropas da Sibéria e do Extremo Oriente. Também foram realizadas várias operações de menor escala, coordenadas com a estratégia central estabelecida e liderada pelo General Jukov. Junto à batalha de Moscou, seguiram a de Stalingrado e Kursk, que foram pontos de virada decisivos da guerra. Foi neste contexto que a cooperação entre soviéticos, britânicos e estadunidenses pode darse de forma mais concreta.

Em 12 de julho de 1941, foi assinado o acordo anglo-soviético, que oficializava a aliança militar destes contra a Alemanha. Firmado às pressas em razão do contexto, o documento continha apenas dois princípios: “(1) Os dois governos comprometem-se a prestar assistência mútua e apoio de todos os tipos na atual guerra contra a Alemanha hitlerista; (2) Eles ainda se comprometem que durante esta guerra não negociarão nem concluirão um armistício ou tratado de paz, exceto por acordo mútuo”⁸.

Em 17 de setembro de 1941, foi finalizada a chamada Operação Countenance, que tinha o objetivo de resguardar os campos de petróleo iranianos e assegurar as linhas de abastecimento dos Aliados para os Soviéticos que combatiam as forças do Eixo na Frente Oriental, como é possível inferir do suplemento da Gazeta de

⁷ Roberts, A. (2012). *The Storm of War. A New History of the Second World War*. Harper Perennial, Reprint edition. Pp. 170–171, ebook.

⁸ Agreement Between the United Kingdom and the Union of the Soviet Socialist Republics: July 12, 1941 via Avalon Project, Lillian Goldman Law. OBS: as cláusulas descritas nas edições anteriores a esta, na verdade, pertenciam ao Acordo Anglo-Soviético de 1921.



Londres, datado de 14 de agosto de 1946⁹. Além disso, o suplemento também indica que, embora o Irã tenha sido oficialmente um país neutro, Reza Xá Pahlavi demonstrou ter inclinações a cooperar com os países inimigos. O monarca seria substituído pelo filho, após a ocupação dos Aliados.

Neste mesmo período, os estadunidenses, juntamente com os britânicos, estabeleceram uma política denominada Lend-Lease que foi o apoio financeiro e material desses países à União Soviética. O professor de história Oleg Budnitsky afirma que tal assistência não deve ser superestimada, sendo que ela correspondeu a 7 % da capacidade total de produção da URSS. Contudo, em algumas áreas tal cooperação teve maior influência: “no início de 1942, os tanques ocidentais ajudaram a reabastecer as perdas soviéticas. Cerca de 15 % das aeronaves usadas pelas forças aéreas da URSS foram fornecidas pelos Aliados, incluindo o caça Airacobra e o bombardeiro de Boston”, afirma o historiador¹⁰.

Em 26 de maio de 1942, foi assinado o tratado de assistência mútua de vinte anos entre o Reino Unido e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, pelo Secretário do Exterior britânico Anthony Eden e pelo Ministro das Relações Exteriores soviético Viatcheslav Molotov. As discussões para tanto tinham sido iniciadas em 15 de dezembro de 1941, uma semana depois da entrada dos Estados Unidos na guerra.

Stalin tinha como meta estabelecer um acordo territorial para a Europa do pós-guerra, especialmente entre a Grã-Bretanha e a União Soviética. Ele almejava retomar os territórios perdidos durante a Operação Barbarossa, incluindo a recuperação da Finlândia, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Ucrânia e Belarus. Em troca, a Grã-Bretanha receberia terra e direitos para ter bases navais e passagem marítima através do Canal da Mancha e dos Mares do Norte e Báltico. Este tratado foi o divisor de águas, em especial para a Inglaterra, antes

⁹ Supplement to London Gazette of tuesday, the 14th of august, 1946. Acessível em: <https://www.ibiblio.org/hyperwar/UN/UK/LondonGazette/37685.pdf>

¹⁰ Russian historian: Importance of Lend-Lease cannot be overestimated. Disponível em: https://www.rbth.com/business/2015/05/08/allies_gave_soviets_130_billion_under_lend-lease_45879.html. Acesso em: 10 de março de 2018.

centro do poder mundial, durante o século XIX, dona de um vasto império, que começava a ceder seu poder de atuação efetiva militar aos soviéticos, que se tornariam, junto com os Estados Unidos, uma das duas superpotências do século XX. Contudo, os britânicos ainda atuavam de forma assertiva diplomaticamente, auxiliando a impulsionar a estrutura do futuro sistema político internacional da Guerra Fria.

Conforme Kemp, os comboios do Ártico foram uma das principais rotas de auxílio de britânicos e estadunidenses à URSS. O Corredor Persa e a Rota do Pacífico também foram utilizados pelos norte-americanos. A Rota do Ártico era a mais curta até a URSS, ainda que passasse pela Noruega, ocupada pelos alemães. Cerca de 3.964.000 toneladas de mercadorias foram embarcadas e passaram por ela: 7% foram perdidas, enquanto 93% chegaram com segurança. Já o corredor persa era o caminho mais longo e não estava totalmente operacional até meados de 1942¹¹.

A Rota do Pacífico foi inaugurada em agosto de 1941, mas foi afetada pelo início das hostilidades entre o Japão e os EUA. Como o Japão e a URSS estabeleceram um acordo de neutralidade, bens militares não poderiam ser transportados. Cerca de 8.244.000 toneladas de mercadorias passaram por essa rota. Aproximadamente 17,5 milhões de toneladas de equipamentos militares, veículos, suprimentos industriais e alimentos foram embarcados do Hemisfério Ocidental para a URSS¹². Já o major-general John Russell Deane, que foi chefe da Missão Militar na Embaixada dos Estados Unidos em Moscou durante a Segunda Guerra Mundial, em seu livro “The Strange Alliance – The Story of Our Efforts at Wartime Cooperation with Russia”, divulgou alguns números sobre as entregas dos EUA à União Soviética de 1941–1945: 427.284 caminhões, 13.303 veículos de combate, 35.170 motocicletas, 2.328 veículos de serviço de abate, 2.670.371 toneladas de derivados de petróleo (gasolina e óleo), 4.478.116 toneladas de alimentos (carnes enlatadas, açúcar,

¹¹ Kemp, P. (2004). *Convoy: Drama in Arctic Waters*. Minneapolis, Minnesota: Book Sales Inc. P. 235.

¹² Ibid.



farinha, sal, etc.), 1.911 locomotivas a vapor, 66 locomotivas a diesel, 9.920 carros planos, 1.000 carros basculantes, 120 carros tanques e 35 carros de maquinaria pesada.

A União Soviética demonstrava-se disposta a manter relações pacíficas duradouras. Tentou novamente estabelecer cooperações econômicas e comerciais com todos os países capitalistas. Ainda no período da guerra tomou parte ativa na criação da ONU; assinou em 1942 a Declaração das Nações Unidas e, em 1943, a Carta do Atlântico¹³. Tal cooperação entre EUA e URSS moldaria a nova ordem política mundial no pós-guerra. Porém, ainda que o apoio estadunidense fosse importante, ele não foi decisivo para a vitória soviética sobre os nazistas¹⁴. Os reais fatores foram as reformas stalinistas e seus planos quinquenais, que desenvolveram um sistema produtivo capaz de promover mudanças significativas para a URSS ganhar a guerra, ainda que fosse com perdas humanas impressionantes – entre 25 a 30 milhões de pessoas pereceram¹⁵.

Apesar de ter as suas principais regiões, em que se concentravam 40% da população, 50% da produção agrícola e 60% da industrial nas mãos dos nazistas, Stalin, independente da opinião que se tenha em relação a sua representação e atuação política, reorganizou as suas forças militares, políticas e econômicas, em colaboração estreita com generais soviéticos, alguns pelos quais não tinha grande simpatia. Incentivou a criação de guerrilhas na retaguarda alemã e puniu a todos os romenos, finlandeses, búlgaros, tchecos, poloneses, lituanos, letões e estonianos que colaboraram com o Nazismo.¹⁶

Embora muitas fontes de autores britânicos, estadunidenses e franceses venham a superestimar a ajuda aos soviéticos, os fatos mostram que muitos problemas se deram em relação a esta assistência,

¹³ Brites, A. S. (2012). A Política Externa Soviética e seus Impactos nas Relações Internacionais (1917–1985). Lume. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70023>. P. 46.

¹⁴ Ibid. Op cit, p. 46.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.



como a falta de maior proteção aos comboios. Da mesma forma, as iniciativas de maior importância, como a abertura de uma segunda frente de batalha pelo ocidente europeu, tardaram a ser constituídas, esta que foi uma das questões nevrálgicas para Stalin e que ele insistiu constantemente com os Aliados.

No entanto, a entrada dos Estados Unidos em 1942, após o ataque à Pearl Harbour, iniciou uma série de interações entre os Aliados, em especial as Conferências de Teerã, Ialta e Potsdam nos anos seguintes da guerra. Stalin havia entendido que muitos países do leste europeu tinham cooperado com os nazistas. Na meta de impedir invasões futuras, planejou uma política para a região, que seria conhecida como cordão sanitário, ou de segurança, em que os soviéticos observaram a necessidade de ter sob controle direto ou indireto os países do leste europeu, promovendo a permanência de governos pró Moscou.

A declaração de Moscou, a Conferência de Teerã e a Libertação do Leste Europeu

A Conferência de Teerã foi uma reunião estratégica entre Joseph Stalin, Franklin D. Roosevelt e Winston Churchill que ocorreu de 28 de novembro a 1º de dezembro de 1943, na embaixada da União Soviética em Teerã, após a invasão anglo-soviética ao Irã. Foi a primeira das grandes conferências da Segunda Guerra Mundial entre os três líderes Aliados. Nesta ocasião, a União Soviética conquistava finalmente uma segunda frente contra a Alemanha nazista, através do compromisso oficial das potências ocidentais. As principais operações debatidas e planejadas foram referentes à Turquia, ao Irã, à Iugoslávia e o combate ao Japão, além de um acordo pós-guerra. Em um protocolo paralelo, os Aliados reconheceram a independência do Irã.

No entanto, esta reunião destacou também os principais problemas da cooperação existentes, devido à falta de uma estratégia conjunta, que, de forma efetiva, alocasse os recursos e as operações entre as forças de resistência na Europa e na Ásia. Tais condições geraram suspeitas mútuas entre os Aliados ocidentais e a União Soviética. Para além da abertura de um segundo front, existiam as diferenças



W. Churchill inspeciona as tropas aliadas antes do desembarque na Normandia



entre Inglaterra e Estados Unidos, pois este não desejava apoiar o Império Britânico em uma suposta vitória Aliada. Além disso, nem os Estados Unidos, nem a Grã-Bretanha tinham uma opinião clara em relação à atuação de Stalin na Europa do Leste. Havia também a falta de consenso sobre como proceder com as forças do Eixo.

Nesta ocasião, Stalin concordou em entrar na guerra contra o Japão, após a derrota da Alemanha. Ele também pressionou por uma revisão da fronteira oriental da Polônia com a União Soviética, no que fora estabelecido em 1920, pelo Lord Curzon, Secretário de Assuntos Exteriores da Inglaterra na época. A compensação à Polônia deuse com a mudança da fronteira entre a Alemanha e a Polônia, para os rios Oder e Neisse. A URSS ocuparia terras no Leste, enquanto a Polônia conquistaria terras no Oeste que estavam sob controle alemão. A Operação Overlord teve o início de sua organização nesta conferência. Para tanto, Stalin concordou em dar suporte às operações britânicas e estadunidenses, que até estavam impossibilitadas pela presença forte das forças alemãs, lançando uma grande ofensiva no front leste à Alemanha. Ainda foi acordado entre os Aliados prover assistência econômica ao Irã. Além disso, a União Soviética prometeu apoio à Turquia, caso ela entrasse na guerra. Outro ponto importante de salientar foi que estas questões desenvolvidas nesta conferência deram origem à Declaração de Moscou.

Os resultados destas negociações foram: os partisans iugoslavos receberam apoio total dos Aliados. Os partidários comunistas sob Tito tomaram o poder na Iugoslávia, enquanto os alemães retiraram-se gradualmente dos Bálcãs entre 1944–1945. O presidente da Turquia, depois de muitas negociações, acabou concordando, na Conferência do Cairo, em novembro de 1943, prometendo juntarse aos Aliados. Em fevereiro de 1945, a Turquia declarou guerra à Alemanha e ao Japão. A invasão aliada à França em 6 de junho de 1944 ocorreu como planejado, assim como o apoio ao sul deste país com a Operação Dragoon pela Inglaterra, os demais países do Commonwealth e os Estados Unidos. Os soviéticos lançaram uma grande ofensiva contra os alemães em 22 de junho de 1944 com a Operação Bagration, na Belarus, expandindo suas tropas até a Lituânia, Polônia e Romênia durante os meses de julho e agosto.



À medida que iam libertando os países vizinhos das forças fascistas na Europa do Leste, os soviéticos estabeleceram tratados de amizade, visando assistência mútua na prevenção de novas agressões. Os grupos revolucionários socialistas e comunistas receberam inteiro apoio da URSS para chegar ao poder, com exceção da Albânia e Iugoslávia, cujos líderes políticos, através de seus próprios partidos comunistas, assumiram o poder, por suas vias. De forma geral, os soviéticos ainda auxiliaram a estes países a abolirem os riscos de ocupação, a recuperar suas economias, a promover educação e atividades culturais, através do processo de transformação político, econômico e social pela via socialista. Para além de investimentos econômicos nos países, houve assistência médica e auxílio aos prisioneiros detidos em campos de concentração a retornarem a suas casas. A vitória soviética significou o fortalecimento do Socialismo e uma real ameaça ao sistema capitalista, imperialista vigente.

As Conferências de Ialta e Potsdam, a guerra ao Japão e a derrocada fascista para o Socialismo Soviético

Na época da Conferência de Ialta, Canadá e os governos no exílio da França e da Bélgica, liderados pelo general britânico Bernard Montgomery e pelos generais estadunidenses Dwight D. Eisenhower e Omar Bradley, libertaram ambos os países da ocupação nazista. No leste, o Marechal Georgi Jukov já tinha libertado Polônia, Romênia, Bulgária e a maioria da Iugoslávia. Em fevereiro, a Alemanha só tinha controle sobre a Holanda, Noruega, Dinamarca, Áustria, Alemanha, norte da Itália e norte da Iugoslávia. Nesse contexto, o front na Ásia tomava maiores proporções já que Roosevelt demandava apoio soviético na Guerra do Pacífico dos EUA contra o Japão, especificamente através da Operação August Storm. Para tanto, houve uma pré-condição soviética: reconhecimento oficial estadunidense da independência da Mongólia (a República Popular da Mongólia já era parte do bloco soviético desde seus primórdios em 1924, e durante a Segunda Guerra Mundial), da China e o reconhecimento dos interesses da URSS nas ferrovias da Manchúria e no Port Arthur, bem como a retomada das Ilhas Sacalinas e Curilas, anexadas pelo



Japão durante a guerra russo-japonesa de 1905, através do Tratado de Portsmouth.

Mesmo não tendo a participação da China nestas negociações, Roosevelt concordou com os termos e a União Soviética entraria na Guerra do Pacífico três meses após a derrota da Alemanha. Stalin ainda prometeu a Truman, que substituiria Roosevelt após a morte deste, manter a nacionalidade da Península Coreana intacta enquanto a União Soviética entrava na guerra contra o Japão. A morte do presidente dos Estados Unidos iria ter grandes repercussões para a URSS futuramente, já que Roosevelt, levando em conta o caráter anticomunista da política dos EUA em geral, obtinha uma visão diferenciada de promover uma cooperação com os soviéticos a longo prazo, inclusive considerando incluí-los em seu plano Marshall. Sem falar que deu todo o suporte para a participação soviética nas Nações Unidas, o que estes assentiram, dado a existência do poder de veto para membros permanentes do Conselho de Segurança, garantindo assim que cada país pudesse bloquear decisões indesejadas. Em relação ao plano Marshall, como a URSS já pagaria a ajuda dos EUA durante a guerra com altos juros, e a suspeita constante entre estes que seriam os dois polos de poder confrontantes do novo sistema de Guerra Fria que se anunciava, Stalin declinou do convite.

A ala política dos Estados Unidos, tendo como seu representante Truman, teria uma linha bastante dura e de confrontação que deu início à futura corrida armamentista nuclear entre os dois países. O anúncio da posse de tal arsenal nuclear foi declarado a Stalin durante a Conferência de Potsdam. Conforme Dennis Wainstock, o líder soviético já há muito sabia da existência do projeto Manhattan através de sua rede de espões e colaboradores e preparava o arsenal soviético. Esta iniciativa mostrou-se acertada pois, posteriormente, o Pentágono, em alguns anos subsequentes, após a experiência das bombas nucleares lançadas em Hiroshima e Nagasaki, elaborou diversos planos, entre eles o Totality, o Charioteer, o Fletwood e o Dropshot. Entre os objetivos destes planos, estava a ideia de lançar golpes em massa, utilizando em torno de 300 ogivas em centros industriais e administrativos da URSS, ou 20 ogivas, em caso



Reunião em Elba



Conferência de Yalta. 1945



do avanço dos soviéticos a outras regiões¹⁷. Como os soviéticos trataram de desenvolver a sua bomba, tais planos foram descartados. A bomba soviética não apenas protegeria a URSS de um ataque sem precedentes, mas promoveria um equilíbrio de poder que seria o ponto central da ausência de conflito direto entre as duas grandes potências da Guerra Fria.

Já Churchill, por sua vez, pressionou por eleições livres na Europa Oriental e Central (especificamente na Polônia), mas os soviéticos por razões de segurança aqui já mencionadas exigiram uma esfera soviética de influência política nesta região do continente. Em especial a Polônia era considerada por Stalin uma questão de honra e prevenção defensiva, pois aquele país historicamente era considerado um corredor para forças inimigas invadirem a Rússia. O líder soviético também tinha altos planos em tornar a Polônia um país exemplo e redimir a URSS de problemas passados com os poloneses, através da criação de uma nação poderosa, livre e independente.

Porém, um governo provisório patrocinado pelos soviéticos fora instalado em territórios ocupados pelo Exército Vermelho. Certamente a segurança continuou tendo maior peso nos temores de futuras novas guerras para Stalin. Ao mesmo tempo, as exigências do governo polonês no exílio em Londres não eram negociáveis: a União Soviética manteria o território da Polônia oriental que já tinha anexado em 1939, e a Polônia seria compensada por isso estendendo suas fronteiras ocidentais às custas da Alemanha.

Na Conferência de Potsdam foi estabelecida uma declaração divulgada por Harry S. Truman, o Primeiro-Ministro do Reino Unido, Winston Churchill, que seria posteriormente substituído por Clement Attlee, e o Presidente do governo nacionalista da China, Chiang Kaishek. O documento descrevia os termos da rendição do Japão. Caso esta não ocorresse, um ultimato fora lançado do qual os japoneses enfrentariam a destruição total. Entre as exigências estavam a eliminação de autoridades e a influência daqueles que

¹⁷ Ibid. Op cit. P. 52.



enganaram o povo do Japão para embarcar na conquista do mundo; a ocupação de pontos do território japonês a serem designados pelos Aliados; a limitação da soberania japonesa às ilhas de Honshu, Hokkaido, Kyushu, Shikoku e outras ilhas menores; o desarmamento das forças militares japonesas, com a permissão para seus integrantes retornarem a suas casas; e, apesar de não buscar a escravização dos japoneses ou sua total destruição, a mais severa justiça seria imposta a todos os criminosos de guerra.

Tais demandas foram bastante debatidas nos bastidores japoneses e o Ministro das Relações Exteriores Shigenori Tōgō considerou aceitá-las. Contudo, ainda tinha esperança de que a União Soviética mediasse as negociações com os Aliados ocidentais para obter esclarecimentos e revisões dos termos da declaração¹⁸. O ministro encontrou-se com o Imperador Hirohito e aconselhou-o a tratar a declaração com a máxima circunspeção, mas que seria de extrema importância esperar pela resposta soviética¹⁹. Segundo Wainstock, a preocupação central dos japoneses era a sobrevivência da família imperial e da figura do Imperador.

Este objetivo estava acima de qualquer outro, pois para as forças japonesas a figura de Hirohito e a nação nipônica estavam intimamente interligadas, uma não poderia existir sem a outra. Enquanto isso, o Conselho Supremo para a Direção da Guerra japonês considerou os termos da declaração “muito desonrosos” e aconselharam a total rejeição. Mas, a sugestão de Tōgō de não responder até receber a resposta soviética foi aceita²⁰. Em 9 de agosto de 1945, Stalin, baseado em um acordo secreto na Conferência de Ialta de fevereiro de 1945, revogou o Tratado de Neutralidade da URSS em 13 de abril de 1941 e declarou guerra ao Japão em 9 de agosto de 1945²¹. O exército japonês, que estava mal

¹⁸ Wainstock, D. D. (2011). *The Decision to Drop the Atomic Bomb*. Enigma Books. Pp. 106–107.

¹⁹ *Ibid.*

²⁰ *Ibid.*

²¹ *Ibid.*

equipado e totalmente despreparado, foi rapidamente derrotado em Manchukuo (invasão soviética da Manchúria), em Mengjiang (Mongólia Interior), norte da Coreia, Karafuto e Ilhas Chishima, com a colaboração dos mongóis.

Conforme Borisov, o apoio soviético para a disseminação do Comunismo teve na Manchúria a principal base de operações para as forças de Mao Zedong, líder dos comunistas vitoriosos da Guerra Civil Chinesa. O sucesso dos comunistas chineses levou a União Soviética a desistir dos seus direitos às bases na China e os territórios considerados por eles como chineses, e não como regiões soviéticas ocupadas pelos japoneses, acabaram por ser entregues à República Popular da China. Os soviéticos ainda realocaram o restante da indústria japonesa remanescente em localidades da URSS devastadas durante o conflito mundial.

Segundo a autora M. B Aleksandrovna, após o estabelecimento da República Popular da China, a maior parte da assistência econômica soviética foi para a Manchúria, no intuito de promover a reconstrução do parque industrial da região. A península coreana também sofreu consequências da atuação soviética no front do extremo oriente. A divisão da Coreia entre as ocupações soviética e norte-americana levou à criação dos Estados separados da Coreia do Norte e do Sul, sendo o fato precursor da Guerra Civil coreana e da divisão da península em dois sistemas, cinco anos depois. A Coreia, assim como a Alemanha no Ocidente, seria a fronteira nevrálgica da Guerra Fria no Oriente. A capitulação do Japão, assim como da Alemanha nazista, da Itália e outros demais aliados do Eixo não foi o único resultado da Segunda Guerra. Para além da destruição do Nazismo e do Fascismo, União Soviética e Estados Unidos davam início a uma nova era, em que Inglaterra e França eram potências em forte decadência e de segundo escalão.

Previendo tal situação, Churchill agiu em prol de promover o fortalecimento do bloco capitalista, visando assegurar a existência do Império Britânico, com os dias já contados. Independente de seus esforços, a Inglaterra seria prontamente substituída pelos Estados Unidos como líder do Ocidente. Este iria junto à URSS promover um código de valores norteadores do sistema internacional que



visava o fim do imperialismo e do colonialismo. A política de ambos ocorreria de outras formas através da dominação indireta econômica e da guerra ideológica entre os diferentes modelos civilizacionais que promoviam: socialista e capitalista.

Referências

- Borisov, O. (1977). *The Soviet Union and the Manchurian Revolutionary Base (1945–1949)*. Moscow: Progress.
- Brites, A. S. (2012). *A Política Externa Soviética e seus Impactos nas Relações Internacionais (1917–1985)*. Lume. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/70023>
- Bruhath, J. (1961). *História da URSS*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Butler, S. (2008). *Prezado Sr. Stalin. Os Bastidores da Segunda Guerra Mundial na Correspondência Completa entre Roosevelt e Stalin*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Deane, J. R. (1947). *The Strange Alliance: The Story of our Efforts at Wartime Cooperation with Russia*. New York: Viking Press.
- Deakin, F. W., & Storry, G. R. (1966). *O Espião Sorge*. São Paulo: Livraria Editora Flamboyant.
- Ermónski, A. (1981). *O Caminho da Paz visto de Moscou*. Moscou: Progresso.
- Grechko, A. A. (1985). *Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz.
- Ieremeev, L. (1995). *O Exército Soviético na II Guerra Mundial (2ª Edição)*. Rio de Janeiro: Renavan.
- Kulkov, E., Rjechevski, O., Tchelichev, I. (1984). *A Verdade e a Mentira Sobre a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Edições Avante.
- Kemp, P. (2004). *Convoy: Drama in Arctic Waters*. Minneapolis, Minnesota: Book Sales Inc.
- Lebedev, N. (1983). *La URSS en la Política Mundial*. Moscow: Progresso.
- Pitillo, J. C. P., & Vinhas, R. Q. (2017). *Josef Stálin. Sobre a Grande Guerra Patriótica*. Rio de Janeiro: Raízes da Américas.
- Roberts, A. (2012). *The Storm of War. A New History of the Second World War*. Harper Perennial, Reprint edition.
- Maiski, I. (1965). *Quién Ayudó a Hitler*. Moscú: Progreso.
- Zotova, A. V. (2016). *Finances of the Soviet Union in 1939–1945*. *Indian Journal of Science and Technology*, 9(46). <https://doi.org/10.17485/ijst/2016/v9i46/107544>
- Actions
- Vail Motter, T. H. (2000). *The Persian Corridor And Aid to Russia*. Center of military history United States Army. Washington, DC. <https://history.army.mil/books/wwii/persian/index.htm>
- Wainstock, D. D. (2011). *The Decision to Drop the Atomic Bomb*. Enigma Books.
- Agreement Between the United Kingdom and the Union of the Soviet Socialist Republics: July 12, 1941*. via Avalon Project, Lillian Goldman Law.
- Engines of World War Two*. <http://www.o5m6.de/>



- Lossan, A. (2015, May 9). Russian historian: Importance of Lend-Lease cannot be overestimated. *Russia Beyond*. https://www.rbth.com/business/2015/05/08/allies_gave_soviets_130_billion_under_lend-lease_45879.html
- Twenty-Year Mutual Assistance Agreement Between the United Kingdom and the Union of Soviet Socialist Republics. (1942, May 26).
- Potsdam Declaration. <https://www.atomicarchive.com/resources/documents/hiroshima-nagasaki/potsdam.html>
- Supplement to the London Gazette of tuesday, the 13th of august, 1946. <https://www.ibiblio.org/hyperwar/UN/UK/LondonGazette/37685.pdf>
- Александрова, М. В. (2013). Экономика Северо-Восточного Китая и советская помощь КНР в 50-х годах XX века. Китай в мировой и региональной политике. История и современность. <https://cyberleninka.ru/article/v/ekonomika-severo-vostochnogo-kitaya-i-sovetskaya-pomosch-knr-v-50-h-godah-xx-veka>

A BATALHA DE SMOLENSK

Vinícius da Silva Ramos

Doutorando em História pela UERJ



I

O maior conflito já registrado pela humanidade não teve poucas batalhas decisivas. A construção da vitória dos Aliados foi feita de forma gradual e incerta por muito tempo. Até 1942, quando as tropas da Alemanha nazista foram barradas em Moscou, e 1943, quando começaram a ser expulsas de Stalingrado, o Eixo parecia se encaminhar para uma vitória de relativa tranquilidade. A linha Maginot, que pretendia defender a França de uma ofensiva alemã, tinha se transformado em pó e o Estado Maior nazista marchava pelas ruas de Paris aplaudido por uma população que misturava sentimentos de perplexidade e admiração. O mar, que separava a Europa continental da Inglaterra, parecia ser a única barreira que conseguia resistir aos avanços das tropas coligadas do Eixo. Porém, com Londres praticamente em ruínas, com a população fugindo em massa para os campos do interior da ilha, parecia questão de tempo que a submissão inglesa também viesse à tona.

A classe política europeia, durante os anos que antecederam o estourar do conflito, pareciam não estar muito contrariadas com um destino que parecia inexorável. Afinal, fora essa mesma classe que abriu mão de regiões ricas em recursos naturais que viriam a abastecer a máquina de guerra alemã, fora essa mesma classe que demonstrara enorme paciência com um regime que clamava por mais «espaço vital» e que anexava território após território, e muito pouco ou quase nada fazia para evitar tais problemas. Fora a mesma classe política que costurou e rasgou um tratado de paz que, ao invés de cicatrizar feridas de uma guerra entre potências imperialistas, fez questão de mantêlas abertas.



A Batalha de Smolensk



Os acordos de cessão de território para a Alemanha vieram a envergonhar toda essa classe posteriormente. Tanto é que a expressão «Munique» passou a significar um tratado que de tão ruim para uma das partes, a deixa constrangida. Parecia que todos os esforços para conter a «ameaça vermelha» vinda da União Soviética (URSS) valiam a pena (Hobsbawm, 1995). É como numa brilhante charge contemporânea de Jota Camelo que mostra o país destruído, mas alguns farrapos humanos comemorando o «fim da esquerda». Tudo indicava que valia praticamente qualquer coisa – mesmo colocar em xeque a soberania da Europa – para garantir que a URSS não tivesse chance de espalhar sua experiência emancipatória para outros países. Nisso, milhões de pessoas se afundavam num conflito de dimensões colossais provocado por uma burguesia assustada e ciosa de preservar seus lucros astronômicos contra a crescente politização da classe trabalhadora europeia. O fantasma que rondava a Europa» naquele momento tinha nome, sobrenome e território definido. Vinha do leste e prometia libertar os trabalhadores das amarras do capitalismo. Uma nova Rússia aliada a várias repúblicas, que juntas cobriam boa parte do território europeu, mas que em nenhum momento demonstrava ambições expansionistas, parecia ser uma ameaça maior do que uma Alemanha que clamava por guerra, dizia ser a paz, um refúgio dos fracos e que ameaçava jogar toda a Europa – e quem sabe o mundo – numa nova era de intolerância e extermínio. Até 1942, os prognósticos apontavam para o «sucesso» da estratégia da burguesia europeia em destruir o continente para evitar uma vitória das revoluções populares dentro de seus países.

O problema nesse caso foi a tentativa de construção de um acordo tácito entre as potências liberais e a Alemanha nazista. Ao imaginar que a Alemanha se viraria contra a URSS e que posteriormente uma nova ordem europeia poderia ser construída a partir do desgaste desses dois países era contar demais com a sorte. Os ataques à Europa Ocidental jogam por terra as pretensões de França e Inglaterra em conter o conflito longe de suas fronteiras. Após o pacto Ribbentrop – Molotov, o destino das democracias ocidentais se modificou sensivelmente, pois permitiu que a Alemanha concentrasse todos os seus esforços numa única frente e mobilizasse o grosso de suas tropas. Um a um, dezenas de países foram caindo,



ocupados ou colaborando com o regime nazista, enquanto a URSS permanecia com seu plano de industrialização acelerada, numa corrida contra o tempo para melhor preparar-se contra o inevitável avanço alemão que em algum momento chegaria. Assim, o desenho clássico da Segunda Guerra Mundial ia se definindo: de um lado, o Eixo, formado pela Alemanha e Itália fascistas e o Japão imperialista, contra os Aliados, contando com a URSS, a Inglaterra e um pedaço de território francês. As perspectivas não eram nada animadoras.

Segundo Hobsbawm (1995), essa era uma guerra que envolvia mais do que Estados pura e simplesmente, envolvia uma disputa ideológica que remontava ao século XVIII. Aqueles que seriam os herdeiros do Iluminismo – incluindo nesse caso os revolucionários russos – e seus inimigos, aqueles que aspiravam terminar com uma sociedade crítica e científica. Assim teria sido possível pensar na aliança entre adversários naturais, como a imperialista Inglaterra e a URSS que mantinha severas críticas contra esta prática dos países ocidentais. Ou seja, mais do que uma divisão entre comunismo x capitalismo, a cisão se deu entre Iluminismo x irracionalismo. Uma guerra de alianças e estratégias improváveis contra um inimigo incomum (e em comum), que prezava mais do que a simples derrota e posterior ocupação dos territórios, mas desejava a total submissão de populações inteiras a um regime de escravidão eterna ou em casos mais extremos a sua total aniquilação.

Ainda segundo o autor (Hobsbawm, 1995), a presença de uma aliança com características de destruição tão específicas – talvez nunca visto antes na história –, possibilitou a formação de afinidades que ultrapassaram os limites dos Estados nacionais. Dessa forma, a Segunda Guerra Mundial se caracterizou pela pouca fidelidade nacional e muito mais pela afinidade ideológica, onde franceses se revoltaram contra o governo colaboracionista, partisanos tiveram papel fundamental na resistência, alemães antifascistas se juntavam ao esforço de guerra Aliado. Tudo isso foi possível por essa ser uma guerra diferente das outras. Ela era – além de simplesmente imperialista e militarista – ideológica e uma guerra de extermínio e sobrevivência. Não por acaso ficou conhecida dentro da URSS e até a atualidade na Rússia e nas repúblicas soviéticas, como a «Grande Guerra Patriótica».



II

Em 22 de junho de 1941, o Estado Maior alemão desencadeou a maior operação de guerra até hoje conhecida, sob o codinome «Barbarossa». Sua ideia principal era repetir a estratégia de blitzkrieg (guerra relâmpago) dentro das fronteiras da União Soviética. As forças armadas alemãs sabiam que no território soviético havia abundantes recursos naturais que poderiam abastecer por longo tempo sua frente de batalha, e com recursos humanos praticamente infinitos de uma enorme população. Sua ideia principal era dentro de no máximo seis semanas penetrar em Moscou e a partir dali forçar a rendição de outras cidades estratégicas até a total submissão da URSS. Diferentemente do caso judeu, a ideia dos nazistas para com o território soviético não era seu total aniquilamento, mas sim sua preservação dentro de um regime de escravidão eterna a qual os povos eslavos estariam submetidos depois da vitória do Eixo. Sendo assim, essa era uma operação de vital importância nos planos alemães de domínio europeu – e depois mundial.

O tipo de guerra empreendido contra a URSS não seria o mesmo que ocorria contra países capitalistas, como França e Inglaterra, por exemplo. O caso francês é emblemático, haja vista que houve uma substituição do governo eleito no país por uma autoridade a mando da Alemanha, o Marechal Pétain, que manteve ao menos dentro do possível uma relativa estabilidade dentro da França. Ao atender os interesses nazistas, a máquina administrativa e a sociedade francesa foram preservadas em sua essência. Já no caso soviético, as coisas não deveriam – segundo a ideologia nazista – funcionar da mesma forma. Era um princípio básico da guerra de classe movida contra o Leste a destruição da sociedade soviética como até então era conhecida. A ideia era transformá-la num abastecedor de matéria prima e de braços escravizados para a era de «glórias» que se iniciaria após a derrota final dos Aliados. Seria feita uma divisão do território em quatro partes após o extermínio de toda população civil que comungasse das ideias marxistas-leninistas. O que restasse desse terror seria levado à escravidão. Contra a URSS se movia um tipo de guerra diferente, e por isso mesmo, um esforço de defesa diferente foi necessário para esse povo (Kulvov; Rjchevski; Tchelichev, 1985).



Até um regime especial legal foi desenvolvido pelo exército alemão no tratamento da operação Barbarossa, indo desde a liberação de execuções sem julgamento e punições posteriores, até um planejamento de construção de campos de concentração a céu aberto para a manutenção da mão de obra escravizada que já ocorria dentro do Reich. Também especialmente para a operação foi montada uma coalizão diferente das usadas até então. Além dos tradicionais aliados – Alemanha, Itália e Japão – participaram do ataque contra o território soviético, finlandeses, húngaros e romenos. A mobilização de tropas foi a maior de toda a guerra, com os melhores soldados sendo deslocados para a frente oriental, formando um enorme bloco que visava atacar e tomar rapidamente a capital do país.

A organização do exército alemão atendeu à uma lógica de domínio da capital e o desdobramento de outros ataques a regiões estratégicas, principalmente pelos recursos naturais disponíveis, ou pela fluidez dos transportes, como por exemplo o mar Negro. Os exércitos do Norte e do Sul rumavam para a região de Moscou e Kiev, respectivamente. Um novo arranjo foi desenvolvido com a criação de um exército do Centro, que tinha como missão específica, destruir a capital soviética. O sucesso inicial dessa estratégia foi inegável, com avanços de até 600 km pelo território soviético. A desproporcionalidade da comparação entre as duas indústrias de guerra e o domínio dos céus pela força aérea alemã no começo do conflito, poucas opções deixavam para as tropas soviéticas. A resistência soviética se via extremamente imobilizada, com problemas no abastecimento das tropas e na perda de muitos soldados nas primeiras semanas do conflito. Segundo o marechal Zhukov, ataques em profundidade contra a infantaria alemã eram praticamente inexistentes, formandose apenas linhas de defesa um tanto quanto fragilizadas. As viagens das tropas para o front se dificultavam, enquanto os alemães avançavam dia a dia (Zhukov, 1969).

Para se ter uma ideia do tamanho desse ataque, eis alguns números: 153 divisões de tropas terrestres, sendo 53 especializadas em ataques com tanques (esses veículos ultrapassavam os quatro mil); o número de soldados ultrapassou os quatro milhões e



Deslocamento das tropas soviéticas pela antiga estrada de Smolensk

seiscentos mil homens; os canhões chegavam a mais quarenta mil; a Luftwaffe dispunha de mais de quatro mil aeronaves. Essas divisões foram distribuídas ao longo das fronteiras soviéticas e tinham como principal função cercar o inimigo e fazer o trabalho de «rescaldo» dos primeiros ataques relâmpago. Diretamente envolvidos na primeira ofensiva temos outros novecentos mil homens, divididos em 37 divisões, mais de cinco mil canhões, quase trezentos tanques e mais de mil aviões. O tamanho desse deslocamento é impressionante, e certamente causou uma sensação de vitória certa entre os nazistas, o que acabou contribuindo para seu fracasso. Muito da estratégia alemã passava pela superioridade no quantitativo de armamentos e a conseqüente imaginação do sucesso da blitzkrieg. A certeza absoluta da superioridade racial dos «arianos» sobre os eslavos comunistas tornou as primeiras derrotas praticamente insuportáveis do ponto de vista psicológico, já que essas tropas se viram diante de um inimigo muito mais tenaz e resistente do que as propagandas mentirosas do III Reich haviam anunciado a seus cidadãos.

A imaginação dos dirigentes alemães trazia para si um ingrediente perigoso, pois contava com o rápido aniquilamento do inimigo a Leste. Caso isso não ocorresse, o sentimento de pânico poderia tomar conta de suas tropas. E foi justamente o que ocorreu. Ainda em junho de 1941, já circulava no alto escalão do governo da Alemanha um documento que definia como seria feita a ocupação e divisão das terras conquistadas. Em cinco semanas Moscou estaria tomada e as tropas deveriam iniciar o movimento contrário para resguardar o território tomado. Tudo isso idealizado sem que nenhum soldado tivesse sequer colocado os pés em solo soviético. A ideia inicial desse plano consistia em, num espaço de 30 anos, «exilar» – hoje temos ciência de que tipo de «exílio» tratavam esses planos – até 50 milhões de russos, destruindo a URSS enquanto nação. O serviço de colonização dessas novas terras estaria a cargo da SS, justamente a mais cruel das divisões nazistas, e previa a «germanização» de pelo menos 80 % do território. A imaginação dos atacantes chegava a tal ponto que uma companhia cinematográfica, de capitais dinamarqueses e alemães, venceu uma concorrência e, às custas de uma pequena fortuna, comprou o direito de filmar com exclusividade a entrada de Hitler no Kremlin. Uma filmagem que nunca viria a ocorrer. Apesar da promessa do líder nazista ao embaixador japonês, ficava cada vez mais claro que o dia 5 de outubro de 1941 não marcaria sua entrada na capital. O espaço que Goebells mandou reservar nos jornais alemães para essa mesma data, na intenção de mostrar a vitória final alemã precisaria ser preenchido com outras notícias. De junho a agosto de 1941, embora o avanço alemão fosse inegável, a debandada geral dos soldados e a rápida entrega da população civil que o Estado-Maior alemão esperavam, não aconteceu. Os relatos alemães decepcionados com a resistência dos soldados soviéticos se avolumavam na mesma proporção em que a confiança crescia dentro do território soviético (Ieremeev, 1995).

A falta de informações e a soberba dos nazistas acabaram servindo como grande aliado do lado soviético, muito por conta da necessidade em ampliar sua capacidade produtiva sem chamar a atenção do inimigo. Para termos uma ideia, desde 1939, quando a guerra ainda nem tinha chegado no território soviético, a capacidade de



produção industrial no país já tinha aumentado em quase três vezes, com a chegada de novos modelos de caça, bombardeiros, e os temidos tanques soviéticos KV e T-34. O heroísmo dos soldados soviéticos foi outro fator preponderante para conter a estratégia da guerra relâmpago: a tão propalada coragem japonesa com seus pilotos kamikaze encontrava semelhantes ainda em 1941, quando relatórios soviéticos já apontavam algumas dezenas de casos em que bombardeiros ou caças atingidos eram atirados contra posições inimigas. A memória dos pilotos Kokorev, Ivanov, e toda a tripulação comandada pelo capitão Gastello ecoam na eternidade como exemplos da luta contra o fascismo (Kulvov; Rjchevski; Tchelichev, 1985).

Sendo assim, aos poucos o ímpeto inicial das tropas alemãs foi declinando. A tática da blitzkrieg não se sustentou por muitas semanas, fazendo com que muitas das estratégias do exército atacante tivessem de ser revistas. A análise da velocidade do avanço nazista no território soviético é límpida para observarmos essa questão. Enquanto nas primeiras semanas de 1941, as tropas avançavam por até 30km em um dia, esse ritmo caiu vertiginosamente para pouco mais de 3,5km por dia, dependendo do poder de resistência da região. Entre essas batalhas que ajudaram a frear o avanço nazista sobre o solo soviético, uma em especial se tornou famosa por ter sido extremamente encarniçada e pelo grande prejuízo causado ao inimigo. Entre os rios Dvina e Dniepre, na linha de defesa de Moscou, os exércitos do Centro, destinados a tomar a capital soviética, tiveram de abandonar sua estratégia de ofensividade desenfreada e enfim começaram a perder força. Entre julho e setembro de 1941, a suposta invencibilidade alemã foi colocada em xeque. Começava a batalha de Smolensk. Apesar de estar a cerca de 360km de Moscou, Smolensk era uma importante cidade soviética, e a intensa batalha que ocorreu para sua defesa serviu para alertar ainda mais o comando geral soviético da iminente possibilidade de uma vitória nazista. A «Operação Tufão», que tinha como objetivo sitiá-la e destruir Moscou, precisava ser parada a uma distância segura. Aumentar a produção industrial, transferir a infraestrutura nacional para o leste e deter o avanço inimigo eram as missões para 1941, e Smolensk teve papel fundamental nesse esforço (Pitillo, 2014; Ieremeev, 1995).

III

Em 10 de junho de 1941, as forças do Exército Vermelho conseguiram enfim iniciar um sólido trabalho de bloqueio das forças nazistas na região da cidade de Smolensk. Na região oeste da Rússia, a cidade era um importante centro urbano já na época do conflito. Pertence atualmente à Belarus, era considerada área estratégica na logística da guerra. As tropas se encontravam próximas da fronteira com a Estônia ao longo do rio Velíkaya, até o rio Dniéper, um dos mais famosos da região. Segundo a concepção nazista da guerra relâmpago, a frente Smolensk – Moscou seria rapidamente aberta com a tal superioridade numérica e técnica a favor da Alemanha, entretanto, apesar da imaginação dos comandantes, no momento do encontro derradeiro das tropas, o exército soviético era apenas 1/3 menor do que o alemão, quadro bem diferente do pintado pela imprensa nazista, de que haveria 2 ou 3 soldados alemães para cada soviético.

A ideia do exército alemão era forçar a linha de frente soviética e romper a defesa da cidade, enquanto cercava uma das poucas cidades que poderia oferecer resistência à chegada até Moscou. Cercar e destruir Smolensk era estar a um passo de Moscou. A princípio, as regiões de Moguiliov e Elnia foram presas fáceis da tática blitzkrieg, e as tropas invasoras ameaçavam cada vez mais de perto as defesas de Smolensk (Zhuvov, 1969). A cidade que já havia ajudado a deter Napoleão parecia próxima de cair em mãos inimigas.

Já a ideia do Estado Maior soviético era tentar oferecer uma resistência efetiva na linha Smolensk – Moscou – as outras linhas atacadas eram Leningrado e Kiev – para desbaratar a coesão das tropas inimigas. Para tanto, a estrutura organizacional foi modificada sensivelmente, dividindo o comando em três partes para se ter melhores condições de comunicação justamente nas três linhas de ataque desenhadas pelos alemães. À frente das três divisões principais se encontravam no Grande Quartel General, Stálin, Molotov e Zhukov. A partir disso, a estrutura do exército passou a ser preocupação central do Partido Comunista da URSS. As lideranças políticas tinham feito a leitura – correta, pois a História assim o mostrou – que essa guerra não seria somente por disputas territoriais e recursos energéticos, ela era



também uma guerra política e ideológica, que ultrapassava fronteiras nacionais e de classe. O PCUS passou a participar ativamente da formação política dos soldados, fazendo forte trabalho de aumento da autoestima, além de formar verdadeiros exércitos revolucionários na retaguarda das tropas, trabalhando incessantemente na conscientização da população civil para a importância da resistência ao inimigo, além da montagem de divisões independentes do exército, bem ao estilo leninista de mobilização (Gurévich e Klímov, 1975).

No início de julho, sob o comando do marechal Timoshenko, toda a região de Smolensk já possuía tropas alocadas para sua defesa. Essas tropas foram formadas basicamente por forças de reserva, o que demonstra o grau de mobilização que a guerra atingiu, pois, uma região importante como esta, recebeu um contingente impressionante apenas de reserva, tendo as tropas regulares sido deslocadas para outras partes da linha Smolensk – Moscou. Alguns dos exércitos foram distribuídos pela frente de batalha que já se estendia de Idrítsa até Rechítsa. O comando militar nazista havia disposto o exército do Centro para o ataque à região e um maciço deslocamento de tropas se viu: 28 divisões no total, sendo 9 de tanques e 6 motorizadas. Ao contrário da Frente Central como um todo, em que havia um certo equilíbrio de entre as tropas, especificamente na região de Smolensk, a correlação de forças tinha ficado mais favorável ainda aos alemães. O número de soldados nazistas superava em quase 100 % o dos soviéticos, possuíam 140 % a mais de canhões e morteiros, e 300 % a mais de aviões. Somente no número de tanques havia uma leve vantagem soviética, próxima de 1/3. A defesa daquela região prometia ser extremamente custosa.

O que garantiu a viragem dentro do esforço de guerra em Smolensk sem dúvida foi a possibilidade da construção de uma sólida linha de reserva na retaguarda da cidade, onde o QG soviético sabia que teria melhores condições de resistência. Stálin, Molotov e Zhukov admitiram que no front de batalha campal as tropas alemãs teriam vantagem, e partiram para a formação de uma massa de soldados por trás das linhas de combate que poderiam ter mais tempo de preparação do que se fossem simplesmente jogados no teatro de guerra para a morte rápida. Isso ajuda a desmentir as falácias de boa parte da historiografia ocidental, que alega a vitória soviética



ter sido garantida pelo grande número de sua população. Isso logicamente ajudou e muito, mas a estratégia de guerra política foi decisiva mais do que um amontoado de homens e mulheres sendo despejados com um fuzil na mão em plena batalha. O tempo de maturação – tanto militar quanto política – daquelas tropas de reserva foram fundamentais para a vitória (Gurévich e Klímov, 1975).

Em 10 de julho, se iniciaram os ataques fascistas. O 2º e 3º agrupamentos de blindados cobriam uma área de quase 300 km em três linhas de ataque que tinham como principal objetivo furar a resistência dos 16º, 19º e 20º exércitos soviéticos para poder sitiá-la a cidade de Smolensk e conquistá-la. Nas zonas de Pólotsk, Vítebsk e Moguiliov, o sucesso dos nazistas foi garantido, restando uma retirada rápida e que garantisse a preservação da infraestrutura dos exércitos derrotados. Somente em Moguiliov é que ocorreu uma possibilidade de contra-ataque – mesmo com quatro divisões de fuzileiros e parte do 20º exército cercados, o general Bakunin rearticulou as forças e no dia 26 de julho empreendeu uma grande ofensiva com o auxílio do 21º exército que veio em seu socorro a partir do sul. A cidade de Moguiliov gerou uma resistência fortíssima, com a transferência de quarenta e cinco mil civis para o trabalho de construção de muralhas de defesa e trincheiras, o que garantiu um maior poder de proteção ao exército soviético. Os ataques do 21º exército na retaguarda do inimigo foram fundamentais para quebrar seu intento de manter o cerco à cidade (Zhukov, 1969). O resultado dessa resistência foi a paralisação de parte do 46º exército alemão e do 24º grupo motorizado dos alemães. A vitória certa que os nazistas imaginavam começava a ficar ameaçada (Gurévich e Klímov, 1975).

Após esse primeiro momento de resistência, as tropas soviéticas passaram para o contra-ataque. A partir de 13 de julho, as unidades de fuzileiros, sob a liderança do comandante Petrovski, conseguiram retomar parte do rio Dniéper e libertar as cidades de Rogachov e Zhoblin, em direção a Bobruisk. O próprio Marechal Zhukov, em suas memórias, fala com emoção desse ataque e de quanto o brilhantismo de alguns oficiais soviéticos chamavam sua atenção:



“Mientras que el enemigo sostenía la ofensiva al este del Dniéper, las unidades del 21 Ejército (comandante jefe el general F. Kuznetsov) forzaron el 13 de julio el Dniéper, liberaron Rogachov y Zhlobin y avanzaron combatiendo en dirección noroeste hacia Bobruisk. El golpe principal lo asestó el 63 Cuerpo de Ejército que mandaba el general L. Petrovski. A los pocos días sucumbió heroicamente. Yo conocía bien a Petrovski como uno de los jefes militares de más talento e instrucción y, si no hubiera sido por su muerte prematura, creo que habría llegado a ser un comandante de gran relieve” (Zhukov, 1969. P. 283).

Esse ataque foi fundamental para frear o avanço alemão naquela cidade. Ao todo, oito divisões alemãs foram paralisadas pelas tropas do general Petrovski. Essa reação foi possível graças à ação da indústria soviética que começava a tomar novo fôlego e conseguia já produzir uma quantidade razoável de aviões de combate e bombardeiros para dar cobertura às operações por solo da infantaria.

Entretanto, o principal reforço industrial que o exército recebera tinha um apelido «carinhoso» e que passou a provocar verdadeiro pânico nas tropas de assalto nazistas. Chegara às mãos dos soldados as primeiras peças de lança-foguetes «Katyusha». Embora o nome dado pelo exército fizesse referência à canção que era sucesso na época e contava a história de uma jovem – de nome Catarina, cujo diminutivo era «Katyusha» – que precisava ficar só pela ausência do amado na guerra, os soldados no cotidiano chamavam o armamento de «Órgão de Stálin» (Stalinorgel). Sua estreia nos campos de batalha foi feita no dia 14 de julho pelas mãos do grupamento comandado pelo capitão Flérov, nas proximidades de Orsha. Outra curiosidade da batalha de Smolensk diz respeito à criação da Guarda Soviética, unidade de elite que foi formada após a resistência ocorrida na cidade.

Outro fator importante na defesa de Smolensk foi a atuação dos guerrilheiros. Sabendo da importância de uma mobilização completa da sociedade soviética contra o inimigo, o PCUS iniciou o trabalho de formação de recrutas para atividades de guerrilha e sabotagem. Os comunistas iniciaram seu trabalho clandestino, e em pouco



tempo, mais de 1.200 pessoas estavam envolvidas nas atividades, agindo das mais diversas formas para atrasar o avanço alemão ou bloqueá-lo quando possível. Nas memórias do chefe de guerrilha Bumazhkov, as lembranças de ter junto com seus companheiros impedido a travessia de um rio por dois tanques nazistas apenas contando com fuzis, granadas e os artesanais coquetéis Molotov. Relatos como esse abundam na literatura da guerra. Por mais que as tropas alemãs fossem bem preparadas – e eram –, foi uma questão de honra para a população soviética defender o solo pátrio até a última gota de sangue. Não à toa, foi forjado na mente de toda uma geração a denominação de «Guerra Patriótica».

Essas constantes reações soviéticas traziam vários problemas para os invasores, como o ataque até à cidade de Bobruisk, que obrigou o transporte de várias tropas de reserva para a infantaria, causando várias baixas no exército do Centro. Através de outras cidades, os invasores tentavam penetrar nos subúrbios de Smolensk, como por exemplo nos ataques à Vítebsk e Orsha, na tentativa de fazer o movimento de «pinça» e cercar a parte mais populosa da região para então sufocar o abastecimento de suprimentos e manter à míngua os habitantes de Smolensk. Após a chegada dos reforços do 9º exército alemão, o movimento foi concluído e a cidade foi tomada em 16 de julho de 1941.

Apesar disso, não houve rendição dos dois exércitos soviéticos envolvidos na defesa da cidade – o 16º e o 20º –, o que acarretou enormes dificuldades para o controle do terreno. A tomada de Smolensk foi muito sentida pelo Estado Maior Soviético, principalmente por Stálin, que ficou furioso com a perda de tão importante cidade. O dirigente máximo da URSS proibiu a veiculação de qualquer notícia da tomada de Smolensk até que a mesma fosse recuperada, na intenção de não baixar o moral da população civil que carecia de boas notícias naquele começo de guerra. Parecia que mais uma vez o exército nazista seria imbatível, mais tropas entrariam em suas estatísticas de execução que deixaram para trás.

Na retaguarda, mais tropas eram preparadas e enviadas para o front. A guerra não seria vencida facilmente. Seis novos agrupamentos foram enviados para tentar modificar o quadro desfavorável



na região de Smolensk. A Frente de Exércitos da Reserva havia transferido boa parte de seus efetivos para a retomada de Smolensk sob o comando do general Bogdanov. A ideia era ao mesmo tempo tentar retomar a cidade, assim como cobrir partes vulneráveis do caminho até a capital (Zhukov, 1969). Na segunda metade do mês de julho, a resistência voltou a ameaçar com força as conquistas alemãs, principalmente pelo fato de necessitarem desesperadamente de impedir a chegada até Moscou, afinal, seriam suficientes algumas horas para alcançar o objetivo do Estado Maior nazista (Gurévich e Klímov, 1975).

Sob o comando do marechal Timoshenko, a estratégia para essa segunda quinzena de julho era atacar em várias frentes, em dias consecutivos, para minar a resistência do inimigo:

“Por indicación del Gran Cuartel General, el mariscal Timoshenko planteó a estos grupos la siguiente tarea: asestar contragolpes desde los sectores de Beli-Yártsevo-Roslavl en dirección general a Smolensk, aniquilar las tropas enemigas infiltradas y enlazar con el grueso de las tropas del frente que se batían denodadamente cercadas en la zona de Smolensk” (Zhukov, 1969. P. 284).

Várias cidades da região metropolitana de Smolensk foram acoissadas pelas tropas soviéticas em questão de dias: Róslavl, Pochimok, Bieli, Yártsevo. Atacando a cidade de Smolensk ao norte e ao sul, com a chegada de dois exércitos da retaguarda sob o comando do general Rokossovsky, o Exército Vermelho conseguiu causar grandes transtornos à infantaria alemã que precisou deslocar tropas para defender ambos os lados da cidade, o que provocou uma pequena vantagem soviética. Com a ajuda de pelotões de tanques, esses reforços conseguiram romper as linhas inimigas e cercar parte do efetivo alemão que se encontrava aquartelado dentro da cidade. Em quatro dias – entre 23 e 27 de julho – as tropas invasoras foram obrigadas a recuar até perderem a parte norte de Smolensk. Encarniçadas batalhas interromperam o avanço e estabilizaram o front por algum tempo. Apesar disso, a cidade de Elnia foi tomada pelos nazistas, mas

foram barradas em seu avanço pelas tropas do 24º Exército de Frente de Reserva (Zhukov, 1969).

Através do avanço do rio Dniéper, na ala esquerda da frente Ocidental, o exército soviético tentava afastar os alemães desse importante ponto de abastecimento e transporte. Com a chegada de novos batalhões de reserva, foi possível bloquear o avanço inimigo, mas pouco se pôde ganhar de terreno, mantendo controle parcial do rio, e, apesar do insucesso na sua tomada, o transporte de suprimentos alemães ficou profundamente prejudicado pela constante presença de soldados soviéticos em uma das margens do rio. Em vista das constantes tentativas fracassadas de tomar as áreas que cercavam Moscou, o comando nazista envia mensagens para a frente de batalha, no fim de julho, ordenando uma mudança no foco das operações. Passando de constante ataque e blitzkrieg, a guerra para os alemães seria motivada pela manutenção das conquistas e defesa de áreas estratégicas. Embora o quadro geral ainda fosse desolador para o lado soviético, com milhares de quilômetros tomados pelos nazistas, o ímpeto inicial havia sido freado, e a cidade de Smolensk, junto com seu rio Dniéper, funcionavam como uma barreira difícil de ser transposta. Os ataques precisos às posições fragilizadas do exército nazista foram uma resposta mais útil do que investidas frontais de grandes proporções. Além disso, a formação de um agrupamento específico para a região – o Briansk – ajudou a iniciar a marcha que começava a afastar os invasores de Moscou a cada dia um pouco mais. Apesar dos enormes prejuízos causados à URSS, o exército nazista parecia enfim começar a mostrar suas fragilidades. Segundo relatos dos generais alemães, nada menos que duzentos e cinquenta mil soldados tombaram no conjunto dessas batalhas (Zhukov, 1969).

Durante todo o mês de agosto, as batalhas se sucederam em torno da retomada das cidades de Elnia e Dujovschina, o que levou mais de um mês, dada a resistência das tropas alemãs, até que, em 6 de setembro, enfim o Exército Vermelho retomou as duas cidades vizinhas. A situação estava sob total controle soviético já em 10 de setembro, quando a estratégia ofensiva foi modificada para a defesa das posições conquistadas, e em 16 de setembro as tropas da reserva já podiam ser deslocadas para outras localidades.



IV

A batalha de Smolensk terminava e seu principal objetivo havia sido cumprido: impedir a chegada das tropas nazistas a Moscou rapidamente. Esta batalha se insere num conjunto de operações que visava ampliar a capacidade de resistência da cidade de Moscou, e por isso sua importância estratégica. Sabemos que, por outros caminhos, os alemães conseguiram acoessar a capital russa, mas sua incapacidade de conquistar Smolensk em definitivo contribuiu fortemente para a derrocada de seu plano de entrada rápida em Moscou. Apesar dos avanços do exército invasor, que continuou a ocupar uma parte do rio Dnieper, hoje temos a clareza da importância daquela resistência. Enquanto planejavam percorrer centenas de quilômetros por dia até Moscou, as tropas nazistas encontraram um quadro totalmente diferente ao chegarem a Smolensk, topando com uma tenaz ferocidade daqueles que defendiam seu solo.

Referências

- Gurévich, S., & Klímov, I. (1975). *La gran guerra patria de la Union Sovietica*. Moscou: Progreso.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ieremeev, L. (1995). *O Exército Soviético na Segunda Guerra Mundial: Aos 50 anos da vitória*. Rio de Janeiro: Revan.
- Kulkov, E., Rjehevski, O., & Tchelichev, I. (1985). *A verdade e a mentira sobre a Segunda Guerra Mundial*. Avante.
- Pitillo, J. C. P. (2014). *Aço Vermelho: os segredos da vitória soviética na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Zhukov, G. (1969). *Memorias y reflexiones*.

A BATALHA DO ÁRTICO E A DESTRUIÇÃO DA ESQUADRA NEGRA



Ricardo Quiroga Vinhas
Bacharel em Direito e pesquisador da
Segunda Guerra Mundial

Em um momento de resgate histórico do papel fundamental da União Soviética na Segunda Guerra Mundial, alguns episódios decisivos precisam ser trazidos também ao conhecimento do público brasileiro.

As batalhas navais do Atlântico sempre foram muito glamourizadas pelo Ocidente através de livros e filmes. Entre elas, cuja importância é inquestionável, houve uma batalha naval e terrestre que foi fundamental para a destruição de boa parte da frota da Alemanha Nazista e se inseriu na Grande Guerra Patriótica que derrotou o III Reich: a Batalha do Ártico, envolvendo combates navais, aéreos e terrestres, com os famosos comboios que transportaram suprimentos aliados para a URSS por uma das rotas mais perigosas do conflito.

Preâmbulo

A base naval de Polyarny, na península de Kola, perto do porto de Murmansk, era comandada, desde julho de 1940, pelo Almirante Arseni Grigórievich Golovko, voluntário da Guerra Civil Espanhola e o mais jovem comandante da Marinha Soviética, escolhido pessoalmente por Stálin para levar disciplina e organização à base. Sua localização era considerada estratégica pelo governo soviético, pois era próximo ao oceano, ao contrário de bases no Mar Báltico ou no Mar Negro. Em diferentes guerras, o contato entre os países ocidentais e a Rússia era feito via Ártico e não pelo Báltico¹.

¹ Bártl, St. (1968). *Zkáza černé eskadry* (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. P. 12.



Ciente dessa importância, o Alto Comando nazista planejou, no âmbito do plano de invasão da União Soviética, denominado Barbarossa, ações específicas para aquela região. Em fevereiro de 1941, um grupo de altos oficiais alemães e finlandeses chegou ao norte da Finlândia coberto de neve para fazer reconhecimento do terreno no caminho para a fronteira soviética. Hitler considerava como um objetivo estratégico da operação Barbarossa alcançar a linha Arkhangelsk – Astrakhan. O comandante das tropas alemãs na Noruega, coronel Buschenhagen, e o general Heinrichs, do comando central do exército finlandês, deveriam verificar a possibilidade de uma operação no flanco norte com o apoio do exército finlandês.

Na volta para Helsinque, foram elaborados esquemas com ações direcionadas à Península de Kola, Polyarny, Murmansk, Arkhangelsk – Astrakhan e outras localidades.

Buschenhagen informou a Keitel que, tão logo fosse dado início ao plano Barbarossa, as tropas nazistas ocupariam a região de Petsamo para garantir as minas finlandesas de níquel, minério fundamental para blindagens, canhões, aviões, carros e navios de guerra. Assim que as minas estivessem asseguradas, as tropas alemãs atacariam em duas direções no sentido leste. A primeira seria para isolar a Península de Kola, na operação chamada Silberfuchs (Raposa Prateada). A segunda visaria à costa da Baía de Kola. Assim, os portos de Murmansk e Polyarny seriam cercados e se tornariam alvos de uma nova ofensiva, denominada operação Rentier (Rédea).

Os planos foram aperfeiçoados ao longo dos meses seguintes e ganharam um novo codinome: Blaufuchs (Raposa Azul). Foram mobilizadas para essa operação uma divisão de infantaria, duas divisões de montanha, a divisão SS “Nord” e alguns regimentos de aviação. Em conjunto com tropas finlandesas, formouse na Lapônia o exército Noruega.

Cinco dias antes do início da invasão, em 17 de junho de 1941, foram disparados os primeiros tiros, incidente esquecido historicamente. Com aviões alemães de reconhecimento sobrevoando a base, o Almirante Golovko resolveu ignorar as ordens de manter cautela e evitar “provocações” e determinou que as baterias antiaéreas



Bombardeiro Pe-2 de mergulho na Frota do Norte



Contratorpedeiro da Frota do Norte



disparassem. Nenhum avião foi abatido e os voos continuaram². A essa altura, já eram mais do que evidentes os indícios da iminência de uma invasão nazista.

No início de 1941, diplomatas norte-americanos e o próprio Churchill alertaram Stálin sobre os planos dos alemães. O serviço de espionagem soviético também recebia informações nesse sentido. No final de fevereiro, a agente Alt (codinome da jornalista Ilsa Stöbe) enviou, diretamente de Berlim, dados que indicavam o ataque para maio de 1941. O Dr. Richard Sorge e outros mestres da espionagem informaram Moscou sobre a data precisa (22 de junho) e o esquema da operação. Um agente soviético, cujo nome até hoje é desconhecido, em uniforme da Wehrmacht e com a pistola na mão, apoderouse de uma estação de rádio militar em algum lugar da Prússia Oriental e, à custa da própria vida, enviou um alerta ao seu país uma semana antes da invasão³.

Grandes forças alemãs encontravamse mobilizadas ao longo da fronteira ocidental soviética, enquanto navios mercantes da Alemanha deixavam os portos soviéticos e especialistas germânicos retornavam ao seu país.

Foram detectados voos de reconhecimento e tentativas de infiltração por parte de agentes alemães ao longo da fronteira. Entretanto, por motivos até hoje não confirmados, o governo soviético não mobilizou tropas nem organizou a defesa a tempo de prevenir ou combater efetivamente a invasão. Conforme já citado, apenas militares com iniciativa e sem medo de retaliações políticas, como Golovko, resolveram levar a sério a ameaça e se antecipar às ações.

Em Polyarny, foram levados para os navios munição, provisões, uniformes de guerra e se abasteceram os motores. O comandante da região de Leningrado, general Popov, chegou a Murmansk em um trem especial para uma inspeção de rotina. O Almirante Golovko visitou, mas se sentiu decepcionado, uma vez que a conversa girou em torno de planos de construção de aeroportos, casernas, depósitos

² Ibid. P. 14.

³ Ibid. Op. Cit. Pp. 9 e 10.

e preparativos para muitos meses de paz, como se nada estivesse acontecendo. Popov parecia não saber nada de novo sobre a evolução da situação entre a Alemanha e a URSS.

Finalmente, em 19 de junho, começou a haver uma movimentação. Chegaram ordens do Comando Central da Marinha para que os submarinos fossem preparados para a navegação. Eles deveriam vigiar navios de guerra aparentemente inimigos e atacá-los, em caso de necessidade. Era uma sinalização cautelosa de que a situação estava piorando, mas era melhor do que esperar passivamente. Ainda nesse dia, os submarinos assumiram posições em duas linhas de defesa contra um possível ataque à base a partir do mar.

Aviões da Frota do Norte receberam ordens para realizar voos de reconhecimento marítimo na direção da costa setentrional da Noruega. Na tarde do dia 20 de junho, Polyarny recebeu a visita do general Frolov, comandante do 14º Exército, que tinha ordens para defender uma extensão de 30 quilômetros na fronteira mais setentrional da URSS. Golovko e Frolov chegaram à conclusão de que teriam que contar, inicialmente, apenas com suas próprias forças para os combates que se vislumbavam, o que não era muito animador.

O 14º Exército não estava com o efetivo completo. Sua 14ª Divisão de atiradores, responsável pela defesa da fronteira e da costa na região de Murmansk, contava com 4.476 homens. Além dela, Frolov contava com a 52ª Divisão deslocada para os arredores de Murmansk. O Almirante Golovko contava com 15 submarinos, sete torpedeiros, algumas dezenas de caça-minas, lanchas guardacostas e barcos de apoio, todos com tripulações bem treinadas. Além disso, ainda tinha à sua disposição uma divisão aérea, composta, majoritariamente, por aviões velhos e lentos e algumas baterias antiaéreas e costeiras. As tropas terrestres, incluindo o pessoal de apoio e instrutores, somavam 20 mil homens⁴.

Enquanto isso, os nazistas contavam com uma superioridade de 3 para 1 em aviões e 2 para 1 em tropas terrestres. Os soviéticos só tinham superioridade nas forças navais. Em Polyarny, no dia 21 de

⁴ Ibid. Pp. 18 e 19.



junho, véspera da invasão, todos pressentiam o que estava por vir. O comando da Marinha, composto pelo Almirante Golovko, o chefe de seu Estado-Maior Kutcherov e o comissário político Nikolaiev, decidiu inspecionar as instalações. Os vigias encontravam-se a postos, os navios prontos e ancorados de modo disperso para não serem atingidos como um todo. Não havia mais nada a fazer.

Mais tarde, à noite, Golovko recebeu um radiograma onde o Comissariado do Povo da Marinha de Guerra informava que o comando alemão mobilizara cerca de duas centenas de suas divisões na fronteira soviética e que era de se esperar a qualquer momento uma invasão. A Frota do Norte recebeu ordens para permanecer de prontidão. Era, de fato, o único grupamento militar pronto há quatro dias. Golovko convocou seus oficiais para informá-los sobre a situação e ordenou que tudo estivesse pronto para a ação, de acordo com o plano de mobilização.

Pouco depois, no dia 22 de junho, às 1h35min da manhã, chegou outro radiograma:

“Nos dias 22-23 de junho, deve-se esperar uma invasão dos exércitos fascistas alemães, que poderá se iniciar com provocações. Nossas ordens são não responder a nenhuma provocação que possa complicar a situação, mas estar preparado para o combate e rechaçar o ataque dos exércitos fascistas alemães e seus aliados. Assim que estiverem preparados, essa situação deve ser cuidadosamente camuflada diante do inimigo. Estão terminantemente proibidas ações de reconhecimento em águas territoriais estrangeiras sem ordens explícitas”.

Golovko leu em voz alta o radiograma e não conseguiu evitar uma observação sarcástica:

“Para que essa delicadeza sem sentido? Para que essa paciência cristã? Afinal, já está tudo claro”⁵.

⁵ Ibid. P. 25.

A Invasão: Operação Raposa Azul

Iniciada a invasão da URSS, as primeiras bombas caíram sobre Polyarny e Murmansk às 4 horas da manhã do dia 22 de junho. Entretanto, na fronteira, estava tudo calmo, uma vez que as divisões do general Eduard Dietl estavam ocupando e protegendo as minas de níquel de Petsamo, em território finlandês. Somente uma semana após o início da guerra soviético-germânica as tropas estavam preparadas para atacar a fronteira. A perda do elemento surpresa, contudo, não incomodava o general Dietl, que estava convencido de ter forças suficientes para o golpe decisivo.

No dia 29 de junho, após duas horas de bombardeio, as tropas de montanha atacaram, rompendo o front em várias posições. Seis mil homens da 14ª Divisão de Artilharia do general Zhurba não conseguiram organizar uma defesa eficiente numa linha de cerca de 60 km, possibilitando às tropas da 19ª Divisão de Montanha do general Dietl ultrapassar as suas posições, isolando as e liquidando as.

Os atacantes tinham uma superioridade de cinco para um. Eram, em sua maioria, nascidos nas montanhas dos Alpes tiroleses. Carregavam consigo a experiência da invasão vitoriosa da Noruega, que recordavam com pequenos escudos nas mangas, contendo a inscrição “aos heróis de Narvik”. Treinaram, ainda, com exercícios especiais nas montanhas, tundras e pântanos do norte da Noruega.

As defesas foram destroçadas. Grupos isolados de soldados soviéticos recuaram desorganizadamente para a Baía de Kola. Romperam o cerco, em sua maioria sem oficiais, os quais preferiram morrer a recuar. Perderam Titovka, o general Zhurba foi morto e em todos os lugares houve muitas perdas. Nas baterias antiaéreas em torno de Polyarny, surgiram os primeiros grupos de soldados em retirada, cansados, esfomeados, ensanguentados, alguns desarmados.

“Preparem-se”, disseram aos artilheiros, “Em um par de horas os alemães estarão aqui. Avançam como uma enchente”.



Golovko leu e releu um papel amassado que fora encontrado no bolso de um oficial alemão morto. Era uma ordem do general Dietl às divisões de montanha que estavam atacando na direção de Murmansk, com referências aos planos da operação Raposa Azul, os quais, finalmente, chegaram ao conhecimento do comando soviético.

No documento constavam detalhes como dias e horas das operações e a observação de que as tropas de montanha haviam recebido apenas roupas leves e rações frias para três dias, contando com uma refeição quente já em Murmansk. A ocupação da cidade, segundo o plano, deveria ocorrer até o dia seguinte, sem qualquer possibilidade de eventuais atrasos ou dificuldades. Soubese depois que, inclusive, já tinham sido impressos convites para um banquete de comemoração no Hotel Ártico, em Murmansk. Em outros lugares do front, folhetos de propaganda, lançados de aviões em outros lugares do front, já mostravam Murmansk como cidade ocupada.

O avanço dos alemães no Centro e na Península de Rybarsky, ponto de entrada para a Baía de Kola, foi temporariamente detido com a ajuda de disparos de surpresa das baterias navais. Entretanto, nos demais pontos, a divisão do general Dietl avançava, aproximandose do rio Litsa Ocidental, a 50 quilômetros de Polyarny e 70 quilômetros de Murmansk.

Golovko recebeu um radiograma do Comando Supremo, determinando que a Frota do Norte ajudasse até o último instante e de todas as formas as tropas terrestres. Enquanto isso, a situação no mar permanecia calma, surpreendentemente não aparecia nenhum navio alemão. Nos próximos dias e semanas, o destino de todos, especialmente da Frota do Norte, seria decidido no continente. Anunciouse em Polyarny o recrutamento de voluntários para o front. Ao final do segundo dia foi preciso suspendê-lo, uma vez que já haviam se alistado mais de 12 mil voluntários e se fazia necessário manter pessoas nos navios e na base.

Formaramse, rapidamente, os *morskie otryady*, ou seja, as tropas navais que, no entanto, careciam de armamentos e trajés necessários. Em vários navios, submarinos e aviões avariados foram desmontadas metralhadoras e recolhidas armas de mão e somente os comandantes



portavam pistolas. Moscou enviou 4 aviões com 3 mil fuzis, mas uma quarta parte deles não chegou ao seu destino, porque uma das aeronaves foi abatida, por engano, por um caça soviético ao se meter em um violento combate aéreo sobre o aeroporto de Vaenga⁶.

As tropas navais enfrentavam o combate de modo peculiar. Quando se preparavam para o contra-ataque, tiravam casacos e blusas, ficando apenas com uma camiseta listrada. Ao invés do capacete, colocavam um quepe sem forro, com a inscrição “Frota do Norte” em letras brilhantes. Um deles assobiava com os dedos e todos se levantavam de um salto e avançavam correndo, com a coronha do fuzil apoiada no quadril e a baioneta em riste, contra as bocas das submetralhadoras e metralhadoras, sob a chuva de balas e estilhaços de granadas.

Eles iam para as batalhas como os marinheiros dos heroicos tempos da Revolução. Havia aí uma demonstração de grande coragem, mas pouca arte militar. É verdade que a Marinha de Guerra é a elite das forças armadas soviéticas. O treinamento ordinário dura cinco anos. O serviço nos mares polares produz rapazes duros, determinados e bem treinados. Mas o combate em fortificações é algo diferente, tem suas próprias regras, táticas e técnicas. Seu treinamento não contava com isso e, assim, as perdas eram enormes. Entretanto, a coragem dos homens de camisas listradas e suas mortes gloriosas provocaram uma mudança psicológica nas tropas. Os soldados ganharam novas forças e convicção. Os alemães foram detidos no front perto do mar, mas somente ali.

O conselho militar reuniu, no abrigo antiaéreo, comandantes com uniformes da marinha e capas de campanha, exatamente como vieram do front. O secretário-geral do Partido Comunista da região de Murmansk deu informes da linha de frente, de onde acabara de voltar:

“Sabem, camaradas, quem segura o front na linha ocidental? Condenados! Pessoas que ainda ontem foram liberadas dos campos de trabalho forçado. Declararam

⁶ Ibid. P. 31.



que queriam defender Murmansk, então lhes demos armas e os enviamos para o front. Combatem lá, praticamente, corpo a corpo. São chamados de divisão selvagem, mas vocês entendem que não resistirão por muito tempo, talvez um ou dois dias e pronto. Temos que fazer algo imediatamente”⁷.

O almirante Golovko foi comunicado de que a situação no posteriormente chamado de Vale da Morte, por onde passa uma única estrada para Murmansk, era crítica, pois os alemães estavam mobilizando por ali reforços de Kirkenes e Petsamo. Diante disso, Golovko decidiu proceder a um desembarque na retaguarda alemã, sem maiores burocracias ou preparativos.

A operação foi um sucesso. Na baía de Andreiev, as tropas de montanha alemãs foram atacadas por 1.600 soldados e marinheiros comandados pelo major Shakito. As perdas das tropas soviéticas foram de apenas um morto e um ferido. Pequenos grupos diversionistas desembarcaram, simultaneamente, em Titovka, para aumentar o caos. As tropas abastecidas por mar e apoiadas pelos canhões dos navios conseguiram manter a cabeça de ponte de 10 Km por quase 3 semanas e foram evacuadas, organizadamente, no início de agosto. O general Dietl foi obrigado a abrir um “segundo front” e dispersar as forças do seu exército. Essa situação permitiu que a 52ª Divisão do general Nikitin passasse para o contra-ataque, de modo que os alemães deixaram 1.200 mortos no Vale da Morte.

Caças de Vaenga voavam de cinco a sete vezes por dia para manter um equilíbrio face à superioridade inimiga no ar e para ajudar o front. Os pilotos dormiam, por alguns instantes, sob as asas de seus aviões, com a cabeça sobre o paraquedas, enquanto os mecânicos trabalhavam. Depois voltavam a decolar.⁸

A ofensiva alemã na região norte enfraquecia a cada dia, até que, no início de agosto, parou completamente. O que deveria ter sido resolvido tranquilamente em três dias, não foi concluído em seis

⁷ Ibid. P. 32

⁸ Ibid. Op. Cit. P. 43.

semanas. Iniciaram-se, enquanto isso, os combates no mar de maneira inesperada e trágica. Em uma madrugada de meados de julho, o barco de pesca RT-67 avistou três torpedeiros inimigos nas ilhas Gavrilov, que começaram a disparar. Junto ao pesqueiro estavam o barco RT-32 e o navio de vigilância Passat, uma embarcação pesqueira que trocara suas redes por dois canhões de 45 mm e duas metralhadoras.

O comandante do navio Passat avisou por rádio à base sobre o que acontecia e tentou proteger os outros barcos com uma cortina de fumaça, determinando que se dirigissem para a enseada mais próxima. Além disso, ordenou que se abrisse fogo contra os torpedeiros para atrair a atenção para si. Entretanto, eram apenas três embarcações e, em menos de meia hora, os inimigos conseguiram destruir o RT-67 e o Passat e somente o pesqueiro RT-32 conseguiu escapar para uma enseada.

A tripulação do Passat lutou com coragem, sem preocupação em se salvar. Quando o navio afundou, não havia mais uma pessoa viva, a não ser junto ao canhão traseiro, que não parou de disparar até a submersão total. Do pesqueiro se salvaram 12 homens em dois botes. Um dos torpedeiros avançou em total velocidade diretamente contra eles e, quando se aproximou, os pescadores ficaram de pé e cantaram “A Internacional”. Imaginavam que seriam ouvidos e que isso comoveria os alemães, que também eram trabalhadores. Alimentavam a ilusão de que os alemães uniformizados teriam consciência de classe e se oporiam aos seus oficiais, recusando-se a lutar contra o primeiro Estado de operários e camponeses, a primeira terra socialista. Em troca de sua ingenuidade receberam rajadas de metralhadoras pesadas e todos os pescadores foram massacrados⁹.

Antes que os torpedeiros de Polyarny estivessem prontos para partir e os bombardeiros soviéticos chegassem ao local de combate, os alemães já haviam desaparecido. Golovko percebeu seu erro ao dedicar toda a sua atenção à terra firme, esquecendo as forças navais do inimigo. Os voos de reconhecimento não perceberam a sua

⁹ Ibid. P. 44.



movimentação, de modo que os alemães puderam deixar a sua base em Narvik e atacar de surpresa a península de Kola. Assim, a guerra chegou aos mares polares.

O almirante Golovko sabia que os alemães só poderiam transportar reforços para o front da região de Murmansk por duas vias: uma a partir de Rovaniemi, na Finlândia, através de Ivalo e Nikel, para Petsamo; a segunda desde Narvik, ao longo da margem, através de Alta e Lakselv para Kirkenes. Ambas são estradas montanhosas muito estreitas e, apesar de sua superioridade, os alemães não tinham como enviar tantos caminhões para abastecer de maneira suficiente as suas frotas.

O abastecimento, portanto, teria que ser por mar, por onde tinham que enviar níquel e ferro da região de Petsamo. Enviaram, então, submarinos para ficarem de tocaia no litoral norueguês. No dia 14 de julho, um dia após o acontecimento trágico com o navio *Passat*, o submarino SC-402, comandado pelo capitão Stolbov, afundou um navio cargueiro de 5.000 toneladas e, logo depois, o submarino SC-401 atacou dois caça-minas alemães, afundando um e escapando do outro. Mais tarde o submarino M-172 afundou, com dois torpedos, dois navios de transporte alemães.

Enquanto isso, Hitler estava bastante irritado, uma vez que pelos primeiros comunicados parecia que toda região estaria em mãos alemãs e até agora nada. Em todo front oriental, a situação era favorável para sua plena satisfação, mas ali não avançava. No dia 20 de agosto, o general Dietl recebeu de Berlim uma ordem para conquistar Murmansk a qualquer preço. Quando foram contabilizadas as perdas, chegou-se a 2.211 mortos, 7.854 feridos e 425 desaparecidos, mais de um terço do contingente. Dietl enviou para o front todos os reforços e mantimentos possíveis, e, no dia 8 de setembro, as tropas de montanha atacaram novamente. Entretanto, neste momento, já não estavam tão seguras de si, com a certeza de uma vitória relâmpago como há 10 semanas. As tropas adversárias eram outras e com outra motivação. Os soldados da 52ª Divisão estavam fortemente entrincheirados. Em outras partes a defesa era conduzida pela bem treinada infantaria naval. Foi formado um regimento de operários



de Murmansk, além de outras tropas de defesa civis. Os submarinos afetavam fortemente o abastecimento por mar¹⁰.

A despeito de todas as tentativas, os alemães não conseguiram romper as defesas soviéticas e os ataques enfraqueceram. Em 22 de setembro, Hitler reconheceu que naquele ano não conseguiria conquistar Murmansk. Nesta época, enquanto os exércitos nazistas avançaram até 1.000 km no interior da terra soviética, ocupando Kherson, Dniepropetrovsk e Smolensk, cercaram Leningrado e atacaram a Crimeia, as tropas de elite de montanha, na região setentrional do front, conseguiram avançar apenas 30–35 km da fronteira. Tiveram que se entrincheirar e assumir posições de combate como na Primeira Guerra Mundial, sem alcançar seus objetivos táticos e estratégicos.

Assim, surgiram as falhas do plano Raposa Azul, uma vez que este se baseava na ocupação rápida da Baía de Kola por tropas terrestres apoiadas pela aviação e não contava com a necessidade das operações militares no mar e nem com os ataques da Frota do Norte. Isto foi decisivo para a defesa da Baía de Kola nos primeiros e críticos meses. Os alemães se surpreenderam ao enfrentar os “camisas listradas” em terra e no mar, e antes que percebessem que os submarinos soviéticos eram capazes de algo mais, além de navegar e não afundar, já haviam perdido mais de vinte navios. Por outro lado, escaparam dos alemães todos os 155 navios que no início da guerra estavam ancorados na Baía de Kola. Um a um, em intervalos irregulares, despercebidamente e sem escolta, escapavam ao redor da ilha de Kildin para a direção sudeste. Antes que os alemães percebessem esta manobra de Golovko a flotilha já estava em segurança em Arkhangelsk.

No final do ano de 1941, a União Soviética permanecia com um portão aberto para o mundo no Norte, tendo uma marinha combativa. Esse é um fato que durante muito tempo esteve, e ainda está, à sombra das batalhas monumentais na Bielorrússia, no Báltico e na Ucrânia. Entretanto, teve um significado de longo alcance para o desenrolar da guerra na Europa.

¹⁰ Ibid. P. 46.



Comboios para o Ártico

No dia 22 de junho, dia da invasão da URSS, o governo britânico declarou que apoiaria a União Soviética na guerra contra a Alemanha nazista, tendo sido assinado imediatamente um acordo anglo-soviético de ajuda mútua. Em julho, após um voo arriscado de 24 horas dentro de um avião Catalina da Escócia para Arkhangelsk, chegou a Moscou o enviado pessoal do presidente Roosevelt, Harry Hopkins, conhecido pela sua simpatia em relação a URSS. Levou também uma correspondência pessoal do premier britânico Churchill, que havia lhe pedido que transmitisse a Stálin que poderia contar com a Inglaterra¹¹.

Winston Churchill estava intimamente satisfeito que Hitler, ao invés de invadir a Inglaterra, se voltara para o leste, e tinha interesse de que a União Soviética não fosse derrotada, ao menos antes de desgastar as forças alemãs. Tal sentimento foi confirmado pelo historiador inglês Herbert Feis: “Se a Rússia renunciasse à luta, enquanto os Estados Unidos continuavam a manter uma posição vacilante, é pouco provável que o Império Britânico pudesse resistir”¹².

Harry Hopkins transmitiu as palavras de Roosevelt e Churchill no Kremlin, tendo a conversa durado cerca de duas horas naquele dia, e quatro horas no dia seguinte. Roosevelt estava convicto de que, a despeito das derrotas iniciais, a União Soviética resistiria e não capitularia. Ambas as partes perceberam que as diferenças ideológicas deveriam ser deixadas de lado, ao menos temporariamente, em função da necessidade de derrotar o fascismo, sob pena de o mundo sofrer uma nova era de escravidão. Assim foi formada uma grande coalizão capaz de destruir a espinha de Hitler e com a qual este não contava.

Questionado por Hopkins sobre o que a União Soviética necessitava, Stálin enumerou: 20.000 canhões antiaéreos para liberar os caças

¹¹ Werth, A. (1966). A Rússia na guerra: 1941-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Pp. 312 e 314.

¹² Ieremeev, L. (1985). A União Soviética na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Revan. P. 26.

para o front, metralhadoras pesadas e 1 milhão de fuzis para a defesa das cidades, gasolina de aviação e alumínio para a fabricação de aviões. Obviamente são pedidos preliminares. Depois se percebeu a necessidade de tanques, aviões e caminhões¹³.

Os EUA estavam oficialmente fora da guerra, mas, pela nova lei de Lend and Lease, poderiam emprestar e arrendar créditos no valor de um bilhão de dólares para a URSS. Uma vez tomada a decisão, fazia-se necessário escolher o caminho pelo qual a ajuda chegaria à União Soviética. Os comandos militares e de transportes trabalharam dia e noite nessa questão e chegaram a três variantes: Leste – através de Vladivostok, Sul – através do Irã e Mar Cáspio, Norte – através de Arkhangelsk e Murmansk. A primeira foi descartada, devido à distância entre os portos do norte dos EUA e Vladivostok (Seattle – Vladivostok cerca de 8.000 milhas). Além disso, levaria uma semana para tudo ser transportado desde Vladivostok pela já sobrecarregada ferrovia transiberiana, o que significaria também 8.000 quilômetros a mais.

A segunda via era ainda mais longa e difícil, pois os navios que partiriam dos Estados Unidos percorreriam 15 a 18.000 milhas náuticas até chegarem ao Golfo Pérsico. Depois, o material transportado teria de percorrer 1.000 km de ferrovia, atravessar o Mar Cáspio e enfrentar outras baldeações. Além disso, o Irã tinha uma posição fortemente pró-Hitler, ainda que arrefecida por fortes notas anglo-soviéticas e pelo envio de divisões ao país.

A variante Norte previa um trajeto mais curto, uma vez que, enquanto a distância de Nova York ou Boston até Murmansk era de 8.000 milhas, dos portos da Islândia ou Inglaterra não ultrapassava as 2.000 milhas, ou seja, 10 dias de navegação. Além disso, após o desembarque, o carregamento iria direto para o front. Entretanto, essa via era a mais perigosa, pois era um corredor de no máximo 180 a 200 milhas, com ameaça de ambos os lados: ao norte, icebergs do Mar Ártico, ao sul, algo ainda pior, as forças navais e aéreas alojadas nas bases da região setentrional da Noruega, no “topo da Europa”.

¹³ Werth, A. (1966). *A Rússia na guerra: 1941-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. P. 314.



Após a análise dos prós e contras, optouse pela “ponte” entre o Atlântico Norte e o Ártico. Em 1941, chegou o momento em que os portos do norte cumpririam seu grande papel estratégico na defesa do mundo. Os marinheiros de Golovko e os soldados de Frolov conscientizaram-se disso enquanto impediam o avanço das tropas de montanha sobre a Baía de Kola e o Mar Branco. Entenderam que não estavam lutando apenas para salvar a própria pele, mas, também, para defender os portos fundamentais para o país.

Ainda em agosto de 1941, chegaram à Baía de Kola os primeiros navios de guerra britânicos, entre os quais os submarinos Tigris e Trident, e o cruzador Kent, levando a bordo o ministro de Relações Exteriores britânico, Anthony Eden. O cruzador Edinbourg, com dois torpedeiros, escoltava os navios Merlo e Dekabrist, com carregamento para a Frota do Norte.

Os primeiros contatos pessoais foram caracterizados por sentimentos de desconfiança e reservas, afinal se encontravam ali representantes de dois mundos diferentes. Golovko recebeu em Polyarny o primeiro grupo de oficiais enviados pelo almirantado britânico, liderado pelos almirantes Vian e Miles, com quem manteve conversações sobre o abastecimento dos navios ingleses e a proteção dos comboios.

O espaço pelo qual se movimentariam os navios foi dividido em duas zonas de operação: a ocidental, anglo-americana, estendia-se da Grã-Bretanha e Islândia até Spitzberg e Ilha Medvyezhi (Ilha do Urso); a oriental, soviética, chegava até Novaya Zemlya. Na zona ocidental, a proteção aos comboios era de responsabilidade da marinha aliada. Na zona oriental, a escolta seria reforçada por navios e aviões soviéticos. Além disso, aviões soviéticos faziam voos de reconhecimento de longa distância durante o percurso, para que os comboios navegassem o mais longe possível das costas inimigas, sem, entretanto, parar no meio de icebergs.

O primeiro comboio com material militar chegou a Arkhangelsk no dia 31 de agosto. Naquele momento, Murmansk encontrava-se isolada do interior, pois os alemães haviam interrompido o fluxo para o sul. A ferrovia que ligaria Murmansk a Arkhangelsk só ficaria pronta



no final do ano. Assim, Arkhangelsk assumira, momentaneamente, o papel de principal destino dos comboios.

Esse primeiro comboio tinha seis navios cargueiros protegidos por uma forte escolta, composta por um porta-aviões, dois cruzadores, quatro navios de guarda e três caça-minas. Entretanto, os alemães não apareceram. O primeiro teste foi bem-sucedido, demonstrando que a linha de abastecimento pelo norte era viável, ao menos por enquanto.

Esse comboio recebeu o nome de código de Dervish. Utilizou-se, depois, o código PQ para comboios que navegavam do oeste para o leste e QP para os que voltavam para o oeste. A esse código se adicionava o número de ordem do comboio.

Do porta-aviões Argus, que acompanhou o Dervish, voaram para Vaenga 48 Hurricanes, destinados a reforçar o regimento de caças da Frota do Norte. Os pilotos britânicos permaneceram em Vaenga por três meses, para ensinar os colegas soviéticos a operar os novos modelos. Entretanto, não satisfeitos com essa tarefa, decidiram participar dos combates aéreos locais nos novos aviões. Os ingleses abateram 15 aviões alemães, sofrendo apenas uma perda. Foram condecorados com a Ordem de Lênin¹⁴.

Em meados de novembro, o sol desapareceu para ressurgir apenas dois meses depois. O mar frio ficou encoberto por uma forte penumbra, com ondas agitadas pelo vento. Os navios, com seu aspecto fantasmagórico, navegavam com as luzes apagadas e sem sinal de rádio. Os comboios seguiam na velocidade máxima possível para os navios mais lentos, de 6 a 8 nós. A navegação pelo Mar de Barents, naquela época do ano era cercada de perigos. Os ventos e ondas fortes afetavam a segurança e estabilidade da navegação, inclusive porque o mar estava coberto de icebergs de milhares de toneladas. Entretanto, o maior perigo era o humano, representado pelos periscópios dos submarinos alemães.

¹⁴ Bártl, St. (1968). Zkáza černé eskadry (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. Pp. 58 e 59.



A maioria dos comboios saía de Reykjavik, na Islândia, ocupada desde julho pela infantaria naval dos Estados Unidos, que transformara a ilha num gigantesco entreposto. No mar, juntavase aos comboios a escolta militar de Scapa Flow ou Akureyri. Depois de descarregar em Arkhangelsk e Murmansk, os navios voltavam pelo mesmo caminho com mercadorias soviéticas ou vazios.

Para garantir uma melhor cooperação durante as operações dos comboios, ficou baseada em Polyarny uma missão britânica, comandada pelo almirante R. H. I. L. Bevan. Até o final do ano de 1941, foram organizados sete comboios PQ, em um total de 53 cargueiros e 49 navios de escolta e quatro comboios QP, em um total de 72 navios.

Em fevereiro e março de 1942, na escuridão dos fiordes noruegueses, começaram a surgir sombras aterrorizantes. Eram o maior e mais moderno navio de guerra do III Reich, Tirpitz, os cruzadores pesados, Lützow e Admiral Scheer, com armas monumentais, o cruzador Admiral Hipper, além de vários torpedeiros, duas dezenas de submarinos e vários outros barcos menores. Nos aeroportos noruegueses localizados mais ao norte, pousaram dezenas de novos bombardeiros e caças-torpedeiros.

Com a derrota em Moscou, os nazistas já haviam percebido a importância do portão polar, que unia Oeste e Leste contra a Alemanha. Grande parte da marinha de guerra nazista foi enviada para o norte, também, para defender a Noruega de uma invasão anglo-americana, prevista pela “infalível” intuição de Hitler. Assim, no início de 1942, encontravase na região ártica uma temível força aérea e naval, a “Esquadra Negra”, pronta para se lançar contra os comboios. No dia 7 de março, torpedeiros alemães atacaram o comboio QP 8 e afundaram um cargueiro.

No dia 24 de março, a Luftwaffe realizou dois voos massivos sobre Murmansk, que deveriam fazer aquilo que as tropas de montanha não conseguiram. A cidade, com construções majoritariamente de madeira, foi tomada por chamas e fumaça e o porto foi danificado. O exército de Dietl, que, durante o inverno, recuperara as forças, preparouse para uma ofensiva contra a Baía de Kola na primavera. Dessa vez, porém,



os soviéticos tomaram a iniciativa. O plano previa um ataque frontal do 14º Exército, combinado com o desembarque da 12ª Brigada de infantaria naval, para empurrar os alemães na direção da fronteira.

Os combates iniciaram-se no final de abril. O desembarque da infantaria naval foi bem-sucedido, ao contrário do ataque do 14º Exército. Ainda assim, as divisões de Dietl ficaram tão desgastadas nos combates que se viram obrigadas a desistir de sua ofensiva contra Murmansk. O portão setentrional da URSS, que seguia aberto, em breve seria chamado de “portão do inferno”.

A Tragédia do Comboio PQ 17

Em agosto, foi organizado em Reykjavik um dos maiores comboios da Segunda Guerra Mundial, com 36 navios com mais de 200 mil toneladas de carga para a URSS, incluídos 594 tanques, 297 aviões, 4.248 veículos motorizados, 1.000 toneladas de munição, petróleo, alimentos, etc. Era o comboio PQ 17.

No dia 27 de junho, o comboio iniciou seu deslocamento de Hvalfjörour para o mar aberto. Somente nesse momento, os capitães puderam abrir os documentos lacrados com instruções para a viagem. À frente, navegava o River Afton com o comandante do comboio, comodoro J. C. K. Dowding. O destino era Arkhangelsk, uma vez que Murmansk havia sido atingida pelos bombardeios¹⁵.

Inicialmente, o comboio era acompanhado apenas por 3 navios lançaminas e 4 caça-minas. Após três dias de viagem, estes abandonaram o comboio junto com 2 cargueiros avariados e a proteção foi assumida, imediatamente, por uma escolta composta por 6 torpedeiros, 2 corvetas, 2 navios antiaéreos e 2 submarinos. A escolta era comandada pelo comodoro J. E. Broom, no torpedeiro Keppel¹⁶.

O comboio também tinha o chamado close cover (proteção próxima), que contava com os cruzadores britânicos London e Norfolk, os

¹⁵ Ibid. P. 79.

¹⁶ Deborin, G. (1966). Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Fulgor. P. 200.



cruzadores norte-americanos Tuscaloosa e Wichita, e 3 torpedeiros, sob o comando do almirante L. H. K. Hamilton.

Por outro lado, a noroeste da ilha Jan Mayen, encontravase a distant covering force (força de proteção distante), composta pelos encouraçados Duke of York e Washington (este norte-americano), pelos porta-aviões Victorious, os cruzadores Nigeria e Cubmerland e 14 torpedeiros, sob a chefia do almirante John C. Tovey, comandante da Home Fleet (marinha britânica), cuja tarefa era proteger a metrópole do Império Britânico e as bases navais próximas¹⁷. Ao mesmo tempo, navegavam em direção ao leste, entre o comboio e a costa norueguesa, nove submarinos ingleses.

Outras medidas de segurança foram tomadas pelo comando da Frota do Norte na zona de operação, assim que receberam da missão britânica as informações sobre a partida do PQ 17, sua rota e proteção. Golovko deu ordens para que os submarinos, que operavam contra os transportes costeiros inimigos, assumissem novas posições perto das bases alemãs em Nordkapp. Sua missão era atacar navios de guerra inimigos que zarpassem contra o comboio. Por ocasião da operação dos comboios, havia nas bases aéreas soviéticas 190 caças, 70 bombardeiros e 27 aviões de reconhecimento, que deveriam proteger o PQ 17 na parte final da viagem e bombardear as bases alemãs. Cinco torpedeiros estavam prontos para zarpar, a fim de reforçar a escolta no local combinado. Caça-minas já vasculhavam a rota do comboio.

Ainda em Reykjavik, durante as instruções aos capitães dos cargueiros do PQ 17, o almirante Hamilton afirmou:

“Vocês navegarão sob forte proteção... Estejam certos de que chegaremos sãos e salvos”.

Em 1º de julho, perto da ilha Jan Mayen, o comboio foi detectado por mar e pelo ar, mas os submarinos e aviões inimigos foram repelidos antes que causassem danos. Entretanto, os alemães não pararam

¹⁷ Bártil, St. (1968). Zkáza černé eskadry (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. Pp. 79 e 80.

de seguir o comboio. Este mudou seu curso para mais ao norte do que o usual, o que foi possível graças às informações dos voos de reconhecimento sobre a localização dos icebergs. O comodoro Broom sabia que, quanto mais longe da costa norueguesa, maior seria a segurança. Os últimos informes davam conta de que, nas bases aéreas em Nordkapp, os alemães tinham de prontidão mais de 100 Junkers Ju 88, 60 Heinkel He 111 e Heinkel He 115 e 30 Junkers Ju 87.

No dia 3 de julho, o comboio encontrava-se a 30 milhas ao norte da Ilha do Urso. No dia seguinte, sofreu a primeira perda, quando um avião inimigo solitário torpedeou um cargueiro norte-americano. Na noite do mesmo dia, surgiu a primeira leva de torpedeiros alemães, seguida por uma leva de 24 aviões. Os torpedos atingiram três cargueiros, dois dos quais foram afundados pela própria escolta, após a evacuação das respectivas tripulações. O terceiro era o petroleiro soviético Azerbaidjan, que estava em chamas, mas cuja tripulação se recusava a abandoná-lo.

Os marinheiros soviéticos tinham outra visão da situação, pois lembravam de Murmansk queimada e em destroços. A cidade como tal já não existia mais. Seus 100 mil habitantes, após as evacuações e perdas causadas pelos bombardeios, haviam se reduzido a um terço. As pessoas viviam em porões, casebres, ruínas, com frio e fome, mas, mesmo tendo perdido tudo, encontravam força de vontade e continuavam ajudando na movimentação das cargas no porto e na ferrovia. Essa resistência não era diferente das registradas mais ao sul, como em Leningrado, Sebastopol, etc.

Cada tanque, cada avião, cada peça de roupa, cada tonelada de petróleo trazida pelos comboios era valorizada pelos soviéticos, dispostos a lutar até o limite por cada carga. Eles não conseguiram entender a facilidade com que as tripulações Aliadas, seguindo as diretrizes do Almirantado britânico, abandonavam ou afundavam os próprios navios para não se atrasar diante da ameaça aos comboios.

Apesar das primeiras perdas, a situação do comboio ainda não era crítica. Seu predecessor, o PQ 16, a essa altura havia sofrido perdas mais pesadas. Após uma série de ataques aéreos e de submarinos, este havia perdido oito navios de transporte e foi salvo com a chegada de torpedeiros e caças soviéticos que repeliram o inimigo.



O PQ 17 já havia percorrido dois terços de sua viagem, com a expectativa realista de concluir com sucesso a travessia. Só ficara para trás o Azerbaijão, em chamas, sem qualquer ajuda em sua luta de vida e morte. Ninguém suspeitava que, em pouco tempo, haveria uma virada inexplicável e trágica.

Os britânicos, naquele momento, sobrevoavam constantemente a Baía de Kola, com hidroaviões do tipo Catalina vigiando a costa norueguesa. No dia 4 de julho, informaram que uma esquadra composta pelo Tirpitz, Hipper e 4 torpedeiros zarpara em direção ao norte, enquanto uma segunda flotilha, incluindo o Scheer, Lützwow e seis torpedeiros, desaparecera. Logo depois, notificouse que a primeira esquadra também fora perdida de vista.

O Almirantado britânico ficou tenso e Sir Dudley Pound, primeiro lorde da Marinha, convocou o alto comando para avaliar a situação, no mesmo momento em que o PQ 17 sofria seu primeiro ataque. Chegouse à conclusão, acertada, de que ambas as esquadras inimigas se juntaram em Altafjord para assestar um forte golpe contra o PQ 17 e sua escolta.

Os alemães, já há bastante tempo, pretendiam atingir mortalmente os comboios que se dirigiam à URSS e a previsão do tempo para os meses de junho e julho mostrou-os como ideais para levar esse plano a cabo. O primeiro alvo escolhido foi o PQ 17. A Operação Rösselsprung (Ataque de Cavalaria) foi apoiada nos altos círculos militares nazistas, especialmente por Hitler. A condução da operação foi entregue ao novo comandante do grupamento marítimo Nord, almirante Otto Schniewind. Sua esquadra estava de prontidão e partiu imediatamente no dia 1º de julho, assim que um voo de reconhecimento detectou o comboio PQ 17. Já em Altafjord, a “Esquadra Negra” aguardava o sinal para atacar. O almirante Hamilton, comandante do grupo de cruzadores que compunha a escolta Close Cover do comboio PQ 17, recebeu a seguinte mensagem por rádio:

“Most immediate. Cruiser force withdraw to westward at high speed”. (Urgente. Cruzadores devem voltar a toda velocidade para o oeste).

Logo depois foi enviada outra mensagem:

“Immediate. Owing to threat of surface ships convoy is to disperse and proceed to Russian ports”. (Urgente. Ante a ameaça de navios de superfície, o comboio deve se dispersar e continuar rumo aos portos russos).

Por fim, chegou a terceira e definitiva comunicação:

“Most immediate... Convoy is to scatter”. (Urgente. O comboio deve se dispersar)¹⁸.

Os verbos *to disperse* e *to scatter* são sinônimos em inglês, significando dispersar, debandar, porém nas instruções dos comboios têm sentidos diferenciados. *To disperse* significa que os navios devem abandonar a formação original, se dispersar, mas continuam juntos rumo ao seu destino. *To scatter* significa que os navios devem tomar diferentes direções e cada um chegar ao destino por sua conta. Em outras palavras, cada um por si.

Hamilton encaminhou as ordens a Broom, no Keppel e a Dowding, no River Afton. Diante de ordens superiores não havia o que se discutir. Broom levou seus seis torpedeiros a se unirem ao grupamento de cruzadores e seguirem juntos para a direção ordenada. Seria para um combate de vida ou morte ou uma fuga?

Dowding passou pelo pior momento da sua vida. Viu a escolta abandonar o comboio, permanecendo apenas alguns navios menores e somente dois submarinos. Um dos torpedeiros aproximouse do Azerbaijão, que ficara para trás e apagara o incêndio, mas permanecia parado, inclinado para um lado e com a ré afundada. Receberam a ordem de que a tripulação abandonasse o navio e o afundasse. O capitão Izotov rechaçou decididamente:

“Não abandonaremos o navio. Nos moveremos em breve. Protejamos”.

¹⁸ Ibid. P. 86.



Entretanto, os ingleses tinham outras tarefas e responderam:

“O comboio não retomará a formação. Cada cargueiro deve navegar por sua conta. Sugerimos que se dirijam para o norte. Desejamos sorte”.

Trinta e três navios debandaram em várias direções, alguns a pleno vapor e sozinhos, outros em pequenos grupos, junto com o que restou da escolta, cuja proteção era meramente simbólica. Faltavam 700 milhas até Arkhangelsk, então a opção de alguns era sair da rota original e ir para os campos de gelo ou as costas desertas de Novaya Zemlya.

Os voos de reconhecimento alemães vigiavam, ininterruptamente, o comboio e detectaram o que estava acontecendo, que a escolta estava se retirando e os navios se dispersando. Era algo com que os alemães não contavam, mas resolveram tirar proveito da situação. Os Junkers e Heinkel's decolaram das bases aéreas norueguesas, carregados de bombas e torpedos. Os submarinos, em grupos de três a cinco, com o apelido agressivo de “alcateias”, partiram atrás da caça indefesa. No dia 5 de julho, teve início a agonia do comboio PQ 17. Foram afundados os navios Washington, Bolton Castle, Paulus Potter e Pancraft.

Os aviões nazistas escolhiam seus alvos tranquilamente e, sem medo, aproximavam-se o máximo possível para lançar as bombas e torpedos. Foram afundados os navios Aldersdale, Zaafrican e Fairfield City. Os submarinos sequer se deram ao trabalho de ficar submersos e, na superfície, disparavam seus torpedos e canhões, afundando os navios Empire Byron, Carlton e Honomu.

O River Afton foi atingido e o comodoro Downing passou várias horas em águas geladas, em uma balsa semiafundada, até ser recolhido por outro navio. Ele tentou organizar uma proteção para o restante do comboio, mas viu-se impotente para fazê-lo. Como resultado de uma ação conjunta de aviões e submarinos, foram afundados os navios Daniel Morgan e Earlton. Enquanto isso, os cruzadores de Hamilton, cercados pelos torpedeiros do comodoro Broom, navegavam a toda velocidade para o oeste. As horas se passavam, mas o inimigo esperado não aparecia em lugar algum.

Na manhã de 5 de julho, Broom sinalizou para Hamilton que estava pronto para regressar a qualquer momento. Havia abandonado a proteção dos navios contra a sua vontade e não entendia o que estava acontecendo. Acreditava que se tratava de um engano e que seria enviado de volta para proteger o comboio disperso. Entretanto, ordens estritas o obrigavam a manter a rota para o oeste, sem encontrar o inimigo. Curiosamente, os navios de guerra alemães não apareceram nem nos locais onde os submarinos e aviões haviam iniciado a perseguição aos cargueiros do comboio¹⁹.

Onde estariam o Tirpitz e a esquadra aterrorizante do Almirante Schniewind, que haviam causado uma reação tão brusca do almirantado britânico?

Efetivamente, a esquadra tinha se mobilizado para atacar o comboio PQ 17 no dia 5 de julho, mas já no início da ação sofrera baixas graças a um evento banal: o cruzador pesado Lützow e os torpedeiros Hans Lody, Karl Galster e Theodor Riedel acabaram atingindo um recife não mapeado, o que resultou em danos de tal monta, que levaram meio ano para consertá-los.

Apesar disso, Schniewind ainda tinha à sua disposição uma força potente com 1 encouraçado, 2 cruzadores pesados e 9 torpedeiros e com eles partiu da ilha Rolvsöy em sentido nordeste, onde deveria estar o PQ 17 ou seus restos. Entretanto, não chegou ao seu destino. Nenhum dos navios da esquadra de Schniewind disparou um tiro sequer contra o comboio. Tampouco se aproximaram a ponto de vê-lo. Algo os deteve.

Há na literatura histórica e em memórias escritas muitas versões para tentar explicar o acontecido. Vamos nos ater aos fatos comprovados e inquestionáveis. A partida do Tirpitz e sua companhia, às 15 horas do dia 5 de julho, não passou despercebida dos aviões de reconhecimento soviéticos. Estes informaram o comando da Frota do Norte, que determinou que os submarinos atacassem, imediatamente, os navios alemães.

¹⁹ Ibid. P. 89.



A ordem foi recebida também pelo submarino K 21, comandado pelo capitão Nikolai Lunin, que vigiava o mar há duas semanas. Era uma embarcação de grande porte, encouraçada, com seis tubos de torpedo frontais e quatro traseiros e canhões potentes. Às 16h33min, o operador do sonar anunciou que ouvia o barulho de hélices de navios. O imediato Lukianov acudiu ao periscópio e avisou ao capitão Lunin que avistara torpedeiros. Em cinco minutos apareceram os mastros de navios de guerra pesados. Era a esquadra alemã.

Lunin ordenou que soasse o alarme de combate. O K 21 mudou de direção e se aproximou do inimigo. Já era possível ouvir o ruído dos motores sem os instrumentos acústicos. Desde o ano anterior, os submarinos soviéticos vinham atacando, no círculo polar, comboios de abastecimento alemães que se dirigiam às costas norueguesas, mas era a primeira vez que seria enfrentado um navio de guerra desse porte, protegido por uma escolta tão forte. A esquadra andava em ziguezague para se proteger contra os torpedos, o que obrigava Lunin a manobrar para conseguir alcançar uma posição de tiro adequada.

De um lado, navegava o cruzador pesado Admiral Scheer e, do outro, o encouraçado Tirpitz, o terror dos mares, uma verdadeira fortaleza flutuante: 250 metros de comprimento, tonelage de 53 mil toneladas, motores de 138 mil cavalos de potência, velocidade de 30 nós, 8 canhões de longa distância de 380 mm, 12 canhões de 150 mm, 16 canhões de 105 mm, 16 canhões de 37 mm, 6 lançadores de torpedos e 4 aviões de reconhecimento. Alguns meses atrás, aviões britânicos já haviam realizado alguns ataques contra ele, sem sucesso²⁰.

A situação do K 21 era arriscada, uma vez que já se encontrava praticamente no meio da frota inimiga, podendo ser descoberto e ver diminuídas suas chances de escapar. Entretanto, Lunin não hesitava diante da necessidade de proteger o comboio PQ 17 (de cuja dispersão nada sabia).

Às 18h01min, ordenou o disparo de quatro torpedos e a submersão para uma grande profundidade, saindo, então, em velocidade

²⁰ Ibid. P. 92.

máxima. Após 2 minutos e 15 segundos, ouviram-se claramente duas explosões características de torpedos. Mas ninguém tinha a ilusão de que esses dois impactos seriam suficientes para afundar um navio tão fortemente blindado, serviriam apenas para avariá-lo.

Às 19 horas, ao erguer o periscópio, Lunin constatou que os alemães haviam desaparecido. Comunicou o ataque à sua base e recebeu ordens para regressar²¹. No dia seguinte, um voo de reconhecimento soviético constatou que a flotilha de Schniewind havia retornado a Altafjord. Alguns dias mais tarde, a missão britânica em Polyarny informou a Golovko que, segundo informações da contraespionagem, o Tirpitz estava sendo reparado e se concluiu que era em função do ataque do K 21.

Após a guerra, alguns historiadores ocidentais questionaram essa versão, afirmando que não havia registro no diário de bordo do Tirpitz sobre o confronto com um submarino. Por outro lado, havia uma determinação de Hitler de que os navios da Kriegsmarine somente deveriam enfrentar seus oponentes em caso de evidente superioridade e, nesse sentido, havia o problema de que se desconhecia a localização da esquadra inglesa. Com o temor de um ataque surpresa, teria ocorrido uma retirada.

Uma terceira versão indicava que os torpedos de Lunin não haviam acertado o alvo, mas os rádios alemães teriam captado as mensagens informando sobre o ataque. Os alemães teriam concluído, assim, que o mar a sua volta estava infestado de submarinos e preferido se retirar, por temor de correr um grande risco, inaceitável para eles.

O que talvez mais se aproxime da verdade dos fatos é que os alemães não queriam colocar em perigo a sua esquadra. O ataque de Lunin, bem-sucedido ou não, foi um dos sinais decisivos para que a esquadra regressasse. Por outro lado, a ação da esquadra já era desnecessária, pois os aviões e submarinos alemães concluíram sozinhos a destruição do comboio²².

²¹ Ibid. P. 93.

²² Ibid. Op. Cit, p. 94.



A agonia do PQ 17 prosseguiu, inexoravelmente, entre os dias 6 e 10 de julho. Os alemães perseguiram e atacaram impiedosamente os navios dispersos. Foram afundados o Pan Atlantic, Hoosier e El Capitan. Uma carga preciosa perdeu-se nas profundezas do Mar de Barents, junto com centenas de pessoas. Os torpedos dos submarinos nazistas alcançaram inclusive os navios que conseguiram fugir para Novaya Zemlya. Em seguida, foram afundados o Hartlebury, Olopana, John Whitterspoon e Alcoa Ranger.

Enquanto os cruzadores do almirante Hamilton e os torpedeiros do comodoro Broom voltavam para a segurança da base de Scapa Flow, de Polyarny e Arkhangelsk, torpedeiros, lança-minas e navios quebra-gelo armados partiram para tentar achar e salvar o que restava do PQ 17, o que àquela altura já não era muito.

Um grupo de cinco navios, comandado pelo tenente Gradwell, no lança-minas Ayrshire, encontrou a salvação fugindo para os campos gelados e penetrando até 20 milhas entre os icebergs. Tiveram a ideia de pintar os navios de branco para camuflá-los e navegaram em uma velocidade incomum para a região, sendo protegidos pela neblina típica do lugar. Esperaram por dois dias e zarparam, com todo o cuidado, para Novaya Zemlya. Surpreendentemente, foram alcançados ali, entre outros navios, pelo Azerbaijão. Semidestruído, queimado, rebatera com metralhadoras alguns ataques aéreos e, com o motor prejudicado, conseguiu o inimaginável, salvando seis mil toneladas de petróleo. Agora, junto com os demais, aguardava a escolta.

Por três semanas, os aviões e navios soviéticos, após esquadriharem o mar de Barents e as enseadas de Novaya Zemlya, conseguiram resgatar 300 náufragos e acompanharam, junto com o restante da escolta britânica, 11 cargueiros até Arkhangelsk. Foi o que restou do PQ 17. Juntamente com os 23 navios destroçados, afundaram 430 tanques, 210 aviões, 3.350 carros e 99.316 toneladas de outros tipos de carga²³. Os alemães, por sua vez, de 200 aviões enviados perderam apenas cinco e nenhum submarino afundou.

²³ Ibid. P. 95.

O massacre do comboio PQ 17 ficou como uma mancha indelével na reputação da marinha britânica, especialmente do almirantado. A justificativa dada para o temor de um possível ataque da Esquadra Negra ao comboio (temor inexplicável já que os ingleses tinham superioridade sobre ela) não foi confirmada por nenhum documento com informações de voos de reconhecimento que corroborassem essa tese.

A destruição do PQ 17 gerou fortes críticas nos EUA, que perderam vários navios, e obviamente na URSS. Prevaleceu a opinião de que a principal causa da tragédia foi o descaso britânico em relação aos comboios de ajuda à URSS. Descobriuse, mais tarde, que o PQ 17 seria utilizado como isca para atrair o Tirpitz e levá-lo ao alcance dos canhões da Home Fleet, que o atacariam pela retaguarda. Mas, em algum momento, o almirantado teria se assustado e abandonado o plano, deixando o comboio para as feras.

Enquanto os navios soviéticos resgatavam os restos do comboio em Novaya Zemlya, Churchill enviou uma carta a Stálin, tentando se explicar. Alegou que não poderia arriscar sua marinha ante a quantidade de forças enviadas pelos alemães para atacar o comboio e que se perdessem um ou dois navios pesados, também perderiam o controle do Atlântico. Isso ameaçaria os comboios norte-americanos e os reforços enviados para a Inglaterra.

Para reforçar o papel do Tirpitz como decisivo para o resultado da guerra, Churchill acrescentou uma frase de efeito:

“A construção de um segundo front verdadeiramente poderoso no ano de 1943 tornarseia impossível!”.

Contavase com o segundo front ainda no verão de 1942. A maior parte das forças de Hitler estava mobilizada longe, no leste, de modo que, se os aliados desembarcassem na Europa ocidental, havia a esperança de uma rápida derrota da Alemanha e do fim da guerra. Um ano depois, surgiu, subitamente, uma nova data.

Churchill concluiu dizendo que, de acordo com a opinião dos conselheiros navais, diante do trágico destino do PQ 17, era desaconselhável enviar o comboio seguinte, PQ 18, pois teria o



mesmo destino. Ou seja, não só foi adiada a abertura do segundo front, como se suspendeu o envio de comboios, pelo menos até o inverno. Stálin respondeu de modo duro, o que era incomum. Disse que seus próprios assessores consideraram infundados os argumentos da marinha britânica. A continuidade do envio de comboios representaria, ao contrário, maiores perdas para os alemães²⁴. Quanto à destruição do comboio PQ 17, taxou de incompreensível e injustificável a ordem dada pelo Almirantado britânico e destacou:

“(...) Certamente não afirmo que o abastecimento regular dos portos soviéticos careça de riscos e perdas. Entretanto, em tempo de guerra, sem riscos e perdas não se realiza nenhuma grande ação. O Senhor (Churchill) certamente sabe que as perdas da União Soviética são incomparavelmente maiores. De qualquer modo, jamais poderia imaginar que o governo da Grã-Bretanha se recusaria a enviar material bélico exatamente no momento em que a União Soviética mais precisa, uma vez que a situação no front germano-soviético é séria e tensa”.

“Quanto à segunda questão, a abertura do segundo front na Europa, temo que esteja sendo tratada com pouca seriedade (...)”.

Havia outras questões influenciando na decisão do governo britânico. Os lordes do almirantado temiam perder Malta, o que, nas palavras deles, seria um imenso desastre para o Império Britânico. Para assegurar Malta e a posição britânica no Mediterrâneo, era crucial enviar um grande comboio reforçado por boa parte da Home Fleet e vários cargueiros.

Por outro lado, uma carta reveladora, entregue ainda em maio pelo governo polonês no exílio em Londres, dizia:

²⁴ Deborin, G. (1966). Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Fulgor. P. 200.

“Entre agosto e setembro deste ano têm que ser neutralizados tanto o exército alemão quanto o soviético. Quando ambos se aniquilarem mutuamente, chegará o momento da ação anglo-saxônica”²⁵.

Enquanto se jogava o jogo de bastidores da alta política, centenas de milhares de pessoas morriam nos campos de batalha.

Operação Wunderland

Após o massacre do comboio PQ 17, o cruzador pesado Admiral Scheer partiu de Skommfjord junto com quatro torpedeiros, indo a toda velocidade para o norte. A despeito de ter sido detectado pelos voos de reconhecimento britânicos, não se deu importância a esse fato.

Não havia mais comboios, houve um relaxamento da vigilância e reinava certa tranquilidade no mar. Assim, o Admiral Scheer e sua escolta chegaram, no dia 17 de agosto, à Ilha do Urso. Os torpedeiros deixaramnos ali e retornaram à base. O cruzador seguiu sozinho na direção nordeste, rumo às regiões remotas do mar de Barents, onde se iniciavam os campos de gelo polares. Ali permaneceu navegando em silêncio, para não ser detectado.

Tratavase da Operação Wunderland (País das Maravilhas), planejada há tempos pelo comando alemão, que desconfiava que os soviéticos utilizavam outra rota para o abastecimento de material bélico, além das três mencionadas previamente: esta, que seria pelo leste, através dos mares polares, era chamada de rota marítima do Norte.

Era uma via descoberta em 1932 pelo quebra-gelo Sibiryakov, comandado pelo capitão V. I. Voronin, que comprovou ser possível navegar do Atlântico ao Pacífico através da região polar. A rota marítima do Norte é uma das vias marítimas mais difíceis do mundo. Massas de gelo polar a encobrem inclusive no verão, bloqueando áreas de centenas de quilômetros. Muitos navios encontraram seu

²⁵ Bártl, St. (1968). Zkáza černé eskadry (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. P. 107.



fim em meio aos enormes icebergs. Os cargueiros precisavam ser acompanhados por gigantescos quebra-gelos.

Entretanto, a rota do Norte é a ligação mais curta entre os portos da Europa e do Extremo Oriente, permitindo assim um acesso fácil às riquezas naturais da Sibéria. Desde 1940, os nazistas já conheciam essa via com detalhes e, em 1942, passaram a se preocupar com ela, uma vez que estava fora de seu controle e era inalcançável para voos de reconhecimento.

Assim, foi arquitetada, em julho, a Operação Wunderland. Sua essência era a incursão inesperada dos cruzadores pesados no mar de Kara. O objetivo era a destruição dos cargueiros soviéticos e a destruição de portos polares chave, especialmente Amdern e Dikson. O sinal decisivo para o início da operação foi a informação da espionagem naval japonesa aos alemães, de que fora avistado no dia 1º de agosto, em Behring, um comboio soviético composto de 19 cargueiros e quatro quebra-gelos, transportando trigo canadense para Arkhangelsk através do Ártico.

Calculavase que o comboio chegaria no dia 17 de agosto ao mar de Kara. O serviço de espionagem alemão descobriu que, no mesmo período, outro comboio partiria de Arkhangelsk no sentido contrário, para o leste. Isso significava que na segunda quinzena de agosto haveria no mar de Kara vários navios, aparentemente mal armados. Esse era o alvo principal do Admiral Scheer.

O capitão Meendsen-Bohlken contava com o apoio do submarino U-601, que vigiava tanto as áreas cobertas de gelo quanto os navios. O Admiral Scheer percorreu o mar de Kara ao longo de toda uma semana, buscando sua presa em vão. O avião de reconhecimento nada encontrava, os operadores de rádio buscavam detectar transmissões de navios soviéticos. Enquanto isso, Dikson fazia transmissões em código, orientando o comboio através do gelo e dos icebergs, com a ajuda das várias estações meteorológicas soviéticas espalhadas na região e voos de reconhecimento diários.

Meendsen-Bohlken preferiu não se arriscar diante do nevoeiro e do gelo que já enfrentava, uma vez que não dispunha de mapas de

navegação precisos da região. No dia 25 de agosto, com a melhora do tempo, foi lançado o avião de reconhecimento, que, no entanto, teve que voltar por falta de visibilidade. Ao pousar, sofreu uma avaria, privando o Admiral Scheer de seu único meio para detectar os navios inimigos e fazendo com que passasse a depender unicamente do que avistasse o soldado a postos no alto da torre de combate.

Finalmente, avistaram um navio a vapor solitário e avançaram contra ele. Era o famoso Sibiryakov, comandado pelo capitão Anatoli Katcharav. O sinalizador Alexei, ao avistar o Admiral Scheer, alertou o capitão, que com os binóculos constatou não se tratar de um navio soviético. Deu, imediatamente, a ordem de seguir em frente a pleno vapor na direção da ilha de Beluga. O telegrafista Anatoli Charchavin transmitiu para a base naval em Dikson que fora avistado um cruzador desconhecido, pedindo que ficassem aguardando no rádio por mais informações.

O navio desconhecido identificouse, inicialmente, como japonês e exigiu informações sobre a situação do gelo na região e a localização do comboio. Entretanto, foi avistada em seu mastro a bandeira vermelha com a suástica. Depois do choque inicial, iniciaram-se os preparativos para o combate. O Sibiryakov tinha 100 pessoas a bordo, entre tripulantes e soldados, enquanto o Admiral Scheer tinha 926 homens. O armamento do navio soviético era de 2 canhões de 76 mm, montados provisoriamente na ré, 2 canhões de 45 mm na proa e algumas metralhadoras antiaéreas e não tinha nenhuma blindagem. O navio alemão tinha 6 canhões de 280 mm em duas torres blindadas, 8 canhões de 150 mm e outras armas de menor calibre, além de uma blindagem de 10 cm de espessura. O Sibiryakov tinha 40 anos de existência, já estava bastante danificado pelo gelo polar, seu comprimento era de 77 metros, tonelagem de 3.217 toneladas, motor de 2.000 cavalos de potência e velocidade de 7/8 nós. O Admiral Scheer tinha 185 metros de comprimento, tonelagem de 13 mil toneladas, 8 motores a diesel da marca Mann com 54 mil cavalos de potência com velocidade de até 26 nós²⁶.

²⁶ Ibid. P. 117.



A única esperança do Sibiryakov era chegar à ilha Beluga, que ajudaria a protegê-lo dos canhões alemães. Porém, por mais que a tripulação se esforçasse, os alemães cortaram o caminho e ordenaram a rendição soviética. A resposta do capitão foi curta e grossa: “Danese”!²⁷ O navio soviético começou a disparar. Os alemães ficaram surpresos, pois todas as vezes em que tiveram sob sua mira cargueiros civis, estes rapidamente baixavam a bandeira e se entregavam. Iniciouse um combate desigual. Os disparos do Sibiryakov mal alcançavam o Admiral Scheer, enquanto os deste o atingiam impiedosamente. Sem motor, cabine de rádio destruída, foi dada a ordem para afundar o navio. O butim desaparecia ante os olhos dos alemães.

Os sobreviventes tentavam se salvar em bote ou nadando na água gelada na direção da ilha. Os alemães enviaram uma lancha que os alcançou e capturou 18 homens ensanguentados. O capitão foi carregado, pois estava inconsciente. O único que escapou foi o fogueira Pavel Vavilov, que se escondeu na ilha e foi encontrado um mês depois por um avião de reconhecimento. O resultado final foi que os alemães continuaram sem saber como atravessar os campos de gelo e onde estava o comboio. E o pior: foram descobertos.

Ante o fracasso de suas ações, o capitão Meendsen-Bohlken resolveu avançar sobre Dikson para recuperar a sua reputação. A ideia era simples: após o ataque com canhões, desembarcariam 180 homens, ocupariam o quartel-general das operações navais, obteriam documentos e códigos secretos, capturariam prisioneiros e destruiriam todas as instalações importantes.

Entretanto, os vigias de Dikson detectaram o Admiral Scheer antes de se iniciar o canhoneio e todos se prepararam para o combate. Os canhões do navio SKR-19 e o canhão instalado no molhe do porto responderam ao bombardeio alemão com boa pontaria. Os homens conseguiram proteger os documentos, evacuar as mulheres e crianças para a tundra, ajustar as metralhadoras e preparar-se para o que desse e viesse.

²⁷ Ibid. P. 119.

O Admiral Scheer disparou cerca de 450 projéteis, atingindo o SKR-19 e o navio Revolutsionier, que estava ancorado com carregamento de madeira siberiana de exportação. Também foram atingidos armazéns de abastecimento de navios na ilha Konus e alguns tonéis de petróleo se incendiaram, soltando densa fumaça preta. Os danos, porém, não foram consideráveis. Enquanto isso, o navio alemão foi atingido três vezes. Nada sério, mas Meendsen-Bohlken não queria arriscar e ao invés de ordenar o desembarque, preferiu se retirar. Deste modo, a perda do Sibiryakov não foi em vão. Atrasou e denunciou o Admiral Scheer e ajudou a salvar navios e Dikson.

A Operação Wunderland foi um fracasso e os alemães tiveram que regressar à base. Foi então planejada a Operação Doppelschlag, pela qual os comboios soviéticos no mar de Kara seriam interrompidos por submarinos. Dez submarinos operaram na região durante todo o verão até o final da guerra, destruindo algumas estações polares pequenas e afundando um par de navios desarmados. Não conseguiram, porém, interromper a rota marítima do Norte.

A Batalha do PQ 18

Em setembro de 1942, foi organizado o comboio PQ 18, em torno do qual foi travada uma batalha encarniçada. Os alemães queriam dar-lhe o mesmo destino do predecessor PQ17. Novamente foi organizada, em Altafjord, uma esquadra de guerra liderada pelo Tirpitz. Duas centenas de aviões foram dispostos nos aeroportos no norte da Noruega e as “alcatéias” de submarinos dirigiram-se para a Ilha do Urso e Novaya Zemlya. O objetivo era atacar, também, o QP 14 que retornava para o Oeste. Entretanto, o curso dos acontecimentos em relação a julho foi alterado por três circunstâncias fundamentais.

Em primeiro lugar, Hitler estava convencido de que haveria uma invasão anglo-americana na Europa. Não querendo se arriscar a perder a sua esquadra de guerra em um ataque a um comboio, determinou que os principais navios não saíssem de Altafjord. A operação ficou a cargo de aviões e submarinos. Em segundo lugar, os ingleses precisavam resgatar a sua imagem e levar, desta vez,



o comboio em segurança ao seu destino. Por fim, Churchill, durante a sua visita a Moscou, em agosto, ouvira palavras duras por parte de Stálin. O líder soviético exigiu não só a retomada dos comboios de abastecimento, mas também a abertura do segundo front na Europa Ocidental.

Um dia após Churchill deixar Moscou, 5.000 canadenses desembarcaram na cidade de Dieppe, no norte da França. Os alemães eliminaram dois terços do contingente e rapidamente liquidaram a tropa. Não se sabe até hoje qual era o objetivo dessa operação. Era uma demonstração de que algo estava sendo preparado e, assim, preocupar Hitler e tranquilizar Stálin? Era a preparação real de uma invasão em larga escala ou era para confirmar que não era o momento adequado para esta? Ou era uma manobra para desviar a atenção de outros objetivos estratégicos? O fato é que a verdadeira invasão da Europa Ocidental ocorreu apenas dois anos depois. No continente europeu havia apenas um único front contra a Alemanha nazista, no qual ocorriam as batalhas decisivas da Segunda Guerra Mundial. Todo o restante era secundário.

O comboio PQ 18 era a primeira ajuda de peso dos aliados ocidentais para este front depois de muito tempo. Por isso, era fundamental o seu sucesso. Mudando de postura, o almirantado britânico organizou um sistema novo e preciso de proteção do comboio, baseado na fighting destroyer escort (escolta de batalha) e composto por 16 torpedeiros e pelo cruzador Scylla, comandado pelo almirante R. L. Burnett. Para cobertura, close escort, ainda estavam escalados outros dois torpedeiros, dois navios antiaéreos, dois submarinos, quatro corvetas, sete barcos menores e, para a fase inicial, o porta-aviões Avenger²⁸.

O comboio PQ 18, formado por 40 navios, partiu no início de setembro, sob o comando do comodoro E. K. Boddam-Whetman, da localidade de Loch Ewe, na Escócia. De Akureyri partiu, como força auxiliar, a esquadra de combate de Sir Bruce Fraser, segundo no comando da Home Fleet. Um grupo de cruzadores, conduzido

²⁸ Ibid. p. 126

pelo veterano almirante Bonham-Carter vigiava à distância. Em Lofot circulava uma patrulha de submarinos. Trinta e dois aviões do tipo Hampden voaram para Vaenga, chegando apenas 23 ao seu destino. Seu papel era reforçar a proteção aérea do comboio no trecho final da viagem. Na Baía de Kola, aterrissou uma esquadrilha reconhecimento de Catalinas e Spitfires. Tratava-se, em resumo, de uma operação naval de primeira categoria.

Até o dia 13 de setembro, o comboio foi protegido pela neblina, chuva e nevasca. Na tarde desse mesmo dia, os alemães atacaram. A batalha pelo comboio ocorreu a oeste da Ilha do Urso e girou, fundamentalmente, em torno do combate entre a escolta e a Luftwaffe, que, nesse momento, tinha 92 aviões torpedeiros e 133 bombardeiros operando no norte.

Os Junkers e Heinkel's, em suas investidas contínuas, chocavam com a barreira de fogo praticamente impenetrável da escolta. Entretanto, os torpedos encontravam seus alvos nas densas formações de navios. Foram atingidos dez navios, mas apenas um afundou. Os outros nove foram apenas danificados, porém, de acordo com as diretrizes do comboio, foram abandonados pelas tripulações e afundados pela própria escolta.

Havia obviamente uma discussão sobre a real necessidade desse procedimento, pois, se por um lado o comboio não podia se atrasar, por outro um navio apenas danificado poderia chegar ao seu destino, como o Azerbaidjan. Significava arriscar a vida de algumas dezenas de marinheiros para salvar uma carga valiosa que poderia libertar milhares de outras pessoas.

Os dias seguintes foram tranquilos. Os alemães pretendiam atacar novamente antes do Mar Branco, em uma região espreitada pela maioria dos submarinos. Parte da escolta separou-se para proteger o QP 14 em sua viagem de regresso. Ocorreu, entretanto, o terceiro episódio que evitaria que se repetisse o trágico destino do PQ 17. Assim que o comboio chegou à zona de operação oriental, a escolta foi reforçada pelos torpedeiros soviéticos Gremyachtchiy, Sokruchitielnyi, Kuibishev, Uritski, Liebknecht e, em seguida, por aviões.



A imagem do PQ 18 era imponente. Do alto, parecia uma cidade flutuante. Os cargueiros enfileirados, rodeados por torpedeiros, caça-minas e outros navios de escolta, totalizavam 80 embarcações. Erguiam-se sobre eles balões como proteção antiaérea.

A batalha decisiva ocorreu em 18 de setembro ao norte do cabo então denominado de nariz de Kanin. Quando a primeira leva de bombardeiros se aproximou, teve início um verdadeiro inferno. Os torpedeiros soviéticos disparavam todas as armas. Além do armamento antiaéreo, atiravam com fuzis, metralhadoras comuns e até canhões de maior calibre. Parecia que não havia nos barcos um metro quadrado que não cuspsse fogo²⁹.

Não se podia dizer que os pilotos alemães se amedrontaram, mas essa tempestade de fogo os obrigou a lançar os torpedos de longe dos alvos. A maioria sequer chegou perto. Quando, em 19 de setembro, o comboio ancorou em Arkhangelsk, faltavam 13 cargueiros, sendo que 12 afundaram na zona ocidental e apenas um na zona soviética. Chegaram 27 navios no total, o que, em comparação com a catástrofe do PQ 17, foi um sucesso, ainda maior com as perdas significativas dos alemães: 40 aviões abatidos.

Sem Recuo, Sem Escapatória

Em meio a esses combates, a situação na frente soviético-germânica chegava ao seu ápice com a batalha de Stalingrado. As tropas do general Tchuikov e as milícias operárias defendiam impetuosamente cada centímetro da cidade contra o 6º Exército do general Paulus. Estava claro: a Rússia é grande, mas não há para onde recuar. Se os alemães alcançassem o Volga e o Mar Cáspio, nada os deteria.

Assim, a despeito do sucesso do PQ 18, todos perceberam que a batalha de Stalingrado era crucial. Com o surgimento de numerosos voluntários dispostos a lutar em Stalingrado, os comissários políticos não sabiam o que fazer. Finalmente, Golovko determinou que de cada navio só poderia liberar, no máximo, 7 voluntários. Ainda assim, a quantidade de voluntários formou uma brigada inteira.

²⁹ Ibid. P. 128.

A situação no norte também não era tranquila. Churchill avisara, no verão, que os alemães estavam transferindo para o norte da Noruega navios de desembarque, o que significava um novo ataque contra Murmansk, desta vez a partir do mar. Bombardeiros alemães surgiam sobre a Baía de Kola diariamente. Ninguém sabia quando ocorreria o suposto desembarque na tentativa de interromper o abastecimento marítimo da URSS.

Com a operação Torch, a invasão anglo-americana do Norte da África, no dia 8 de novembro de 1942, e a expulsão das divisões alemãs e italianas dos desertos da Tunísia e Líbia, o controle das posições estratégicas no Mediterrâneo passou a ser a principal preocupação dos Aliados ocidentais. Não era possível, assim, enviar novos comboios para o Ártico.

Somente em dezembro partiu a primeira parte do comboio PQ 19 desde Loch Ewe, mas com o nome de código JW 51 A. A sigla JW significava que navegava do oeste para o leste. No sentido inverso utilizava-se a sigla RA. O número 51 era o número de partida e A significava que era a primeira parte do comboio. Quinze cargueiros e vários navios de escolta chegaram à Baía de Kola sem incidentes, no Natal.

A segunda parte do comboio, JW 51 B, que partiu uma semana depois, passou por uma situação mais difícil. No Ano Novo, em meio à escuridão da noite polar, houve uma batalha entre navios pesados. Além dos torpedeiros, combateram os cruzadores britânicos Sheffield e Jamaica e os alemães Hipper e Lützw. Os britânicos perderam dois torpedeiros e os alemães um, mas o ataque ao comboio foi rechaçado.

Com o congelamento do Mar Branco, o gelo fechou o acesso a Arkhangelsk e Murmansk se tornou o único porto soviético apto para receber suprimentos militares dos aliados. Como os alemães não tinham capacidade para uma ação terrestre ou naval, optaram pela aviação. Os alemães lançavam bombas incendiárias, mirando o porto e a estação ferroviária, transformando tudo em um inferno. Voavam em diferentes direções e alturas para dificultar a defesa antiaérea.

Em meio a essa situação, as pessoas buscavam ânimo nas notícias vindas do sul. No dia 19 de dezembro, as tropas dos generais Vatutin,



Rokossovsky e Yeremenko iniciaram a contraofensiva em Stalingrado e em 4 dias cercaram todo o exército de Paulus. Vinte divisões alemãs e duas divisões romenas, em um total de 330 mil homens, estavam cercadas e todas as tentativas de escapar fracassaram. No dia 31 de janeiro, Paulus assinou a capitulação incondicional.

Logo após a batalha de Stalingrado, foi rompido o bloqueio de Leningrado. A linha de frente no Cáucaso e Rzhev passou a se deslocar, então, para o oeste. As pessoas no norte perceberam uma mudança na situação em geral. As fábricas evacuadas produziam a pleno vapor e tropas novas, do Extremo Oriente e da Sibéria, chegavam ao front.

Em 28 de fevereiro de 1943, chegaram ao porto três grandes cargueiros com material bélico. Não demorou muito e os alemães iniciaram novo ataque aéreo. Mal terminou o bombardeio, o comandante da base aérea de Vaenga chamou o primeiro-tenente Sergei Kurzenkov e ordenou-lhe que voasse em um avião de reconhecimento, a fim de descobrir de onde vinham os bombardeiros alemães.

Após um longo voo noturno, com o combustível já no limite, Kurzenkov localizou um avião no entorno da enseada de Petsamo. Tratava-se de um Junkers Ju 88, danificado provavelmente ao voar sobre Murmansk. Logo abaixo acendiam-se as luzes de um aeroporto, Luostaria, já conhecido pelos pilotos soviéticos.

Sergei Kurzakov decidiu atacar com seu caça e bombardear as fileiras de Junkers estacionados. Em meio ao ataque bem-sucedido, foi atingido, mas conseguiu escapar com o avião em chamas e ferido na perna. Seguindo as orientações que lhe enviaram por rádio, voltou em direção à base, mas, antes que pudesse chegar, percebeu que o avião corria o risco de explodir e optou por saltar de paraquedas.

Em meio à queda, entretanto, seu paraquedas abriu, mas levou para longe, pois o fogo antiaéreo havia danificado as cintas. Kurzakov sobreviveu, milagrosamente, ao cair em uma encosta com neve e deslizar. Foi resgatado com ferimentos graves e o almirante Golovko enviou o cirurgião-chefe da Frota para cuidar dele³⁰.

³⁰ Ibid. Pp. 137 e 138.



Com as informações obtidas e os combates aéreos que se seguiram, a Luftwaffe perdeu, definitivamente, a superioridade na região. Os soviéticos receberam, só em 1943, 220 aviões torpedeiros, bombardeiros e caças, como Pe-2, Pe-3, Il-2, Il-4, Migs, e outros. Além disso, através do sistema land and lease tiveram acesso a Hurricanes, Aircobras, Kittyhawks, Spitfires e Bostons.

Apesar de perder a batalha aérea do Ártico, a Alemanha ainda contava com a sua esquadra, tendo recebido um reforço em março: o encouraçado Scharnhorst. Nesse mesmo mês, os comboios pelo Ártico foram novamente suspensos por tempo indeterminado. Parte do abastecimento passou a ser feito pelo Mediterrâneo e Irã.

Operação Sizilien

Com o reforço do Scharnhorst, os alemães elaboraram outro plano. O objetivo era atacar Spitzberg, onde os britânicos haviam montado uma estação meteorológica e um ponto de apoio. As informações climáticas no Ártico tinham dupla importância: a previsão do tempo na Europa e Atlântico, da qual dependia o sucesso das operações aéreas e navais e a orientação dos comboios através da monitoração do deslocamento dos icebergs.

Seriam enviados, portanto, o Scharnhorst e o Tirpitz, acompanhados de nove torpedeiros, para destruir as unidades em Spitzberg, baseadas principalmente em Barentsburg e Longyearbyen.

Ante o ceticismo de Hitler quanto ao papel que ainda restava aos navios pesados, o novo comandante da Marinha, Almirante Dönitz, resolveu apostar nessa operação para convencer o Führer do contrário. No dia 6 de setembro, a “Esquadra Negra” partiu sob o comando do almirante Oscar Kummetz.

O arquipélago ártico de Svalbard, do qual Spitzberg é a parte principal, estava fora das atenções das potências em conflito no início da Segunda Guerra Mundial. Ninguém se interessava em enviar forças para ocupar e defender a localidade.

Sua situação era tão sui generis que a URSS tinha uma concessão para a exploração de carvão nessas ilhas pertencentes a Noruega, de



modo que lá trabalhavam dois mil mineiros soviéticos. Essa situação mudou com o início da Grande Guerra Patriótica e os ingleses tiveram que evacuar de Spitzberg todos os civis noruegueses e soviéticos, destruindo as minas e queimando os depósitos de carvão para que não caíssem nas mãos dos alemães.

Com o início dos comboios, Svalbard passou a ser alvo da atenção dos comandos inglês e alemão. A região de Isfjord foi ocupada por soldados britânicos, que operavam a estação meteorológica e de rádio, e por tropas norueguesas comandadas pelo major Bredsdorff, espalhadas por Barentsburg e Longyearbyen, que operavam na costa baterias com canhões de vários calibres, chegando a 12,7 mm. Havia, no total, 200 homens.

Um avião de reconhecimento começou a sobrevoar a localidade e, dois dias depois, os vigias avistaram no cabo Heer as silhuetas de navios de guerra se aproximando de Isfjord. Em poucos minutos, os noruegueses estavam prontos para o combate.

Um dos navios de guerra ficou na entrada para Grönfjord, onde está localizada Barentsburg. Três torpedeiros dirigiram-se à costa. Soaram os primeiros disparos dos canhões dos navios, destruindo as instalações de madeira. Nas margens, desembarcaram dos torpedeiros os soldados do 349º regimento de granadeiros.

Os noruegueses defenderam-se corajosamente. Seus disparos certos caíam sobre os granadeiros e na cobertura dos torpedeiros. O combate, no entanto, era desigual. Ante a ameaça de cerco e sob o fogo pesado do Tirpitz, o comandante norueguês ordenou a retirada para as montanhas, sob a cobertura de alguns homens que ficaram para trás. A fumaça dos incêndios permitiu que escapassem entre as montanhas e geleiras por trilhas que só eles conheciam.

Os granadeiros só conseguiram capturar algumas dezenas de homens, entre os quais o comandante do Spitzberg, que tentou destruir documentos. O ataque a Longyearbyen, conduzido mais tarde pelo Scharnhorst com três torpedeiros, teve o mesmo resultado, com a maioria dos noruegueses se salvando nas montanhas. Após 11 horas, a Operação Sizilien se encerrou e os navios alemães regressaram

à Noruega, deixando os destroços para trás. Os noruegueses abrigaram-se em cabanas de caça nas montanhas e ficaram aguardando socorro, que chegou após 5 semanas, enviado pela Home Fleet, com roupas, armas e novas tropas para revezamento³¹.

Em um primeiro momento, pareceu inexplicável aos ingleses e noruegueses a retirada dos alemães, sem que tentassem instalar sua própria estação meteorológica. Concluiu-se, mais tarde, que teria sido por medo da superioridade britânica em Isfjord.

Na verdade, os meteorologistas alemães já trabalhavam secretamente em Spitzberg desde o verão de 1941. Sua primeira estação foi escondida nas profundezas do remoto fiorde Liliehöök, na parte setentrional da ilha Ocidental. A sua camuflagem era tão eficiente que os britânicos e noruegueses só a descobriram após a guerra.

Outra estação foi estabelecida na Tchecoslováquia ocupada, nas montanhas de Krkonoše, sob o nome de Polare Versuchsstation Goldhöhe (Estação Polar de Pesquisa Cume de Ouro). Também permaneceu oculta até o final da guerra, quando as tropas tchecoslovacas a tomaram, aprisionando seus membros.

Através das operações Knospe (filhotes) e Kreuzritter, a Alemanha nazista enviou para o Ártico, em 1942 e 1943, homens treinados para realizar transmissões e previsões através de estações camufladas. Eles passaram despercebidos pelos ingleses³².

O fim da Esquadra Negra

A propaganda de Goebbels transformou a Operação Sizilien em uma grande vitória, embora, na realidade, não tivesse resultado em ganho algum para os alemães. Na verdade, ela representou o canto do cisne dos navios de guerra alemães. Entre novembro e dezembro de 1943, começaram a chegar aos portos soviéticos novos comboios, após um longo intervalo, como resultado da troca de cartas e memorandos

³¹ Ibid. Pp. 145 e 146.

³² Ibid. Pp. 150 e 151.



secretos entre Moscou e Londres. Em agosto, Stálin escreveu a Churchill:

“Não podemos considerar o fornecimento de armas e outros suprimentos, enviados pelo governo britânico, senão como um compromisso retomado pela Grã-Bretanha, de acordo com o tratado bilateral, em relação à União Soviética, que, pelo terceiro ano consecutivo, carrega nos ombros todo o peso da luta contra o inimigo comum dos Aliados, a Alemanha Nazista”.

E continuou:

“Tampouco se pode ignorar a realidade de que o caminho pelo norte é o mais curto e mais rápido para enviar para o front germano-soviético as armas fornecidas pelos Aliados, e que, sem a utilização fundamental dessa via, a entrega de suprimentos à URSS se torna impossível. Como já escrevi, anteriormente, e como demonstrou a experiência, a entrega de armas e outros materiais bélicos para a URSS através dos portos persas jamais poderá compensar o que foi perdido pela interrupção da rota setentrional, ainda que a armada soviética conte com eles para seu abastecimento. Enquanto isso, por motivos desconhecidos, o material enviado pela rota do Norte tem sido em quantidade muito menor do que no ano anterior, o que impede que se cumpra o plano de abastecimento estabelecido e quebra o protocolo anglo-soviético sobre os suprimentos... no momento em que as forças da União Soviética encontram-se no limite da exaustão para poder suprir as necessidades do front e alcançar o sucesso na luta contra as principais forças do inimigo comum”³³.

³³ Ibid. Op. Cit, Pp. 154 e 155.

Churchill prometeu o reinício do abastecimento pela rota do Norte, lembrando, inicialmente, “as dificuldades inimagináveis” que os uniam.

“Desde 22 de junho de 1941 fizemos tudo o que estava ao nosso alcance”, afirmou em sua carta com um tom um tanto melindroso, “a despeito do fardo pesado que também carregamos, para ajudá-lo a defender a sua Pátria contra a cruel invasão dos bandos hitleristas e nunca deixamos de reconhecer e anunciar as grandes vantagens que conseguimos a partir de suas belas vitórias e golpes mortais desferidos contra os exércitos nazistas”.

A despeito dessa carta pouco convincente, os comboios foram retomados e todos os esforços envidados no descarregamento dos navios. Toneladas de suprimentos estavam sendo trasladadas lentamente para o sul.

Certa noite chegou à Baía de Kola uma visita inesperada. Ancoraram o encouraçado britânico Duke of York, acompanhado pelo cruzador Jamaica e quatro torpedeiros. A bordo, chegou a Polyarny o novo comandante da Home Fleet, almirante Bruce Fraser, um dos pilares do almirantado britânico.

Golovko havia sido informado previamente pela missão britânica, mas estava confuso sobre o motivo da visita. O encouraçado britânico, que só acompanhava de má vontade e excepcionalmente os comboios para a zona soviética, de repente estava ali. Fraser convidou Golovko para subir à nau capitânia. Enquanto comiam, trocavam impressões e gracejos, mas nenhuma informação importante foi dada pelos britânicos, especialmente o objetivo de sua viagem. No dia seguinte, os soviéticos devolveram o convite, organizando uma noite de festa no clube de Polyarny. Mas nada foi revelado.

Na noite seguinte, após uma mensagem enviada por rádio, levantaram âncoras e foram para o leste, supostamente voltando para a Inglaterra. Na noite de 25 de dezembro, partiram de Altafjord seis navios, entre os quais o Scharnhorst, que, pela terceira vez em nove meses, deixava seu esconderijo atrás de um novo alvo: um comboio de 20 cargueiros,



protegido apenas por torpedeiros (era o JW 55 B). Três dias antes, um voo de reconhecimento detectara o comboio a 400 milhas a oeste de Trômso, rumando para nordeste³⁴.

O Scharnhorst partiu com cinco torpedeiros à velocidade de 25 nós, em um curso a 10 graus da Ilha do Urso, onde esperava encontrar o alvo na manhã seguinte.

Entretanto, apenas uma hora após a partida, o Scharnhorst fez algo inesperado: rompeu o silêncio do rádio. O Almirante Erich Bey, que liderava a operação, comunicou ao comando naval que as ondas, muito altas, estavam causando problemas aos torpedeiros. No Estado-Maior alemão, todos ficaram surpresos e não entenderam porque se arriscar a ser descoberto antes do tempo pelos britânicos por uma informação tão trivial.

No dia seguinte, o Scharnhorst alcançou a esteira do comboio e partiu atrás dele na velocidade de apenas 12 nós, pois os torpedeiros estavam distantes quase 10 milhas, devido ao vento contrário e às ondas fortes.

Subitamente, o Scharnhorst viu-se surpreendido por um encontro inesperado e nada agradável. No local do comboio esperado, surgiram três cruzadores: Sheffield, Belfast e Norfolk, que também tinham ancorado anteriormente na Baía de Kola e que se apressaram para se colocar entre o encouraçado e o comboio. Embora não fossem blindados e não tivessem canhões poderosos como o Scharnhorst, contavam com uma vantagem: navegavam sob um céu escuro, enquanto o inimigo estava sob um céu iluminado. Aproveitando o elemento surpresa, o Sheffield abriu fogo, seguido pelos demais³⁵.

O Scharnhorst poderia vencer esse duelo, mas o almirante Bey não pretendia trocar tiros com alguns cruzadores e deixar escapar sua caça. Deu as costas aos adversários, disparou os canhões traseiros e se dirigiu a pleno vapor para o sul. Mas não escapou de dois impactos leves, um

³⁴ Ibid. Pp. 157 e 158.

³⁵ Ibid. P. 158.

dos quais lhe causou um grave contratempo: sua antena de radar foi danificada. E uma visibilidade ruim era uma grande desvantagem.

O comandante dos torpedeiros alemães notou uns relampejos e luzes no topo do Scharnhorst, mas como não recebeu nenhuma ordem, continuou disciplinadamente na direção combinada. Assim, a esquadra alemã dissolveu-se e o Scharnhorst passou a operar sozinho, navegando em ziguezague para se esquivar dos cruzadores e voltar a perseguir o comboio. Queria rodeá-lo e atacá-lo a partir do norte, para aproveitar a escuridão. Entretanto, ao invés do comboio, encontrou novamente o onipresente trio de cruzadores, reforçado por quatro torpedeiros. Estes se lançaram sobre o navio alemão como uma matilha de cães sobre um urso. Este, porém, distribuiu golpes poderosos, atingindo cada um dos cruzadores pelo menos uma vez, mas sem gravidade³⁶.

O combate durou 20 minutos e, inexplicavelmente, parou. O Scharnhorst não tentou acabar com os cruzadores danificados, ao contrário, tomou a direção no sentido sul-sudeste, abandonando, rapidamente, o cenário. Os cruzadores o seguiram, vigiando de longe. Na tarde do mesmo dia, o Scharnhorst teve uma segunda surpresa, que resultou em seu afundamento com 1.900 homens de sua tripulação, às 19 h 45 min. O almirante Bey se suicidou, pouco antes, com um tiro.

Segundo o Almirante Dönitz, que acompanhava tudo do alto comando naval em Kiel, a culpa de tudo foi de palavras apagadas. No dia 26 de dezembro, às 11h00min da manhã, o alto comando naval e o Scharnhorst receberam uma informação crucial de um avião de reconhecimento, dizendo que avistaram cinco navios de guerra vindo do noroeste de Nordkapp. No comando, pensaram se tratar de cinco torpedeiros que regressavam e se despreocuparam. O mesmo pensava o almirante Bey, que continuou perseguindo o comboio³⁷.

A informação verdadeira do avião de reconhecimento, porém, era um pouco diferente. Dizia que haviam sido avistados “cinco navios,

³⁶ Ibid. Op. Cit, p. 159.

³⁷ Ibid. Op. Cit, p. 160.



um deles aparentemente pesado, vindo do noroeste de Nordkapp”. O alto oficial da aviação militar, que repassava as informações para a marinha, em sua precisão tipicamente germânica, não concordou com a expressão “um deles aparentemente pesado” e a apagou. Seu dever era repassar informações precisas e não suposições.

Não fossem essas palavras apagadas, o almirante Bey teria compreendido o que estava acontecendo e agiria de acordo com as diretrizes que lhe haviam sido dadas previamente: “avistando navios pesados, interromper a operação imediatamente”.

Os cinco navios eram, na verdade, a esquadra de combate do almirante Fraser, com o navio pesado Duke of York. Eles deveriam estar há muito tempo na Inglaterra, mas não se dirigiram para lá, fato que os alemães não detectaram a tempo e que foi fatal para eles. O Duke of York, conduzido pelos cruzadores contra o Scharnhorst, fez valer sua superioridade em calibre de canhões (10 de 356 mm contra 9 de 280 mm) e com um radar funcionando perfeitamente. Os navios menores ajudaram com seus torpedos e, assim, após três horas de combate, o orgulho da marinha alemã foi parar tão rápido no fundo do mar que apenas 36 homens, de quase 2.000 tripulantes, conseguiram se salvar³⁸.

Há, porém, a tese de que não foram as palavras riscadas que fizeram com que o Scharnhorst não se retirasse a tempo. O almirante Bey recebeu, ainda naquele dia, antes de enfrentar os cruzadores, mais uma mensagem, que, estranhamente o Almirante Dönitz não mencionou em suas memórias, embora a tenha assinado. Essa mensagem foi interceptada pelas escutas soviética e britânica que a decifraram. Dizia:

“Ataque e destrua o comboio para aliviar a luta de seus companheiros no front oriental”.

A situação dos alemães no front oriental piorara com o inverno iminente. O almirante Bey acatou a ordem e partiu para o ataque, embora soubesse ou desconfiasse que os cinco navios a noroeste

³⁸ Ibid. Pp. 160 e 169.

de Nordkapp não eram seus torpedeiros. Quando resolveu recuar durante o segundo combate com os cruzadores, já era tarde.

Os navios britânicos foram tratar os danos causados pelo embate com o Scharnhorst e se reabastecer na Baía de Kola. Fraser recebeu as congratulações de Golovko e lhe contou os detalhes da batalha. Enquanto isso, os 36 alemães capturados continuavam detidos e isolados, mesmo se sabendo que o almirante soviético se interessaria em obter deles informações sobre a situação nas bases germânicas.

Finalmente ficou claro para Golovko o objetivo da “visita” dos ingleses a Polyarny. Eles preparavam uma armadilha para o Scharnhorst. Tudo levava a crer que os ingleses tinham alguém infiltrado em Altafjord e talvez até mesmo no entorno do Almirante Dönitz. Souberam por ele, com dias de antecedência, da preparação do ataque do encouraçado alemão ao comboio. Afinal, como era possível que Golovko recebesse da missão britânica, em Polyarny, a informação sobre a partida do Scharnhorst com 11 horas de antecedência? Fraser, obviamente, recebera o aviso ainda mais cedo, partindo subitamente da Baía de Kola, onde ficou ziguezagueando com a sua esquadra entre a Islândia e a ilha de Medved, fora das vistas da espionagem alemã. O caçador espreitou o caçador e foi bemsucedido.

Os ingleses, povo insular com antiga tradição naval, sempre valorizaram o afundamento de navios de guerra inimigos até mais do que as vitórias. Durante a Segunda Guerra Mundial, perseguiram, de tempos em tempos, os navios de guerra alemães. Em setembro de 1943, pouco depois da Operação Sizilien, um minissubmarino britânico de classe X conseguiu passar entre minas e armadilhas de redes e plantar uma mina na popa do Tirpitz, que, graças à explosão, ficou afastado das operações por meio ano. Assim que foi reparado nas docas, bombardeiros britânicos começaram a lançar sobre ele bombas de seis toneladas, capazes de atravessar qualquer blindagem.

Danificado, o “terror dos mares” foi enviado para outro esconderijo, em um fiorde perto de Tromsø, de onde não ousou sair para mar aberto. Levaram-no para a parte rasa e o transformaram em bateria da costa. Apesar das grandes perdas sofridas durante os voos, os ingleses



não deram trégua enquanto o Tirpitz não foi emborcado e destruído pelas bombas, o que aconteceu em 12 de novembro de 1944³⁹.

Apagouse assim, definitivamente, a estrela da esquadra de guerra alemã. Entretanto, Hitler ainda contava, naquele período, com forças terrestres e navais suficientes no norte da Noruega.

A Ofensiva Soviética e o Fim da Batalha do Ártico

Em 1944, após consultas em Moscou, Golovko convocou o jovem e robusto tenente Viktor Leonov, quem havia servido em submarinos. Suas ordens eram para que se fizesse uma incursão de reconhecimento na retaguarda inimiga, como preparativo para uma ofensiva. No sul, o Exército Vermelho avançava de todos os lados, libertando Kharkov, Kursk, Bryansk, Smolensk, Kiev e expulsando os alemães do Dniepr. Chegara a vez do norte.

A primeira tarefa era penetrar 170 km dentro do território inimigo, na península de Varanger. Havia informações de que os alemães estavam trasladando tropas pela estrada entre Vardö e Vadsö. Não se sabia de que divisões tratavam quais as suas missões. Era necessário chegar até lá, atacar alguma coluna de veículos e trazer um prisioneiro ou “língua”, como apelidavam.

Em uma noite clara de dezembro e com o tempo bastante instável, após sua quarta tentativa, os torpedeiros do capitão Shabalin e o grupo de reconhecimento partiram da Baía de Kola, alcançando a península de Varanger. Leonov cogitava sobre a possibilidade de as informações sobre a movimentação de tropas serem imprecisas e, no final, todo o esforço e risco terem sido em vão.

Dirigiuse, primeiramente, à ilha de Lille-Ekkere, onde havia um farol. Lá, obteve a confirmação com o vigia, um norueguês de origem russa, de que enormes colunas de veículos se movimentam pela estrada, mas somente de dia. Os torpedeiros aguardaram o anoitecer e a escuridão. Com as fortes ondas, o desembarque teve que ser feito

³⁹ Ibid. P. 170.

em botes de borracha, a quase três quilômetros da estrada, para evitar as patrulhas alemãs.

Mal arrastaram os botes, avistaram as luzes dos automóveis que vinham pela estrada. Leonov convenceuse de que poderia se tratar da última coluna e que não poderiam esperar mais, sob risco de serem descobertos. Os batedores correram para a estrada, como se fossem atletas, jogando fora tudo o que pudesse atrapalhar: mochilas, latas de conserva, casacos acolchoados. Ficaram somente com granadas, metralhadoras, pistolas e facas.

Quando chegaram à estrada, os veículos estavam bem próximos. O grupo dos tenentes Leonov e Nikandrov espalhouse pelas duas margens da estrada e o do tenente Barinov foi mais adiante, de modo que a coluna passaria pelos dois primeiros, sendo detida pelo terceiro.

Eram oito veículos, sendo o último um ônibus militar. Uma explosão fez com que todos parassem subitamente, chocandose uns com os outros e obstruindo a estrada. De frente e dos lados choveram granadas e tiros de metralhadora. Leonov e um par de homens partiram para cima do ônibus, onde imaginavam que haveria oficiais. Alguns alemães que já haviam saído começaram a atirar, mas uma granada os silenciou. Um soldado das tropas de montanha atacou Leonov com metralhadora na mão, mas o experiente oficial soviético o derrotou na luta corpo a corpo, capturando a tão esperada “língua”⁴⁰.

Os outros exploradores trouxeram outros prisioneiros e recolheram documentos dos automóveis, enfim, tudo o que o almirante queria. Todos se retiraram imediatamente, uma vez que outra coluna se aproximava e as tropas de montanha que estavam nos veículos começaram a atirar na direção onde achavam que os soviéticos estariam, mas estes já haviam embarcado nos torpedeiros de Shabalin.

Alguns dias depois, os jornais alemães publicaram uma nota do alto comando da Wehrmacht, informando que os russos haviam desembarcado uma tropa numerosa na península de Varanger, com

⁴⁰ Ibid. Pp. 174 e 175.



o objetivo de ocupar o norte da Noruega, mas que a mesma fora “em parte destruída e em parte empurrada para o mar”. A tal “tropa numerosa” contava com 33 homens, não tendo morrido nenhum durante a ação.

Com a mudança da conjuntura, os planos de Hitler no Norte visavam a defender o níquel, uma vez que a perda do abastecimento desse minério fundamental seria desastrosa para os alemães. A despeito de os submarinos terem continuado a atacar os comboios e os aviões, bombardeando Murmansk, a atenção principal das forças nazistas estava voltada primordialmente para a proteção das minas de níquel de Petsamo e Kirkenes e dos cargueiros que levavam o minério para a Alemanha. Cada cargueiro era acompanhado por cinco a sete navios de escolta.

Os alemães construíram a chamada circunvalação da Lapônia, um sistema de defesa pesadamente fortificado e armado, com uma guarnição numerosa, estendendo-se da costa até 90 km terra adentro. Esse cinturão defensivo consistia em pontos-fortes e centros de resistência adaptados àquele tipo de defesa. As trincheiras eram reforçadas com concreto e alguns pontos-fortes eram unidos por túneis abertos nas rochas. Havia de 15 a 20 casamatas por quilômetro de front e o sistema de defesa tinha três linhas. Por outro lado, a estrutura era diversificada e havia apresentações de teatro, cinema e concertos para os soldados. Contavam com duas rádios, que transmitiam diariamente para as tropas de montanha.

Enquanto isso, grupos soviéticos de reconhecimento penetravam cada vez mais na região da circunvalação. Desembarcavam de lanchas torpedeiras, barcos de pesca e submarinos. Os alemães não conseguiam controlar centenas de milhas de uma margem acidentada com inúmeros fiordes profundos e enseadas escondidas. Especialmente porque os habitantes locais, pescadores noruegueses, definitivamente não estavam do seu lado, sendo que alguns trabalhavam diretamente para a espionagem soviética, prestando-lhe grandes serviços. A simpatia e apoio dos noruegueses em relação à URSS eram cada vez maiores, inclusive ajudando os 100 mil

prisioneiros de guerra soviéticos no país, muitos dos quais escaparam do cativeiro e ajudaram na resistência aos nazistas⁴¹.

Três espões, Vladimir Lyande, Mikhail Ignatov e Mikhail Kostin, saltaram de paraquedas na península de Varanger, na mesma época em que os destacamentos de Leonov ali operavam. Durante nove meses, mudando constantemente de lugar para não serem detectados pelos alemães, passaram informações sobre os veículos e comboios navais inimigos. Após esse período, foram evacuados por uma lancha torpedeira.

A infiltração dos destacamentos soviéticos na circunvalação da Lapônia fez com que, excetuando esses 90 km, não houvesse na região de Murmansk nenhum front contínuo. A tundra litorânea convertia o local em um terreno acidentado, com florestas densas e vários rios e lagos, tornando-se um obstáculo para a movimentação de grandes unidades. Diante disso, os alemães mantinham uma vigilância escassa, suficiente apenas para evitar algum tipo de surpresa vinda do outro lado.

Os destacamentos de guerrilheiros Sovietskiy Murman e Bolshevik Zapolyarya operavam a partir de bases na parte não ocupada da terra soviética. Penetravam nas brechas do front e se infiltravam cada vez mais adentro do terreno inimigo. Suas ações duravam de 20 a 50 dias e chegavam a distâncias de 250 a 500 km, no verão e no inverno. Os destacamentos interrompiam o transporte na estrada Rovaniemi – Petsamo, explodiam pontes, cortavam linhas telefônicas e derrubavam torres de alta tensão, atacando sentinelas e guarnições inimigas⁴².

No dia 29 de setembro de 1944, o comandante do front da Carélia, que se estendia de Leningrado até o mar de Barents, general Meretsov, convidou o almirante Golovko e o comandante do 14º Exército, general Scherbakov, para analisarem, juntamente com outros oficiais,

⁴¹ Grechko, A. A. (1985). Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz. P. 164.

⁴² Bártil, St. (1968). Zkáza černé eskadry (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. P. 178.



mapas detalhados contendo informações colhidas pelos espões e voos de reconhecimento.

Na circunvalação da Lapônia, estavam alojados o 10º Corpo de Montanha, composto pela 2ª e 6ª Divisões de artilharia de montanha, a 388ª Brigada de granadeiros e outras unidades alemãs. Havia também pelo menos 160 aviões de combate da 5ª Flotilha aérea e 200 navios de porte pequeno e médio do grupamento naval Nord, cobrindo a localidade pelo ar e pelo mar⁴³.

O comandante das forças alemãs no Norte, general Lothar Rendulic, substituto do falecido Dietl, tinha, na região de Murmansk, 50 mil soldados, 600 canhões, 500 morteiros, 3.000 metralhadoras, 145 canhões antitanque e 80 lança-chamas.

Os nazistas dispunham, no total, de 350 mil homens. Uma força maior do que no início da guerra⁴⁴. A principal prova da mentalidade do comando alemão era uma ordem encontrada pela contraespionagem soviética no porta-mapas de um oficial nazista morto. Datava de 12 de setembro de 1944 e dizia:

“Daremos aos russos a possibilidade de atacar a nossa posição fortemente guardada e depois os destruiremos com um contragolpe poderoso. Todas as vantagens estão do nosso lado... Por isso, temos que mostrar aos russos aqui, que ainda existe o exército alemão e que ele sustenta a front que é, para nós, inatingível”.

Uma semana antes, as unidades finlandesas cessaram fogo e ergueram a bandeira branca. O governo finlandês havia compreendido a situação e pediu paz à URSS. Os alemães perderam seu único aliado no Norte, o qual, além disso, voltouse contra eles. Os nazistas começaram a se retirar da Finlândia para a Noruega e se concentrar na defesa de Petsamo, Nikel, Kirkenes e vias de abastecimento.

⁴³ Ibid. P. 179.

⁴⁴ Grechko, A. A. (1985). Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz. Pp. 164 e 165.

O 19º Corpo de montanha contava com suprimentos suficientes para meio ano e tinha a capacidade de se defender plenamente.

Entretanto, durante meses preparavase uma surpresa para o general Rendulic. Desde a primavera, as unidades de sapadores abriam caminhos em regiões onde antes não era possível construir nada. Era necessário cobrir vastos pântanos, riachos e elevações rochosas. Os sapadores espalhavam toneladas de cascalho e colocavam centenas de esteiras de vime. Por estes “caminhos” chegariam as surpresas, avançando lentamente, ocultas por redes camufladas e galhos amarrados, esperando pelo sinal no local determinado.

No dia 7 de outubro, às 8 horas da manhã, a terra tremeu. Os canhões e morteiros do 14º Exército despejaram uma tempestade de ferro e fogo sobre as posições de vanguarda dos alemães e a seguir, na circunvalação da Lapônia. Esse bombardeio durou duas horas e meia.

Retirada depois a camuflagem, blindados cinzentos avançaram contra as tropas de montanha. Como era possível? Tanques pesados na tundra! Meretskov teve que comunicar a Stálin em pessoa, por telefone, que havia ligado para o Estado-Maior, no front da Carélia. Poucos acreditavam que tanques pesados conseguiriam na tundra algo além de afundar em um pântano⁴⁵.

Os tanques avançavam pelos caminhos construídos pelos sapadores, destruindo o que havia pelo caminho. Os alemães não tinham uma defesa suficiente contra eles, pois contavam, no máximo, com tanques médios e sua artilharia não conseguiria perfurar os blindados. O principal golpe no flanco esquerdo foi desferido pelas 99ª e 131ª divisões de atiradores, do lago Tchapr até a estrada Luostari – Petsamo. No flanco direito, outras unidades atacaram a linha alemã entre Litsa Ocidental e Musta-Tunturi.

Simultaneamente, a Frota do Norte entrou em ação com novos torpedeiros, cruzadores e um encouraçado (em sua maioria, navios italianos conquistados como butim de guerra). Isso permitiu um

⁴⁵ Bártl, St. (1968). *Zkáza černé eskadry* (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. P. 181.



fogo de cobertura potente às unidades que avançavam. Submarinos e lanchas torpedeiras avançaram para o oeste a fim de bloquear os portos inimigos.

Pouco depois, a 63ª Brigada de Infantaria Naval, comandada pelo coronel A. M. Krylov, desembarcou na retaguarda inimiga, isolando os destacamentos em Litsa Ocidental e Titovka do caminho para Petsamo⁴⁶.

Cerca de 200 homens das tropas de Ivan Bartchenk e Viktor Leonov saíram da tundra, contornaram as pesadas baterias costeiras e as tomaram após violento combate. Com a melhora do tempo, somaram-se à batalha aviões da 7ª Armada Aérea e da Frota do Norte, num total de mil aeronaves de combate. Após uma semana de combates, a espionagem informou que os alemães estavam explodindo instalações em Petsamo e no porto de Liinakhamari, para deixar terra arrasada na retirada. Diante disso, Golovko decidiu-se por uma ação rápida.

Enquanto o 14º Exército concluía o cerco de Petsamo a partir do sul, lanchas rápidas de Alexandr Shabalin, com destacamentos de paraquedistas, comandados pelo major I. A. Timofeiev, penetraram, na noite de 12 para 13 de outubro, na Baía de Petsamo, indo diretamente para o cais do porto de Liinakhamari. Os alemães lutaram com afinco, mas, por fim, tiveram que recuar sem conseguir destruir tudo⁴⁷.

Ainda ocorriam combates em torno de Liinakhamari e Petsamo quando a lancha do comandante da Frota se dirigiu à baía. Golovko desembarcou no molhe destruído e conversou rapidamente com seus oficiais. Circulou pelo porto, de cujas águas se erguiam os destroços de navios afundados e em cujo cais jaziam canhões, fuzis e uniformes abandonados. Hitler nunca mais receberia seu níquel⁴⁸.

⁴⁶ Grechko, A. A. (1985). Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz. P. 166.

⁴⁷ Ibid. Op. Cit, p. 167.

⁴⁸ Bártl, St. (1968). Zkáza černé eskadry (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO. Op. Cit, p. 182.

Golovko dirigiu-se ao prédio do hotel onde horas antes estava sediado o Estado Maior da base naval alemã. O almirante ocupou o escritório do comandante da base e ouviu de seus oficiais os informes detalhados sobre o fim da operação em Petsamo, como cada um havia combatido, quem caíra e quem deveria ser indicado para condecoração. Subitamente, um ajudante-de-ordens entrou gritando:

“Camarada almirante, ordens de Moscou”!

E ligou o rádio e ouviu-se a voz vibrante e solene do locutor Yuri Levitan:

“... ao general de exército Meretskov e ao almirante Golovko. Os exércitos do front da Carélia romperam uma defesa alemã solidamente fortificada a noroeste de Murmansk e hoje, 15 de outubro, com a participação conjunta de navios e paraquedistas da Frota do Norte, ocuparam a cidade de Petsamo, uma base naval fundamental e poderoso ponto-forte dos alemães no Extremo Norte... Hoje, às 21 horas do dia 15 de outubro, a capital de nossa Pátria, Moscou, saúda os heróis do front da Carélia, os navios e as tropas da Frota do Norte com vinte salvas de 224 canhões”⁴⁹.

Golovko suspirou profundamente. Há muito tempo esperava por esse momento, que parecia um sonho distante e que finalmente chegara, após três anos, três meses e quatorze dias. No dia seguinte, a infantaria naval desembarcou em Kirkenes. A Batalha do Ártico chegara ao fim.

Epílogo

Os submarinos e bombardeiros alemães das bases restantes na Noruega seguiram atacando os comboios para Murmansk, na maioria das vezes inutilmente. Somente na primavera de 1945 foram ouvidos os últimos disparos no Ártico.

⁴⁹ Ibid. P. 183.



A despeito de a maior parte da historiografia ocidental ignorar a importância desse front na Segunda Guerra Mundial, a literatura soviética e de autores ocidentais sérios resgatou o papel crucial que o mesmo desempenhou no conflito. Ali se conseguiu o que não havia sido alcançado em lugar algum da Europa durante toda a guerra: deter no seu nascedouro e de maneira definitiva o ímpeto das forças nazistas. Pôde-se assegurar, assim, os portos estratégicos do Norte e a principal rota de abastecimento de material bélico aliado para a União Soviética.

Ao final da guerra, feitos os cálculos, chegou-se a números impressionantes. Zarparam para Murmansk e Arkhangelsk 811 cargueiros em 40 comboios. Segundo fontes britânicas, carregavam uma parte substancial dos suprimentos para a URSS, que chegavam a 20 mil aviões, 12 mil tanques, 375 mil caminhões, 8 mil canhões antiaéreos, 5 mil canhões antitanque, 2 mil locomotivas, 11 mil vagões, 1.800 equipamentos de radar, 473 milhões de balas, 2,5 milhões de toneladas de petróleo, 15 milhões de pares de sapatos, alimentos no valor de 1 bilhão de dólares, entre outras coisas⁵⁰.

Boa parte dos suprimentos não chegou ao seu destino. Os alemães afundaram 99 navios dos comboios do Norte. Outros explodiram ao se chocarem com minas ou foram destruídos pelo gelo. Em torno de sete oitavos dos carregamentos chegaram ao objetivo final. A grande questão que se coloca, desde então, é: a União Soviética poderia ter vencido sem os suprimentos aliados?

Historiadores ocidentais constantemente buscam reescrever a História, minimizando o papel da União Soviética na Guerra e atribuindo suas vitórias ora ao chamado “General Inverno”, ora ao apoio “fundamental” dos aliados.

Que os números falem por si: a indústria soviética fabricou, nos três últimos anos da guerra, 100 mil tanques, 120 mil aviões, 360 mil canhões, 300 mil morteiros, 30 bilhões de balas, etc.⁵¹ Devese considerar que boa parte do país havia sido ocupada ou destruída.

⁵⁰ Ibid. P. 185.

⁵¹ Ibid. Op. Cit, p. 186.



Os suprimentos aliados, nos termos da lei de Lend and Lease, chegaram a uma proporção de 4% em comparação com a produção militar total da URSS. Durante toda a guerra, os EUA proporcionaram aos seus aliados armamentos e mercadorias no valor de 46,7 bilhões de dólares, dos quais couberam a URSS apenas 10,8 bilhões de dólares, montante completamente desproporcional à contribuição do país para a derrota definitiva da Alemanha nazista⁵².

Não foi, então, uma ajuda tão decisiva, de modo que a União Soviética poderia ter vencido sem ela. Mas é inegável que a ajuda foi significativa e valiosa e, de certa maneira, representou um alívio para o país que arcou com o maior fardo da guerra e realizou a maior parte do trabalho pesado na derrota da Alemanha Nazista.

A Frota do Norte, de Golovko, cumpriu uma tarefa hercúlea na defesa da Península de Kola e da rota de abastecimento setentrional. Afundou centenas de navios nazistas nas costas norueguesas e, nas operações de defesa e ataque, liderou com maestria os combates em terra firme.

Este trabalho inédito buscou trazer ao conhecimento dos leitores e estudiosos brasileiros a existência de um front desconhecido, porém decisivo, da Segunda Guerra Mundial. Para além das grandes batalhas já conhecidas do front oriental, como Moscou, Stalingrado, Sebastopol, Kursk, os soviéticos demonstraram sua eficiência e heroísmo também nos combates navais, combinados com operações terrestres no Ártico, com seu desempenho reconhecido, ao menos naquela época, pelos aliados ocidentais.

Referências

- Aragon, L. (1966). *Souběžně Dějiny USA a SSSR – Dějiny SSSR v letech 1917–1960* (História paralela dos EUA e da URSS – História da URSS nos anos 1917–1960). Praga, Mladá Fronta.
- Bártl, St. (1968). *Zkáza černé eskadry* (A destruição da esquadra negra). Praga: MNO.

⁵² Iermeev, L. (1985). *A União Soviética na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Revan. P. 78.



- Butler, S. (org.). (2008). *Prezado Sr. Stálin – Os bastidores da Segunda Guerra Mundial na correspondência completa entre Roosevelt e Stálin*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Deborin, G. (1966). *Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Fulgor.
- Grechko, A. A. (1985). *Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz.
- Gurevich, S., & Klímov, I. (1975). *La gran guerra patria de la Union Sovietica*. Moscou: Progreso.
- Ieremeev, L. (1985). *A União Soviética na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Revan.
- Likso, B. B., Mernikov, A. G., & Spektor, A. A. (2017). *Velikaya Otetchestvenaya Voyna (A Grande Guerra Patriótica)*. Minsk: Kharvest.
- Pitillo, J. C. P. (2014). *Aço Vermelho – Os Segredos da Vitória Soviética na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco.
- Revunenkov, V. G. (1957). *História dos Tempos Atuais: 1917/1957*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro.
- Silva, F. C. T., Pitillo, J. C. P., Vinhas, R. Q., & Santos, R. S. (org.). (2017). *A Segunda Guerra Mundial e seus Momentos Decisivos*. São Paulo: Nova Cultura.
- Stálin, J. (2016). *Sobre a Grande Guerra Patriótica da União Soviética* (org. J. C. P. Pitillo, & R. Q. Vinhas). São Paulo: Nova Cultura.
- Utkin, A. (2017). *Russkie vo Vtoroi Mirovoi Voynie (Os russos na Segunda Guerra Mundial)*. Moscou: Algoritm.
- Werth, A. (1966). *A Rússia na guerra: 1941-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

TEMPESTADE VERMELHA EM AGOSTO: A BATALHA DEFINITIVA ENTRE UNIÃO SOVIÉTICA E JAPÃO NA MANCHÚRIA



Mariana Magalhães Barreto Leite da Silva

Pós-doutora em relações internacionais pela Universidade do Estado Livre, África do Sul, doutora em Políticas Públicas Internacionais pela Universidade de Osaka, Japão

Introdução

No momento em que a Segunda Guerra Mundial chegava a seu fim na Europa, com a rendição alemã, a movimentação militar no oriente ainda era mantida e batalhas sangrentas eram travadas. O império japonês não mostrava sinais de cumprir a exigência de rendição apresentada pelos Aliados.

Durante as Conferências de Yalta e, posteriormente, Potsdam, Estados Unidos, Reino Unido e União Soviética traçaram planos para conter e eliminar a ameaça japonesa no extremo oriente. Entre esses planos, estava a Operação Downfall, que foi focada na invasão das principais ilhas do território e, conseqüentemente, a ofensiva final contra o império japonês. Dentre os avanços inclusos no preparo da ofensiva final contra o arquipélago nipônico, estavam batalhas como a Batalha de Iwo Jima – entre Estados Unidos e Japão – e a Operação Tempestade de Agosto – entre União Soviética e Japão.

A tendência de negligenciarmos a parcela oriental da guerra, ligada principalmente à nossa proximidade cultural com a Europa, se agrava ainda mais quando tratamos a participação e a bem-sucedida colaboração soviética no front oriental. Tal quadro é ainda mais agravado pela disputa ideológica que se desenrolou durante a Guerra Fria e, por fim, subjugou a produção intelectual sobre as atuações do Exército Vermelho. Muito se sabe sobre a atuação das tropas norte-americanas na contenção do imperialismo japonês, mas pouco ou quase nada se escuta sobre o quão importante foi



a ação das tropas soviéticas para a rendição japonesa em agosto de 1945. O cenário oriental da guerra apresentou igual importância para a conjuntura histórica contemporânea, bem como as investidas russas sobre os territórios ocupados pelo Japão foram fundamentais no desenrolar dos últimos momentos da Guerra do Pacífico.

Batizada pelos soviéticos como “Ofensiva Estratégica da Manchúria” e pelos norte-americanos como “Operação Tempestade de Agosto”, a ofensiva soviética na região da Manchúria abriu as portas para o avanço do Exército Vermelho sobre territórios ocupados pelo exército japonês e, tendo sido a última grande batalha da Guerra do Pacífico e da Segunda Guerra Mundial, foi o tiro de misericórdia para o império nipônico. Tal batalha foi considerada a mais bem-sucedida pelas forças soviéticas no extremo oriente e, até mesmo, uma das mais significativas para a derrocada japonesa.

Desta forma, este artigo busca explorar e esclarecer detalhes sobre este momento tão fundamental para a União Soviética, enquanto um ator internacional influente, e também para as forças militares soviéticas, na condição de forças decisivas para os resultados finais das batalhas na Guerra do Pacífico. Partindo, inicialmente, de um breve olhar sobre o expansionismo imperialista japonês e a ocupação da Manchúria, passando pela movimentação estratégica das forças soviéticas no extremo oriente, desenvolvendo detalhes da batalha em si e, por fim, avaliando as consequências do avanço soviético sobre o Japão, o trabalho buscará trazer a tona questões e informações ainda negligenciadas pela literatura (principalmente brasileira) no que se refere ao desenrolar da Guerra do Pacífico.

A movimentação imperialista japonesa

“A movimentação imperialista japonesa na Ásia teve início muito antes do período considerado como o oficial para a chamada Guerra do Pacífico”¹. Já no fim do século XIX, as forças japonesas avançavam sobre territórios vizinhos, tendo como consequência dois embates

¹ Silva, M. M. B. L. da. Ilha de Enxofre: A invasão aliada a Iwojima. In J. C. P. Pitillo, F. C. T. da Silva, R. Q. V., & R. S. Santos. (Org.). A Segunda Guerra Mundial em Seus Momentos Decisivos. São Paulo: Edições Ciências Revolucionárias. P. 2.

de nível internacional, contra a China – em 1894 – e contra a Rússia Czarista – em 1904.

A Guerra Sino-Japonesa trouxe à tona a disputa do controle sobre a Península Coreana e foi vencida pelas forças japonesas, fazendo com que a China abrisse mão de qualquer tipo de controle sobre a Península Coreana ao fim do conflito e o império japonês assumisse o controle da região. Dez anos após o início da Guerra Sino-Japonesa, Japão e Rússia também se enfrentaram na conhecida Primeira Guerra Russo-Japonesa, no qual o território da Manchúria, na porção norte da China, foi disputado pela primeira vez em um confronto armado entre os dois países. “O Japão foi vitorioso novamente, mesmo apresentando menor contingente e tendo uma frota formada por navios consideravelmente menores”².

Japão e a Rússia mantiveram uma constante disputa pelo domínio da Manchúria, especialmente no início do século XX, e gerou uma constante preocupação por parte da China em relação à região; tal preocupação teve como consequência inclusive uma grande migração interna a fim de garantir os interesses chineses na região, o que não teve resultados diante do forte investimento japonês em prol dos interesses econômicos do arquipélago na região³.

Tropas japonesas invadiram a Manchúria em 1931, logo após o chamado “Incidente da Manchúria”. Na noite de 18 de setembro daquele ano, soldados do exército japonês destruíram parte da linha férrea da Manchúria e o comandante da brigada Kwantung, Honsho Shigeru, assumindo o caso como uma ação chinesa, ordenou o ataque que levou à ocupação por completo da região. Mesmo depois de

² Vale destacar que tal conflito foi fundamental para a história russa, pois marcou o início das revoltas internas contra o governo absoluto do Czar Nicolau II e, conseqüentemente, abriu caminho para a Revolução de 1917. SILVA, Mariana M. B. L. da. “Ilha de Enxofre: A invasão aliada a Iwojima.” In: João Claudio Platenik Pítillo; Francisco Carlos Teixeira da Silva; Ricardo Quiroga Vinhas; Roberto Santana Santos. (Org.). *A Segunda Guerra Mundial em Seus Momentos Decisivos*. São Paulo: Edições Ciências Revolucionárias, 2017. P. 2

³ Smith, N. (2017). Introduction. In N. Smith, *Empire and Environment in the Making of Manchuria*. Vancouver: University of British Columbia Press. Pp. 8–9.



provada a tramoia japonesa em relação à explosão da linha, o governo japonês manteve a posição, aumentou o número de militares na região, assumindo definitivamente a invasão. Posteriormente, em 1932, os japoneses estabeleceram o estado de Manchukuo, sobre liderança do último imperador chinês, Pu Yi⁴.

A brigada Kwantung foi uma unidade de infantaria do exército japonês envolvida nas abordagens em solo chinês, mais especificamente na Manchúria, onde serviram nomes como Hideki Tojō, que seria apontado como primeiro-ministro durante o período da Segunda Guerra Mundial. Originalmente, a unidade foi estabelecida cerca de 20 anos antes do incidente que levou à ocupação da região, para defender a Ferrovia do Sul da Manchúria, controlada pelo Japão. A unidade do exército imperial japonês ficava estacionada permanentemente no território concedido de Kwantung, na Península de Liaodong – daí a escolha de seu nome, que significa “leste de Shanhaiguan”, uma área a leste do território, no extremo fim da Muralha da China. Até o incidente, a unidade tinha pouco mais de 10.000 homens, mas foi reforçada com a ocupação japonesa a fim de suprimir qualquer resistência anti-japonesa⁵.

Manchukuo ficou conhecido como um “Estado fantoche”, por ser basicamente controlado por forças japonesas, apesar de sua suposta independência e de apresentar seu próprio governo.

O governo japonês reconheceu Manchukuo em 15 de setembro (de 1932) e assinou o “Protocolo Nipo-Manchukuo” que certificou e garantiu os interesses japoneses. O protocolo especificou o acordo de defesa mútua entre Japão e Manchukuo e uma permanência incondicional de tropas japonesas, justificando assim a ocupação

⁴ Hsu, Chieh-Lin. (2007). The Success of Japan's Multi-directional Diplomacy in Modern Times. In Beng, Ooi Kee, & Ming, Ding Choo (Org.), *Continent, coast, ocean: dynamics of regionalism in Eastern Asia*. Universiti Kebangsaan Malaysia. Institut Alam dan Tamadun Melayu, Institute of Southeast Asian Studies. Institut Alam dan Tamadun Melayu, Institute of Southeast Asian Studies. P. 18–20.

⁵ Yoshizawa, T. (2007). The Manchurian Incident, the League of Nations and the Origins of the Pacific War: What Geneva archives reveal. In *The Asia-Pacific Journal*, 5(12).

japonesa da Manchúria e a crescente agressão japonesa. Em 20 de setembro, o governo chinês declarou que Manchukuo era uma organização fantoche e que o reconhecimento de Manchukuo pelo Japão foi um desafio desrespeitoso à Liga das Nações⁶.

Como membro da extinta Liga das Nações naquele momento, o Japão era impedido de realizar avanços sobre territórios vizinhos, porém, contrariando os esforços feitos pela comunidade internacional a fim de impedir um novo conflito internacional, o governo japonês deixou a Liga das Nações no ano de 1933. Em fevereiro desse ano, a Liga havia se reunido e decidido notificar o Japão, exigindo a retirada das tropas japonesas da região chinesa, o que levou o Japão a abandonar a organização⁷. Em 1936, o império aliouse ao Eixo europeu formado por Alemanha e Itália.

Após o alinhamento com o Eixo, outras partes da China também foram invadidas, como as cidades de Pequim, Shangai e Nanquim. “Após o avanço sobre a China, a expansão nipônica sobre toda a região asiática foi ampla e veloz. A primeira metade da década de quarenta trouxe ao pequeno território japonês a anexação de quase todos os países asiáticos vizinhos⁸. Em cinco anos – entre 1940 e 1945 – o Japão expandiu espantosamente seu pequeno território, chegando a ameaçar até mesmo algumas regiões da Oceania e da América do Norte.

Em 1940, tropas japonesas avançaram sobre a Indochina Francesa e países próximos. No ano seguinte, observando a ameaça japonesa, os EUA implementaram uma sanção e suspenderam a exportação de petróleo para o país. Tal sanção levou ao ataque do arquipélago de Pearl Harbor, em dezembro do mesmo ano, como uma forma de demonstrar o poder japonês mesmo sobre a grande potência norte-americana.

⁶ Hsu, Chieh-Lin. (2007). The Success of Japan's Multi-directional Diplomacy in Modern Times. In Beng, Ooi Kee, & Ming, Ding Choo (Org.), *Continent, coast, ocean: dynamics of regionalism in Eastern Asia*. Universiti Kebangsaan Malaysia. Op. Cit. P. 20 [Trad. Minha].

⁷ Ibid. Op. Cit. P. 20.

⁸ Silva, M. M. B. L. da. Ilha de Enxofre: A invasão aliada a Iwojima. In J. C. P. Pitillo, F. C. T. da Silva, R. Q. V., & R. S. Santos. (Org.). *A Segunda Guerra Mundial em Seus Momentos Decisivos*. São Paulo: Edições Ciências Revolucionárias. P. 63.



Em 1942, o avanço japonês se manteve e mais territórios foram tomados (Ilhas Gilbert, Filipinas, Ilhas Marianas, Bornéu, Tailândia, Hong Kong, Manila, Papua Nova Guiné, Singapura e Sumatra). Outros territórios também foram atacados neste ano, apesar de não terem sido efetivamente anexados ao império japonês, como o norte da Austrália, o Ceilão e até mesmo a costa oeste do Canadá. Porém, após o massivo ataque a Pearl Harbor e forte negociação política doméstica, o ano de 1942 também marcou a entrada dos EUA na guerra e o início do avanço norte-americano, com o desembarque em Guadalcanal⁹.

O início da ofensiva aliada no Pacífico, somado às sanções impostas pelos Estados Unidos ao Japão, levaram ao início da derrocada japonesa. Apesar de ter se apresentado como uma grande potência naval, o Japão não pôde sustentar a guerra com a crise de recursos que se instaurou em seu território principal e, conseqüentemente, nos territórios tomados. Sendo assim, o ano de 1943 foi marcado pela tentativa de impedir a derrota através da Conferência da Grande Ásia, onde todos os encarregados de colônias japonesas foram convocados pelo General Tojo Hideki – primeiro-ministro japonês – e chamados a total mobilização em prol da vitória.

Porém, pouco pôde ser feito em relação ao avanço Aliado sobre os territórios tomados pelo Japão. O quadro de contraofensiva dos Aliados reverteu rapidamente o sucesso japonês e, através de uma estratégia meticulosamente traçada, tornou-se difícil para os japoneses evitar a derrota. O código naval japonês foi quebrado pelos Aliados em 1942, o que levou à descoberta das intenções do almirante Yamamoto de capturar a ilha de Midway e à batalha que mudou completamente o rumo da guerra no palco oriental¹⁰. Após Midway, a derrota japonesa era uma questão de tempo e paciência. Em meio ao planejamento e avanço sobre o Japão, estava o posicionamento estratégico representado pelo arquipélago de Nanpo e sua ilha principal, Iwo Jima.

⁹ Ibid. P. 3.

¹⁰ Rawson, A. (2012). *Battle Story: Iwo Jima 1945*. Stroud: The History Press. P. 5.

Na Conferência de Teerã (novembro de 1943) e na Conferência de Yalta (fevereiro 1945), a proximidade do fim da guerra no ocidente levou os olhares dos aliados ao oriente. Apesar do acordo firmado entre União Soviética e Japão, “Joseph Stalin concordou em declarar guerra ao Japão três meses após a derrota da Alemanha”¹¹. Assim, teve início também a movimentação do Exército Vermelho na Guerra do Pacífico.

A estratégia soviética na Guerra do Pacífico

O governo japonês, observando o risco representado por uma possível entrada da União Soviética na Guerra do Pacífico e a abertura de mais um imenso e insustentável front de batalha, propôs ao governo soviético, no ano de 1941, meses antes da ofensiva contra a base naval norte-americana em Pearl Harbor, um tratado de não agressão. “Os japoneses, temendo um segundo front, tentaram evitar disputas de fronteira e preservar relações diplomáticas com os soviéticos”¹². O “Pacto de Neutralidade entre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e o Japão” foi firmado em 13 de abril de 1941. Nele, ambos os governos concordaram em:

Artigo 1: Ambas as partes concordam em manter relações pacíficas e amistosas entre elas e respeitar a integridade e inviolabilidade territorial da outra parte.

Artigo 2: Caso uma das partes tornese objeto de hostilidades por parte de terceiros, a outra parte observará neutralidade durante todo o conflito.

Artigo 3: O presente pacto entra em vigor a partir do dia de sua assinatura por ambas as partes e se mantém válido por cinco anos. Caso nenhuma das partes denuncie tal pacto um ano antes de sua expiração, este será considerado automaticamente prolongado pelos próximos cinco anos.

¹¹ Chen, P. C. Manchurian Strategic Offensive. In World War II Database. <https://ww2db.com/> [última visita: 26 de abril de 2018 – Trad. Minha].

¹² Pack, J. (1995). The Soviet Manchurian Campaign: Decisive victory over a desperate enemy. Core Course II Essay. Washington: National War College. P. 9 [Trad. Minha].



Artigo 4: O presente pacto é objeto de assinatura o quanto antes. Os instrumentos de assinatura devem ser realizados em Tóquio, também o quanto antes¹³.

O interesse em manter o Exército Vermelho longe e neutro, enquanto era previsível a entrada dos Estados Unidos na guerra – a partir do já planejado ataque contra as forças navais norte-americanas –, fica claro no segundo artigo do pacto. Ao mesmo tempo, a manutenção estratégica da União Soviética como aliada ou, ao menos, como uma força não-inimiga fica bastante clara já no primeiro artigo.

O mesmo pacto recebeu também um adendo relativo à Mongólia. Segundo o dito apêndice, a União Soviética se comprometia a respeitar a integridade territorial de Manchukuo, enquanto o Japão prometia respeitar da mesma forma a integridade territorial da República Popular da Mongólia¹⁴, à época, um dos Estados membros da União Soviética.

A tentativa alemã de invadir a União Soviética em junho de 1941, apesar do tratado de não-agressão entre ambas as nações, modificou definitivamente o posicionamento soviético. Foi este momento que causou a entrada da União Soviética na Segunda Guerra Mundial e, conseqüentemente, uma mudança na estratégia soviética no conflito. Como ator diretamente ligado ao conflito, Stalin se viu diante de uma oportunidade de expandir sua influência e atender aos interesses soviéticos.

Com a proximidade do fim da guerra, apresentavase um novo quadro internacional. A Guerra Fria mostrou claramente seu início nas últimas movimentações estratégicas da guerra. A própria entrada da União Soviética no conflito despertou desconfiança e demandou estratégias diplomáticas de ambos os lados.

Em abril de 1945, a União Soviética denunciou o pacto de neutralidade com o Japão, deixando de renová-lo um ano antes de sua expiração. O embaixador americano em Moscou informou ao governo norte-

¹³ PACT of Neutrality Between Union of Soviet Socialist Republics and Japan. 13 de Abril de 1941.

¹⁴ DECLARATION Regarding Mongolia. 13 de Abril de 1941.

americano, no dia 5 de abril, que o comissário soviético de relações internacionais havia encontrado o embaixador japonês na União Soviética e informado ao mesmo que o pacto de neutralidade entre Japão e União Soviética estaria encerrado no dia 13 de abril daquele ano. Considerando que o tratado havia sido finalizado antes da entrada soviética no front ocidental da guerra e que, como o Japão estava travando uma guerra contra os aliados soviéticos – EUA e Inglaterra –, já não fazia sentido prolongar a validade do tratado¹⁵.

Em abril de 1945, a aliança anglo-americana ainda acreditava que envolver a União Soviética na guerra contra o Japão era desejável. O General MacArthur acreditou que um ataque russo na Manchúria impediria o reforço das ilhas japonesas. O Almirante King¹⁶, representando a opinião minoritária, afirmou que os EUA poderiam vencer sem os soviéticos. Uma vez que o presidente Truman recebeu, em junho, os relatórios dizendo que os testes com a bomba atômica foram bem-sucedidos, ele também teve reservas quanto a receber o oportunista Stalin ao Pacífico. [...] No momento em que os Aliados se reuniram em Potsdam, em julho de 1945, Stalin sabia que poderia ser bem-sucedido e estava convencido de que a invasão poderia de fato servir aos interesses de seu país. [...] Stalin, desconfiando fortemente da aliança anglo-americana, precisava garantir a Manchúria antes da rendição japonesa. Ele acreditava que o controle soviético da Manchúria influenciaria a divisão pós-guerra das ilhas e a seleção do comandante supremo para comandar a ocupação¹⁷.

Como observado pelos japoneses já no fim do século XIX, a Manchúria representava uma área de grande valor estratégico tanto por sua localização geográfica, quanto por seus recursos naturais, para além do imenso valor político que assumiu no período da Segunda Guerra Mundial.

¹⁵ SOVIET Denunciation of the Pact with Japan. 5 de Abril de 1945.

¹⁶ Comandante em chefe da frota norte-americana e chefe das operações navais norte-americanas durante a Segunda Guerra Mundial.

¹⁷ Pack, J. (1995). *The Soviet Manchurian Campaign: Decisive victory over a desperate enemy*. Core Course II Essay. Washington: National War College. Pp. 3–4 [Trad. minha].



Desta forma, o governo soviético assumiu um posicionamento diplomático de duas faces: uma real, diante dos aliados no ocidente, e uma ilusória, para os japoneses. A movimentação militar soviética no extremo oriente foi tão bem-sucedida quanto a estratégia e a diplomacia adotada por Stalin. A manutenção de relações normais com o Japão, com a fabricação de barganhas políticas e diplomáticas, e até o fato de Stalin ter aceitado agir como mediador na negociação de uma rendição japonesa condicional, foram formas soviéticas de influenciar a percepção japonesa sobre uma possível invasão do Exército Vermelho¹⁸.

O planejamento da campanha na Manchúria começou em março de 1945, durante a última fase das operações na Europa, e o transporte de material e das tropas do front ocidental para o oriente teve início já no mês seguinte. Inicialmente, os soviéticos enviaram à região do extremo leste da Rússia o equipamento necessário – incluindo tanques, artilharia e unidades de engenharia direcionadas à diversidade de terrenos da Manchúria –, a fim de reequipar as unidades que já estavam estacionadas na fronteira com Manchukuo, e o envio massivo de homens aconteceu entre maio e julho, sendo que algumas unidades ainda estavam chegando quando a operação teve início, em agosto. O quartel-general soviético também foi transferido da Europa para as regiões do extremo oriente. “Para a movimentação de 9.000 a 12.000 km, os soviéticos utilizaram 136.000 vagões. Em junho e julho de 1945, 22 trens atravessaram a ferrovia Transiberiana por dia”¹⁹.

Apesar da movimentação de tropas soviéticas na fronteira, os japoneses não chegaram a suspeitar de uma possível ofensiva soviética na região. Além do posicionamento diplomático soviético, as peculiaridades da própria região do extremo oriente soviético não demonstravam condições consideradas 100% favoráveis para um possível ataque.

¹⁸ Ibid Op. Cit, pp. 5–6.

¹⁹ Glantz, D. M. (1983). August Storm: The Soviet 1945 Strategic Offensive in Manchuria. In Leavenworth Papers, número 7. Kansas: Combat Studies Institute, February. P. 1 [Trad. Minha].

O contingente principal do Exército Vermelho nunca foi mantido no extremo oriente do território e, sendo assim, uma batalha no extremo oriente parecia impossível. Alguns fatores, na primeira metade do século XX, prejudicavam a estratégia da União Soviética na região, entre eles estavam: a baixa densidade demográfica, a falta de recrutas e reservistas, a dependência econômica da região e a capacidade limitada de transporte através da Transiberiana²⁰.

Ao mesmo tempo, diversas características da região favoreciam imensamente os fatores militares de uma investida esmagadora por parte do Exército Vermelho. A complexidade do terreno – com estepes desérticas, montanhosas, arborizadas, pantanosas, terrenos com vegetação de taiga e grandes rios²¹ – apesar de imprimir dificuldades em termos de movimentação, representou uma vantagem para o exército soviético. “Geograficamente, o extremo leste da Rússia formava uma ferradura ao redor da Manchúria”²².

O plano soviético básico foi atacar em um front de aproximadamente 3.000 milhas (aproximadamente 5.000 km), em ofensivas concêntricas aos objetivos que ficavam a 800 km da fronteira no interior da Manchúria. Assim, os soviéticos cercaram a unidade Kwantung²³.

A movimentação de homens e material para o oriente envolveu constante reconhecimento de território, disfarce e sigilo. Os soviéticos contaram fortemente com movimentações noturnas para esconder dos japoneses a grande escala da realocação. O uso de áreas de concentração distantes da fronteira mascarou as intenções

²⁰ Hayashi, S. (1955). Study on Strategic and Tactical Peculiarities of Far Eastern Russia and Soviet Far East Forces. In Japanese Special Studies on Manchuria (Vol. XIII). Office of the Chief of Military History Department of the Army. Pp. 19–26.

²¹ Eronin, N. V. Маньчжурская операция 1945. <https://www.booksite.ru/> [última visita: 28 de abril de 2018].

²² Hayashi, S. (1955). Study on Strategic and Tactical Peculiarities of Far Eastern Russia and Soviet Far East Forces. In Japanese Special Studies on Manchuria (Vol. XIII). Office of the Chief of Military History Department of the Army. Op. Cit, p. 9 [Trad. Minha].

²³ Pack, J. (1995). The Soviet Manchurian Campaign: Decisive victory over a desperate enemy. Core Course II Essay. Washington: National War College. Op. Cit, p. 7.



de ataque, mas exigiu que as unidades se movimentassem por uma distância considerável para o ataque de agosto. Muitos comandantes de alta patente se infiltraram na área com nomes fictícios e utilizando baixas patentes. Enquanto o grande porte das movimentações soviéticas fez com que estas fossem impossíveis de mascarar, métodos de ilusão obscureceram a escala da capacidade de ataque soviética. A maior parte dos japoneses acreditava que os soviéticos só seriam capazes de lançar um ataque no outono de 1945 ou na primavera de 1946. Poucos enxergaram agosto como uma possibilidade. Até 25 de julho, o desembarque de forças soviéticas no extremo oriente estava praticamente completo. Os soviéticos tinham somente que definir uma data para o início das operações²⁴.

Somando as tropas de todos os regimentos do Exército Vermelho e da marinha soviética que foram envolvidos na invasão da Manchúria, antes estacionados na área e posteriormente recebendo os reforços transferidos da Europa para o front oriental, os números, que antes eram de meio milhão de homens, subiram para 1.669.500 militares, com mais 16 mil homens das forças aliadas da Mongólia²⁵.

Seguindo a estratégia traçada para a Operação Downfall e a invasão definitiva das ilhas principais do arquipélago japonês²⁶, a União Soviética declarou guerra ao Japão no dia 8 de agosto de 1945, dois dias depois do bombardeio atômico a Hiroshima. Naquele

²⁴ Glantz, D. M. (2003). Soviet Operational and Tactical Combat in Manchuria, 1945: 'August Storm'. London: Frank Cass. Op. Cit, p. 4 [Trad. Minha].

²⁵ SOLDAT. "Маньчжурская стратегическая наступательная операция: 9 августа – 2 сентября 1945 г."; in: https://web.archive.org/web/20080505031426/http://www.soldat.ru/doc/casualties/book/chapter5_10_1.html#5_10_51 [última visita: 29 de abril de 2018].

²⁶ "A invasão terrestre teve por objetivo derrotar o Exército Imperial japonês, que ocupava a Coréia e vastas porções da China, e preparar o início da invasão do arquipélago do Japão, programada para novembro de 1945." MELLO, Lane. "Batalha da Manchúria – A última grande batalha da Segunda Guerra Mundial"; in: Fatos Militares <https://fatasmilitares.com/batalha-da-manchuria-a-ultima-batalha-da-ww2/> [última visita: 28 de abril de 2018].



Soldados japoneses depõem as armas



Tenente-general K.N. Derevyanko assina o Ato de Rendição do Japão em nome da União Soviética



dia, o comissário soviético de Relações Internacionais informou ao embaixador japonês que, após a derrota de Hitler na Alemanha, o Japão tornou-se a única potência a manter a guerra e, como a demanda de rendição incondicional imposta pelas potências aliadas foi recusada, a mediação russa no assunto perdeu seu embasamento. Considerando a recusa japonesa em pôr fim ao confronto, os Aliados convidaram a União Soviética a participar do enfrentamento no palco oriental e reduzir o número de vítimas ao dar fim à guerra. Por acreditar que tal fato traria paz mais rapidamente, libertando a população de mais sacrifícios e sendo leal aos princípios e deveres Aliados, a União Soviética declarou guerra ao Japão e iniciou a ofensiva no dia seguinte – 9 de agosto de 1945²⁷.

Ofensiva Estratégica da Manchúria

A batalha em si mostrou-se mais simples do que a trabalhosa e longa estratégia envolvida em sua organização. Dividida em três frentes, a campanha durou somente 25 dias, se estendeu por um front de cerca de 2.700 km e teve um avanço soviético de 800 km em direção ao interior do território ocupado pelas forças japonesas²⁸. Sendo que, em apenas seis dias, as tropas soviéticas já haviam atingido os objetivos traçados para a campanha e no dia 19 de agosto as tropas japonesas se renderam oficialmente.

Os japoneses também empregaram estratégias de sigilo e ilusão, mantendo em segredo a real condição da unidade Kwantung – que havia sido desfalcada de seus melhores soldados em prol da batalha pela defesa contra as forças norte-americanas. O alto-comando japonês criou uma imagem de força, se referindo às pequenas divisões como exércitos inteiros. Sendo assim, os soviéticos superestimaram as forças de combate japonesas, considerando seu poder três vezes maior do que realmente era²⁹.

²⁷ SOVIET Declaration of War on Japan. 8 de agosto de 1945.

²⁸ SOLDAT. Op. Cit.

²⁹ Glantz, D. M. (2003). Soviet Operational and Tactical Combat in Manchuria, 1945: 'August Storm'. London: Frank Cass. Op. Cit, p. 6.

Uma hora após a declaração de guerra ao Japão, as tropas soviéticas iniciaram o ataque contra as forças japonesas em Manchukuo³⁰. Ataques simultâneos também foram lançados contra a Coreia, Sacalina e as ilhas Curilas³¹. As forças da União Soviética potencializaram o efeito do ataque com ofensivas terrestres, aéreas e navais, deixando as tropas japonesas já bastante debilitadas.

No próprio dia 9 de agosto, a força aérea soviética realizou ofensivas contra alvos militares fundamentais nas cidades de Chanchung e Harbin – atualmente capitais das regiões de Jilin e Heilongjiang, respectivamente –, atingindo principalmente centros de comunicação das tropas inimigas. Ao mesmo tempo, as forças navais atacaram alvos no Mar do Japão, cortando as comunicações entre Manchúria e Coreia, e atingindo navios e aeronaves, além de lançar ataques de artilharia contra as bases navais de Yuki, Racine e Seishine³².

Aproveitando-se da ferradura formada pelo extremo oriente russo ao redor da Manchúria, o Exército Vermelho formou um front central – comandado pelo General Purkayev –, um front a leste – comandado pelo Marechal Meretskov – e um a oeste, próximo à ferrovia Trans-Baikal – comandado pelo Marechal Malinovsky. “O comando iniciou sua operação estratégica de cerco, um estilo próprio de ‘Canae’, atacando pouco depois de meia-noite em 9 de agosto de 1945, com três fronts separados e um total de dez exércitos, um grupo de cavalaria mecanizada, e mais de um milhão de homens”³³.

O front comandado pelo Marechal Malinovsky reuniu três divisões de artilharia, uma divisão de tanques e um grupo de cavalaria mecanizada. O ataque, que partiu das regiões desérticas da

³⁰ Chen, P. C. Manchurian Strategic Offensive. In World War II Database. <https://ww2db.com/Op.Cit>.

³¹ Glantz, D. M. (1983). August Storm: The Soviet 1945 Strategic Offensive in Manchuria. In Leavenworth Papers, número 7. Kansas: Combat Studies Institute, February. Op. Cit, p. 1.

³² Eronin, N. V. Маньчжурская операция 1945. <https://www.booksite.ru/> Op. Cit.

³³ Glantz, D. M. (2003). Soviet Operational and Tactical Combat in Manchuria, 1945: ‘August Storm’. London: Frank Cass. P. 1.



Mongólia, ultrapassou as defesas japonesas na fronteira e encarou o desafio de ultrapassar a cadeia montanhosa Khingan. “O ataque pelo oeste foi uma surpresa completa para os japoneses, que não esperavam que as tropas soviéticas atravessassem a extensão da grande montanha Khingan, considerada intransponível”³⁴. O objetivo inicial foi Mukden, na região de Liaoning e, após a tomada da cidade, o 36o pelotão se dirigiria a Harbin e Qiqihar, para se unir ao segundo front do extremo oriente. As forças lideradas por Malinovsky avançaram, cinco dias depois, sobre os maiores centros da Manchúria e desarmaram qualquer resistência por parte do alto-comando japonês³⁵.

As forças de artilharia lideradas pelo Marechal Meretskov no front oriental tinham como objetivo a tomada de grandes centros em regiões a leste de Manchukuo, como a anteriormente citada Changchun. Além de cortar as rotas de fuga japonesas através da Coreia, ocupando a parte norte do território coreano. As divisões do Exército Vermelho que invadiram o território ocupado pelo flanco oriental esmagaram rapidamente as defesas japonesas e dominaram uma região de extrema importância com apenas sete dias de batalhas.

O ataque através da região central, liderado pelo General Purkayev, foi uma ação de suporte com o objetivo de garantir a tomada de Harbin e Qiqihar, e dirigir-se ao porto de Lushunkou em Dalian após o fim do avanço do front liderado pelo Marechal Meretskov³⁶. A ação das duas divisões de artilharia comandadas por Purkayev subjugou

³⁴ Chen, P. C. Manchurian Strategic Offensive. In World War II Database. <https://ww2db.com/> [Trad. Minha].

³⁵ Glantz, D. M. (1983). August Storm: The Soviet 1945 Strategic Offensive in Manchuria. In Leavenworth Papers, número 7. Kansas: Combat Studies Institute, February. Op. Cit, p. 1.

³⁶ Chen, P. C. Manchurian Strategic Offensive. In World War II Database. <https://ww2db.com/> Op. Cit.



as defesas japonesas na parcela setentrional da Manchúria e fechou “o anel de fogo em torno do cercado Exército Kwantung”³⁷.

Em pouquíssimo tempo as tropas japonesas estavam totalmente dominadas e a operação realizada pelo Exército Vermelho já se mostrava um grande sucesso. Em 14 de agosto, apesar dos últimos vestígios de resistência japonesa, os soviéticos atingiram o Rio Yalu, na fronteira setentrional entre China e Coreia.

O Desfecho e o Balanço da Ofensiva Soviética – Considerações Finais

As tropas soviéticas desmobilizaram um grande contingente japonês e a batalha já estava praticamente vencida no dia 16 de agosto. Quando a totalidade das grandes cidades da região foi seguramente tomada pelas tropas do Exército Vermelho, o exército japonês começou a se render. No dia 19 de agosto, apesar da existência de bolsões de resistência em diversas partes da Manchúria, as tropas japonesas começaram a se render oficialmente. A campanha terminou com um total de 12.301 baixas soviéticas, enquanto do lado japonês foram até 60.000 mortos.

Mesmo tendo iniciado as ofensivas já incluindo os territórios da Coreia, da ilha Sacalina e das ilhas Curilas, antes do fim da campanha, a União Soviética expandiu suas movimentações militares de forma ambiciosa para esses territórios ocupados pelo Japão. As forças soviéticas se aproximaram, inclusive, de avançar sobre a porção norte do arquipélago principal do Japão – a ilha de Hokkaido. “Por volta de 1º de setembro de 1945, a União Soviética havia surgido como uma potência significativa na parcela nordeste da Ásia e no Pacífico”³⁸.

Conduzindo uma estratégia impecável, Stalin garantiu a participação ativa da União Soviética no palco oriental da guerra, garantindo

³⁷ Glantz, D. M. (1983). August Storm: The Soviet 1945 Strategic Offensive in Manchuria. In Leavenworth Papers, número 7. Kansas: Combat Studies Institute, February. Op. Cit, p. 2.

³⁸ Ibid. Op. Cit, p. 3.



também a participação nos espólios do conflito. O avanço do Exército Vermelho e a surpreendente campanha desempenhada pelo mesmo serviram de fato aos interesses resguardados pelo líder soviético ao aceitar o convite Aliado para participar da Guerra do Pacífico.

A velocidade, ferocidade e grandiosidade estratégica da movimentação soviética durante a dita Operação Estratégica da Manchúria foi marcante. Tal importância se traduz bem claramente nos debates acerca do sucesso da campanha, especialmente durante o período da Guerra Fria.

“Historiadores soviéticos atribuíram o sucesso sem precedentes da campanha da Manchúria à surpresa, força, velocidade e profundidade da ofensiva. Pesquisadores ocidentais, por outro lado, diminuíram algumas vezes a significância da campanha por causa da inferioridade do exército Kwantung”³⁹.

Apesar do claro desfalque sofrido pelas tropas japonesas na Manchúria, que perderam seus melhores militares em prol da defesa do arquipélago contra os ataques norte-americanos ao sul, não se pode negar o alto nível estratégico e organizacional das forças soviéticas diante do embate. A transferência de números gigantescos de homens e equipamentos por mais de 12.000 km sem levantar suspeitas reais sobre um possível ataque – além do deslocamento de pelotões imensos através de variados terrenos inóspitos ao longo da porção nordeste da China durante o combate –, quando nem mesmo um inimigo sagaz como o Japão foi capaz de acreditar nesse nível de capacidade logística soviética, foi um feito bastante respeitável.

Como afirma o site russo Soldat:

“Em um curto espaço de tempo (o exército soviético) derrotou o poderoso grupamento de forças do Japão - o Exército de Kwantung -, libertou a Manchúria, o nordeste da China, a parte norte da Coreia, Sacalina do Sul e as Ilhas Curilas. A derrota do Exército de

³⁹ Pack, J. (1995). The Soviet Manchurian Campaign: Decisive victory over a desperate enemy. Core Course II Essay. Washington: National War College. “Foreword” [Trad. Minha].

Kwantung e a perda de bases militares e econômicas na China e na Coreia privaram o Japão de forças e oportunidades reais para continuar a guerra”⁴⁰.

No ano em que comemoramos os 75 anos das vitoriosas batalhas de Stalingrado e Kursk, no front ocidental, nos cabe também dar destaque a mais essa vitória colossal do Exército Vermelho sobre uma das potências do Eixo.

“Especialistas militares, ainda hoje, admiram a manobra soviética executada perfeitamente, a total surpresa estratégica, e o bem sucedido cerco ao Exército Kwantung”⁴¹.

Referências

- A Segunda Guerra Mundial e o Japão. (2016). In J. C. P. Pitillo, F. C. T. da Silva, P. G. Neto, R. S. Santos (Org.). A Segunda Guerra Mundial 70 Anos Depois... (Coletânea de Artigos). Rio de Janeiro: Editora Multifoco.
- Chen, P. C. Manchurian Strategic Offensive. In World War II Database. <https://ww2db.com/>
- da Silva, F. C. T. (2015). Kioku: A memória da Segunda Guerra no Japão. Curitiba: Prismas.
- Drea, E. J. (1981). Nomonhan: Japanese-Soviet Tactical Combat, 1939. In Leavenworth Papers, número 2. Kansas: Combat Studies Institute, January.
- Eronin, N. V. Маньчжурская операция 1945. <https://www.booksite.ru/>
- Glantz, D. M. (1983). August Storm: The Soviet 1945 Strategic Offensive in Manchuria. In Leavenworth Papers, número 7. Kansas: Combat Studies Institute, February.
- Glantz, D. M. (2003). Soviet Operational and Tactical Combat in Manchuria, 1945: 'August Storm'. London: Frank Cass.
- Hayashi, S. (1955). Study on Strategical and Tactical Peculiarities of Far Eastern Russia and Soviet Far East Forces. In Japanese Special Studies on Manchuria (Vol. XIII). Office of the Chief of Military History Department of the Army.
- Hsu, Chieh-Lin. (2007). The Success of Japan's Multi-directional Diplomacy in Modern Times. In Beng, Ooi Kee, & Ming, Ding Choo (Org.), Continent, coast, ocean: dynamics of regionalism in Eastern Asia. Universiti Kebangsaan Malaysia. Institut Alam dan Tamadun Melayu, Institute of Southeast Asian Studies.

⁴⁰ SOLDAT. Op. Cit.

⁴¹ Pack, J. (1995). The Soviet Manchurian Campaign: Decisive victory over a desperate enemy. Core Course II Essay. Washington: National War College. Op. Cit. "Foreword" [Trad. Minha].



- Mello, L. Batalha da Manchúria – A última grande batalha da Segunda Guerra Mundial. In Fatos Militares. <https://fatosmilitares.com/batalha-da-manchuria-a-ultima-batalha-da-ww2/>
- Pack, J. (1995). The Soviet Manchurian Campaign: Decisive victory over a desperate enemy. Core Course II Essay. Washington: National War College.
- Rawson, A. (2012). Battle Story: Iwo Jima 1945. Stroud: The History Press.
- Silva, M. M. B. L. da. Ilha de Enxofre: A invasão aliada a IwoJima. In J. C. P. Pitillo, F. C. T. da Silva, R. Q. V., & R. S. Santos. (Org.). A Segunda Guerra Mundial em Seus Momentos Decisivos. São Paulo: Edições Ciências Revolucionárias.
- Smith, N. (2017). Introduction. In N. Smith, Empire and Environment in the Making of Manchuria. Vancouver: University of British Columbia Press.
- Yoshizawa, T. (2007). The Manchurian Incident, the League of Nations and the Origins of the Pacific War: What Geneva archives reveal. In The Asia-Pacific Journal, 5(12).
- Маньчжурская стратегическая наступательная операция: 9 августа – 2 сентября 1945 г. Солдат.ru. https://web.archive.org/web/20080505031426/http://www.soldat.ru/doc/casualties/book/chapter5_10_1.html#5_10_51

POSFÁCIO



Após a leitura de tantos momentos decisivos da Segunda Guerra Mundial envolvendo a URSS, a conclusão lógica com o fim do conflito deveria ter sido uma melhora nas relações internacionais, o respeito à autodeterminação dos povos, a garantia da soberania das mais diversas nações, um mundo multipolar.

Entretanto, o que se viu foi exatamente o contrário. Por um lado, com a morte de Roosevelt e ascensão de Truman ao poder nos EUA, houve uma mudança de postura dos norte-americanos em relação à URSS, tendo sido o bombardeio desnecessário de Hiroshima e Nagasaki o maior exemplo disso. Isso estimulou Churchill a retomar sua histórica postura anticomunista, replicada pelos seus sucessores.

Os soviéticos passaram a ser vistos como os novos inimigos a serem derrotados após a capitulação da Alemanha Nazista e do Eixo como um todo. As declarações do comandante britânico Montgomery, defendendo o armazenamento de armas para distribuir aos alemães numa eventual guerra contra os soviéticos, e do general norte-americano George Patton, de que os soviéticos eram piores que os nazistas e era necessária uma ofensiva até Moscou, longe de serem posturas isoladas, estavam numa lógica de início da Guerra Fria, que rompeu toda a aliança construída ao longo da Segunda Guerra Mundial.

Nazistas passaram a ser salvos e protegidos pelos aliados, que ao longo do Julgamento de Nuremberg buscaram concentrar a responsabilidade sobre os crimes de guerra apenas sobre uma fração da cúpula do III Reich, figuras além de qualquer salvação. Alguns réus foram absolvidos ou tiveram penas mínimas, com o voto dissonante do magistrado soviético. A Igreja Católica comandada pelo Papa Pio XII (o papa de Hitler, nas palavras de John Cornwell) fez uma operação que, a pretexto de ajudar refugiados, permitiu a fuga de vários criminosos de guerra nazistas, sob a omissão ou com a cumplicidade dos aliados ocidentais.

No setor ocidental da Alemanha ocupada, nazistas foram colocados em postos-chave da administração dos aliados ocidentais. O exemplo



clássico é Reinhard Von Gehlen, chefe do setor de inteligência da Wehrmacht no Leste, responsável por milhares de mortes e que se tornou chefe da BND, agência de espionagem da Alemanha Ocidental. Colaboracionistas foram apoiados na Grécia, Albânia, Iugoslávia e Ucrânia para lutarem contra o “comunismo”.

A Humanidade saiu da mais traumática das guerras, marcada pelo massacre da população civil, Holocausto e demais genocídios, dezenas de milhões de mortos na União Soviética e na China, e mergulhou na Guerra Fria, com todos os conflitos “quentes”, o equilíbrio do terror e os massacres e genocídios em menor escala que a caracterizaram. Não importa a conjuntura e o contexto, o capitalismo e sua fase superior, o imperialismo, inevitavelmente mostram a sua face cruel e anti-Humanidade.

Ricardo Quiroga Vinhas
Especialista em Segunda Guerra Mundial

Edição científica

A Grande Guerra Patriótica dos Soviéticos

Coleção de artigos

O livro é traduzido do português para o russo e inglês por estudantes da Universidade Estatal de Relações Internacionais de Moscou (MGIMO):
Voloshina Alisa Fedorovna, Dobrotina Maria Dmitrievna,
Isaeva Yulia Aleksandrovna, Shutov Evgeniy Olegovich,
Kurbatov Dmitry Mikhailovich

Editora-chefe G. Ya. Dartchinova
Editora G. A. Tarasova
Editor técnico O. A. Aymurzaeva
Design da capa: G. I. Zagretdinova



ISBN 978-5-8399-0865-9



Assinado para imprimir em 06.06.2025. Formato 60×84/8. Família de fontes Minion Pro, 10
Tiragem 1000 exemplares (1ª fábrica – 100 ex.). Pedido No. 40

Editora “Poznanie” da Universidade Inovadora de Kazan V. G. Timiryasov
420111, Kazan, Rua Moskovskaya, 42. Tel. (843) 231-92-90; e-mail: zaharova@ieml.ru

Impresso do layout original pronto na gráfica ООО “ТСО “Taglimat”
420108, Kazan, Rua Zayceva, 17



Programa sócio-cultural de negócios
internacional e inter-regional



**BRICS
PEOPLE
CHOOSING
LIFE**



Lema:

«da ecologia da alma e do corpo à ecologia do mundo»

**Agencia Federal de Assuntos sob
a Comunidade dos Estados Independentes
e a organização pública regional
«BRICS. Mundo das Tradições»**

a p r e s e n t a m :



ETAPA BRASILEIRA DO PROGRAMA

É dedicada aos 180º aniversário do Barão do Rio Branco, 200º aniversário da primeira expedição científica russa ao Brasil, 80º aniversário da Vitória na Segunda Guerra Mundial e a Grande Guerra Patriótica de 1941-1945

República Federativa do Brasil, Brasília,
Rio de Janeiro, São Paulo
2025

Prioridades:

- 1 A aproximação dos povos do BRICS através da implementação conjunta de projetos multilaterais do Programa na área de cultura, educação, saúde, caridade, cooperação de negócios para o apoio de **estado espiritual e moral** das pessoas, **promoção de saúde** e aumento na **qualidade da vida** das pessoas.
- 2 O apoio à **juventude** artística na área da cultura e da arte, estabelecimento e desenvolvimento de laços educacionais amigáveis e mutuamente úteis entre escolas, colégios e universidades da Rússia e do Brasil.
- 3 A contribuição para o desenvolvimento das **relações econômicas e comerciais** multilaterais entre os estados do BRICS.



Continuar a retransmissão do projeto de pesquisa cultural **“Ótimos professores do BRICS: Leão Tolstói, Mahatma Gandhi, Confúcio, Nelson Mandela, Barão de Rio Branco, Nikolai Roerich, Rabindranath Tagore, Omar Khayyam, Mussa Jalil”** no Brasil a fim de estudar e promover a herança moral dos grandes humanistas dos estados do BRICS para crianças e jovens.

Projeto 1

Projeto 2

O projeto cultural e educativo **“Centro do Leão Tolstói e Mahatma Gandhi”** iniciado no ano 2022 na Índia, quando os Centros foram estabelecidos na Escola Pública de Delhi, Dwarka, e na Escola Nº 1409 em Moscou, foi concluído com sucesso durante da etapa russa da programa no ano 2024. Os Novos Centros se abrem em Tver College em homenagem a A. N. Konyaev, Tver State University College, Altai State University, Vaze College em Mumbai, Sancta Maria International School em Faridabad, Índia.

Os centros servirão para auto-educação de crianças e jovens com base nas ideias morais de dois apologistas da não-violência. Mais tarde essas plataformas informativas serão convertidas para os Centros **“Ótimos professores do BRICS”**.

No aniversário dos 180 anos do nascimento do «pai da diplomacia brasileira» Barão de Rio Branco, no ano 2025 é planejado abrir um **Centro desse tipo na escola russo-brasileira em homenagem do Tenente Otavio Pinheiro** (Belford Roxo, Rio de Janeiro).



Barão do Rio Branco



Projeto 3



Com o objetivo do desenvolvimento criativo e moral de crianças e jovens, está implementado o projeto **“Abre o teu coração à bondade”**, no âmbito do qual será realizado o Concurso internacional de ensaios e trabalhos criativos para crianças e jovens **“Sobre a bondade, gentilmente, para a bondade”** e o evento de caridade **“De crianças para crianças”** durante o qual os vencedores do Concurso darão as suas obras a órfãos

Projeto 4

O projeto literário e histórico juvenil internacional **“Brasil: preservação da verdade histórica sobre a Grande Guerra Patriótica de 1941-1945”**, que se baseia na publicação online em russo, português e inglês da coletânea brasileira de artigos de pesquisa com o tema: **“Grande Guerra Patriótica do Povo Soviético”**. O projeto é dedicado ao 80º aniversário da Vitória sobre o fascismo e será um componente importante do programa literário e histórico multilateral **“Povos do BRICS: dedicam aos heróis das guerras”** lançado no 75º aniversário da Vitória Grande no ano 2020.



Aline Xavier Mineiro Alvarez

Implementar um projeto histórico-científico **“Em homenagem à primeira expedição científica russa ao Brasil”** programado para comemorar os **200 anos da expedição científica** organizada pelo explorador, naturalista e cônsul do Império Russo no Rio de Janeiro Grigori Langsdorff (1822-1829). Também será realizada exposição cultural e educacional **“Expedição Langsdorff. À vossa frente”** que representa os resultados e pesquisas criativas da artista, historiadora de arte e cineasta brasileira Aline Xavier Mineiro Alvarez.

Projeto 5

Projeto 6

O projeto juvenil de TI de informação social **“Juventude do BRICS para a segurança do espaço da informação”** cujos objetivos principais é revelar e desenvolver a abordagem científica e prática para compreender e analisar riscos e ameaças no espaço da informação global, atualizar a importância do potencial científico e moral da geração jovem. Continua o revezamento da Mesa Redonda científica e prática **“Sociedade digital: tendências, oportunidades e riscos”**, durante a qual haverá um “jogo de negócios” sobre o tema: **“Inovações avançadas em benefício do mundo do futuro”** para alunos e estudantes de faculdades universitárias especializadas.



Implementar o projeto de bem-estar e social **“Ecologia do corpo: natureza e medicina”** com o objetivo de adquirir e popularizar conhecimentos sobre métodos modernos de reabilitação, usando fatores naturais de cura em composição com a medicina clássica, visando o fortalecimento de saúde humana. É planejado a criação de uma **plataforma unificada de pesquisa e científica russo-brasileira** para troca de experiências e atividades conjuntas nessa área.

Projeto 7

Projeto 8

No âmbito de vertente empresarial do Programa, é previsto implantação do projeto socioeconômico **Casa de comércio “AURA”** em São Paulo. Haverá **missão empresarial e negociações B2B** entre empresas russas, indianas e brasileiras em formato híbrido e Feiras comerciais.



Com o apoio de:



MINISTRY OF CULTURE
RUSSIAN FEDERATION



MINISTRY OF INDUSTRY
AND TRADE RUSSIA

Parceiros:



RUDN
university



Indian cup



Suporte informativo:



TV BRICS
INTERNATIONAL
MEDIA
NETWORK



Contatos:

Lyudmila Leonidovna Sekacheva,

Presidente da organização pública regional “BRICS. Mundo das Tradições”,
Diretora do programa “os povos do BRICS escolham a vida”,
+7 (925) 411-68-78; bricsmt@mail.ru, www.bricsmt.ru

Dmitriy Mikhailovich Kurbatov,

Coordenador dos projetos internacionais da organização pública regional
“BRICS. Mundo das Tradições”,
+7 (967) 179-68-01; dmmkurbatov@gmail.com